



ISBN 978-989-8607-10-2

ATAS
28º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
ANO 2017 VILA DO PORTO
ILHA DE SANTA MARIA, AÇORES

Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2017

ATAS 28º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
VILA DO PORTO, SANTA MARIA, AÇORES, 2017
ISBN 978-989-8607-10-2



The image shows the front cover of a book. The cover is divided into two main vertical sections. The left section has a white background with a stylized atomic logo consisting of two overlapping spheres, one blue and one green, with three elliptical orbits in grey, green, and blue. Below the logo, the text 'COLOQUIOS DA LUSOFONIA' is written in a bold, black, sans-serif font. The right section has a dark blue background. At the top, the title '28º COLÓQUIO DA LUSOFONIA' is written in a large, bold, yellow, sans-serif font. Below the title is a photograph of a stone monument, which is a tower with a cross-like structure on top. To the right of the monument, the text 'VILA DO PORTO' and 'SANTA MARIA - AÇORES' is written in a white, sans-serif font. Below this, the dates '27 OUT - 01 NOV. 2017' are written in a white, sans-serif font. At the bottom of the right section, there is a collection of logos for various organizations, including the Government of the Azores, Vila do Porto, sata, Santa Maria, Açores, and Rádio. A yellow, handwritten-style signature 'Esta comunidade' is written across the bottom right area.

28º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

VILA DO PORTO
SANTA MARIA - AÇORES

COLOQUIOS DA LUSOFONIA

27 OUT - 01 NOV. 2017

Esta comunidade

GOVERNO DOS AÇORES Vila do Porto sata
Santa Maria AÇORES
RÁDIO

ÍNDICE GERAL
1.1. HISTORIAL
1.2. O QUE É A LUSOFONIA
2. TEMAS
3. COMISSÕES
4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO
5. BIODADOS DOS PATRONOS
6. HOTEL
7. HORÁRIO
8. SESSÕES CULTURAIS
9. LISTA DE PARTICIPANTES
10. DISCURSO DE ABERTURA
11. LENDAS DE SANTA MARIA
12. TRABALHOS FINAIS, BIODADOS E SINOPSES

1.1. HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (27 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA).

1.2. O que é a lusofonia

2. TEMAS

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

1. HOMENAGEM A Madalena Férin (Maria Madalena Velho Arruda Monteiro da Câmara Pereira Férin, 1929-2010), Padre Jacinto Monteiro (Jacinto Velho Arruda Monteiro da Câmara Pereira 1933-2003), Armando Monteiro da Câmara Pereira (1898-1974), Max Brix Elisabeth (1950-2010) e todos os naturais da ilha que se distinguiram em qualquer ramo do saber (incl. o Bispo D. António de Sousa Braga, S.C.I. (1996-2016). D. Luís de Figueiredo de Lemos, (1544-1698) bispo da Diocese do Funchal; D. Frei Francisco de São Jerónimo, (1638-1721) bispo da Diocese do Rio de Janeiro, filho de Marienses; José Inácio de Andrade, (1780-1863) escritor e homem público; Dr. Manuel de Lacerda, arabista; Dr. Manuel Monteiro Velho Arruda, (1873-1950), médico e historiador, Miguel Figueiredo Corte Real (1925-2010), Padre Serafim de Chaves (1904-1985), Dalberto Pombo (1928-2007), etc.

1.1. **Outros autores locais açorianos ou ilhanizados** de hoje (Sérgio Ávila, Joana Pombo, Daniel Gonçalves, Paulo Ramalho

1.2. A ilha de Santa Maria e sua história:

1.2.1. "Saudades da Terra", do padre Gaspar Frutuoso (1522-1591). A ilha de Santa Maria é abordada no Livro III.

1.2.2. "Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores", de frei Diogo das Chagas (1584-1661),

1.2.3. "Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores", de frei Agostinho de Monte Alverne (1629-1726),

1.2.4. "História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental", do padre António Cordeiro (1641-1722).

1.2.5. "Corografia Açórica" (1822), de João Soares de Albergaria de Sousa (1776-1875).

1.2.6. "Coleção de Variedades Açorianas", de José de Torres (1827-1874),

1.2.7. "Arquivo dos Açores", por Ernesto do Canto,

1.2.8. "Escavações", de Francisco Maria Supico.

1.2.9. Boid (Captain). "A Description of the Azores, or Western Islands from personal observation". London: Bull & Charton, 1834. 376 p. il. Impressões registadas pelo capitão Boid, secretário do almirante britânico George Rose Sartorius, que à época da Guerra Civil Portuguesa (1828-1834), a bordo do brigue "Conde de Vila Flor", aqui aportou para se refrescar.

1.2.10. Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores", com prefácio de Manuel Monteiro Velho Arruda, em edição comemorativa do V Centenário do Descobrimento dos Açores (1432-1932),

1.2.11. "Descrição da Ilha de Sancta Maria por José Carlos de Figueiredo, Tenente Coronel d'Engenheiros, que em 1815 ali foi em Comissão" na revista *Insulana*, em 1960.

1.3. A ilha de Santa Maria o concelho, etnografia, geografia, tradições e cultura

1.4. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

2.1. Língua Portuguesa no mundo

2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos

2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação. A língua e a Galiza

2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço

2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas

2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.

2.6. Política da Língua

2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências

2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia

2.9. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos

3.2. Arquipélago da Escrita (Açores) autor homenageado 2017 URBANO BETTENCOURT

3.3. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.

3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, –por exemplo: -

Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands*, London; - Bullar, Joseph / Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, London: John van Voorst;

Henriques, Borges de F. (1867) *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard;-

Orrico, Maria” *Terra de Lúdia*”;

Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";

Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim”;

Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad*, vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI; -

Urdike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp. 11-37

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

4.1. Tradução de Literatura lusófona

4.2, tradução de e para português

3. COMISSÕES

COMISSÃO EXECUTIVA DO 28º COLÓQUIO

PRESIDENTE,

Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTE,

Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTO DA DIREÇÃO

José Soares, Jornalista

VOGAIS:

Câmara Municipal de Vila do Porto (Carlos Rodrigues)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE:

Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

Rolf Kemmler (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E UTAD)

José Soares, Jornalista (adjunto da direção da AICL)

João Chrystello, (ENTA INOVA – [CONNEXALL Co., Ltd.](#) Canada)

VOGAIS

Aldeberto Chaves

João Trindade dos Reis Santos

João Fontes

Joana Pombo Tavares

Roberto Furtado

Tânia Chaves

COMISSÃO CIENTÍFICA 27º colóquio da lusofonia

- AICL-- TRIÉNIO março 2017- março 2020

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal
4. Professora Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, Instº Politécnico da Guarda, Portugal
5. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
6. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal
7. Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade dos Açores (Jubilado)
8. Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
9. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Açores

4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO

[NB: Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais desde 1911, após 2007, a AICL converte e uniformiza para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911]

5. ■ A sinopse da comunicação a apresentar tem de ser enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados na Ficha de Inscrição
6. ■ Não deve exceder 300 palavras e nela deve constar, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
7. ■ Tem de ser escrita em português.
8. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais.
9. ■ acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) (não um CV mas uma súmula da atividade do autor)
10. ■ enviar TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (ficha de inscrição), para ser incluído no CD-DVD de Atas/Anais.
11. ■ O não-envio dos trabalhos finais dentro das datas pode levar à exclusão do orador e à não-publicação no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
12. ■ **Cada orador nas sessões normais dispõe de exatamente de apenas 15 minutos** para fazer a apresentação com alguns minutos de Debate no fim da sessão (uma pergunta por orador). P.F. sejam tão breves nas questões quanto possível.

INSTRUÇÕES

1. Formato: Microsoft Word 2007-2016

2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)
- 3.1. Número de páginas do trabalho a ler: 4-5 páginas para não exceder os 15 minutos.
- 3.2. Número de páginas do trabalho final 10-12 páginas incluindo notas de rodapé, de fim e gráficos.
4. Título: negrito.
5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado,
6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
- 7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: EM ITÁLICO, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e. como Sager afirma (1998:70-71) ARIAL tamanho 8 (espaçamento 1)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Livro: Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.
2. Artigo sobre livros: Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions'. In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
3. Artigos de jornal/revista: Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta Vol. 36-1, 128-134.
4. Internet: Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice'. Disponível em <http://europa.eu.int/comm/translation/theory/gambier.htm> em __/__/__

NOTAS: SEMPRE RODAPÉ.

GRÁFICOS E TABELAS: numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título/número no texto

5. BIODADOS DOS PATRONOS

6. Hotel Santa Maria (aeroporto)



[LOCAL sala de conferências do Hotel Santa Maria \(aeroporto\)](#) Rua da Horta, Vila do Porto

Latitude: 36.9732787, Longitude: -25.1564523,19

ALOJAMENTO da comitiva Hotel Santa Maria (aeroporto)

(preços especiais) Singles 35,00€, Duplos 50,00€, Suítes (3): 80,00€.

Almoços e jantares Hotel: sopa, entradas, 2 pratos quentes (um carne/outro peixe), acompanhamentos e doces c/ bebidas incluídas, preço/pessoa: € 15,00

Reservas Hotel(dormida e comida)

filme do Hotel 2011



7. **HORÁRIO** Países e regiões: Açores 34  Angola 1  Alemanha 1  Austrália 2  Brasil 3  
 EUA 2  Cabo Verde 1  Canadá 2   Galiza 2  Luxemburgo 1  Portugal
 14  Timor-Leste 1 

8. **SESSÕES CULTURAIS** –

1.1.música

- [Ana Paula Andrade \(piano\)](#) Conservatório Regional de Ponta Delgada -----([ouça-a aqui em concerto](#)),
- [Carolina Constância \(violino\)](#) Conservatório Regional de Ponta Delgada
- e [Henrique Constância \(violoncelo\)](#) Orquestra Metropolitana de Lisboa,
- [Foliões de Santo Espírito](#)
- [Grupo Folclórico da Casa do Povo de Santo Espírito](#)

1.2.Autores presentes

[Autores açorianos e açorianizados \(17\) presentes](#)

Ana Paula Andrade, Carolina Constância, Chrys Chrystello, Daniel Gonçalves, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Helena Chrystello, João Paulo Constância, José Soares, Katharine Baker, Norberto Ávila, Paulo Ramalho, Pedro Paulo Câmara, Reinaldo Silva, Sérgio Ávila, Susana Margarido, *URBANO BETTENCOURT autor homenageado AICL 2017*

1.3.Literatura

- [LANÇAMENTO da Bibliografia Geral da Açorianidade de Chrys Chrystello](#) (19500 entradas), ed Letras Lavadas apresentam J Chrys Chrystello, J P Constância e Rolf Kemmler
- [LANÇAMENTO DO CD de Ana Paula Andrade Poetas Açorianos musicados](#) apresenta a autora
- [LANÇAMENTO LITERÁRIO DE JOÃO MORGADO, Índias. Vasco da Gama – o herói Imperfeito](#) [Prémio Vergílio Ferreira e Alçada Baptista](#) apresenta o autor

- **LANÇAMENTO LITERÁRIO do Prémio Nobel da Paz 1996, Presidente (ex) Dr Ramos-Horta**, Atual Ministro de Estado; Conselheiro para a Segurança Nacional do Governo de Timor-Leste, [livro infantil trilingue "O mundo perdido de Timor-Leste"](#) apresenta Susana Teles Margarido e editor José Homem de Mello da LIDEL

- **LANÇAMENTO LITERÁRIO do Prémio Nobel da Paz 1996, livro fotográfico [AQUI, ONDE O SOL, LOGO EM NASCENDO, VÊ PRIMEIRO](#)** Ramos-Horta: Presidente (ex) Dr Ramos-Horta, Atual Ministro de Estado; Conselheiro para a Segurança Nacional do 7º Governo da República Democrática de Timor-Leste, Membro do grupo de Alto-Nível da ONU para Mediação. Coautores Xanana Gusmão e Raquel Belli (Livro fotográfico das festividades em Timor-Leste, comemorativo da presidência de Timor-Leste da CPLP 2014/2016, editado por ocasião da X Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) [edição Lidel](#)

- **LANÇAMENTO LITERÁRIO [A língua portuguesa no mundo](#)** apresentam Malaca Casteleiro, Alexandre Luís e Carla Sofia Luís, ed. UBI

1.4. filme e fotografia

- EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA **[UM LUSÓFONO EM CUBA](#)** POR EDUARDO BETTENCOURT PINTO
- **Documentário** [Francisco Rosas Timor: Ida Nebe Fa'an Pulsa - O Vendedor de Pulsa 100'](#)

1.5. rotas culturais pela ilha dia 27 e dia 31

9. LISTA DE PARTICIPANTES

1. Aldeberto Chaves	Junta De Freguesia De Santo Espírito,	ORG
2. Alexandre Banhos	Sociólogo, Fundação Meendinho, Pró-AGLP, Galiza	Tema 2.1. A autonomia na Galiza: do pacto dos franquistas, a novo projeto de recentralização de Castela / espanha
3. Alexandre Luís	UBI (Univ Beira Interior) LabCom.IFP Covilhã, Pt	Tema 2.1. O Lugar da Língua Portuguesa no Mundo: perscrutando a visão de João Malaca Casteleiro. - 2. Apresenta livro <i>A língua portuguesa no mundo</i> .
4. Carla Sofia Luís		
5. Ana Noronha	Diretora Executiva Da Agência Nacional Para A Cultura Científica E Tecnológica – Ciência Viva, Pt	CONVIDADA SESSÃO ESPECIAL ACADEMIAS
6. Ana Paula Andrade	Conservatório De Pdl, Açores	CONVIDADA RECITAIS <i>Apresenta DVD Autores Açorianos Musicados</i>
7. António Callixto	Ex-Tribunal Contas Eu, Luxemburgo	Tema 2.9. A formação dos nomes e apelidos em diversas línguas
8. Carina Morgado	Kreamus Edições, Belmonte Pt	CONVIDADA PRESENCIAL
9. Carlos Rodrigues	Presidente Do Município, Vila Do Porto, Açores	ORG
10. Carolina Constância	Conservatório De PDL, Açores	CONVIDADA RECITAIS
11. Chrys Chrystello	Jornalista, Tradutor, Austrália,	ORG, moderador , tema 2.3. Da Galiza: da língua espanholizada à língua galega no mundo. Apresenta Livro <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i>
12. Conceição Casteleiro	Professora. Lisboa, Pt	PRESENCIAL
13. Conceição Mendonça	Professora, Esc. Sec Das Laranjeiras,	PRESENCIAL
14. Daniel Gonçalves	Poeta, Santa Maria, Açores	CONVIDADO RECITAL MÚSICA E POESIA
15. Eduardo Bettencourt Pinto	Escritor, Canadá	CONVIDADO Moderador , Tema 2.1. <i>Um Lusófono Em Cuba</i> <i>Apresenta Exposição de Fotografias de Cuba</i>
16. Eduíno De Jesus	Escritor, AAALAQ, Casa Dos Açores	PRESENCIAL
17. Ernesto Resendes	Editor, Letras Lavadas, Publiçor,	CONVIDADO Apresenta Livro <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i>

18. Evanildo Bechara	Professor, Academia Brasileira De Letras, Brasil	CONVIDADO Sessão das academias Tema 2.1. Três centenários de amor à língua portuguesa.
19. Francisco Rosas	Realizador De Cinema, Açores	CONVIDADO Tema 2.1. <i>Ida Nebe Fa'an Pulsa - O Vendedor De Pulsa Filme De Francisco Rosas E Ricardo Dias</i>
20. Folclore Santo Espírito	Santo Espírito, Açores	CONVIDADO Recital de folclore
21. Foliões Santo Espírito	Santo Espírito, Açores	CONVIDADO Recital de folclore
22. Helena Chrystello	Vice-Presidente AICL Professora EB 2,3 Maia,	ORG moderador
23. Henrique Constância	Orquestra Metropolitana De Lisboa,	CONVIDADO RECITAIS
24. Inéia Abreu	Univ. Do Pará, Univ Aveiro, Brasil	Tema 2.1. Os Brasis e suas línguas e culturas: a formação de professores de português para a diversidade?
25. Inês Cardoso	Santa Maria, Açores	CONVIDADA RECITAL MÚSICA E POESIA
26. Joana Pombo Tavares	Bióloga, Centro Interpretação Dalberto Pombo, Açores	CONVIDADO TEMA 1.1. Dalberto Pombo e o Lost Year das tartarugas –comuns [Caretta caretta] ORG
27. João C Chrystello	ENTA – Connexall Co., Ltd. Canada,	ORG
28. João Figueiredo	Fundação Sousa d'Oliveira, Açores	Tema 2.7. <i>Manuel Sousa D'OLIVEIRA – O Pioneiro da arqueologia nos Açores</i>
29. João Fontes	Professor, Folclore Santo Espírito,	CONVIDADO ORG
30. João Malaca Casteleiro	Professor, Academia De Ciências De Lisboa, Pt	CONVIDADO Sessão das academias Tema 2.1. O impressionante crescimento do ensino da língua portuguesa na China após a transferência de Macau em 1999 Apresenta livro <i>A língua portuguesa no mundo</i>
31. João Morgado	Escritor, Câmara Municipal De Belmonte, Pt	CONVIDADO Tema 2.9. Apresenta livro <i>Vasco da Gama – o herói Imperfeito</i>
32. João Paulo Constância	Biólogo, Instituto Cultural De PDL, AAALAQ, Açores	CONVIDADO tema 2.9. Plataforma digital para o conhecimento dos Açores Apresenta Livro <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i>
33. João Trindade Santos	Diretor Museu De Santa Maria, Açores	CONVIDADO ORG
34. John Baker	Universidade De Pittsburgh, Pensilvânia, EUA	Presencial
35. José Homem de Mello	Editor Lidel, Pt	CONVIDADO Apresenta livro “O mundo perdido de Timor-Leste”, de Ramos Horta e Pat Rich-Vickers e um Livro de fotografia Aqui, onde o sol, logo em nascendo, vê primeiro de Kay Rala Xanana Gusmão José Ramos-Horta Raquel Belli
36. José Ramos-Horta	Ministro De Estado E Conselheiro Para A Segurança Nacional Do 7º Governo Da RDTL, Membro Do Grupo De Alto-Nível Da ONU Para Mediação, Prémio Nobel Da Paz 1996, Ex-Presidente E Ex-Primeiro Ministro, Timor-Leste	CONVIDADO Tema 2.1. A Língua em Timor. Apresenta livro “O mundo perdido de Timor-Leste”, infantojuvenil de Ramos Horta e Pat Rich-Vickers e um Livro de fotografia Aqui, onde o sol, logo em nascendo, vê primeiro de Kay Rala Xanana Gusmão José Ramos-Horta Raquel Belli
37. José Soares	Jornalista, Canadá / Açores	ORG. moderador
38. Katharine F. Baker	Tradutora, Univ. Pittsburgh, Pensilvânia, EUA	Tema 4.1. Tradução de O Passeio dos poetas
39. Sandra Reis	Jornalista, O Balaarte, Açores	CONVIDADO tema 1.2. Desafios do jornalismo num meio pequeno
40. Luciano Pereira	PROFESSOR, ESE Instº Politº SETÚBAL PT	Moderador Tema 2.9. Contributos árabes na literatura popular portuguesa
41. Luís M Gaivão	Investigador, Univ. De Coimbra, Pt	Moderador , Tema 2.9 a oratura em Manuel Rui
42. Margarete Silva	Tradutora Freelance, Pt	PRESENCIAL
43. Margarida Martins	Fundação Meendinho, Galiza	PRESENCIAL
44. Maria Helena Ançã	Professora, Univ. De Aveiro, Pt	Moderador TEMA 2.5/2.6. Língua Portuguesa: conhecimentos e perceções de alunos em diferentes contextos educativos
45. Marina Cabral	Santa Maria, Açores	CONVIDADA RECITAL MÚSICA E POESIA

46. Marlit Bechara	Brasil	PRESENCIAL
47. Norberto Ávila	Dramaturgo, Açores	Tema 3.1. Santa Maria, depois de certo incidente” do livro Percurso de Poeta
48. Paulo Mendes	Sociólogo, Aipa Assoc. Imigrantes Nos Açores - Cabo Verde	CONVIDADO Tema 2.9. Açores – Espaço de partida e de chegada. A participação social e política dos imigrantes nos Açores.
49. Paulo Ramalho	Antropólogo, Esc Sec Santa Maria, Açores	CONVIDADO TEMA 1.3. A recriação literária a partir da narrativa frutosiana - “saudades da terra” como repositório de estórias e fonte de inspiração no domínio ficcional.
50. Pedro Paulo Câmara	Professor, Escritor. APRODAZ,	Moderador tema 1.2.1 <i>Saudades da Terra</i> : entre a historiografia e o registo literário
51. Raul Leal Gaião	Investigador, Lisboa, Pt	Tema 3.3. Açorianos em Macau: José Inácio de Andrade
52. Reinaldo Silva	Professor Universidade De Aveiro, Pt	CONVIDADO tema 3.1. Katherine Vaz e Frank Gaspar: em demanda das suas raízes açorianas
53. Rolf Kemmler	Investigador, Academia De Ciências De Lisboa, UTAD, Alemanha	ORG, moderador tema 3.1 Charlotte Alice Baker: A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira (1882) Apresenta Livro <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i>
54. Sérgio Ávila	Biólogo, Professor, Universidade Dos Açores	CONVIDADO Tema 1.3. Ciência, turismo e divulgação científica de mãos dadas: o exemplo dos fosséis de Sta Maria,
55. Susana Teles Margarido	Escritora. Socióloga, Açores	CONVIDADO Tema 2.1. Apresenta “O mundo perdido de Timor-Leste”, infantojuvenil de Ramos Horta e Pat Rich-Vickers
56. Urbano Bettencourt	Escritor, Professor Reformado, Açores	Moderador Tema 1 Homenagem a Madalena Férin. Madalena Férin – os papéis de Camila

10. DISCURSO DE ABERTURA 28º colóquio 27 out a 1 nov 2017

Deixem-me começar dizendo-vos ao que vimos. Estamos aqui para dar uma pincelada de cor ao cinzento do nosso quotidiano pejado de desgraças, prenúncios, terror, medos e incertezas sem se vislumbrares laivos de esperança, um dia-a-dia de ameaças várias à nossa liberdade de expressão, à equidade e justiça neste mundo cão dominado pelos invisíveis grupos financeiros que ditam como os políticos nos irão escravizar. A Lusofonia é uma tela inacabada de milhentos matizes; é comer vatapá¹, servir uns pimentos de Padrón, um pastel de bacalhau ou cachupa², regados com vinho verde ou a timorense tuaka³, ao ritmo do samba ou marrabenta⁴; viajar ao Portugal perdido no interior da Galiza, ir com Camões até Goa, ir a Macau na poesia de Camilo Pessanha, andar descalço no Moçambique *Sonâmbulo* de Mia Couto, rever o Makulusu⁵ na prosa do Luandino Vieira, ver a areia vermelha nos musseques⁶ de Luanda; admirar a obra de Amílcar Cabral e curtir a morabeza⁷ cabo-

¹Papas de farinha de mandioca adubadas com óleo de palma, pimenta e carne ou peixe e marisco <https://www.priberam.pt/dlpo/vatap%C3%A1> [consultado em 22-06-2017].

²Prato tradicional de Cabo Verde, feito de milho pilado ou feijão estufado com carne ou peixe, mandioca, banana e legumes cozidos. <https://www.priberam.pt/dlpo/cachupa> [consultado em 22-06-2017].

³ tali metan (tali negra), uma das “árvores” de Timor Leste dá sobretudo a tuaca, a sua seiva, que é um líquido doce e com algum álcool que se bebe mesmo sem fermentar. Destilando a tuaca obtém-se a *tua sabu*, uma aguardente.

⁴ é uma forma de música-dança típica de Moçambique e o seu nome foi derivado da palavra portuguesa: “rebentar”. Incorporou vários ritmos folclóricos como os Magika, Xingombela e Zukuta, sendo também sujeita à influência ocidental

⁵ Nós, os do Makulusu”, obra-prima do escritor angolano José Luandino Vieira, tido como um dos maiores expoentes da literatura africana.

⁶ Bairro, geralmente de construções precárias, nos arredores de uma cidade, onde habitam os moradores menos favorecidos (ex.: *a manifestação partiu dos musseques para a cidade do asfalto*).

<https://www.priberam.pt/dlpo/musseques> [consultado em 22-06-2017].

⁷[Cabo Verde] delicado, gentil, afabilidade, amabilidade, gentileza. <https://www.priberam.pt/dlpo/morabeza> [consultado em 22-06-2017].

verdiana; atravessar o Atlântico e reencontrar a ginga africana⁸ em Salvador da Bahia, os sabores do mufete de especiarias⁹ da Amazônia, aprender candomblé¹⁰ ou venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Mariana, Paraty, e sentir algo que não se explica em Malaca, Sri Lanka ou no bairro dos Tugus em Jacarta.

Ao contrário do que acontecia na minha juventude quando ainda tínhamos a esperança que a ditadura acabasse e a guerra colonial se esfumasse na libertação dos povos coloniais, hoje os jovens vêm maioritariamente um tunel sem luz ao fundo, nuvens negras que vão do desastre ecológico causado pelo homem na única terra habitável que conhecemos, às infundáveis guerras que por todo o mundo se espalham para lucro dos vendedores de armamento, aos vírus que dizem sociedades, à quebra do tecido moral e social, ao desemprego galopante causado pela robótica e à falta de soluções justas e equitativas por aqueles que lideram povos e mais não fazem do que preservar o poder e incrementar mordomias. Oito pessoas no planeta possuem tanta riqueza quanto a metade mais pobre da população mundial, 62 pessoas cuja riqueza equivale à de metade do mundo onde uma em cada dez pessoas vive com menos de US\$ 2/dia.

Há mais de dez anos atrás quando soaram os primeiros sinais de alarme escrevi que o mundo se começava a assemelhar ao que o meu pai descrevia como o alvor da segunda guerra...hoje estamos mais perto que nunca de cataclismos impensáveis causados pelo homem, não só com as suas máquinas de guerra que fazem mover governos e economias, mas pela destruição acelerada desta nossa casa, a Terra tal como a conhecemos. Nada de novo, dirão, nada que não se soubesse quando começaram estes colóquios na passagem do milénio. Talvez, mas a inoculação diária generalizada da comunicação social do medo, do terror, da vigilância faz lembrar não o 1984 de George Orwell, mas o premonitório livro Admirável Mundo Novo, redigido em 1932 por Aldous Huxley.

E em Portugal, como escrevia o nosso associado e cientista José António Salcedo em março passado

A qualidade média da liderança e da gestão das instituições e empresas, públicas ou privadas, é muito baixa, fruto de educação deficiente, responsabilidade e profissionalismo reduzidos e ausência de 'reporting' e 'accountability' quer nas instituições quer na cultura que caracterizam a sociedade portuguesa.

***Accountability** pode ser traduzido como **responsabilidade com ética** e remete à obrigação, à transparência, de membros de um órgão **prestar contas** a instâncias controladoras ou a seus representados. Do lado público, a maioria das instituições opera de forma incompetente, irresponsável e impune sendo mais caracterizadas por mediocridade do que por mérito, o que conduz a um nível inadmissível de ineficácia nos processos, desperdício de recursos e corrupção. Do lado privado, o nível de especialização das empresas é baixo acarretando um salário médio muito mais baixo do que poderia ser se o nível de especialização das empresas e o valor acrescentado do que produzem fossem tão elevados como são em países mais desenvolvidos. É esse o desafio e é isso que temos de mudar. De imediato, devemos começar pela Educação, elevando os nossos padrões de responsabilidade e de exigência intelectual no cumprimento de todos os processos educativos que permitam tornar as pessoas mais autónomas, rejeitando demagogia ...”*

Temos de criar uma nova geração de seres pensantes, apoiar formação apropriada de professores, zelar pela língua portuguesa nos organismos nacionais e internacionais dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. É imperioso reinventar o gosto pela leitura, hoje relegada para preocupação elitista que se não compadece com jogos de consola e outras formas de entretenimento que raramente introduzem conhecimentos. É urgente ensinar as pessoas a ler e a aprenderem a interpretar, torná-las seres pensantes capazes de questionar as mensagens subliminares que diariamente lhes são injetadas pelos meios de comunicação social e outros manipuladores de mentes. Educá-las é isso, é proporcionar-lhe os instrumentos para não serem enganados. A própria História é reescrita diariamente com novos dados e novas descobertas científicas. Temos de as preparar para um novo mundo que se avizinha e que desconhecemos, dando-lhe instrumentos que lhes permitam gerar novos paradigmas de vida.

Um dos males da sociedade portuguesa tem sido o de estiolar a criatividade, o empreendedorismo, a inovação e a ambição quando estas não se fundamentam em meras óticas de lucro. Perdem-se energias em escárnio e maldizer, estimulam-se invejas mesquinhas, fomentam-se e incentivam-se protagonismos egocêntricos. Nos colóquios, podemos ser poucos, mas tenho a certeza de que esses poucos são bons. Não me coíbo de dizer que somos uma elite. Ao longo da história sempre foram as elites quem liderou os povos e nações rumo a novos avanços. Grandes saltos civilizacionais se deram na Renascença graças a artistas e poetas, criadores de utopias. A sociedade, provavelmente, chamava-lhes loucos e eram incompreendidos pela maioria dos seus coevos. Como António Gedeão escreveu *Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida / Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança*. Assim se conquistaram sonhos insonhados.

⁸ Os jovens do quilombo desenvolveram uma nova dança, chamada Ginga Africana, que mistura várias manifestações culturais características do quilombo

⁹ Culinária típica de Angola: peixe grelhado na brasa, temperado com um vinagrete com jindungo e acompanhado com farofa de farinha-de-pau é chamado mufete

¹⁰ Religião afro-brasileira baseada no culto dos Orixás, de onde surgiram a Umbanda e a Capoeira. Leia mais em <http://www.educandocomginga.com/news/cultura-africana/>

Em 2001 todos foram lesto em nos assegurarem que este formato dos colóquios estava condenado ao fracasso. Garantiram-nos que esta fórmula solidária de todos participarem a expensas suas e contribuírem para as despesas organizacionais, estava condenada ao insucesso num país subsidiodependente. Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas, incluindo associados, nos precaviam para a necessidade de evitar o colapso e fazer apenas um colóquio ao ano em vez de dois. O mesmo foi aqui afirmado em Vila do Porto no 16º colóquio em 2011, já depois de termos ido ao Brasil e Macau e imediatamente antes de irmos à Galiza em 2012, onde voltaremos em abril de 2018. Como poeta louco, irrealista e desfasado de todas as realidades prossegui e aqui estamos com o mesmo calendário de dois colóquios ao ano programados até 2021, devidamente escudados em planos B para qualquer falha.

Como é hábito farei uma curta abordagem histórica desta ilha vulcânica, a mais antiga do arquipélago com mais de 8 milhões de anos, pejada de formações de origem sedimentar onde se podem encontrar fósseis marinhos. A presença destes depósitos sedimentares, onde abundam fósseis, desde conchas e outros moluscos, únicos nos Açores, originou a indústria de extração de calcário e fabrico de cal, que atingiu o seu auge no século XX, encontrando-se extinta. Todos os dias se descobrem novidades sobre a evolução geológica da ilha onde há pedras que cantam, uma calçada dos gigantes e um deserto vermelho em que uma antiga escoada lávica basáltica foi coberta de cinzas (piroclastos) que, caindo em terreno tropical, se transformaram em argilas alaranjadas. Segundo o nosso convidado Sérgio Ávila, a ilha **subiu** nos últimos 3,5 milhões de anos uma média de 60 metros por cada milhão de anos ou seja, seis centímetros por cada mil anos.

Em 1339 o Portulano de Angelino Dulcert assinala os arquipélagos da Madeira e das Canárias, descoberto antes de 1336 pelos portugueses, e a "Capraria", que alguns associam às ilhas de Santa Maria e S. Miguel. A mais antiga referência específica ao arquipélago é feita no Atlas de Médici de 1351¹¹. É designada Ilha dos Lobos-marinhos no Mapa de Pizzigani de 1367. Damião de Peres assinala Diogo de Silves aportando aqui no regresso da Madeira, em 1427. A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diego.

Houve sempre um nevoeiro histórico: muitas são as dúvidas e poucas as certezas. Gaspar Frutuoso, no século XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Sta Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. No mais antigo documento régio referente aos Açores, de julho 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores pressupondo que o povoamento só se terá iniciado em 1439 na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão, segundo Gaspar Frutuoso. Seria João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro capitão-donatário e seu herdeiro, quem trouxe famílias do continente.

O primeiro foral açoriano foi concedido a Vila do Porto em 1470 que mantém hoje a sua estrutura original com vestígios da época como a casa do Capitão Donatário e outra com janelas manuelinas do séc. XV. Em 1493, aqui aportou Colombo, no regresso da sua primeira viagem à América. O Facebook da época não permitia a informação em tempo real sobre quem era e o que fazia Cristóvão Colombo. A lenda diz que mandou celebrar uma missa de ação de graças pela viagem na capela que visitamos esta tarde. Sendo confundido com um mero pirata, dizem as crónicas que preso se quedou às ordens do governador, até se esclarecer a sua presença.

Os verdadeiros piratas vieram nos sécs. XVI e XVII. Tratava-se de corsários ingleses, franceses, holandeses, turcos, marroquinos e argelinos, que faziam as suas razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns. Moeda de troca vulgar nesses dias. A prosperidade assentou, no pastel e urzela até ao séc. XVII, exportados para as tinturarias da Flandres bem como no trigo que abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África. Digna de menção é a presença de tropas liberais [vindas da Achadinha e da batalha da Ladeira da Velha em S. Miguel] rumo ao desembarque do Mindelo, na atual Praia da Memória, Matosinhos, em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais ou Guerra Civil Portuguesa 1828-34. Nesses 7500 homens transportados em 60 navios, estavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar.

O séc. XX trouxe a Santa Maria, o progresso de uma forma súbita e inesperada, com a construção em 1944 do aeroporto por tropas norte-americanas. Seria escala obrigatória nas travessias atlânticas até finais de 1960 e das suas três pistas, uma é a mais extensa do arquipélago, com 3048 metros. Foi destino do voo inaugural da SATA ¹² e da fatídica aeronave "Açor" que cairia ao mar com seis pessoas a 5 agosto 1947, após descolar de S. Miguel. A TAP passou a escalar a partir de 1962, seguindo-se voos para Nova Iorque (1969) e Montreal (1971). Era normal a presença do supersónico Concorde, ligando a Europa e a América. Embora a introdução de novos aviões com maior autonomia reduzisse o tráfego, é um dos aeroportos mais bem equipados dos Açores e aqui se localiza o Centro de Controlo Aéreo do Atlântico, que administra a FIR Oceânica de Santa Maria¹³.

¹¹ (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, p. 336).

¹² [Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos]

¹³ A FIR Oceânica de Santa Maria (em inglês "Flight Information Region") é uma região de informação de voo oceânica portuguesa

Em 2011 a fértil ilha de 97,42 km² (17 km comprido por 9,5 largura) desertificada pela emigração e falta de oportunidades laborais tinha apenas 5552 almas. As singulares e elegantes chaminés brancas podem evocar as congéneres algarvias mas como afirma Daniel de Sá: *“Pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam à ilha. Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria só três ou quatro...todas as outras casas seriam provavelmente do século XIX.”*

Degustaremos dia 31, por generosa oferta da Junta de Santo Espírito, as famosas sopas de Império confeccionadas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão. Na gastronomia mariense há ainda a assinalar o caldo de nabos com carne de porco, entremeada, chouriço e batata-doce, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa, a caldeirada de peixe. Mariscos há o cavaco, lagosta, lapa e cracas. Na doçaria há cavacas, suspiros, melindres, biscoitos de orelha, os brancos, os de aguardente e os encanelados. Dos socialcos de S. Lourenço ainda se produz de forma artesanal o vinho de cheiro, o abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente. Apesar da reputação de repouso e sossego existem na ilha praias de areia branca e águas cristalinas para surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva.

O traçado original da vila chegou quase intacto até ao séc. XX sendo exemplar único de vila medieval (1450) fora da Europa sem a habitual muralha. O antigo aglomerado urbano, datando do início do povoamento insular coexiste com algo que sempre me impressionou pela sua imponência histórica, a velha base na zona aeroportuária.

O bairro do Aeroporto deveria ser preservado como autêntico Museu vivo da história recente europeia. Trata-se de um exemplar da construção militar norte-americana da 2ª Guerra cujo valor, além do turístico ainda totalmente inexplorado, poderia ser aproveitado pois a qualquer momento, ao sair do porto pela Estrada da Birmânia, quando nos aproximamos do “açucareiro” esperamos que salte ao caminho um soldado fardado a rigor, para nos parar e pedir os documentos de circulação na base..

Existe aqui potencial de recriação histórica e turística que urge não desperdiçar. Este bairro assumiu, na época, um caráter arquitetónico inovador, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas; edifícios simples, prefabricados com estrutura metálica trazida dos Estados Unidos e vastos espaços arborizados. A base americana revolucionou o quotidiano mariense com equipamentos como o “Atlântida Cine” inaugurado em 1946 e ora em vias de recuperação; o clube “Asas do Atlântico” em 1950; e ainda a igreja, ginásio e residências isoladas em blocos coletivos hoje infelizmente muito depauperados. Em Santa Maria há tanta riqueza que podia e devia ser acarinhada e preservada mas não foi devidamente tratada, esperemos que algumas medidas recentemente tomadas em relação aos *Quonset huts* possam preservar este segmento da história viva da ilha e do arquipélago.

Visitei em 2006 o Museu de Santa Maria em Santo Espírito, (que visitaremos dia 31), e em longa conversa com o seu Diretor, Dr. João Trindade Reis dos Santos, fui convidado a trazer os Colóquios para a ilha. Em 2011 concretizamos esse sonho e regressamos agora com o alto patrocínio do município e apoios da SATA, das direções regionais da cultura, das comunidades, do turismo, da Junta de Freguesia do Santo Espírito e Clube Asas do Atlântico.

Voltemos agora a este oásis que os Colóquios da Lusofonia têm sido desde 2001, incluindo a divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela criamos pontes entre povos e culturas no seio lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os nossos oradores partilham ideias, projetos, criam sinergias, irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante.

É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género com a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana e permite avançar com ambiciosos projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos fundadores são desde 2007 Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e em 2011 a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como Sócios Honorários e Patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e José Ramos Horta em 2016 (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram no ano passado Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília.

O espaço dos Colóquios é um tempo privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha.

É esta a Lusofonia que defendemos.

Se aceitarmos na nossa atual escrita unificada, todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser uma língua universal colorida por milhentos matizes: da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. Isto de **Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.**

Queria apenas alertar-vos para uma das razões diferenciadoras e marca de sucesso destes eventos que foi estarmos todos juntos do início ao fim, assistindo a todas as sessões e partilhando todos os momentos. Infelizmente, nos últimos colóquios verificou-se uma deriva com algumas, poucas, pessoas a servirem-se da vinda a estas ilhas paradisíacas para fazerem turismo, por favor façam-no antes ou depois do evento, mas nunca durante.

Não apoiaremos os associados que o façam, a fim de manter a unidade deste núcleo aglutinador e preservarmos um dos segredos do nosso sucesso.

Ao longo da vida, aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. Assim se explica que este 28º colóquio tenha arribado não numa nau mas nas asas do sonho a que chamamos Lusofonia.

Esta Lusofonia pluricontinental, teve as suas raízes no séc. XVI, quando era “língua franca” e meio universal de comunicação entre os povos.

Os únicos corsários que encontramos por esses mares foram os que ainda não reconheceram o valor dos colóquios, da necessidade da defesa intransigente da língua e da cultura de todos nós.

A nossa artilharia de 240 milhões de lusofalantes, a Gramática de Evanildo Bechara, os Dicionários de Malaca Casteleiro e as obras da novel Academia Galega da Língua Portuguesa bastaram para evitar a abordagem.

Os monstros adamastores junto com os opositores da ortografia soçobraram em triste carpideira de Velhos do Restelo.

E, da ocidental praia, por mares nunca antes navegados, passamos além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificamos o Novo Reino da Lusofonia, que tanto sublimámos.

Esta Lusofonia será sempre um diálogo na secular língua que inclui os países de língua oficial, as regiões em que é utilizada como língua materna ou de património e inclui todos os que a trabalham como sua.

A Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca espuma os mares se mostravam e a bandeira da nossa Lusofonia se enfunando.

Ao contrário de Colombo ou Vasco da Gama, as nossas naus não buscam as especiarias das Índias, antes se deslumbram espalhando as palavras dos mestres Malaca e Bechara que nos acompanham desde 2007.

Temos provado que é possível fazer sem prometer, atraindo para o nosso projeto gente de todas as idades e de todas as áreas do saber, com a condição única de quererem partilhar os seus conhecimentos para concretizarmos os nossos projetos.

E é assim que neste colóquio atingiremos dois momentos muito especiais de conclusão de dois ambiciosos projetos, um vai ser o da apresentação da Bibliografia Geral da Açorianidade, com mais de 19 mil verbetes, um trabalho iniciado em 2010 e que visa ser um primeiro contributo para uma obra infinitamente ambiciosa, o outro será a apresentação do CD de autores açorianos ou açorianizados musicados pela Ana Paula Andrade no Conservatório Regional de Ponta Delgada. Parafraçando mais uma vez o grande vate Luís Vaz de Camões termino dizendo

*Os reinos e os impérios poderosos,
Que em grandeza no mundo mais cresceram,
Ou por valor de esforço floresceram,
Ou por varões nas letras espantosos*

E como todos sabemos: Os poetas têm sempre razão! É esse amor e o espírito de poeta que me trouxe a mim, e aos nossos convidados até esta Ilha-Mãe. O poeta devaneia, deus concilia e o homem cumpre, esta a definição da génese do 28º colóquio da lusofonia.

Bem-haja o Município de Vila do Porto por ter apoiado este sonho e reconhecer a capacidade de realização dos Colóquios que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.

As sessões ao longo destes seis dias permitirão ouvir 40 oradores e ter tempo para visitar e aprender os locais que fazem a História da ilha. Para tal contamos com o diretor do Museu João Santos e com a Joana Pombo do Centro de Interpretação Dalberto Pombo para nos guiarem nesse roteiro, bem como alguns dos historiadores, geólogos e biólogos que nos honram com a sua presença.

11. [LENDAS DE SANTA MARIA](#)¹⁴ [consultar aqui](#)

¹⁴ *** Fonte principal: FURTADO-BRUM, Ângela, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana editores, 1999

12. TRABALHOS, SINOPSES E BIODADOS

1. ALDEBERTO JOSÉ DE LOURA CHAVES, JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO ESPÍRITO, organização (SOPAS E FOLIÕES)



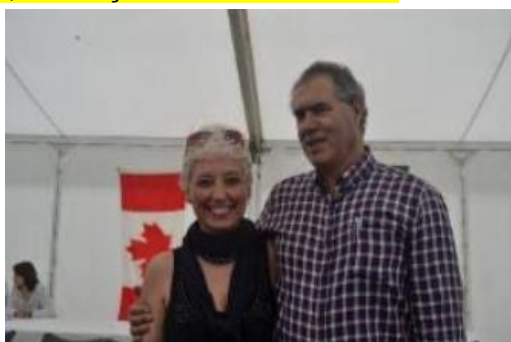
Organiza as Sopas do Espírito Santo em Santo Espírito.

Já participou no 16º colóquio em 2011

2. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO E AICL



BRAGANÇA 2010



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



Graciosa 2015



Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa. É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta. É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única Fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial. Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator.

Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural. Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG. Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ. Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa. Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

TEMA 2.1. A autonomia na Galiza: do pacto dos franquistas, a novo projeto de recentralização de Castela/espanha.

1. A morte do ditador contexto do estado
2. Os pactos chamados transição democrática, mas que eram na realidade uma transação.
3. A construção autonómica, o processo inicial, e o travão do golpe do 23 de fevereiro de 1981 e as suas consequências, LOAPA.
4. A autonomia na Galiza, e os seus limites inabaláveis.
5. O projeto de nova transição e a consolidação de um estado plural e democrático.
6. Fracasso do processo, e nova recentralização e da imposição de um supremacismo castelhano. Castela/espanha nega-se a não ser Castela.
7. O processo de independência da Catalunha, como instrumento de sobrevivência desse povo e esperança para todos.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL

REGRESSAR ÍNDICE

13. ALEXANDRE LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM. IFP, COVILHÃ. AICL (aluís@ubi.pt)



Seia 2013-2014

Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá.

É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraldes Freire*.

Obteve os graus de mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra.

É Professor Auxiliar e Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior.

É investigador do LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades) da Universidade da Beira Interior e do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Secção de História) e da Comissão Científica da *Revista Egíptia Scienza* (IPG) e sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Da lista das suas publicações dos últimos cinco ou seis anos, destacamos:

Um Olhar sobre Temáticas da Lusofonia, Setúbal, Edições Fénix;

“Da Defesa do Reino à Construção do Império: o mito de Ourique e a ideologia da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVI)”, in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), *Culturas em Movimento. Livro de Atas do I Congresso Internacional sobre Cultura*, Covilhã, LABCOM.IFP, 2016, pp. 125-153;

“Portugalidade e Portuguesismo à Luz de uma Crónica de Alexander Ellis”, in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Setúbal, Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 2015, pp. 39-56;

“Afonso de Albuquerque e a Construção do Estado - Império Português da Índia”, in *XXIII Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais*, Fundão, 2015, pp. 34-50;

“A Marinha de Guerra e a Consolidação da Independência Portuguesa: D. Dinis e a contratação de Manuel Pessanha”, in *A Formação da Marinha Portuguesa. Dos Primórdios ao Infante. Atas XII Simpósio de História Marítima*, Lisboa, Academia de Marinha, 2015, pp. 179-196;

“A Imagem de Portugal promovida pela Instrumentalização Salazarista do Lusotropicalismo”, in Cristina Costa Vieira, Paulo Osório e Henrique Manso (coord.), *Portugal-Brasil-África: relações históricas, literárias e cinematográficas*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2014, pp. 13-34 (em parceria com Carla Luís);

“Um Breve Olhar sobre a Génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, *Revista de Letras*, n.º 13, série 2, Vila Real, Centro de Estudos em Letras, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, dezembro de 2014, pp. 57-80 (em parceria com Carla Luís);

“A Última Grande Conquista do Rei D. João II: o Tratado de Tordesilhas (1494)”, *Revista de Estudos Cabo-Verdianos. Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, Praia, Edições Uni-CV, dezembro de 2014, pp. 125-134; *O Portugal Messiânico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocêncio VIII em 1485*, Covilhã, LusoSofia:press, Universidade da Beira Interior, 2013;

“A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415)”, in Cristina Costa Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Ndele Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), *Portugal-África. Mitos e Realidades Vivenciais e Artísticas*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, com o apoio da FCT, 2012 pp. 187-214;

“O Papado Perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula *Romanus Pontifex* (1455)”, in José Maria Silva Rosa (org.), *Da Autonomia do Político: entre a Idade Média e a Modernidade*, Lisboa, Documenta, com o apoio da FCT, 2012, pp. 269-288;

“Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução”, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, pp. 141-165; “Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481)”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 243-263

Apresenta trabalho com

14. CARLA SOFIA LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM. IFP, COVILHÃ e AICL



Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977.

É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição.

É Professora Auxiliar, com nomeação definitiva, no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades).

Na Universidade da Beira Interior, é membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, do Conselho Científico do Departamento de Letras e das Comissões de Curso de Ciências da Cultura e de Ensino do Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário.

É Coordenadora de Mobilidade do DL (Português/Espanhol, 1.º Ciclo), tendo desempenhado a função de Coordenadora do Centro de Avaliação de Português-Língua Estrangeira (na UBI).

Além disso, é Membro da Comissão Científica da *Revista Egíptia Sciencia* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Tem organizado e participado, com comunicação, em variadíssimos eventos científicos nacionais e internacionais.

Da lista das suas publicações dos últimos cinco ou seis anos, destacamos os livros

Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio, Vila Real, CEL e UTAD, 2011, 445 pp.;

Um Olhar Sobre Temáticas da Lusofonia, Setúbal, Edições Fénix, 2016;

Capítulos de "Mário Cláudio: Nauta e Guardiã da Portugalidade", in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 57-80;

"Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*", in Cristina Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), *Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais*, Covilhã, UBI, 2012 pp. 27-51;

"Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: os Casos das Trilogias da *Mão*, da *Árvore* e das *Constelações*", in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Setúbal, Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 2015, pp. 103-138;

os artigos "Algumas Singularidades Linguísticas na Obra Narrativa de Mário Cláudio", *Revista de Estudos Cabo-Verdianos, Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, Praia, 2014, pp. 155-163;

"A Escrita de José Leon Machado: o caso das obras *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*", XXIII Colóquio Internacional da Lusofonia. Livro de Atas, AICL, Fundação 2015, pp. 79-94;

"Valorizar o português como língua científica internacional: uma orientação estratégica elementar", *XXII Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais*, AICL, Seia, 2014;

"Um breve olhar sobre a génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)", *Revista de Letras*, Vila Real, CEL, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da UTAD, 2014

"Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos", in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), *Culturas em Movimento, Atas I Congresso Internacional Sobre Cultura*, Covilhã, LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades), 2016, pp. 187-208.

APRESENTAM LIVRO Língua portuguesa, passado, presente e futuro.

Tema 2.1. O Lugar da Língua Portuguesa no Mundo: perscrutando a visão de João Malaca Casteleiro. Carla Sofia Gomes Xavier Luís Universidade da Beira Interior, LABCOM.IFP, AICL e ALLC. (cxavier@ubi.pt) e Alexandre António da Costa Luís, Universidade da Beira Interior, LABCOM.IFP, AICL e ALLC (aluis@ubi.pt)

João Malaca Casteleiro, pedagogo, gramático e lexicógrafo, fortemente comprometido quer com o ensino quer com a investigação, tem dedicado grande parte da sua vida ao estudo, valorização e internacionalização da língua portuguesa. Com efeito, a sua marca no âmbito da produção do conhecimento, da formação de quadros qualificados, dentro e fora de Portugal, e ainda no capítulo da regulação da língua, só para enunciarmos alguns domínios, é uma realidade inabalável.

Apesar de João Malaca Casteleiro constituir uma figura sobejamente conhecida pelas quatro partidas do Orbe, para melhor mergulharmos nas suas ideias em torno do lugar que a língua portuguesa ocupa no Mundo, expressas e colocadas em prática de diversas formas, importa recordarmos certos momentos marcantes do seu trajeto pessoal e académico (cf. *Casteleiro, 2007: 7-14; 2016: 201-202*), dado que constituem peças preciosas no âmbito do exercício que nos propomos realizar.

Assinale-se que João Malaca Casteleiro nasceu no Teixoso, Covilhã, a 29 de agosto em 1936. Licenciou-se, em 1961, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Filologia Românica, com a dissertação *A Expressão da “Ordem” na Língua Portuguesa do Século XX*. Após o seu regresso de Angola, onde completou quatro anos de serviço militar obrigatório, inicia, em 1966, a sua vida como professor do ensino secundário no Colégio Militar, tendo sido, por essa altura, convidado pelo Professor Doutor Jacinto do Prado Coelho para colaborar, a tempo parcial, no *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (cf. Casteleiro, in Silva: 123).

Durante esse período, conheceu várias figuras emblemáticas, entre elas, José Inês Louro. Este último rapidamente reconheceu as suas aptidões para a carreira universitária, manifestando-se totalmente favorável à sua contratação como assistente, quando Jacinto do Prado Coelho lhe formula o convite, em 1968 (cf. Casteleiro, in Silva: 123). Estreou-se então nas lides da lecionação universitária, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1969. Em 1979, doutorou-se, na mesma universidade, com a sólida tese intitulada *Sintaxe Transformacional do Adjetivo. Regência das Construções Completivas*.

Mais tarde, depois de prestar provas académicas de agregação, sagrou-se, a partir de 1981, professor catedrático. Muitos são os antigos alunos que lembram o seu desempenho na lecionação e coordenação de cadeiras como, por exemplo, Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, ou de vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do 2.º ciclo.

Foi também Professor Catedrático convidado na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, tendo aí influenciado vários jovens professores e investigadores, de onde destacamos, entre outros, Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Domingos Gabriel Nzau, Paulo Osório, Reina Pereira, cujas dissertações de mestrado e/ou teses de doutoramento orientou. Refira-se que Malaca Casteleiro é reconhecido como “um dos pais” (Luís e Luís, 2016: 99) do Departamento de Letras desta mesma instituição de Ensino Superior, onde regressa com alguma assiduidade na qualidade de conferencista e reconhecido especialista de Linguística.

No Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, ocupou ainda o cargo de diretor de investigação e, no Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), de conselheiro científico. Presidiu, de igual modo, ao Conselho Científico da Faculdade de Letras, entre 1984 e 1987, tendo aí criado, em 1984, o Departamento de Língua e Cultura Portuguesa (do qual foi diretor até à sua jubilação), vocacionado para o ensino e para a investigação do português como língua estrangeira. Coordenou e colaborou em diversos projetos de investigação e de edição, quer em Portugal quer no estrangeiro, em cooperação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação.

Desde 1979, tornou-se membro da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido, entre 1991 e 2009, presidente do respetivo Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. É, igualmente, Sócio-Correspondente da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Galega da Língua Portuguesa, da Academia de Letras de Brasília e da Academia Brasileira de Letras. Colaborou, na qualidade de professor visitante e de professor convidado, com diversas instituições de Ensino Superior, designadamente com a Universidade de Coimbra, as Universidades dos Açores e da Madeira, a Universidade de Macau, onde, ao longo de mais de uma década, lecionou variados cursos de mestrado, e ainda com o Instituto Politécnico de Macau, onde desempenhou também as funções de examinador externo para a disciplina de Língua Portuguesa.

Durante a sua carreira académica, orientou 25 teses de doutoramento e mais de meia centena de dissertações de mestrado. Assumiu também, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a responsabilidade de projetos de investigação de avultada relevância, como *Português Fundamental, Estruturas Léxico-Gramaticais do Português Contemporâneo* e *Dicionário Eletrónico do Português*.

A sua bibliografia é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados sobretudo à sintaxe, à lexicografia, à ortografia, à didática da língua e à projeção do português no mundo. Destacamos, desde logo, a sua dissertação de licenciatura, que, como se referiu anteriormente, data de 1961. Sublinhe-se, nomeadamente, que foi editada em 2014, no Rio de Janeiro, pela Lexikon Editora Digital, com o título *A Arte de Mandar em Português: estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros*.

O linguista Evanildo Bechara explica que “cabe à LEXIKON, publicando a dissertação deste ilustre professor lusitano, reintroduzir o interesse entre nós de assuntos que também ajudam a melhor compreender as funções da linguagem e, em particular, auscultar as potencialidades expressivas da língua portuguesa” (Bechara, 2014: 7-8).

Salientamos ainda outras obras que deram à estampa, como a já mencionada tese de doutoramento, publicada em Lisboa, no ano de 1981, pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, e *Nível Limiar*, desta feita, em coautoria com Américo Meira e José Pascoal, publicada em 1988, em Estrasburgo, pelo Conselho da Europa (fruto do Projeto de Línguas Vivas do Conselho de Cooperação da Europa) e, nesse mesmo ano, reeditada pelo Instituto de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ICALP. É, de igual modo, digno de menção o volume intitulado *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que deu à estampa, em 2010, pela Porto Editora, sob a sua orientação científica.

O nosso destaque vai ainda para as obras *Lusofonia: curso básico de português-língua estrangeira* (que inclui livro do aluno, caderno de exercícios, livro do professor e cassetes) e *Lusofonia: curso avançado de português-língua estrangeira* (que inclui livro do aluno, caderno de exercícios, livro do professor e cassette), que dirigiu,

enquadrando-se ambas nas atividades de investigação e ensino do Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Universidade de Lisboa (cf. Casteleiro, 1998: 3). Escusado será dizer que constituem úteis instrumentos de trabalho para todos os que desejam aprender o português como língua estrangeira. Apresentam temáticas diversificadas, “através de uma seleção de documentos autênticos e uma arrumação de temas gramaticais, onde se dá relevo às diferentes realidades em diferentes momentos” (Casteleiro, 1995: 3). Acrescentamos ainda a esta amostra *A Língua e a sua Estrutura* (conjunto de artigos publicados, isoladamente, na revista mensal *Escola Democrática*, Edição da Responsabilidade da Direção-Geral do Ensino Básico), que, no seu todo, constitui uma preciosa ferramenta de trabalho largamente consultada por docentes e alunos de diferentes níveis.

Além das publicações atrás mencionadas, e de entre o elevado manancial de dicionários onde tem uma intervenção determinante, sublinhamos a coordenação do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, publicado pela Editorial Verbo, em 2001. Na nota preambular, parte integrante da longa introdução que redigiu, João Malaca Casteleiro afiança, desde logo, que “visa honrar o desígnio inicial da Academia de pôr à disposição do público português e, por extensão, de todos os povos que se expressam em português, um Dicionário de língua amplo, inovador, rigoroso e normalizador do uso vocabular” (Casteleiro, 2001: XIII). Aquando da caracterização geral desta obra, destaca, entre outros aspetos, a sua enorme dimensão no panorama da lexicografia portuguesa, sendo que este dicionário conta com cerca 70.000 entradas lexicais e aproximadamente 22.000 combinatórias fixas. Aclarando que se registou “o léxico próprio da língua portuguesa contemporânea” (Casteleiro, 2001: XIII), incluindo não só o vocabulário de uso geral, mas também “os termos mais usuais das diferentes áreas científicas e técnicas, assim como os neologismos recentes e os vocábulos internacionais dos nossos dias, nomeadamente os das novas tecnologias” (Casteleiro, 2001: XIII), assegura a sua utilidade (Casteleiro, in Silva, abril 2001) junto de “um público muito vasto” (Casteleiro, 2001: XIII). Com efeito, a propósito do dicionário em apreço, numa entrevista ao jornal *Urbi et Orbi*, frisa o seguinte:

“Este é um dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea que abrange os séculos XIX e XX. Contém cerca de 70 mil entradas lexicais, 170 mil aceções ou definições e 240 mil vocábulos. Os artigos do dicionário são riquíssimos de informação porque para além das definições têm também cerca de 85 mil sinónimos e 16 mil antónimos. Fazem também parte desta obra cerca de 22 mil combinatórias e 90 mil expressões para ilustrar tudo isto. Quanto aos estrangeirismos, são cerca de um milhar que aportuguesámos, isto é, adaptámo-los às regras morfofonológicas e ortográficas do português, ou então traduzimos por decalque semântico. No panorama da Língua Portuguesa, é um dicionário novo, inovador do ponto de vista metodológico e de conteúdo informativo” (Casteleiro, in Miranda, 2001).

Focamos a nossa particular atenção no domínio dos neologismos internos e externos (Casteleiro, 2001: XIV) referidos na introdução. Se os primeiros são compostos por palavras criadas de acordo com os processos morfológicos de derivação e composição do português, os segundos, igualmente conhecidos como estrangeirismos, constituem os “vocábulos importados das línguas modernas” (Casteleiro, 2001: XV) que, entretanto, neste dicionário, “procurando também regularizar a formação dos respetivos plurais, segundo as regras morfológicas do português” (Casteleiro, 2001: XV), foram aportuguesados e, de acordo com as suas características, catalogados em três grupos, a saber: “na sua forma de origem, os que atingiram um certo grau de generalização e aceitação”, como é o caso de *internet, leasing, workshop, self-service, snack-bar, software*; “na sua forma de origem, mas com remissão para a forma aportuguesada ou semiaportuguesada”, de onde destacamos os vocábulos *dossier* (do francês *dossier*), *ateliê* (do francês *atelier*), *icebergue* (do inglês *iceberg*), *stresse* (do inglês *stress*); “na sua forma de origem, mas com remissão para um equivalente vernáculo, vocábulo ou expressão já usual ou com possibilidade de generalização”, como, por exemplo, *hobby* (passatempo), *check-in* (registo de embarque), *check-out* (registo de saída), *e-mail* (correio eletrónico), *hi-fi* (alta-fidelidade) (cf. Casteleiro, 2001: XV, para as três últimas citações e respetivos exemplos). Esta preocupação na adaptação de estrangeirismos torna-se ainda mais legítima se pensarmos na quantidade de palavras estrangeiras que diariamente chegam ao nosso léxico, sendo que, caso não sofressem qualquer aclimação, a dada altura, estaríamos perante “um texto numa língua mista” (Casteleiro, in Silva, 2001). A este respeito, João Malaca Casteleiro profere as seguintes palavras:

“As línguas são instrumentos com os quais comunicamos, sempre sujeitos à mudança. Têm de evoluir e acolher a inovação, a que se produz no interior da própria língua e a que deriva de termos que chegam do exterior. Ao longo da sua história, a língua portuguesa esteve sempre aberta a importações, anteriores, até, às palavras latinas. Depois, foi o contacto com o mundo dos Descobrimientos portugueses. Hoje, o grosso das palavras que entram na nossa língua provém do inglês (geralmente pela via americana), mas também do francês, que continua a ter grande influência. Se não houver a preocupação de as integrar e adequar às regras morfológicas e ortográficas em português, temos um texto numa língua mista” (Casteleiro, in Silva, 2001).

Quando questionado sobre a possibilidade de tais novidades descaracterizarem a língua, esclarece que, pelo contrário, “esta inovação preza a identidade da Língua Portuguesa porque estas novas palavras são escritas de acordo com as regras morfofonológicas e ortográficas do português” (Casteleiro, in Miranda, 2001).

Enfim, feito este parêntese, devido à relevância da matéria narrada, e tendo agora em mente a imagem do dicionário, que conosco partilha, de “um grande pulmão que tem a sua rede de artérias pelas quais a língua respira e vive” (Casteleiro, *in* Silva, 2001), apraz-nos dizer, em jeito metafórico, que também nesta área João Malaca Casteleiro oferece um apreciável balão de oxigénio à língua portuguesa.

Note-se que, ainda no domínio da dicionarística, foi responsável pela versão lusitana do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, dado à luz pelo Círculo de Leitores (em 2002-2003) e pela Temas & Debates (em 2005), tendo redigido a “Introdução à Versão Portuguesa”, onde, entre outros assuntos, fez notar as dificuldades sentidas, no decurso deste labor, pela “*falta de um vocabulário ortográfico oficial onde se registassem as normas gráficas brasileira e portuguesa*” (Casteleiro, 2005: XX). O linguista em estudo não deixa de tecer críticas à classe política que não havia até à data demonstrado vontade “*de levar por diante a implementação do Acordo Ortográfico celebrado em 1990 pelos representantes dos então sete países de língua portuguesa e pelo qual Antônio Houaiss tanto se bateu*” (Casteleiro, 2005: XX).

Mostrando-se sempre contra a existência de duas normas ortográficas em vigor em português, que fragilizam, do ponto de vista do exterior, a língua, Malaca Casteleiro acredita que deveríamos concentrar esforços apenas numa mesma norma, com variantes ortográficas, de resto, à semelhança do que acontece com o inglês e com o espanhol. Por isso mesmo, como é sobejamente conhecido, foi o principal responsável, por parte da Academia das Ciências de Lisboa, pelo Acordo Ortográfico de 1990 e pela sua longa “Nota Explicativa” em anexo. Procurando esclarecer o público em geral acerca do que mudou, publicou, por exemplo, em coautoria com Pedro Dinis Correia, o livro intitulado *Atual - o Novo Acordo Ortográfico: o que vai mudar na grafia do português* (2.^a ed., Lisboa: Texto Editora, 2008) que, de resto, serviu de base a muitos outros manuais redigidos com o mesmo intuito, como é o caso de *Acordo Ortográfico: as novas regras*, da autoria de Bernardino Pacheco de 2012.

Por outras palavras, tendo naturalmente presente a harmonia e a operacionalidade do universo lusófono, para Malaca Casteleiro, o *Acordo Ortográfico*, auxiliado por instrumentos como o *Vocabulário Ortográfico Comum* (cf. Casteleiro, 2016: 209-210), constitui forçosamente mais uma peça do *puzzle* no que diz respeito ao item internacionalização, isto no campo da necessária política de língua.

O especialista em estudo, recuando no tempo e dando conta de alguns passos fundamentais palmilhados em direção à valorização da língua portuguesa no plano internacional, tem feito questão de frisar a relevância histórica do 25 de abril de 1974. Isto é, com a Revolução dos Cravos, e conseqüente descolonização, surgiram “*cinco novos Países em África que, por razões políticas e culturais, adotaram o português como língua oficial. É certo que, em alguns desses países, o português concorre com o francês, como no caso da Guiné-Bissau, ou com o inglês, como em Moçambique*” (Casteleiro, 1999: 39).

Outro marco que Malaca Casteleiro gosta de evidenciar prende-se com a entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia (1986), agora apelidada de União Europeia, visto que o Português assumiu a roupagem de língua oficial e de trabalho, o que acelerou a sua divulgação na Europa e no Mundo (cf. Casteleiro, 1999: 39).

Sempre preocupado com todos os falantes da língua portuguesa, numa entrevista onde exalta a importância das vivências na interculturalidade, concedida a Maria Augusta Silva, explica, no tocante à relação entre brasileiros, africanos e portugueses, que estes se fazem entender usando o mesmo idioma, logo “*A Língua portuguesa tem de ser capaz de servir de instrumento de comunicação entre esses povos*” (Casteleiro, *in* Silva, 2001). Recorda, ademais, que “*o progresso de um povo avalia-se igualmente pela riqueza e evolução do idioma e pela sua adequação às necessidades comunicativas*” (Casteleiro, *in* Silva, 2001).

No que diz respeito ao item “património bibliográfico” (Casteleiro, 1999: 44), isto é, ao “acervo escrito da língua portuguesa” (Casteleiro, 1999: 44), no fundo, mais uma importante peça no âmbito da afirmação, internacionalização e maioria da mesma, o eminente linguista opina que “é quase impossível” rastrear todas as obras escritas em português que integram diversos saberes. Malaca Casteleiro faz notar que:

“*Ao longo dos oito séculos que a língua escrita já leva de vida, o património acumulado torna-se verdadeiramente fabuloso, abrangendo todos os domínios do saber e expresso nas mais diversas formas e géneros: obras literárias (poesia, romance, conto, novela, teatro), obras científicas e técnicas em todos os domínios do saber. A atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago, no ano passado, representou o reconhecimento internacional não apenas desse autor, mas indiretamente das literaturas que se expressam na nossa língua*” (Casteleiro, 1999: 44).

Perante tudo quanto foi dito acerca do percurso de Malaca Casteleiro, fica claro que se trata, sem dúvida, de uma vida inteira dedicada à língua portuguesa, ao seu estudo, bem como à sua disseminação e divulgação, quer através do auxílio prestado na formação de quadros qualificados, quer por via da conceção e participação em valiosas obras para a sua aprendizagem. Enfim, estuda o funcionamento da língua portuguesa, mas também tem uma intervenção assinalável no campo do tratamento do léxico, no registo de parte do *Tesouro da Língua Portuguesa*¹⁵. Com efeito, sublinha o peso deste instrumento de comunicação, que é a língua portuguesa, desde o passado ao presente, e vaticina a continuidade da sua vitalidade no futuro (Casteleiro, 2016: 201-210).

¹⁵ Expressão usada pelo próprio num texto intitulado “Criação e Renovação Lexicais no Português Atual”.

Ajudando a reavivar a memória histórica dos mais distraídos ou amnésicos, este reconhecido “*embaixador da Língua e Cultura Portuguesas no Mundo*” (Gaspar, 2007: 20) tem recordado, por diversas vezes, que o português, nas vésperas dos Descobrimentos, compunha uma “*língua de comunicação de pouco mais de um milhão de falantes – então o número de habitantes de Portugal*” (Casteleiro, d.l. 2001: 24), passando depois a “*companheira de marinheiros*” e de missionários, “*que ao longo de três séculos a espalharam pelos oceanos, de tal modo que ela se tornou língua franca dos povos ribeirinhos do Oceano Atlântico, do Oceano Índico e do Oceano Pacífico*” (Casteleiro, d.l. 2001: 24). Assumiu, no fundo, durante quase três centúrias, o estatuto de “*língua hegemónica de comunicação internacional*”, explica o estudioso em apreço (Casteleiro, d.l. 2001: 24). Ou seja, “*nos séculos XVI, XVII e XVIII exerceu o papel de língua franca internacional, que depois foi tomado pelo francês, até meados do século XX, e em seguida pelo inglês, após a 2.ª Guerra mundial*” (Casteleiro, d.l. 2001: 24).

Por várias razões, a importância do português não se esgota, contudo no passado. No que toca aos tempos presente e futuro, em várias intervenções ou escritos, como é o caso do capítulo sugestivamente intitulado “*A Importância Crescente da Língua Portuguesa no Panorama Mundial*”, Malaca Casteleiro tem deixado um testemunho animador. Ouçamos algumas das suas palavras a este respeito:

“Embora seja difícil quantificar com exatidão o número de falantes de Português, as estimativas fidedignas mais recentes apontam para cerca de 250 milhões de lusófonos, ou seja, cerca de 4% da população mundial. Dizem-nos, porém, as previsões demográficas mais realistas que, graças, sobretudo, ao crescimento de países emergentes, como o Brasil, Angola e Moçambique, lá para meados deste século os falantes de Português atingirão os 350 milhões. O domínio político da língua portuguesa no Mundo abrange mais de 10,6 milhões de km² [...]” (Casteleiro, 2016: 203).

Por sinal, o crescimento do número de utilizadores do português no ciberespaço (Guzeva, Gomes, Macário e Ançã, 2013: 174), um lugar de comunicação privilegiado, também ajuda a corroborar este diagnóstico favorável. Enfim, a língua portuguesa ocupa um papel de destaque quer tenhamos como referência o número de países em que é falada, quer se tomarmos como critério o número de falantes (cf. Casteleiro, 1999: 37).

Malaca Casteleiro elabora uma engenhosa distinção entre línguas que sobrevivem apenas como orais, as que “*só têm uma vida*”, as que existem como línguas orais, mas que apresentam também a componente escrita, as que “*têm duas vidas*”, e, finalmente, aquelas que “*têm múltiplas vidas*”, sendo que, no seu entendimento, “*além de existirem como línguas faladas, apresentam várias vidas escritas*” (Casteleiro, 2015: 161). Recorda também que “*96% das 2600 a 3000 línguas que existirão no Mundo – não há certezas quanto ao número exato – só têm existência oral*”. Por outro lado, *somente 4% das línguas do Mundo, cerca de uma centena, portanto, é que apresentam “vida escrita”* (Casteleiro, 2015: 161).

Ora, é nesse grupo de “*idiomas que ostentam existência escrita*” que encontramos um pequeno conjunto com “*múltiplas vidas*” (Casteleiro, 2015: 161). Esclarecendo o que entende por “*múltiplas vidas*”, “*aquelas que detêm o privilégio de ser usadas como língua materna (por que não língua primária?) ou como língua segunda (secundária?) e língua oficial por vários povos ou países*”, e avançando que, no seu entendimento, não passarão de uma dezena, Malaca Casteleiro coloca a língua portuguesa neste grupo. Sublinha, ademais, que “*o português é a terceira língua europeia mais falada no Mundo, logo a seguir ao inglês e ao espanhol*”, constituindo ainda a “*língua mais usada no hemisfério sul*” (Casteleiro, 2015: 161-163, para as duas últimas citações), ocupando “*a 5.ª ou 6.ª posição entre as mais faladas (e escritas), considerando quer os cerca de 250 milhões de falantes que a usam quotidianamente, quer os oito países que a têm como sua e que se distribuem por quatro continentes*” (Casteleiro, 2015: 161-162).

Enfim, o linguista em estudo não deixa de salientar a vitalidade do português em várias paragens, bem como o seu papel singular, partilhado por muito poucas línguas no Planeta. Com efeito, “*o português é, como poucas, uma língua pluricontinental, falada e escrita na Europa, em África, na América e na Ásia. De facto, além do português, só o inglês, o espanhol e o francês apresentam esta mesma característica*” (Casteleiro, 1999: 37).

Indo mais longe na nossa descrição, Malaca Casteleiro, na radiografia que elabora em torno do lugar da língua portuguesa no Mundo, acrescenta o seguinte: “*É ainda língua oficial da Região Administrativa Especial de Macau, sobrevive com dificuldade em Goa, Damão e Diu, e é também a língua da Galiza, embora com características próprias, como sucede com o português do Brasil, o de Angola ou o de Moçambique*” (Casteleiro, 2015: 162).

Refira-se que Malaca Casteleiro é, sem dúvida, uma das vozes ativas que mais tem recordado e valorado a circunstância de o português ser língua oficial de Macau, “*Região Administrativa Especial da China, país onde, sobretudo na última década, a língua de Camões tem vindo a adquirir uma importância crescente*” (Casteleiro, 2016: 203).

Em relação à Galiza, também constitui um dos protagonistas que tem feito notar que “*o Português, na sua variante galega, é a língua ancestral da Galiza, bem viva nesta Região Autónoma de Espanha, onde a recém-criada Academia Galega da Língua Portuguesa labuta, desde 2008, pela reintegração linguística (não política) desta Região no seio da Lusofonia*” (Casteleiro, 2016: 203). Aliás, na Intervenção na Sessão Inaugural da AGLP, outubro de 2008, relembra que:

“integrar o Galego como variante da língua portuguesa ao lado de outras variantes (o português lusitano, o português do Brasil, o português angolano, o português moçambicano, etc.) contribuirá para reatar os fios da história do Galego-Português, fios que se quebram em fins do século XV e que era

urgente reatar e revalorizar, intensificar os laços culturais entre a Galiza, Portugal e todo o mundo lusófono, e com isto nós podemos continuar a defender o bilinguismo, felizes dos países, das regiões, que são bilingues, que desde o nascimento, por ventura dominam duas línguas, ou mais línguas, e que a variante galega do português e o espanhol continuarão a conviver harmoniosamente, e continuaremos a defender uma cada vez mais intercompreensão entre falantes de português e falantes de espanhol no sentido da promoção das nossas duas línguas comuns não só da Ibéria mas também do mundo hispanófono e do mundo lusófono continuaremos a batalhar por que estas línguas se afirmem no mundo porque elas as duas em conjunto constituirão, com certeza, um bloco tão ou mais importante que o bloco anglístico” (Casteleiro, 2011: 8).

Numa entrevista concedida a Marisa Miranda e incluída no *Urbi et Orbi*, explica, inclusivamente, que “se nós lusofalantes e hispanofalantes nos tornássemos uma grande comunidade em que todos fossem capazes de falar o português e o espanhol, éramos o maior bloco linguístico do mundo” (Casteleiro, in Miranda, 2001).

Pelo exposto, torna-se compreensível que João Malaca Casteleiro seja da opinião de que a “língua portuguesa está bem de saúde” (Casteleiro, in Miranda, 2001), citando palavras do próprio, proferidas já no início deste século, mas cheias de atualidade. No entanto, precisa de ser “cuidada e acarinhada” (Casteleiro, in Miranda, 2001), até porque estamos perante o “último reduto da nossa identidade” (Casteleiro, in Silva, 2001). Dever-se-ia, assim, investir numa política de defesa da língua mais “agressiva” (Casteleiro, in Miranda, 2001) e concertada.

O especialista em análise remete frequentemente para o caso dos nossos vizinhos espanhóis, que “defendem muito mais a sua língua do que nós” (Casteleiro, in Silva, 2001). Objetivamente, o futuro da língua portuguesa não pode ser construído sem uma sólida política de língua, bem definida e aprovada por todos os países e povos lusofalantes, obviamente isenta de jogos de poder e de interesses particulares.

No livro *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*, que data de 2016, designadamente no capítulo XXI, João Malaca Casteleiro, não deixando de assinalar a presença bem arraigada e ativa do português no “Mundo globalizado de hoje”, deixa três interessantes conselhos para serem colocados em prática por cada um dos sujeitos-falantes deste idioma, a saber:

“1.^a). Contribuir para a sua afirmação no plano nacional, multinacional e internacional.

2.^a). Zelar pela defesa da unidade essencial da língua, fazendo com que ela continue a ser o instrumento privilegiado de comunicação entre os mais de 250 milhões de falantes espalhados pelo Mundo.

3.^a) Cultivar com zelo, aplicação e amor a nossa língua comum, quer no plano da expressão oral, quer no domínio da escrita” (Casteleiro, 2016: 210).

Difícilmente encontraremos algum dos utentes da língua portuguesa que não se reveja nestas premissas. Com uma vida dedicada à língua portuguesa, e polémicas à parte, a verdade é que se multiplicam, do passado ao presente, as manifestações de reconhecimento dos méritos e do legado de João Malaca Casteleiro.

A título de exemplo, recordamos a menção feita por Celso Cunha e Lindley Cintra na afamada *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, particularmente no que concerne ao estudo dos adjetivos: “Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe Transformacional do adjetivo: regência das construções completivas*. Lisboa, INIC, 1981” (Cunha e Cintra, 1995, nota de rodapé 5: 263).

A valorização da sua obra é feita também além-fronteiras. Veja-se, o que é mencionado na *Gramática Descritiva de la Lengua Española*, dirigida por Ignacio Bosque e Violeta Demonte. No capítulo 4, “Sintagma Adjetival. Modificadores y Complementos del Adjetivo. Adjetivo y Participio”, do primeiro volume de três, concretamente na nota de rodapé 30, Ignacio Bosque refere o seguinte:

“Las propiedades distribucionales de los complementos de los adjetivos se presentan con gran detalle en Picabia 1978 para el francés y en Malaca Casteleiro 1981 para el portugués. Ambos trabajos, elaborados en la corriente de léxico-gramática auspiciada por Maurice Gross en los años setenta y ochenta, muestran una sorprendente cantidad de informaciones gramaticales, particularmente en las tablas distribucionales que ambos trabajos contienen” (Bosque, 1999, vol. 1: 238-239).

Pela sua incansável participação em conferências e seminários internacionais, entre outros encontros científicos, e pelo seu devoto empenho na colaboração/direção de obras e de projetos sempre associados à língua portuguesa, não surpreendem as homenagens que lhe são inteiramente dedicadas.

Trazemos, em primeiro lugar, à colação a homenagem realizada por via da publicação intitulada *As Oito Partidas da Língua Portuguesa* (org. Mata e Grosso, 2007). Esta obra reúne textos de vários especialistas ligados a diferentes universidades, apresentando ainda espaço para dez “Testemunhos” de investigadores e/ou professores que fizeram questão de partilhar a importância de João Malaca Casteleiro na sua carreira académica, em particular, e nas suas vidas, em geral.

Neste apartado, destacamos algumas palavras que Catarina Gaspar dedica “ao professor atento aos seus alunos, empenhado em transmitir-lhes o seu amor à Língua Portuguesa” (Gaspar, 2007: 20), explicando que este “embaixador da Língua e Cultura Portuguesas no Mundo” (Gaspar, 2007: 20), como o apelida, “marca o mundo da Língua Portuguesa com a sua incessante preocupação de ensinar e difundir a nossa língua e a nossa cultura a falantes de outras línguas” (Gaspar, 2007: 20-21). Enfim, é da opinião de que “a sua contribuição para o estudo da língua portuguesa ainda não está terminada, mas já é notável” (Gaspar, 2007: 20).

Recordamos também a opinião de Antonieta Garcia, então presidente do departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, que, sob o título de “Malaca Casteleiro, o Guardador da Palavra”, escreve o seguinte: “*Bem-haja, Professor, pelo apoio ao nosso Departamento, pela sabedoria, pela força, pelo gosto de viver, pela amizade, pelo exemplo, por ser um Guardador de palavras e da Palavra*” (Garcia, 2007: 30).

Por seu turno, Lei Heong lok, frisando a “*frutuosa cooperação que soube manter com Macau*”, enaltece “*a qualidade e brilho do seu trabalho científico e pedagógico*”, além “*dos atributos que exortam a sua pessoa*” (lok, 2007: 23). Também Maria Isabel Ferreira confessa a sua “*grande admiração pelo eminente linguista*” (Garcia, 2007: 37) que lhe “*abriu as janelas para universos e áreas do saber [...] quase desconhecidas*” (Garcia, 2007: 37).

Na lista dos reconhecimentos que lhe foram dirigidos, relembramos, igualmente, o *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, n.º 4, que data de 2011, onde na Nota Editorial se lê que esta obra “*quer render homenagem ao Professor português João Malaca Casteleiro: homenagem de admiração, de agradecimento e de amizade*” (2011: 7). Além das citações, das homenagens e das entrevistas, o valor da sua obra é igualmente expresso pela lista de prémios arrecadados, de onde destacamos, o *Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra*, concedido pela Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, o grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, que recebeu, do Governo Francês, em julho de 1986, e o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique com que foi agraciado pelo Presidente da República Portuguesa de então, Jorge Sampaio, a 26 de abril de 2001.

Outro reconhecimento de relevo atinente à sua obra, que não podemos deixar de mencionar, é o Doutorado Honoris Causa que recebeu, em 2005, pela Universidade de Macau. Por tudo quanto foi dito, e pelo que faltou dizer, não é desproposito afirmar que o seu nome figurará na história como um dos grandes estudiosos e promotores da língua portuguesa e da construção da lusofonia. E que fique bem claro que a jubilação em 2006, após 37 anos de serviço universitário e 47 anos de serviço público, não o impediu de continuar a laborar quer no campo da investigação quer no domínio do ensino, uma vez que é, atualmente, investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e Professor na Escola Superior de Educação João de Deus de Lisboa. Além disso, é ainda um dos dinâmicos patronos da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, continuando a participar em dezenas de congressos, nacionais e internacionais, a colaborar em publicações, a aconselhar jovens investigadores, enfim, a olhar pela língua portuguesa, acreditando vivamente na manutenção da sua pujança além-fronteiras e, diga-se em abono da verdade, estando atento “*a todos os que, no vasto Mundo, falam, escrevem, ensinam, aprendem, estudam, investigam a língua portuguesa, assim como as instituições que a acolhem*” (Casteleiro, 2015: 166), no fundo, a todos os responsáveis pelas “*suas várias vidas*” (Casteleiro, 2015: 166).

Referências Bibliográficas

- Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa* (2011), Homenagem ao Prof. Malaca Casteleiro. Galiza: Academia Galega das Letras, n.º 4.
- Bosque, Ignacio e Demonte, Violeta (dir.) (1999), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (3 vols.). vol. I, *Sintaxis Básica de las Clases de Palabras*. Madrid: Espasa.
- Casteleiro, João Malaca (1983), *Análise Gramatical dos Advérbios de Frase*, sep. *Biblos*, 58, s.l., 99-110.
- Casteleiro, João Malaca (2014), *A Arte de Mandar em Português: estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa e Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, 2 vols., Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Casteleiro, João Malaca (1999), *Gramática Fácil da Língua Portuguesa: adjetivo, ortografia, interjeições, advérbios, pronomes, preposições e pontuação*, 2.ª ed., Maputo: Moçambique Editora.
- Casteleiro, João Malaca (2016), “A Importância Crescente da Língua Portuguesa no Panorama Mundial”, in Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório (org.), *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*. Lisboa: Ed. Colibri e Univ. da Beira Interior, com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras, Univ. de Toronto, Instituto Politécnico de Macau e Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, 201-210.
- Casteleiro, João Malaca (2005), “Introdução à Versão Portuguesa”, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tomo I, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia - Portugal. Lisboa: Temas & Debates, XX e ss.
- Casteleiro, João Malaca (1980), *A Língua e a Sua Estrutura* (conjunto de artigos publicados, isoladamente, na revista mensal *Escola Democrática*, Edição da Responsabilidade da Direção-Geral do Ensino Básico).
- Casteleiro, João Malaca (2015), “Língua Portuguesa, Portugalidade e Lusofonia”, in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 159-166.

Casteleiro, João Malaca (1999), “Oração de Sapiência: a língua portuguesa na confluência de todos os saberes”, proferida na Universidade da Beira Interior, 36-44. Consultado em 20/09/2017, http://www.ubi.pt/Ficheiros/Entidades/Oracoes_Sapiencia/Prof%20Malaca%20Casteleiro_1999.pdf

Casteleiro, João Malaca (d.l. 2001), “Oração de Sapiência: a vocação transoceânica da língua portuguesa”, *Jornadas do Mar 2000. Dos Mares de Cabral ao Oceano da Língua Portuguesa. Atas do Colóquio*, comunicações apresentadas na Escola Naval de 20 a 24 de novembro de 2000. Lisboa: Escola Naval, 24-25.

Casteleiro, João Malaca (1977), “Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com ‘É que’” (1.ª parte), in *Atas do 1.º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 549-594.

Casteleiro, João Malaca (1981), *Sintaxe Transformacional do Adjetivo. Regência das Construções Completivas*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Casteleiro, João Malaca (dir.) (1997), *Lusofonia: curso avançado de português-língua estrangeira (caderno de exercícios)*. Lisboa, Porto, Coimbra: LIDEL – edições técnicas.

Casteleiro, João Malaca (dir.) (1995), *Lusofonia: curso avançado de português-língua estrangeira (livro do aluno)*. Lisboa, Porto, Coimbra: LIDEL – edições técnicas.

Casteleiro, João Malaca (dir.) (1998), *Lusofonia: curso básico de português-língua estrangeira (livro do aluno)*. Lisboa, Porto, Coimbra: LIDEL – edições técnicas.

Casteleiro, João Malaca (dir.) (2001), *Lusofonia: curso básico de português-língua estrangeira (caderno de exercícios)*. Lisboa, Porto, Coimbra: LIDEL – edições técnicas.

Casteleiro, João Malaca (dir.) (1996), *Lusofonia: curso básico de português-língua estrangeira (livro do professor)*. Lisboa, Porto, Coimbra: LIDEL – edições técnicas.

Casteleiro João Malaca (orientação científica) (2010), *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Casteleiro, João Malaca e Correia, Pedro Dinis (2008), *Atual - o Novo Acordo Ortográfico: o que vai mudar na grafia do português*, 2.ª ed., Lisboa: Texto Editora.

Casteleiro, João Malaca, Meira, Américo e Pascoal, José (1988), *Nível Limiar: para o ensino-aprendizagem do português como língua segunda/língua estrangeira*.

Estrasburgo: Ministério da Educação - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa com autorização do Conselho da Europa (reeditado pelo ICALP da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988).

Cunha, Celso e Cintra, Lindley (2002), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 17.ª ed., Lisboa: Edições Sá da Costa.

Garcia, Antonieta (2007), “Malaca Casteleiro, o Guardador da Palavra”, in Inocência Mata e Maria José Grosso (org.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa. Professor João Malaca Casteleiro – Homenagem*. Macau: Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Dept.º de Língua e Cultura Portuguesa, 27-30.

Gaspar, Catarina I. S. (2007), “Gramático e Pedagogo”, in Inocência Mata e Maria José Grosso (org.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa. Professor João Malaca Casteleiro – Homenagem*. Macau: Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, 20-21.

Guzeva, Tatiana; Gomes, Belinda, Macário, Maria João e Ançã, Maria Helena (2013), “Língua Portuguesa no Ciberespaço: difusão, crescimento e valores”, *XX Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais Seia 2013*, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, com o apoio do Instituto Politécnico da Guarda, 172-182.

Iok, Lei Heong (2007), “Mestre e Amigo”, in Inocência Mata e Maria José Grosso (org.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa. Professor João Malaca Casteleiro – Homenagem*. Macau: Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, 22-23.

Luís, Alexandre António da Costa e Luís, Carla Sofia Gomes Xavier (2016), *Um Olhar sobre Temáticas da Lusofonia*. Setúbal: Edições Fénix, com o apoio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Miranda, Marisa (29 mai a 4 de jun 2001), entrevista com João Malaca Casteleiro, “Falta uma Política de Apoio à Língua Portuguesa”, *Urbi et Orbi, Jornal Online da Ubi, da Covilhã, da Região e do Resto*, edição n.º 69. Consultado em 20/09/2017, http://www.urbi.ubi.pt/010529/edicao/69ubi_malaca.html

Pacheco, Bernardino (2012), *Acordo Ortográfico: as novas regras*. Matosinhos: Edições Book.it – S.A.

Silva, José Manuel Azevedo e (2010), *José Inês Louro: a vida, a obra e a memória do médico filólogo*. Gouveia: Câmara Municipal de Gouveia.

Silva, Maria Augusta (abril 2001), “Malaca Casteleiro Entrevistado por Maria Augusta Silva”, *Casal das Letras*. Consultado em 20/09/2017, <http://www.casaldasletras.com/Textos/MALACA%20CASTELEIRO.pdf>

SÓCIOS AICL

PARTICIPARAM NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 20 EM SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 25º MONTALEGRE 2016 E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017

REGRESSAR ÍNDICE

15. **ANA MARIA OLIVEIRA DE NORONHA E MENEZES DA COSTA, DIRETORA EXECUTIVA DA AGÊNCIA NACIONAL PARA A CULTURA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – CIÊNCIA VIVA E VOGAL DA DIREÇÃO DO PAVILHÃO DO CONHECIMENTO** anoronha@cienciaviva.pt

Ana Noronha é Diretora Executiva da Ciência Viva.

Coordena programas de promoção da cultura científica e da educação na área das ciências e das tecnologias, em particular na área das ciências do espaço e da literacia do oceano. Tem sido a responsável pela participação da Ciência Viva em projetos apoiados no âmbito dos Programas Quadro da União Europeia na área da Ciência e Sociedade e Crescimento Azul (Horizonte 2020)

É membro do Advisory Committee on Education da Agência Espacial Europeia. É doutorada em Física pelo Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.



Ana Noronha

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ em representação do Ministro da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, e da Presidente do Ciência Viva, Rosalia Vargas.

REGRESSAR ÍNDICE

16. **ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES e AICL**



BRAGANÇA 2009



BRAGANÇA 2010



BRAGANÇA 2009

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964)

– Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.^a Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade. Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.



IPM (MACAU) 2011

2011 STA Mª

2012 LAGOA



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada. Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.



Graciosa 2015

2012 GALIZA

BRAGANÇA 2009

FUNDÃO 2015



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau). No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano). No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que serão apresentados em DVD neste colóquio.

Ouçã-a aqui nos últimos colóquios

[Belmonte 27º colóquio 2017-1](#)

[Belmonte 27º colóquio 2017 2](#)

[Belmonte 27º colóquio 2017-3](#)

[Belmonte 27º colóquio 2017-4](#)

[no 26º colóquio Lomba da Maia 2016](#)

[no 25º colóquio Montalegre 2016](#)

[no 24º colóquio Graciosa 2015](#)

[no 23º colóquio Fundão 2015-1](#)

[no 23º colóquio Fundação 2015-2](#)

[no 20º Seia 2013](#)

[no 19º Maia 2013-1](#)

[no 13º Maia 2013 – 2](#)

[no 13º em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 2010](#)

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA (AÇORES) 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, LAGOA (AÇORES) E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA (AÇORES) E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017

Participa nos recitais

Lança DVD de autores açorianos musicados



Score

Destino Ilhéu

Poema: Chrys Chrystello
Música: A. P. Andrade

POETAS AÇORIANOS

MUSICADOS

o - lhei pa-raoes-pe-lho dos di-as e vi-te par-

tir si - o-mo che - ga-ras sem sor - ri - sos nem

A.I.C.L
ANA PAULA ANDRADE
Conservatório Regional de Música de Ponta Delgada

Canções com poemas de poetas açorianos

ANA PAULA ANDRADE

Edição: Conservatório Regional de Ponta Delgada e AICL

- 1 - *Ao Amor* - Daniel de Sá
- 2 - *Declaração* - Norberto Ávila
- 3 - *Lisa, a voz da tarde* - António Teves
- 4 - *Maria Nobody* - Chrys Chrystello
- 5 - *Sustenido da metáfora* - Luísa Ribeiro
- 6 - *De Rosas foi a tua boca breve* - António Teves
- 7 - *A Religiosa* - Álamo de Oliveira
- 8 - *Sinal* - Eduíno de Jesus
- 9 - *Se me amanheço amanhã* - Brites Araújo
- 10 - *Nos Açores* - Concha Rousia
- 11 - *Quadras de ilha* - Urbano Bettencourt
- 12 - *Destino Ilhéu* - Chrys Chrystello
- 13 - *Graciosa meu amor* - Vítor Rui Dóres

Voz - Carina Andrade (3, 6 e 8), Cármen Subica (1 e 10),
Carolina Constância (11), Helena Ferreira (4, 7 e 12),
João Nuno Gonçalves, (2 e 13), Raquel Machado (5 e 9)

Flauta - Ana Maria Ferreira (4, 7 e 12)

Oboé - Jéssica Medeiros (9)

Violino - Carolina Constância (1, 2, 5, 8, 10, 13)

Viola de arco - Luís Viveiros (5 e 11)

Piano - Ana Paula Andrade

Captação, mistura e masterização áudio: Emanuel Cabral
Conservatório Regional de Ponta Delgada

REGRESSAR ÍNDICE

17. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012, APOSENTADO) e AICL

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012). António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução.

Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos.

Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira.

Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia.

As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução. Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.



GRACIOSA 2015



MONTALEGRE 2016



**É SÓCIO DA AICL.
TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004, 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017
Tema 2.9 A formação dos nomes e apelidos em diversas línguas"**

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL

REGRESSAR ÍNDICE

18. CARINA MORGADO, KREAMUS EDIÇÕES, BELMONTE, PRESENCIAL, CONVIDADA AICL



Participa pela primeira vez

REGRESSAR ÍNDICE

19. CARLOS RODRIGUES, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO PORTO, ORG



Presidente do município e patrocinador do 28º colóquio. Já esteve presente a presidir ao 16º colóquio em 2011

20. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO

ANA CAROLINA ANDRADE CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Aos seis anos iniciou os estudos de Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, na classe da professora Antonella Pincenna.

No curso básico de ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, com quem concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011).



GALIZA 2012



FUNDÃO 2015



GRACIOSA 2015

Participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, realizando concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

É licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

É mestranda em Ciências Económicas e Empresariais na Universidade dos Açores, exercendo atualmente funções profissionais no setor bancário.

Apesar da sua paixão pela música e pela matemática, desenvolveu, desde cedo, o gosto pela literatura e pela escrita, tendo lançado em 2017 o seu primeiro romance “Aurora”.

Como refere nas capas do livro, é “*uma história assente na busca constante da felicidade, com todos os medos e obstáculos próprios do caminho, que nos faz pensar na vida e em tudo o que ela nos reserva*”.

Ouçá aqui [Recital no 24º colóquio Graciosa 2015](#)

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA (AÇORES) TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO E GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

[REGRESSAR ÍNDICE](#)

21. CHRYS CHRYPELLO. AICL, AGLP, UTS SYDNEY E NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA



MONTALEGRE 2016



LOMBA DA MAIA 2016



BRAGANÇA 2008



POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011



Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016

Chrys Chrystello é cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano. Publicou o seu 1º livro “Crónica do Quotidiano Inútil” (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) sendo Editor-chefe do jornal A Voz de Timor. Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste. Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82). Foi Redator, Apresentador e Produtor na TDM, RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong-Kong. Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural e foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais. Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português. Tradutor Profissional desde 1984 na Austrália, Fundador do AUSIT lecionou tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa no *Australia Council* (1999-2005). Foi orador na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau, Hong-Kong, etc. Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012); Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012); Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12). Académico Correspondente da AGLP desde 2012

SÚMULA DAS MAIS RELEVANTES OBRAS PUBLICADAS DO AUTOR:

2017. <i>Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols.</i> 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2017. revisão e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN IX <i>Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"</i> ed. Chiado
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em " <i>A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro</i> ". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in <i>Antologia ed. Artelogy dezº 2016</i>
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in " <i>Povos e Culturas - A ilha em nós</i> ", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro " <i>A condição de ilhéu</i> ", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de <i>Missionários açorianos em Timor</i> "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. <i>CD Trilogia da História de Timor.</i> 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-de-Timor-vol-3-Historia-de-Timor.pdf
2015. <i>Crónicas Austrais (1978-1998 monografia)</i> 4ª ed. 2015 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. <i>Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed.</i> https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012, <i>Trilogia da história de Timor</i> , ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL
2012, <i>Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária</i> , ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, <i>trilogia da História de Timor</i> , vol. 3 As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf , https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000
2012, <i>trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975</i> 1º vol. 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, vol. 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf , https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.scribd.com/doc/39958581/Timor-Leste-1973-1975-o-dossie-secreto
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD - 1ª ed. 2005-2012 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf , https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, <i>Crónica Açores uma circum-navegação vol. 2</i> , 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA - https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results ,
2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença
2005, <i>Cancioneiro Transmontano</i> , ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf -
2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Silabo Portugal
2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Silabo Portugal
2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf , https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng- , https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf
1999, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
1991-2011 <i>Yawuji Bara e Yawuji Baía Os avós de barra e Avós de Baía</i> , ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 <i>Crónica X Aborígenes na Austrália</i> https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf ,

TEMA 2.3. Da Galiza: da língua espanholizada à língua galega no mundo

Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita através do Acordo Ortográfico de 1990, esse vital instrumento a brandir contra o *status quo* da imutabilidade histórica dos reinos. Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

1. Galiza: da língua espanholizada à língua galega no mundo

Esta comunicação não pretende ser académica pois os amores e os sentimentos não se podem dissecar num laboratório. A minha ligação à Galiza parece datar de 988 AD, segundo me contou a minha avó paterna que era brasileira carioca, de sangue minhoto e galego. Fui a Celanova em 1960 ver o sítio onde tudo começou, regresssei várias vezes depois disso, e levei lá o meu filho mais novo para que ele conhecesse as origens. Aprendi com os aborígenes australianos a preservar na oralidade a história tal como eles o fizeram ao longo de mais de 65 mil anos.

Gostei de imaginar-me ali num passado longínquo, coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado e alferes de Raimundo de Borgonha que casou com D. Sancha de quem teve D. Sancho Nunes de Cellanova ou de Barbosa (1070 -1130). Este casou por duas vezes, a primeira com D. Sancha Henriques (1097 - 1163), infanta de Portugal, filha de Teresa de Leão e do Conde D. Henrique de Borgonha, conde de Portucale. O segundo matrimónio foi com D. Teresa Mendes, filha de D. Urraca Mendes, senhora da Casa de Barbosa, e de Mem Nunes de Riba Douro. É deste segundo matrimónio que descendemos.¹⁶

Regressando ao século 21, conheci em 2002, no 1º colóquio, no Porto, um jovem empresário que sonhava com uma Galiza lusófona. Foi ele, Ângelo Cristóvão, o meu guia da história que não aprendemos. Portugal e Galiza são povos irmãos que vivem de costas voltadas, como se tivessem um imenso mar a separá-los. O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em resumos da História que deveriam estudar em detalhe e minúcia. Na escola falam-nos da variante galega como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita através do Acordo Ortográfico de 1990, esse vital instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos.

A história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo os que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora vocais e aparentes paladinos da mesma, para a captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas. Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa língua a que chamamos nossa.

Em 2014 aprovou-se, por unanimidade no Parlamento Autónomo da Galiza, a chamada “Lei Paz-Andrade”, para a inclusão do ensino da língua portuguesa nos centros escolares do ensino primário e secundário, a promoção de conteúdos em português nos meios de comunicação social públicos, e a inserção das instituições públicas galegas nos organismos internacionais do espaço de língua portuguesa.

Em 2015, o Instituto Camões assinou um Memorando de Entendimento com o Governo Autónomo Galego, visando formar professores e estabelecer critérios de avaliação para o ensino da língua portuguesa. Ainda em 2015, a Presidência da República outorgou a Medalha de Ouro do Infante D. Henrique ao Presidente do Governo Regional, Alberto Núñez Feijóo, o que nos surpreendeu pois não reconhecemos a esse líder qualquer empenho na defesa da língua. Em 13 de julho 2017 a Galiza decidiu homenagear Cavaco e Silva com a Medalha de Ouro.

Chegam-nos, porém, notícias preocupantes sobre a real implementação da Lei Paz-Andrade. A expansão do ensino da língua portuguesa – que foi de 850 no curso anterior para 1850 alunos –, deveu-se exclusivamente à iniciativa dos pais dos alunos ou das entidades culturais privadas, sendo que o Governo Autónomo não transmitiu, a este respeito, qualquer instrução nem informação aos responsáveis dos centros escolares, parecendo assim não estar minimamente empenhado na real implementação da referida Lei. Quanto à rádio e televisão públicas, apenas se registam, colaborações esporádicas, como ocasionalmente já acontecia.

Entretanto, fomos confrontados com a aprovação da candidatura do “Consello da Cultura Galega”, organismo público financiado pelos contribuintes galegos, ao estatuto de Observador Consultivo da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), foi aprovada por unanimidade pelo Comité de Concertação Permanente da CPLP. Sabemos todos como esta entidade tem defendido publicamente que “a língua galega é independente da língua portuguesa” (sic), pelo que não faz sentido aceitar na CPLP uma entidade que promove o isolacionismo, a menos que esta se alie a uma AGLP rumo à convergência linguística e cultural com os restantes países e regiões do espaço lusófono.

A nossa perplexidade é hoje tanto maior porquanto, em 2011, Portugal vetou a candidatura da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa – ao mesmo estatuto de Observador Consultivo da CPLP. Vejamos como tudo se passou: no XIII colóquio anual da lusofonia “AÇORIANÓPOLIS” em Santa Catarina, Brasil em abril

¹⁶ Houve um segundo filho D. Gomes Nunes de Pombeiro (m. depois de 1141) casou antes de 1104 com Elvira Peres de Trava filha de Pedro Froilaz de Trava, conde de Trava e de Maior “Gontrodo” Rodrigues

2010, os Colóquios da Lusofonia lançaram o repto¹⁷ à Academia Brasileira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa e a todas as entidades para apoiarem a imediata inclusão da AGLP com o estatuto de observador na CPLP, e comprometeram-se a envidar todos os esforços para a consecução de tal desiderato¹⁸. Em 22 de julho 2016, a CPLP anunciou a admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma, surpreendentemente, foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas. Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal que sempre apoiara a proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador quem vetara no último momento, quando o MNE Paulo Portas se ausentou para que a votação não fosse aprovada unanimemente.

Em Vila do Porto em 5 out 2011, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou (citamos)

[...] uma declaração de repúdio pela atitude de Portugal olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico está já integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente. A AICL entende que não faz sentido aceitar como observadores países sem afinidades diretas ou indiretas à Lusofonia, a Portugal e sua língua e deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós.

A Língua que se fala na Galiza é uma variante do Português como a do Brasil, Angola, Moçambique e tantas outras, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum, e jamais houve exclusão por parte da CPLP das regiões lusofalantes do mundo. Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente não só apoiando a subscrição da Petição como encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP. Iremos manifestar o nosso desacordo de todas as formas possíveis e ao nosso alcance até ver reposta a equidade da proposta de admissão da Galiza através da AGLP no seio da CPLP.

Chrys Chrystello,

Presidente da Direção da AICL (fim de citação)

Como pais putativos da AGLP sempre entendemos que esta deveria ser o interlocutor privilegiado com a CPLP, ao contrário do entendimento do ex-Instituto Camões e de outras entidades.

Foi isso que levou o 18º colóquio em 2012 à Galiza.

Queremos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos e, por isso, foi, com natural e redobrada alegria que em 21 de julho 2017 assistimos ao anúncio em Brasília, de que, finalmente, a AGLP tinha sido admitida como Observadora no seio da CPLP. Só a perseverança, a diplomacia silenciosa e o engenho de Ângelo Cristóvão e outros poderiam antever este desfecho feliz.

2. Afinal como vai a língua portuguesa no mundo? E as suas derivadas ainda sobrevivem?

Hoje fala-se mais Português em Angola do que no tempo da colonização apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Malaca, na Malásia, cerca de 1.000 pessoas falam um crioulo tal como 80 % dos antigos habitantes falava Papiá Kristang, que também é falado atualmente em Singapura e Kuala Lumpur, sendo muito parecido com o malaio local na sua estrutura gramatical, mas 95% do seu vocabulário deriva do português.

Até há pouco tempo o português também era falado em Pulau Tikus (Penang), mas hoje considera-se extinto. A comunidade eurasiática tem 12.000 membros na Península Malaia. Ativos estão o MPEA (Malacca Portuguese Eurasian Association) e SPEMA (Secretariat of the Portuguese/Eurasian Malaysian Associations) com 7 associações dos seus membros em Alor Star, Penang, Perak, Malaca (MPEA), Kuala Lumpur, Seremban e Johor Baru. Há também em Singapura uma associação eurasiática. Lembremo-nos que Malaca se separou do domínio português em 1641, há 376 anos.

Cerca de um terço dos eurasiáticos de Singapura têm sobrenomes portugueses. Curiosamente um jovem singapurino, Kevin Martins Wong, recentemente redescobriu a língua dos seus avoengos e está a ter sucesso na sua revitalização em Singapura onde apenas restavam cem falantes. Desenvolveu um currículo de dez aulas de

¹⁷ Concha Rousia comprometeu-se a enviar à CPLP os objetivos da Academia Galega para fundamentar o seu pedido de adesão com o apoio da sociedade civil aqui representada pelos Colóquios da Lusofonia, salientando que Goa e Galiza fazem falta à CPLP e que seria profícuo vir a criar um canal de televisão lusófono abrangendo todos os países, mas que seria necessária muita vontade política para tal se concretizar.

¹⁸ Este ponto foi reiterado nas conclusões do XIV colóquio anual da lusofonia de Bragança nesse ano em outubro 2010. Pareciam bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP. A AICL, em concertação com o MIL Movimento Internacional Lusófono, de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível uma Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal de então, Dr Paulo Portas

duas horas cada, e atualmente ensina Kristang a duas centenas de pessoas. Tendo obtido fundos elaborou um plano de revitalização do idioma a desenvolver nas próximas décadas e conta lançar um dicionário e um livro didático já em 2019. Em 2004 fora publicado o Eurasian Heritage Dictionary em inglês por Valery Scully e Catherine Zuzarte com 1500 palavras de Papiá Kristang) e provérbios dos quais retiro apenas quatro exemplos:

Pinchah pedra, skundeh mang (atira a pedra, esconde a mão)

Nunteng kabesa, nunteng rabu, (sem pés nem cabeça)

Albi grandí, fruta pekeninu (árvore grande, fruta pequenina)

Nunteng agu, nunteng sal (sem água e sem sal)

De mais de 200 étimos portugueses selecionei kereta (carreta, "carro"), sekolah (escola), bendera (bandeira), mentega (manteiga), keju (queijo), meja (mesa) e nenas (ananás), sepatu (sapato), mulheh, maridu, bonitu e soldadu. Poucas pessoas sabem que quando Sir Thomas Stamford Raffles refundou Singapura em 1819 havia apenas uma centena de habitantes e foi um português que serviu às suas ordens quem se encarregou de a povoar com portugueses de Malaca, Macau e Hong-Kong.

Passemos agora a Korlai na Índia, perto de Chaul, onde 900 pessoas falam o crioulo português numa comunidade cuja igreja se chama de "Nossa Senhora do Monte Carmelo". Chaul separou-se do domínio português em 1740, há 277 anos.

Em Goa, o idioma português está a desaparecer rapidamente sendo falado por um pequeno setor das famílias mais abastadas. Apenas 3 a 5% da população continua a falar Português (menos de 40 mil pessoas). Goa assiste a uma neocolonização demográfica com 35% da população sendo imigrante de outros estados indianos. Nas escolas da Índia a língua portuguesa é ensinada como terceira língua (não-obrigatória). Existe um Departamento de Português na Universidade de Goa e a "Fundação do Oriente" e a Sociedade de Amizade Indo-Portuguesa estão em funcionamento. O último jornal em língua portuguesa foi publicado na década de 1980. Em Panaji ainda são visíveis em lojas, edifícios públicos muitos cartazes em português. Em Diu, na Índia, o crioulo português está quase extinto. Em Damão na Índia: (Damão Grande ou Praça, Campo dos Remédios, Jumprim, Damão da Cima) apenas 2000 pessoas falam um crioulo português. Goa, Damão, Diu e outros enclaves deixaram de fazer parte do domínio português em dezembro de 1961, há 56 anos.

Os Burgueses Portugueses do Ceilão existem em Batticaloa (Koolavaddy, Mamangam, Uppodai, Dutch Bar, Akkaraipattu); Trincomalee (Palayuttu); nas comunidades Kaffir de Mannar e Puttalam]. Muitos séculos antes da chegada dos portugueses à ilha de Ceilão, que hoje se chama Sri Lanka, esta era conhecida sob o nome de Taprobana. O Português foi apenas usado entre as 250 famílias (burgueses portuguesas) em suas casas em Batticaloa até 1984. Muitos emigraram para a Austrália. Ainda há 100 famílias em Batticaloa e Trincomalee e cerca de 80 famílias afro-cingalesas (Kaffir) em Puttalam. Uma língua quase extinta.

Há uma pequena comunidade de descendentes portugueses na aldeia de Waha Kotte (circa 7°42'N. - 80°36'E no centro do Sri Lanka, a seis quilómetros de Galewala, estrada entre Galewala e Matale), sendo todos católicos romanos, mas desde há cerca de duas gerações que o crioulo português deixou de ser falado. Tem relação com outros dialetos indo-portugueses que floresceram outrora no litoral da Índia. O indo-português também tem relação com o crioulo português de Malaca e também com o crioulo português de Macau e há uma semelhança linguística subjacente entre os crioulos portugueses da Ásia que foi muito útil no comércio. No Sri Lanka, por cerca de 350 anos, a língua de comércio internacional era o indo-português. Ceilão separou-se do domínio português em 1658, há 359 anos.

Em Macau há cerca de 2.000 pessoas que falam português como sua primeira língua e perto de 12 mil como sua segunda língua. Um reduzido grupo de idosos ainda fala o macaense ou *Dóci Papiçam di Macau*, um crioulo português. Em 20 de dezembro de 1999 Macau voltou a fazer parte da China. A língua portuguesa é hoje mais falada e estudada do que quando os portugueses lá estavam e quando lá vivi entre 1976 e 1982.

Em Hong-Kong centenas de pessoas falam o macaense. Quase todas são emigrantes de Macau. Nunca foi colónia portuguesa. Os "ton-tons" como são chamados, são quase todos descendentes de Macau e das pequenas colónias de Portugueses da China (Cantão) e mantêm nomes e alguns rudimentos de papiá e de Português.

Timor-Leste: os que falavam o português em 1950 não ultrapassavam 10.000 pessoas e em 1974 dos 700.000 habitantes, um décimo sabia ler e escrever em português e 140.000 podiam falar e entender esta língua. Até 1981, o português foi a língua da Igreja Católica de Timor, quando foi substituído pelo tétum. Entretanto é comumente usado como idioma de negócios na cidade de Díli. O português permaneceu como língua da resistência anti-indonésia e de comunicação externa da Igreja Católica. O português crioulo (português de Bidau) hoje está praticamente extinto. Era falado em Díli, Lifau e Bidau. Timor-Leste tornou-se um estado independente a 20 de maio de 2002 com duas línguas oficiais: português e tétum.

Em Timor como segunda língua oficial já há 25% de falantes de Português quando há dez anos nem a 5% chegava esse número. Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência.

Na ilha das Flores na Indonésia em Larantuka e Sikka o português sobrevive nas tradições religiosas e na comunidade Topasse (os descendentes dos portugueses com as mulheres nativas) utilizam-no nas suas preces. Aos sábados, as mulheres de Larantuka rezam o rosário numa forma corrompida de português. Na área de Sikka, no Leste de Flores, muitas pessoas são descendentes de portugueses e ainda há quem use esta língua. Existe uma Confraria chamada “Reinja Rosari”. Portugal retirou-se em 1859.

3. ATÉ HÁ POUCOS ANOS, COMUNIDADES QUE FALAVAM O PORTUGUÊS EXISTIAM EM:

Cochim na Índia: (Vypeen) mas desapareceu nos últimos 20 anos. A comunidade portuguesa / hindu de cerca de 2 mil pessoas frequenta ainda a antiga Igreja de Nossa Senhora da Esperança. Portugal retirou-se de Cochim em 1663, há 354 anos.

Em Bombaim: Baçaim, Salcete, Thana, Chevai, Mahim, Tecelaria, Dadar, Parel, Cavel, Bandora-Badra, Govai, Morol, Andheri, Versova, Malvan, Manori, Mazagão. Em 1906 este crioulo foi, depois do Ceilão, o dialeto indo-português mais importante e existiam 5 mil pessoas que falavam o crioulo português como língua materna e 2 mil estavam em Bombaim e Mahim, mil em Bandora, 500 em Thana, 100 em Curla, 50 em Baçaim e mil nas outras vilas. Não existiam à época escolas em crioulo português e as classes mais ricas substituíram-no pelo inglês.

Em Coromandel na Índia: Meliapore, Madrasta, Tuticorin, Cuddalore, Karikal, Pondicherry, Tranquebar, Manapar, Negapatam. Nesta costa, os descendentes dos portugueses eram também conhecidos como “topasses”, sendo católicos e falando o crioulo português. Com o domínio britânico começaram a falar inglês em lugar do português e anglicizaram seus nomes. Fazem parte da comunidade eurasiática. Em Negapatam em 1883 ainda existiam 20 famílias a falar o indo-português.

No Ceilão (Sri Lanka) o crioulo português era falado até pela comunidade burguesa holandesa até ao início do século XX. Depois da Segunda Guerra Mundial, os católicos em Colombo, capital do Sri Lanka reuniam-se nas missas faladas em português (na Igreja de Santo António em Dematagoda). Após a segunda metade do século, uma parte destes católicos velhos começaram a frequentar missas em grupos cada vez menores nas igrejas católicas nas cidades de Dematagoda, Hulftsdorp, Kotahena, Kotte, Nugegoda e Wellawatte. Embora fosse uma língua falada, o português perdia rapidamente a sua importância original nos serviços religiosos nas igrejas católicas, sendo substituído pelo inglês mais moderno e mais procurado.

Já na Indonésia em Jacarta, no subúrbio de Tugu, até ao início do século XX uma espécie de português corrompido era falada pela população cristã. O último habitante que falava crioulo morreu em 1978. Ainda hoje cantam e dançam em português arcaico. Jacarta nunca esteve sob domínio direto de Portugal.

4. DESAPARECEU JÁ HÁ MUITOS ANOS:

Na Índia em Mangalore e em Cannanore e nas costas da Índia existiam cerca de 44 comunidades, onde o português era falado.

Em Bengala no Bangladesh: (Balasore, Pipli, Chandernagore, Chittagong, Midnapore, Hugli.....) a língua portuguesa foi, nos séculos XVII e XVIII, a “língua franca”. Após 1811, o português era usado em todas as igrejas cristãs (católicas e protestantes) de Calcutá. No início do século XX, poucas famílias falavam uma forma corrompida de português misturada com muitas palavras da língua inglesa.

Em Solor e em Adonara na Indonésia: Solor, Adonara (Vure)

Na Ilha de Java na Indonésia: na comunidade holandesa de Batávia. Os Mardijkers são os descendentes dos antigos escravos de Malaca, Bengala, Coromandel, e Malabar, que foram convertidos ao Protestantismo quando libertados. Falavam uma espécie de crioulo português e eram o ramo principal da comunidade portuguesa de Batávia. Depois da conquista holandesa de Malaca e do Ceilão eles cresceram consideravelmente. Em 1673 foi construída uma igreja protestante para a comunidade portuguesa de Batávia e depois no século XVII uma segunda igreja foi construída. Em 1713 esta comunidade tinha cerca de 4.000 membros. Até 1750 o português foi a primeira língua de Batávia, porém, depois o malaio passou a dominar. Em 1808, o reverendo Engelbrecht celebrou a última missa em português. Em 1816, a comunidade portuguesa foi incorporada na comunidade malaia. Também entre as famílias holandesas de Batávia a língua portuguesa foi intensamente usada até 1750, apesar dos esforços do Governo Holandês contra o seu uso.

Nas ilhas Molucas na Indonésia: em Ternate, Ambon, Banda, Macassar falava-se Ternateno, um crioulo português das ilhas de Ternate e Halmahera, mas atualmente extinto. Em Ambon, o português sobrevive na língua atualmente falada: o Malayu-Ambom, e que contém cerca de 350 termos de origem portuguesa.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas ou galegas. A própria língua japonesa tem várias como: arukoru (álcool), pan (pão), veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jouro (jarro), capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, biidoro (vidro), tempura (tempero), tabako (tabaco), sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc.

Em resumo, em qualquer destes locais ao longo desta curta digressão pelo Oriente, portugueses e galegos falam com estas gentes sem dificuldades de maior, mas na Europa torna-se imperioso ressuscitar o galego. É fundamental que ele seja atual e não-castrado. Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não numa língua estrangeira colonizada.

É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP. A dimensão real das diferenças entre o galego e o português resultam sobretudo da colonização linguística pelo castelhano. No restante é um português arcaico como é ainda o falar das ilhas dos Açores. Na Galiza a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que “galego e português são a mesma língua”. Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

No Reino de Espanha há quem fale português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza. E a língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos) português. Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o recentemente inventado "portunhol" para impor a uma Nação milenária como é a galega. Pelo contrário, o galego atual será o reencontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural quer comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado. Por outro lado, na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas, em número superior ao dos alunos de Português na Galiza. Em Olivença seis centenas de pessoas readquiriram recentemente a nacionalidade portuguesa e revive-se o falar oliventino.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional.

EGDC (Ernesto Guerra da Cal) deixou escrito em Nova Iorque em dezembro de 1953: «Portugal era o desenvolvimento cultural, pleno, da minha Galiza natal. Era o que a Galiza deveria ter sido se as vicissitudes e os caprichos da História não a tivessem transviado do seu destino natural, deturpando a sua fisionomia espiritual, quebrando a sua tradição, impondo-lhe formas culturais alheias, estranhas ao seu carácter. EGDC, coerente, publica em 1959 «lua de além-mar» e em 1963 «rio de sonho e tempo» proclamando o «emprego da ortografia portuguesa porque é a nossa, a da nossa secular tradição e porque é inadivável mergulhar-nos no âmbito português-brasileiro; seguindo o conselho venerável do patriarca Murguia que já recomendou a unificação linguística com Portugal. tudo representava uma insurgência doutrinária, uma bandeira desfraldada contra a imposição da cultura e ortografia espanholas. representava, também, a necessidade de reorientar a nossa consciência de nacionalidade no sentido de reatamento dos laços de identidade linguística – e não só: DE IDENTIDADE NACIONAL. Mais de meio século depois continua sendo necessário o conselho venerável do patriarca Murguia. Escrever galego-português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte.

O português/galego não é um idioma de propriedade de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China.

Recordemos que o próprio rei Afonso X, rei castelhano, encontrou em galego-português por ser uma língua melódica e é essa melódica língua que quero que os meus netos ouçam falar na Galiza.

BIBLIOGRAFIA:

- Abdurachman, Paramita Rahayu. 1972. “Some Portuguese loanwords in the vocabulary of speakers of Ambonese Malay in Christian villages of Central Moluccas”, 17 pp., LIPI, Jakarta, Indonésia.
- Baxter, A. 1988. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Camberra: Pacific Linguistics, série B. 95.
- Baxter, A. 1990. “Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor”. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5.1:1-38.
- Baxter, A. 1995. “Transmissão Geracional Irregular na História do português-brasileiro. Divergências nas Vertentes Afro-brasileiras” *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 14. 72-90.
- Charpentier, J.-M. 1992. “La Survivance du Créole Portugais *Makaísta* in Extrême-Orient”. Andrade, E. & A. Khim (orgs.). 1992. *Atas do Colóquio sobre “Crioulos de Base Lexical Portuguesa”*. Lisboa. Colibri. 81-95.
- Clancy, Clements. 1996. “The genesis of a language: the formation and development of Korlai Portuguese” XII, 281 pp. maps, Creole language library, vol. 16, Benjamins, Amesterdão e Filadélfia.
- Clemens, J. C. 1996. *The Genesis of a Language: The Formation and Development of Korlay Portuguese*. Amsterdão, Filadélfia: John Benjamins.
- Clemens, J. C. 2000. “Evidência para a existência de um pidgin português asiático”. Ernesto d’Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota, eds. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 185-200.
- Cunha, C. 1981. “O protocrioulo português e a sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII”. *Língua Nação, Alienação*. Rio de Janeiro.

Dalgado, S. R. 1988. "Estudos sobre os Crioulos Indo-Portugueses". 187 pp., Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, Portugal. Dialeto Indo-Português de Goa; Dialeto Indo-Português de Damão; Dialeto Indo-Português do Norte; Dialeto Indo-Português de Negapatão; Berço duma cantiga em Indo-português. The latest edition of the interesting study of Sebastião Rodolfo Dalgado on the Creole languages of Goa, Damão, Negapatão and the Northern Province of India.

Dalgado, Sebastião Rudolfo. 1998. "Dialeto Indo-Português de Ceilão" 301 p. (Cadernos Ásia) CNCDP Lisboa, Portugal.

Daus, Ronald. 1989. "Portuguese Eurasian communities in Southeast Asia" 83 pp. Institute of Southeast Asian Studies, Singapura. The Portuguese Eurasian communities in Malacca, Tugu, Larantuka and Singapore.

Ferraz, L. I. 1979. *The Creole of São Tomé*. Joanesburgo: Witwatersrand University Press.

Ferraz, L. I. 1987. *Portuguese Creoles of West Africa and Asia*. Gilbert, G. G. (ed), *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu Univ. of Hawaii Press. 337-360.

Goonatilleka, M.H. 1985. "A Portuguese Creole in Sri Lanka: A Brief Socio-Linguistic Survey", in: SOUZA, Teotónio R. de (ed.) "Indo-Portuguese History. Old Issues, New Questions (3rd ISIPH)", pp. 147-180 Concept, Nova Deli, Índia.

Hettiarachchi, A. S. 1965. "Influence of Portuguese on the Sinhalese Language", JCBRAS Vol. IX, pp. 229-238

Holm, J. 1989. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press. [2 volumes].

Jackson, Kenneth David. 1987. "Canta sen Vergonya: Portuguese Creole Verse in Sri Lanka". *Journal of Pidgins and Creole Languages* 2:31-48.

Jackson, Kenneth David. 1990. "Sing without a shame: oral traditions in Indo-Portuguese creole verse: with transcription and analysis of a nineteenth-century manuscript of Ceylon Portuguese Creole", XXVII, 257 pp., Creole Language Library, Benjamin's, Amesterdão e Filadélfia.

Kouwenberg, S. & al. 1995. "Papiamento". Arends, J. & al. (eds.) *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Amsterdão: John Benjamin's. 205-218.

Lopes, David. 1969. "A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os Séculos XVI, XVII e XVIII", 265 pp. Portucalense Editora, Porto, Portugal.

Matos, Luís de. 1968. "O português, língua franca no Oriente." In: "Colóquios sobre as províncias do Oriente" vol. 2, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa pp. 11-23 (Estudos de Ciências Políticas e Sociais; 81)

Parkvall, M. 2000. "The Alleged Creole Past of Brazilian Vernacular Portuguese".

Pereira, Dulce. 1992. "Crioulos de Base Portuguesa". In A. L. Ferronha, E. Lourenço, J. Mattoso, A. C. Medeiros, R. Marquilhas, M. Barros Ferreira, M. Bettencourt, R. M. Loureiro, D. Pereira, *Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional, Comissão Nacional para os Descobrimientos, União Latina. 120-125.

Pereira, Dulce. 1996. "O Crioulo de Cabo Verde". I. H. Faria & al. (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 551-559.

Pereira, Dulce. 1997. "Crioulidade - (Palavras Leva-as o Vento...)" Comunicação ao *Encontro sobre a Crioulidade, Homenagem a Mário António Fernandes de Oliveira*, FCSH, Universidade Nova (a publicar nas Atas).

Silva Jayasuriya, Shihan da, 2001. "Indo-Portuguese of Ceylon: a contact language", 188 pp., Athena Publications, Londres, Reino Unido

Silva Rego, Padre António da. 1998. "Dialeto Português de Malaca e outros escritos" 304 pp. (Cadernos Ásia) CNCDP, Lisboa, Portugal. Dialeto Português de Malaca; A Comunidade Luso-Malaia de Malaca e Singapura; A cultura portuguesa na Malaia e em Singapura.

Smith, N. 1987. *The Genesis of the Creole Languages of Surinam*. Dissertação de doutoramento.

Teixeira, Pe. Manuel. 1962. "The Influence of Portuguese on the Malay Language" In "Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society", vol. XXXV (Pt. 1).

Theban, L. 1985. "Situação e Perspetivas do Português e dos Crioulos de Origem Portuguesa na Índia e no Sri Lanka". *Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo*. vol. 1. Lisboa: ICALP. 269-285.

Thomaz, L. F. 1985. "A Língua Portuguesa em Timor". *Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo*. VOL. 1. Lisboa. ICALP: 313-339.

Tomás, M. Isabel & Dulce Pereira (sel. e notas). 1999. *Os Espaços do Crioulo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Tomás, M. Isabel. 1992. *Os Crioulos Portugueses do Oriente - Uma Bibliografia*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Tomás, M. Isabel. 1995. Os Crioulos Portugueses do Oriente Revisitados. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP.

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

SESSÃO DE POESIA AÇORIANA DE AUTOR dia 28 e dia 29

em homenagem a todos os poetas açorianos, mas especialmente eduardo b pinto, eduíno de jesus e urbano bettencourt

509. (maria nobody, à maria mãe, madalena do pico, 9 ago. 2011

maria nobody
de todos ninguém
de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem
maria só minha
assim te sonho
assim te habito
maria nobody
de todos ninguém
maria nobody
mãe
amante
mulher

minha maria
maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem
maria nobody
de todos ninguém
maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011)

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta
partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões
uma ilha pode ser de todos

mas só alguns a usufruem
poucos exibem como passaporte
sem pudor de regionalismos
atraso, incultura, insucesso
secular canga feudal, ancestralidade
alheados na negação da açorianidade
vencendo na escrita fora da ilha
arrogância, ostracismo, solidão
sotaques polidos, discursos em vão
uma ilha pode ser de todos
deneguem anátemas e maldições
contra ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
acoutados em rótulos de ocasião
enjeitem escritores renegados
tertúlias de lisboa a coimbra
promovam-se os que se não promovem
pedreiros do magma e lava
que sentem o que escrevem
que redigem a alma única
sabor a mar e terramotos
uma ilha pode ser de todos
merece-a quem a habita
uma ilha pode ser de todos
os livros a quem os lê
a escrita a quem a fabrica
em relação de bordo¹⁹
na ilha de nunca mais²⁰
raiz original e comovida²¹
com lágrimas de gente feliz²²
estude-se a cor cíclame²³
na distância deste tempo²⁴
quando deus teve medo de ser homem²⁵
e era o príncipe dos regressos²⁶

¹⁹ Cristóvão De Aguiar

²⁰ Fernando Aires

²¹ Cristóvão De Aguiar

²² João De Melo

²³ Maria De Fátima Borges

²⁴ Marcolino Candeias

²⁵ Daniel De Sá

²⁶ Eduardo Bettencourt Pinto

em a sombra de uma rosa²⁷
quando havia almas cativas²⁸
no contrabando original²⁹
estava o mar rubro³⁰
de histórias ao entardecer³¹
exaltem e reeditem
o lavrador de ilhas³²
nas escadas do império³³
marinheiro com residência³⁴
plantador de palavras vendedor de lérias³⁵
que foi ao mar buscar laranjas³⁶
e eu fui ao pico e piquei-me³⁷
à boquinha da noite³⁸
nos silos do silêncio³⁹
em a ilha grande fechada⁴⁰
era desta açorianidade
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas,
novelistas, romancistas
narradores contadores,
dramaturgos, sonhadores
deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma
uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
ninguém a ama ou deseja
como os que nela se querem
sejam nascidos e vividos,

²⁷ Eduardo Bettencourt Pinto

²⁸ Roberto De Mesquita

²⁹ J. Martins Garcia

³⁰ Dias De Melo

³¹ Fernando Aires

³² J H Santos Barros

³³ Vasco Pereira Da Costa

³⁴ Urbano Bettencourt

³⁵ Vasco Pereira Da Costa

³⁶ Pedro Da Silveira

³⁷ Álamo Oliveira

³⁸ Dias De Melo

³⁹ Eduíno De Jesus

⁴⁰ Daniel De Sá

ou apenas trasladados
com raízes que nenhum machado cortará
colhendo flores que só o poeta cantará
voando quimeras que só o vate sonhará
uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
deixai que a chame minha
quero-a só para mim
mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
ela pode ser de todos
a ilha de todos os medos.

519. és como a ilha (moinhos de porto formoso) 3.9.2011

és como a ilha

take us all for granted

para que tomemos conta de ti

como se a natureza não o soubesse

não o fizesse

até melhor do que nós

és como a ilha

nem um afago, um carinho

quando ergueste a mão numa carícia?

antes desabas como o denso nevoeiro

choves palavras do tamanho de saraiva

como quem regurgita ribeiras

que as margens já não contêm

frequentemente inundadas as praias

agressivamente com altas marés

como se falar fosse já um tsunami

és como a ilha, solidão

sempiterna, apática

líderas a repressão desumana

de teus dias sem intrigas

e esta imitação de vida

amorfa, resignada

geografia anónima

soçobrança

preenches os vazios frios

sem um afago, carinho

és como a ilha, solidão

e eu habitante ou transgressor

amante rejeitado

despojado de tudo
neste cárcere sem grades
sem forças para nadar
naufragado em terra
só o mar me cerca
mero pixel na paisagem

521. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto 22 setembro 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em pitt meadows
mas belos trigais na british columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
maple ridge e o rio pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa

523. a paz zen do eduardo (bettencourt pinto) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos
estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão
tens o sofrimento e a dor

em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos
falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras
das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam
a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em gedeão
o sonho comanda a vida
(ah! como eu gostava de ser poeta
viver outras vidas
utopias).

544. ao eduíno de Jesus 2 abril 2012

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio

em silos de poesia
buriladas em filigrana
sente a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado
sem silêncio nem silos

546. polenizar palavras, ao eduardo bettencourt pinto, 3 julho 2012

vinhas de manso
com palavras nos pés e pegadas na boca,
nos olhos liam-se mensagens,
nas mãos havia amor
e nos cabelos a tua ave era liberdade
ou então trazias borboletas nos olhos
arcos-íris nos cabelos
nas mãos escrevias poesia
e nós ouvíamos deleitados
as aves calaram-se
as árvores aplaudiam com sua folhagem
os ribeiros regurgitavam nas levadas
o céu limpava-se de nuvens
o vento polenizava as odes
sementes de frutos futuros
eras o livro e não o sabíamos

565. solitudes 31 dezembro 2012

solidão não me assusta
estar sozinho sim
silêncio não me assusta
solilóquio sim
inverno não me assusta
cinzento sim
multidões não me assustam
estar só no meio delas sim
a poesia é uma arma
carregada de solidude
solidão nos açores
é viver nas ilhas
enquanto o mundo
se destrói lá fora

596. da minha janela, (moinhos de porto formoso), 7 junho 2013

o mar é deus

*as ondas a sua palavra
os romeiros alimentam-se dela*
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão

641. aos açores, (moinhos de porto formoso), 24/8/13

aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias
...
dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declararmos na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe
...
nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
mas a escrita perdurará.

653. sair da ilha, (moinhos de porto formoso), maio 30, 2014

o marulhar das águas
embala caleidoscópios
sem âncoras nem amarras
vogamos sem destino
ao sabor dos ventos
o importante é sair da ilha
alijar bagagens
nascer de novo
longe, bem longe
lá, onde se aprende a saudade

699. cantiga de amigo, ao eduardo bettencourt pinto, 2 agosto 2017

amaste áfricas imensas
desbravaste a savana
acariciaste brumas e hortênsias
amadureceste no Canadá
cada foto um poema
cada poema um filme
e agora José?
tempo de pegar no sacó e ancinho
arar os campos de novo
cavar, semear, regar e colher
os frutos que te irão alimentar
embocado e tímido
assomará à janela da vida
sem saudades nem lamúrias
buscar forças nas fraquezas
sonhar de novo e sorrir
o mundo espera por ti

510. lancha do pico (pico, 9 agosto 2011) ao urbano bettencourt

lá vem a lancha
 lá vem
traz imigrantes, viajantes
memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar
votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar
voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar

lá vem a lancha
lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
como só esta ilha tem
comem e bebem
reveem parentes
e gente de bem
perdidos em tempos idos
repetem saudades dos entes
sabe-se lá de quem
apadrinham festas e procissões
pagam dízimos e promessas
missas por alma de quem partiu
emigrados em amarcanas missões
lágrimas da ilha que os repeliu
do sangue fizeram vinho
do magma medraram uvas
em terra de rola pipas
deboçam bocainas, traveses e jarões
plantam casas e novos luxos
nas ilhas vazias de gente
com leiva de memórias idas
musgo de antepassados
à espera de filhos e netos
sem regressos nem partidas
lá vem a lancha
lá vem
vazia
já não traz ninguém

568. sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 18 janeiro 2013

na humidade da savana
no calor da tabanca
tange urbano a sua harpa
palavras aceradas como o vento são
batuque abafado na bolanha
longe do país de bufos e beatas⁴¹
traduzes as sílabas de morte e vida
rumores desse cheiro de África
que nunca conseguiste lavar

⁴¹ In Urbano África frente e verso p. 62

colado na pele que esfregas
com napalm e metralha
nem com as chuvas da monção

543. ao urbano bettencourt 2 abril 2012

urbanamente vives
nas pinceladas das tuas palavras
a tua paleta pinta poesia
teus livros erguem-se impantes
como teu pico natal
amores e desamores de ilhas
que unes em pontes de poesia
que sentes em dores
que pariste em árvores
sem sombras nem véus
nenhuma luz apagarás!

Sessão dia 29

504. VOLITANDO 4 maio 2011

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
nasceu a ilha-mãe,
havia a mãe-ilha,
outra era marilha,
uma a ilha menina
outra ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
nos montes verdes
rugiam dragões
cuspiam chamas
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais
pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos

orando promessas seculares
criam no destino sentindo-se culpados
ainda hoje penam
liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano
sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

515. a nau sem escorbuto 24 agosto 2011

arribou nesta praia deserta
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinagem
sem especiarias do oriente
nem arroz do sião ou malaca
sem pérolas de ormuz
nem diamantes da índia
sem cavalos das arábias
nem marfim das áfricas
fora de cochim a meca
de ternate a timor
sem compradores
nem lusitanos feitores
nesta açoriana praia deserta
longe do mar eritreu
há mouros e judeus conversos
cristãos por batizar
os senhores dos açores
ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute
nem estiveram em cipango
não cuidam da pimenta do reino
da noz-moscada, do cravo-da-índia
do açafraão, anis, gengibre e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas
os senhores dos açores,
que não é terra de gentios

chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
feitos marajás em palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais
sentado na ameia
frente à seteira
em castelo sem pendão
envio migas de letras
a todos sem literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão
e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
sempre a mesma solução
lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá já temos sem-abrigo
drogaditos e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores
não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores
da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados
o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos

sem naus nem caravelas
sem espadas nem aduelas
sem especiarias nem língua franca
cantando fados a tétis com paixão
com futebol e telenovelas
e fé sem outra afeição
o povo escravo de novo
sofre consternado
às dívidas acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
santa liberdade e democracia
chora lágrimas de crocodilo
lendo jornais desportivos
com as letras aprendidas
nas novas oportunidades
o povo sofrendo fomes e enfermidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades
a geração rasca a parva passara
timidamente na crise despontara
bancos enriqueciam na austeridade
à custa da plebe e do suor já suado
de brandos costumes acostumado
não descera às ruas este povo
faltava-lhe força e inteligência
nem era gleba de novo
antes novos ricos da indigência
ancorada a nau fmi de novos reis
em terra de pagãos e infiéis
não daria berloques aos nativos
apenas a chibata e o chicote
as grilhetas de trabalhos cativos
sem abrigo nem culote
e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perder tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos

compradores de votos
com promessas a acenar
o jardim à beira-mar plantado
há muito inculto e estiolado
ia fenecendo devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim desta bela nação.

516. a ilha-mãe 29 agosto 2011

a ilha-mãe ficou sentada à janela
virgem e solteira
esperando o príncipe encantado
na nau do nunca mais
se penteou e vestiu
abriu a ventana
pôs a mão em pala
e olhou o mar imenso
213160 dias para ser exato
na praia do capitão na baía dos anjos
nenhum barco aportou
até um célebre quinze de agosto,
aniversário de gonçalo velho na praia dos lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infiéis
os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate
chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores
viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar
voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados
jovens cativados do seu olhar
ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco

a quem queira desembarcar
só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas
finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da ilha-mãe

520. a criação do mundo 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo
do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio
que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara
e pintou-a de azul
seguiu viagem pela baía do cura
ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas
e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui
aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia
que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete
virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré,
dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da vila
em frente às ribeiras quedou-se à espera
adormeceu profundamente
ainda hoje se espera o seu despertar

539. destino ilhéu, lomba da maia 11 fev 2012

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito

num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas
acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

631. ilhas, (moinhos de porto formoso), 20/8/2013

estar numa ilha
é como viver num cais
à espera do barco que nunca chega
viver numa ilha
é sonhar
construir a jangada
desfraldar velas
estar numa ilha
é ir para o campo
plano e raso
à espera que construam
o aeroporto
a única forma
para viver numa ilha
é imaginá-la à saramago
como um continente à deriva
estar na ilha
é imaginar a fuga
sonhar com a saída
levá-la a reboque dos sonhos
embarcar nas nuvens
vogar na maré baixa
planar nas asas dos milhafres
e voltar sempre

ao ponto de partida

632. ser açoriano, (moinhos de porto formoso), 19/8/2013

não se é ilhéu
por nascer numa ilha

é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade
não se é açoriano
sem amar as suas ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas
 com elas
 para elas

653. sair da ilha, (moinhos de porto formoso), maio 30, 2014

o marulhar das águas
embaça caleidoscópios
sem âncoras nem amarras
vogamos sem destino
ao sabor dos ventos
o importante é sair da ilha
alijar bagagens
nascer de novo
longe, bem longe
lá, onde se aprende a saudade

672 bandeira da liberdade 12/7/2015

a minha bandeira tem 9 estrelas
e um milhafre de asas abertas
peguei no milhafre da minha bandeira
e com ele subi às estrelas
constelação de sonhos incumpridos
no meio do grande mar oceano
mero porta-aviões europeu
navegando rumo às américas
cortemos ancoras e amarras
atemos um laço em volta do pico
arquipélago a reboque da liberdade
icemos velas desfraldadas
e voguemos até porto seguro
tal como a jangada de pedra de saramago
rumo à liberdade

675 mar e bruma ((moinhos de porto formoso) 18/7/2015

todos os poetas
que escreveram sobre os açores
gastaram a palavra mar
e a bruma
a mim para escrever açores
resta-me a palavra
amar

678 autonomias açorianas 2015 (moinhos de porto formoso), 20/8/2015

a independência é o fim
último das autonomias
de nada serve criar
sonhos grandiosos
(de independência)
em fundações movediças
mais valera criar
realidades funcionais
(de autonomia)
assentes na instabilidade destes vulcões
de nada serve sonhar
sem lançar alicerces
de cultura e educação
só um povo culto e educado
pode ser libertado
só um povo autónomo
pode ser independentizado

22. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, CONVIDADA PRESENCIAL AICL



GALIZA 2012



GRACIOSA 2015



FUNDÃO 2015



MONTALEGRE 2016



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

É SÓCIO DA AICL.

ACOMPANHA ININTERRUPTAMENTE OS COLÓQUIOS DESDE BRAGANÇA 2010

23. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESC. SEC. DAS LARANJEIRAS, P. DELGADA, AÇORES,



LAGOA 2012



FUNDÃO 2015



PARTICIPOU COMO PRESENCIAL 17º LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017

24. DANIEL GONÇALVES, POETA RADICADO EM SANTA MARIA



Daniel Gonçalves nasceu em Wetzikon, cantão suíço de Zurique, em 1975. Vive na ilha açoriana de Santa Maria, onde é professor de português do ensino básico e secundário, desde 1999. É de todos os lugares onde acordou e adormeceu, mas é em Santo Tirso onde tudo começa e acaba e em Santa Maria onde tudo acaba e começa. Publicou o primeiro livro de poesia em 2000, participou em diversas antologias e revistas literárias.

A sua obra foi reconhecida por diversas vezes, destacando-se

o Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores APE/IPLB 1997,

o Prémio de Poesia Cesário Verde 2003, ~

o Prémio Labjovem: Jovens Criadores dos Açores 2009,

o Prémio de Poesia Manuel Alegre IPL 2010,

o Prémio de Poesia Agostinho Gomes 2011,

o Prémio Literário António Cabral e

o Prémio Literário Cidade de Almada, ambos em 2013,

o Prémio de Poesia Manuel Maria Barbosa du Bocage, em 2014, e

o Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, em 2016.

Faz parte, desde 2013, do Plano Regional de Leitura, Ler Açores.

Obras Publicadas

<p>Papéis Secundários (pequenas ficções) 2017, Confraria do Silêncio. 75 poemas repartidos por dois capítulos: o primeiro inspira-se na literatura, o segundo na música. PAPÉIS SECUNDÁRIOS são uma homenagem aos autores que vão inspirando as horas vazias, tão cheias, do poeta Daniel Gonçalves. A partir de um verso ou uma palavra, um título ou um acorde, o poema cresce ...</p>	<p>estes assuntos tristes 2016, Labirinto. Livro de poemas vencedor do Prémio de Poesia Natércia Freire.</p>
<p>privilégios de ser pássaro 2016, Confraria do Silêncio Antologia da poesia de Daniel Gonçalves (2000-2016).</p>	<p>pequeno livro de elegias 2016, Companhia das Ilhas. Livro de poesia vencedor do Prémio de Poesia Manuel Maria Barbosa du Bocage 2014.</p>
<p>sigur rós, ou a rosa traduzida 2015, Confraria do Silêncio Livro de poemas inspirados nas canções da banda islandesa Sigur Rós.</p>	<p>poemas vestidos 2015, Labirinto. Movimento autónomo do livro Um Coração Simples, vencedor do Prémio de Poesia Manuel Alegre, com ilustrações de José Rodrigues, Urbano e Izzie Klingels.</p>
<p>poesia reanimada 2014, Artes e Letras. Antologia reanimada da poesia de Daniel Gonçalves (2008-2014): todos os poemas foram rescritos.</p>	<p>ensaio sobre o comprimento do silêncio 2014, Glaciar Livro com poesia de Daniel Gonçalves e fotografia de Pepe Brix. Uma viagem à Índia e ao Nepal dão o mote a este livro que ganhou o Prémio de Poesia da Cidade de Almada e o Prémio de Poesia António Cabral.</p>
<p>notas para a transmissão da vida 2014, Confraria do Silêncio</p>	<p>o amor é um instante que demora 2013, Confraria do Silêncio</p>
<p>um coração simples 2012, IPL. Um livro com quatro andamentos, vencedor do Prémio de Poesia Manuel Alegre 2010, de uma menção honrosa no Prémio de Poesia Palavra Ibérica 2010.</p>	<p>a tua luz costurou-me uma bainha no coração 2012, Labirinto</p>
<p>rumores para a transparência do silêncio 2009, Labirinto. Livro de poesia de Daniel Gonçalves e de fotografia de Pepe Brix. Uma viagem pelo leste da Europa dá o mote a este livro.</p>	<p>dez anos de solidão 2007, Labirinto. Antologia de poesia que percorre os primeiros dez anos de criação. Contém vários inéditos.</p>
<p>o afeto das palavras 2004, Labirinto</p>	<p>um lugar onde supor o silêncio 2003, Labirinto. Livro de poesia que venceu o Prémio de Poesia Cesário Verde em 2003.</p>
<p>a respiração dos gestos 2000, Difel. Primeira obra com poemas que venceram o Prémio Revelação de Poesia da APE IPLB.</p>	

PARTICIPOU NO 16º COLÓQUIO, 2011, EM VILA DO PORTO



25. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ (VANCOUVER)



15º Macau 2011



16º Santa Maria 2011



17º Lagoa 2012



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



LAGOA 2012



GALIZA 2012



PORTO FORMOSO 2014



PORTO FORMOSO 2014

JOSÉ EDUARDO BETTENCOURT PINTO,

nasceu em Gabela, Angola, em 1954.

Tem ascendência açoriana pelo lado materno.

Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores.

Vive no Canadá desde 1983

Publicou vários livros de poesia e ficção.

Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows/Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês).

Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *on-line* de artes e letras *Seixo review*,

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão.

Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996).

É membro do P. E. N Clube Português.

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

BIBLIOGRAFIA:

POESIA:

- Emoção*; Ponta Delgada, Açores, 1978.
Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.
Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed. Tipografia Martinho, Macau, 1993
Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).
Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 1985. 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.
A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original «Regresso do olhar».
Menina da Água; Éter, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.
Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.
2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.
Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.
Travelling with Shadows - Viajar com Sombras, 2008

Ficção:

- As Brancas Passagens do Silêncio*; Signo, Ponta Delgada, 1988.
Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.
O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.
A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

Antologia (organização):

- Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea*; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.
2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.
3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.
Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras, AICL, VN de Gaia, 2011

TRADUÇÃO:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrela, Mira, 1985.

[Ver 17º colóquio Lagoa 2012](#)

[Ver poesia no 16º colóquio santa maria 2011](#)

[VER CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 10](#)

[VER VÍDEO HOMENAGEM 1-2](#)

TEMA 2.1. Sessenta anos até chegar a Cuba, Eduardo Bettencourt Pinto

E APRESENTA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE CUBA

Viajar é uma longa estrada com objetivos definidos. Por muito que nos marque a paisagem e nos incendeie o espírito, pouco restará, na nossa memória e conhecimento, dos lugares que vão ficando para trás. Os povoados, as casas plantadas no silêncio da distância, os cheiros, a voz das pessoas e dos animais, o brilho da melancolia no olhar de um velho ou a alegria voadora de uma criança, tudo isso jamais ficará registado na geografia emocional e física da nossa passagem. O mundo exige de nós uma atenção demorada. Pede-nos que nos sentemos na terra a observar os sinais íntimos de outras culturas, estarmos atentos e empáticos ao que se passa ao nosso redor.

Que nos diz um rosto do outro lado de uma janela poeirenta? Que palavras mudas crescem, que poemas ou romances em bocas cerradas como portas centenárias? Que lágrimas e risos? Que histórias nos ficam ocultas para sempre? Que vidas desaparecem cada dia na nossa indiferença pelos outros? Existir não é viver porque a vida, como disse Vergílio Ferreira, aprende-se devagar. Não é um dado adquirido.

Einstein afirmou que a vida é como andar de bicicleta. Para mantermos o equilíbrio não podemos deixar de pedalar. Jedidiah Jenkins, um jovem ciclista americano, certamente que corrobora com esta observação, e de modo literal: aventurou-se de Oregon a Patagónia de bicicleta, numa viagem que lhe levou 16 meses. Não é de estranhar pois que tenha afirmado que a rotina é inimiga do Tempo. Curiosamente, os pais, anos antes, empenharam-se eles também numa odisseia, e que foi

atravessar a pé os Estados Unidos. Esse extraordinário feito levou-lhes cinco anos a completar. Suscitou inclusive o interesse da revista *National Geographic* e na qual publicaram um relato.

O que motiva certas pessoas a procurar conhecer outros lugares, outras terras, de modo tão austero e inconventional? Os motivos são diversos, é claro. Cada um segue os seus próprios parâmetros, entre lógica e razão. Uns porque o desenho emocional do quotidiano, pusilânime e abstrato na forma, não se coaduna com uma postura sedentária, satisfeita, entre paredes a contar as sombras de cada hora. Enquadro-me entre aqueles cuja oportunidade de enfrentar a estrada, seja ela de mota, bicicleta, carro, autocarro ou comboio, é o arremesso de uma pedra de expetativas no inglório charco da monotonia.

Comecei a viajar muito cedo, tomado pela febre da nostalgia. A África da infância, com a sua vida descalça e sem fronteiras levaram-me, aos doze anos de idade, a aventurar-me sozinho em Angola. Nessa altura, o mundo era do tamanho de uma laranja. Mas estava suspenso de um ramo, tão alto, que só podia tocá-lo através da memória. A distância física em relação aos lugares da minha infância não constituía um obstáculo, mas uma oportunidade. Eu vivia amarrado à nostalgia do Sul, a uma casa de adobe e a um rio, onde a luz do grande céu varria os espaços numa imensa tempestade de esplendor.

Depois o Ebo, pequena vila de gente abraçada a uma claridade tão extraordinária que ainda hoje parece correr ao meu lado em certos dias de agosto, quando o sol, tão branco, corre por mim com as mãos cheias de lágrimas. Saí de lá aos quatro anos de idade, aos solavancos numa carrinha Ford por estradas de pó e buracos a caminho de Luanda, e de lá para os Açores numa viagem tão cheia de mar quanto de melancolia.

As feridas desse tempo não estavam abertas na minha pele, mas no meu sangue. Era urgente curá-las. Mas como era muito jovem, enfrentei uma forte oposição dos meus pais. Sair assim de casa, sozinho, para longe, e numa idade ainda rente ao chão, desafiava a ordem natural das coisas. Como é lógico, levou-me algum tempo até convencê-los. Afiancei-lhes que não me ia perder ou atravessar a fronteira para a Namíbia por engano. Afinal, o Quissobe ficava a menos de quatrocentos quilómetros de casa. Não foi um argumento convincente. Mas insisti tanto que acabaram por ceder.

Na véspera da minha viagem juntei, num pequeno saco de pano, a escova de dentes, a pasta dentífrica, o pente e algumas peças de roupa. Enfrentei depois a noite mais longa da minha vida. Fui contando no escuro, num relógio imaginário, cada segundo que passava. Até que o galo da madrugada cantou, letárgico, nos meus sentidos.

Numa manhã de cacimbo, muito cedo, o meu pai deixou-me à saída de Luanda. Na estrada de Catete, o frágil sol matinal faiscava por entre o capim. A mão do meu pai no ar, o breve adeus enquanto a carrinha, com a lentidão da sua venerável idade, se ia afastando lentamente. Levei a mão direita ao bolso e senti os vinte escudos que a minha mãe me tinha dado na altura em que me despedi.

Começava aí, nesse instante de euforia, o primeiro quilómetro daquilo que seria uma fascinante viagem pela vida.

A esta distância não consigo recordar-me de quanto tempo esperei à beira da estrada. Não tinha relógio, nem isso era fator importante para mim. A certa altura um camião parou e eu corri para a cabine. O camionista era um sujeito afável e alegre, e de uma bonomia cristalina como vim a descobrir mais tarde. Disse-lhe que ia para o Quissobe, na estrada que levava à Cela.

«*Nunca lá estive, mas sei onde é. Entra.*»

Parámos no Alto Dondo pela hora do almoço. Escusei-me com a desculpa de que não tinha fome. Ele percebeu.

Olhou-me com a bonomia de um pai: «*Convido-te para almoçar comigo. Não recuses. Não gosto de comer sozinho.*»

Entrámos numa sala com um forte cheiro a fritos. «*Vais comer aqui o melhor bife de Angola*» com ar satisfeito, saudando o proprietário que correspondeu ao seu cumprimento por trás do balcão com a familiaridade de um amigo.

Algumas horas depois deixou-me na picada que levava ao Quissobe. Deu-me um aperto de mão e desejou-me boa sorte. Partiu logo de seguida para um vasto horizonte de ausência.

A casa do senhor Tacanho era branca, imponente e isolada, junto à estrada poeirenta. Ladeavam-na altas e sublimes mangueiras. O sol caía devagar, doirado, entre o cantar de pássaros enquanto eu subia os degraus da espaçosa varanda.

De repente a porta abriu-se. Diante de mim estava um senhor de meia-idade, corpulento. Uma figura intimidante. O velho amigo do meu pai acolheu-me com um sorriso.

— *Deves ser o filho do amigo Pinto. Ainda há dias recebi carta dele a dizer que vinhas.*

O senhor Tacanho vivia de um modo frugal com a sua companheira, a dona Luísa, uma senhora mestiça cujo talento de cozinheira deixava pela casa um oloroso e divinal cheiro a comida. Com eles, entregue às responsabilidades da fazenda, vivia igualmente o Mário, seu filho mais novo, de uma ligação anterior que tivera com uma senhora negra.

Vagueei pela fazenda durante o tempo em que lá estive. Aventurei-me também pelas libatas próximas, fui ao povoado, um lugar aberto às nuvens e à solidão de vidas isoladas do mundo, pequeno aglomerado de casas cuja sobrevivência econômica daquelas vidas sombrias dependia do comércio com o povo local.

Observei os rituais diários daquela família tão tipicamente africana, os costumes, o linguajar. Participei das conversas à mesa sob a claridade solar do meio-dia ou da lanterna a petróleo, à noite, e que atirava de mansinho as nossas silhuetas contra a parede.

Um dia, porém, aproveitando uma boleia fui até ao Ebo. O meu pai tinha uma casa naquela pequena vila. A nossa família viveu ali durante algum tempo, após termos saído das Salinas nos anos cinquenta por motivos de saúde.

Fiquei parado durante algum tempo a observar os degraus, a porta, as janelas. Na memória daquele lugar voava a voz dos meus pais, dos meus irmãos, e o latir vigoroso do Negrito, o nosso cão. Dona Glória, uma senhora que nos amava como uma mãe, já não estava. Fraquejou-lhe o coração na metade da sua vida. Trazia, escondido no peito, um mar grande, imenso, cheio de amor. Contornei a casa. Fui pelas traseiras e dirigi-me ao pequeno morro onde o senhor Mário de Castro, seu viúvo, vivia com a sua nova família. Encontrei-o ocupado com os clientes da loja, entre o cheiro a farinha de milho, amendoim e vinho. Trajava uma camisa branca de comerciante pobre, e, entre a têmpora e a orelha esquerda, repousava uma esferográfica. Surpreendeu-o a entrada súbita de um rapazinho branco. Vi-lhe formarem-se-lhe na testa longos traços de interrogação. O senhor Castro era um mestiço numa idade quase noturna, cuja pele irradiava a cor mansa da tarde. Disse-lhe quem era. Abriu muito os olhos num espanto comovido. Aproximou-se de mim com a potente voz do passado, acordando nos meus sentidos uma ressonância antiga.

Voltei ao Quissobe nessa mesma tarde. Levava comigo uma miríade de ecos, de imagens resgatadas à expressão mais dura do silêncio, aquele que nos leva à nostalgia, e quantas vezes à solidão. Tal foi a força desse reencontro com a infância, que ainda hoje, cinquenta e um anos mais tarde, sinto nos olhos a humidade dessa emoção. Quando regresssei a Luanda, levava comigo grande parte da África que me parecia irremediavelmente perdida. O menino que até ali se entretera a brincar nas ruas de Luanda com trotinetas e carros de rolamentos, levava agora os olhos abertos à poesia. Compreendi que a beleza das coisas tem muito a ver com a maneira com que olhamos para elas. Essa viagem, numa idade tão precoce, foi o meu passaporte para o mundo.

Quando me surgiu o desejo de visitar Cuba, não foi por uma questão ideológica, nem por vontade de umas férias ao pé do mar. Angola e Cuba, em termos da História recente, partilham de um percurso conjunto naquele que foi o mais devastador conflito bélico em terras angolanas, antes e pós-independência do país, suplantando a guerra colonial, não só no que respeita ao número de fatalidades no campo militar e civil, como também na destruição de infraestruturas, notoriamente nas cidades mais pequenas, e até em vilas como o Ebo. Neste local, por exemplo, travou-se uma feroz batalha entre as forças do MPLA, por um lado, auxiliado por um contingente de tropas cubanas sob a chefia do comandante José Raul Diaz Arguelles, e que viria a falecer na aldeia de Hengo, a 15 quilómetros do Ebo; pelo outro, opunham-se militares sul-africanos e da FNLA. Estes últimos tinham como objetivo alcançar Luanda e tomar o poder por altura da independência do país em 11 de novembro de 1975.

Como entrar em Cuba? Através das sólidas páginas de Alejo Carpentier e Rúben Dario, ou da energia carnal e febril de um escritor mais recente como Pedro Juan Gutierrez?

Como iria descobrir mais tarde, todos esses pormenores tornar-se-iam irrelevantes.

Saí do aeroporto de Havana numa tarde dolente de fevereiro com o cansaço de uma noite em branco e fastidiosas paragens em dois aeroportos. Não me interessavam questões metafísicas, políticas ou culturais, mas um banho refrescante e uma boa refeição num local apazível. Enquanto o táxi rolava em direção ao local onde eu e o meu filho Mauro íamos ficar por três dias, ia observando o trânsito animado, as buzínadelas constantes dos motoristas impacientes, e uma preocupante neblina de poluição produzida por automóveis antigos.

Jantámos nessa noite num restaurante aberto às estrelas e junto aos braços amplos de uma árvore centenária. Vinãles, Varadero, Playa Larga, Cien Fuegos, Santa Clara e Trinidad foram lugares onde fui, ao longo de três semanas, descobrindo um pouco o espírito de um povo festivo.

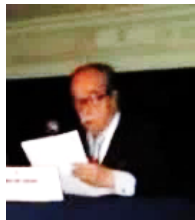
Não me aventurei à indiscrição de perguntas escusáveis porque no silêncio há palavras de chumbo ou de sol, e cada um interpreta a vida consoante as suas convicções, expectativas e idealismo. Vi a casa-museu de Ernest Hemingway, o barco, Pilar, que ele deixou ao seu fiel amigo Gregório Fuentes, a piscina onde Ava Gardner nadou nua para deleite de quem esteve lá a observar, sob a sombra fresca dos eucaliptos e da aragem que corre por Havana como um assobio. Conheci pessoas extraordinárias e inolvidáveis como Candelário, um velho guerrilheiro que combateu contra Batista ao lado de Fidel de Castro e Che Guevara, e tantos outros que foram, no decurso daqueles dias de mar, sol, chuva e montanhas, a riqueza mais inesquecível e memorável daquele país tão cheio de lágrimas, riso e música.

SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

REGRESSAR ÍNDICE

26. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO DE LISBOA DA “ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUENTAL” E PRESIDENTE DA A.G. DA CASA DOS AÇORES EM LISBOA – AICL.



LAGOA 2012



LAGOA 2012



LOMBA DA MAIA 2016



EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada.

Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.

No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros. Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Publicou as seguintes obras:

1. POESIA:

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

2. TEATRO

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

3. ENSAIO

3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,

3.2 em obras coletivas:

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

4. **ANTOLOGIAS POÉTICAS** em que está selecionado:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Liv. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);
- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakres'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007;
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

5. VÁRIA

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1972-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

- Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969).

Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

Viaje aqui pelos

CADERNO AÇORIANO Nº 12,

VÍDEO HOMENAGEM 3, 2012, 2015, 2016

SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO EM 2012 NA LAGOA, EM 2016 NO 26º NA LOMBA DA MAIA, EM 2017 NO 27º EM BELMONTE

REGRESSAR ÍNDICE

27. ERNESTO RESENDES, EDITOR PUBLIÇOR, LETRAS LAVADAS, CONVIDADO OFICIAL



Editor dos dois volumes da BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE que vai ser lançada em Vila do Porto e que apresentará.

Toma parte pela primeira vez.

28. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL) - AGLP, AICL



Evanildo Bechara, nascido no Recife em 1928, é professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), atua nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino médio e fundamental. É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, e o representante da Academia Brasileira de Letras para a adoção do novo Acordo Ortográfico.

Evanildo Bechara, Academia Brasileira de Letras

ebechara@academia.org.br, - academia@academia.org.br

Nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com Prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).



Galiza 2012



MAIA 2013



HONG-KONG 2011



OURENSE, GALIZA 2012



LAGOA 2009



MACAU 2011



(MOINHOS DE PORTO FORMOSO) 2014



SEIA 2014

Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa

É membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados. Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;
Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;
Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88;
Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;



SEIA 2014



Lagoa 2012



BRAGANÇA 2007

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.



BRAGANÇA 2007



VILA DO PORTO 2011

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M^a Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o Corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção-geral de Antônio Houaiss.

É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL.

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PATRONO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE 2007.

PERTENCE AO COMITÊ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 LAGOA 2008, 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO E SEIA 2014, FUNDÃO 2015. Por motivos de saúde não esteve presente em 2016

TEMA 2.1. Três centenários de amor à língua Portuguesa (Sinopse), Evanildo Bechara

Sinopse

O ano de 2017 registra o centenário de três filólogos brasileiros de alta importância pelos seus estudos sobre língua portuguesa: Celso Cunha, Gladstone Chaves de Melo e Serafim da Silva Neto. Celso Cunha, com forte influência de seu mestre e amigo Antenor Nascentes, notabilizou-se pela contribuição a edições críticas de autores medievais, como Charinho e Joan Zorro, bem como por estudos especiais sobre versificação e métrica do português medieval. Também se notabilizou por gramáticas escolares, culminando pela *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de parceria com o grande mestre português Lindley Cintra. Gladstone Chaves de Melo teve como mestres principais o Padre Augusto Magne e Sousa da Silveira. Deste último foi assistente ilustre. Deixou-nos obras de importância sobre o idioma e seu ensino, especialmente em nível universitário, além de estudos sobre a língua de José de Alencar, de quem publicou uma edição crítica de *Iracema*. Serafim da Silva Neto, muito cedo se dedicou aos temas históricos de nossa língua, dos testemunhos do latim vulgar (como, aos 21 anos, sua edição comentada do *Appendix Probi*) e da implantação do português no Brasil. Dono de uma rica bibliografia de cuja leitura atenta dão testemunho suas pesquisas e obras. Deixou-nos o primeiro grande trabalho sobre a *História da Língua Portuguesa*. Faleceu muito jovem, quando amigos e discípulos ainda muito esperávamos de sua cultura variadíssima.

O ano de 2017 nos enseja a comemoração da passagem do centenário de três filólogos brasileiros de alta importância pelos seus estudos de língua portuguesa: Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Gladstone Chaves de Melo. Os três entraram no cenário de atividades numa época em que já brilhavam laureados nomes nos estudos filológicos e linguísticos no Brasil. Os nossos três homenageados foram herdeiros de uma geração de mestres da altura de Mário Barreto, Antenor Nascente, José Oiticica, Padre Augusto Magne e Sousa da Silveira, que atuavam no Rio de Janeiro. Ao lado destas personagens, em outras áreas geográficas brilhavam Martinz de Aguiar no Ceará; Mansur Guerios no Paraná; Theodoro Maurer, Nicolau Salum e Segismundo Spina em São Paulo. Em Minas Gerais atuavam Cláudio Brandão, Aires da Mata Machado, José Lourenço de Oliveira e Mário Casassanta.

Na geração imediata só no Rio de Janeiro tínhamos os excelentes e fecundos trabalhos de Mattoso Câmara e Sílvia Elia, na área da Linguística; Serafim da Silva Neto e Ismael de Lima Coutinho, na área da Filologia Histórica e da Romanística; Clóvis Monteiro, Cândido Jucá (filho), Rocha Lima e Gladstone Chaves de Melo, na área dos estudos de Língua Portuguesa, como os representantes que mais apareciam em textos escritos em livros e revistas especializadas. Por essa época todos nós antegozamos a esperança de ter entre nós, trabalhando conosco e nos orientando em domínios mais profundos das ciências da linguagem, pela transferência para o Brasil, um jovem linguista, natural da Romênia, educado na Itália e adotado no Uruguai – Eugenio Coseriu – que, convidado por Mattoso, na década de 1950 ministrou três palestras muito fecundas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Essa esperança durou pouco tempo, porque, por convite do grande romanista alemão Harri Meier, foi ser professor universitário na Alemanha, preenchendo a cadeira vaga na Universidade de Tübingen pelo falecimento de Ernst Gamillscheg. Por um pouco não tivemos efetivamente entre nós um dos maiores linguistas do século XX que, com toda certeza, iria produzir frutos sazonados entre os jovens universitários brasileiros daquela época.

Celso pôde brilhar dentro deste universo tão fecundo de talentos, inaugurando ou reatando laços anteriores na área da Crítica Textual (deixados pelos estrangeiros radicados no Brasil – Oskar Nobiling e Nella Aita, o primeiro com sua edição das *Cantigas de Guilhade* e ela com estudos sobre o *Códice Florentino de Cantigas de Afonso X*), da Métrica Medieval e Moderna e em algumas reflexões científicas e pedagógicas em temas muito discutidos na época como, por exemplo, a correção gramatical, a conceituação de brasileirismos e o ensino da língua portuguesa na realidade brasileira.

Mineiro, nascido em 10 de maio de 1917, oriundo de uma nobre família de políticos e professores, Celso reunia ao seu talento de filólogo um bom conhecimento na área governamental e administrativa do país, o que lhe permitiu não só um convívio demorado no estrangeiro, em missões de docência que enriqueceram sua experiência e saber. Seus olhos atentos de professor souberam também aproveitar este prestígio para possibilitar oferecer a seus alunos o desenvolvimento de atividades e projetos na vida universitária. Assim foi que, por exemplo, enviou Nelson Rossi a Coimbra, para trabalhar no Laboratório de Fonética de Armando Lacerda, a fim de que, retornando ao Brasil, fosse útil à futura equipe que traçaria os atlas linguísticos preparados na Universidade da Bahia, vitoriosamente iniciados com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Lembro-me ainda do encaminhamento do talentoso jovem Hélcio Martins que, na Espanha, seguindo as lições de Damaso Alonso e Carlos Bousoño pôde, de volta ao Brasil, arejar os estudos estilísticos na atividade universitária brasileira.

Seu contacto e amizade com o excelente linguista mexicano Lope Blanch acenderam-lhe as esperanças de, alargando as ambições no campo da Geografia Linguística, favorecer o início das pesquisas levadas a cabo pelo *Projeto da Norma Urbana Culta* brasileira que até hoje, quando cientificamente aproveitados os seus testemunhos, orientam melhor o problema da correção idiomática. Ficamos também agradecidos à atividade internacional de Celso Cunha o estreitamento do diálogo com grandes nomes da Filologia e da Linguística do mundo universitário, na realização de alguns congressos internacionais, entre os quais vale lembrar o promovido na Bahia em 1956 sobre a língua do teatro, tão importante quanto o congresso realizado em 1937 em São Paulo sobre a língua cantada, graças à iniciativa de Mário de Andrade.

No campo de suas preocupações pedagógicas, vale lembrar o que colaborou para que o Ministério da Educação reunisse os catedráticos do Colégio Pedro II a fim de elaborar o projeto da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, tão útil e inspirador que estimulou a que Portugal também produzisse a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*. Depois de alguns textos escolares para o ensino da língua portuguesa, associou-se ao grande mestre lusitano Lindley Cintra na elaboração da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* que, além da criteriosa visão científica, inaugurou entre nós a exemplificação literária colhida em escritores brasileiros, portugueses e africanos, num testemunho eloquente da unidade da língua escrita culta portuguesa.

Serafim Pereira da Silva Neto nasceu no Rio de Janeiro, a 6 de junho de 1917, e nesta mesma cidade faleceu a 23 de setembro de 1960, com apenas 43 anos, em plena produção científica, apesar da saúde abalada. Fez o curso secundário no Colégio Batista, de sua cidade, e bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais. Doutorou-se em Letras pela Faculdade Nacional de Filosofia. Desde cedo abraçou o magistério, tendo conquistado, no verdor dos anos, a cátedra do Liceu Nilo Pessanha, de Niterói, por concurso de provas e títulos; catedrático-fundador da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que lhe outorgou o título de doutor *honoris causa*, alça à cátedra de Filologia Românica da Universidade do Brasil, sucedendo a Augusto Magne. Foi ainda professor da antiga Prefeitura do Distrito Federal e do Colégio Pedro II. Convidado pelo Governo Português, foi, por dois anos, catedrático-visitante da Universidade de Lisboa.

Começou precoce e auspiciosamente, ainda no verdor da idade (contava 20 anos), com uma edição comentada com muita erudição de *O Appendix Probi* (Rio de Janeiro, 1938), que, em 1956, chegou à 3ª edição. Manteve correspondência com notáveis mestres estrangeiros e adquiriu, pelos anos afora, uma das melhores e mais ricas bibliotecas sobre linguística geral e filologia românica. Desde cedo, principalmente para levar avante e concretizar o sonho de um dos seus mais efetivos guias, ainda que à distância, José Leite de Vasconcelos, desde cedo juntou material para escrever a *História da língua portuguesa*, projeto que se tornou realidade a partir de 1957, publicada em fascículos que foram depois reunidos em livro monumental. Os primeiros capítulos desta obra são verdadeiras monografias, em que o A. se revela a par das últimas conquistas da teoria linguística portuguesa em particular, tanto através das páginas das mais conceituadas revistas internacionais do mundo científico, como de livros. A progressão da doença e a perda do filho David em trágico acidente iam, aos poucos, corroendo a têmpera do trabalhador e a sua prodigiosa inteligência, motivando que os capítulos subsequentes de sua *História da língua portuguesa* fossem perdendo em extensão e profundidade - mas não em qualidade -, a fim de que o término chegasse antes de sua morte. Por isso, qualquer crítica que se faça a esta obra de Serafim tem, para ser justa, de levar em conta os percalços de saúde contra, os quais teve de lutar no espaço de sua elaboração. Promoveu, como orientador das publicações da benemérita *Livraria Acadêmica*, do Rio de Janeiro, o início da *Biblioteca Brasileira de Filologia*, que muito contribuiu para a difusão e ensino da filologia e da linguística no Brasil. Com Antenor Nascentes, Mattoso Câmara e Sílvio Elia, dirigiu dez números do *Boletim de Filologia*, do Rio de Janeiro, editado por Livros de Portugal.

Talvez com a exceção da fonética e fonologia, Serafim aplicou-se a todos os domínios da língua, da etimologia e da crítica textual, de cunho culturalista, especialmente na perspectiva histórica, bem como na investigação dialectológica. Neste sentido, mostrou-se fiel à vivacidade e à curiosidade intelectual das três de

suas mais próximas fontes de inspiração: Hugo Schuchardt, José Leite de Vasconcelos e Antenor Nascentes. Por uma dessas coincidências do destino ou porque assim ele o sentira, podem-se traçar estreitos pontos de contacto entre as atividades inovadoras de Serafim da Silva Neto e de Pacheco da Silva Júnior, patrono da Cadeira 16 da Academia Brasileira de Filologia, de que foi membro fundador.

A sua extensa bibliografia pode ser aquilatada pela relação das seguintes obras:

Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi (1938);

Divergência na evolução fonética (1940);

Miscelânea filológica (1940);

Crítica serena (polêmica, 1941);

História do latim vulgar (1957);

Ensaio de Filologia Portuguesa (1956);

A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro, de André de Resende (1947);

Textos medievais portugueses e seus problemas (1956);

Bíblia medieval portuguesa, I (1958);

Língua, cultura e civilização (1956);

Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil (1950);

Diálogos de São Gregório (1950);

A Filologia Portuguesa no Brasil (1938-1940);

Manual de Filologia Portuguesa: problemas e métodos (1952);

História da língua portuguesa (1957);

A língua portuguesa no Brasil (1960);

Guia para os estudos dialectológicos (2.^a edição, Belém, 1957).

Deixou esparsos numerosos artigos em revistas especializadas e em jornais.

*

*

Entre os bons frutos hauridos por mim quando convidado para participar da patriótica e cultural campanha em prol da Língua Portuguesa promovida pelo Liceu Literário Português está, sem dúvida nenhuma, o de estreitar os laços de respeito e amizade ao saudoso Gladstone Chaves de Melo.

Éramos, nessa empresa inicial, seis ao todo: Sílvio Elia, Gladstone, Maximiano de Carvalho e Silva, Antônio Basílio Rodrigues, Nilza Campelo e eu. Com Sílvio já vinha convivendo desde largo tempo, nas lides universitárias na PUC de Petrópolis, e, mesmo antes, nos encontros da Academia Brasileira de Filologia e na Livraria Acadêmica. Com Maximiano, ilustre representante da minha geração, o convívio era menos intenso, mas relativamente constante. Antônio Basílio fora meu excelente aluno na UERJ e depois estimado colega na mesma instituição. Só de Gladstone mantinha uma distância maior, porque, embora ambos professores na Universidade Federal Fluminense, eu não pertencia diretamente ao grupo dos alunos do “Professor Sousa”; mas indiretamente o era pelos seus livros e pelas relações desse inolvidável estudioso com meu dileto mestre Said Ali, de quem fora discípulo nos áureos tempos do Colégio Pedro II, chamado, àquela quadra, por imposição dos republicanos, Ginásio Nacional. Encontrávamo-nos, falávamo-nos, mas sempre com a discrição daqueles que bebem água do mesmo rio, mas em margens diferentes.

A instalação do Instituto de Língua Portuguesa, sob a batuta magistral de Sílvio Elia e sob a competente administração do Dr. Antônio Gomes da Costa, me permitiu um mergulho mais profundo nos valores do homem fiel e do pesquisador honesto, às vezes intransigente às ondas novidadeiras das manifestações que cercam a vida em todos os seus quadrantes. Aprendi a apreciar-lhe as qualidades morais e a sua competência de filólogo. Apesar de sua erudição em tantos domínios culturais, nunca largou aquele ar mineiro de quem está aparentemente distante dos homens e das coisas, mas secundado, quando falava, de profundo senso crítico e de uma causticante *verve*. Estudou toda a vida, mesmo diante de alguns dissabores que poderiam afastá-lo de sua religião, de sua filosofia e das pesquisas de filologia e gramática. Com o desaparecimento de sua esposa, D. Cordélia, nosso Gladstone foi aos poucos perdendo o gosto de viver. Mesmo assim, estava sempre atento ao que dele poderia precisar o Instituto de Língua Portuguesa. Deixaram saudades entre seus alunos os cursos que aí ministrou de latim, de língua portuguesa e de autores clássicos de brasileiros e portugueses.

Deixou-nos um rico elenco de livros, nos diversos campos da nossa ciência, dos quais ressalto, como exemplo de arquiteturas inteiriças e bem travada, sua Gramática Fundamental da Língua Portuguesa e a Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. Dono de boa prosa, gostava de frequentar seus colegas no Instituto de Língua Portuguesa e na Academia Brasileira de Filologia. Com seu falecimento, desaparece um dos últimos baluartes do estudo e do ensino do português-padrão entre nós,

cuja competência e experiência soube ele também transmitir a todos os que, ao seu lado, labutamos para a consecução dos altos propósitos do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

Depois desse longo percurso que foi a vida vivida intensamente de Gladstone Chaves de Melo, ele pode repetir o que disse Bandeira, “quando a Indesejada das gentes chegar”:

*O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.*

REGRESSAR ÍNDICE

29. FRANCISCO ROSAS, REALIZADOR DE CINEMA, Palco de Ilusões e Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste, CONVIDADO AICL

Francisco Rosas nasceu em 14-05-1991 em Alvalade e licenciou-se em Cinema pela Universidade da Beira Interior, em 2012.

Como trabalho final de curso realizou a sua primeira curta-metragem, “Quimera”, apresentada em 2012 no festival Bululus e numa sessão organizada pelo 9500 Cineclube. Concluiu a licenciatura em 2012 realizando uma curta-metragem “Quimera”.

No seguinte ano regressa aos Açores realizando outra curta-metragem “Ser Ilhéu” e integra a equipa técnica da longa-metragem “Livreiro de Santiago”, de José Medeiros, desempenhando a função de Operador de Câmara.

Realizou duas curtas-metragens de ficção e um documentário longa-metragem.



LOMBA DA MAIA 2016



Fruto de uma viagem a Timor-Leste, surge *Avô Crocodilo*, um filme que viaja por histórias de sangue que deram forma ao sonho de um país, hoje em paz. No mesmo ano viajou para São Miguel onde permaneceu até 2009, quando foi estudar Cinema para a Universidade da Beira Interior.

Em 2015 correaliza uma curta-metragem experimental com Paulo Lima, “Anamnese” e viaja para Timor-Leste para realizar “*Ida Nebe Fa'an Pulsa*” um documentário que procura as sementes deixadas por D. Jaime Goulart, natural da Ilha do Pico, numa jovem Nação fustigada por ocupações e lutas pela autodeterminação e independência, através dos olhos dum jovem timorense.

Um filme sobre a Língua, a Religião, a Cultura e um Povo. Foi vencedor num concurso nacional organizado pela Azores Film Commission, no qual resulta o filme "Ser Ilhéu" realizado no ano de 2013.

Em 2016 ano correalizou, com José Medeiros e Tiago Rosas, "Viola de Dois Corações", uma série de 11 episódios sobre a música produzida nos Açores. Atualmente encontra-se na equipa técnica de "Basalto", uma série de ficção de 5 episódios realizada por José Medeiros desempenhando as funções de Operador de Câmara e Realizador de Segunda Equipa.

Tema 2.1. IDA NEBE FA'AN PULSA - O VENDEDOR DE PULSA FILME DE FRANCISCO ROSAS E RICARDO DIAS

D. Jaime Garcia Goulart. Homem simples nascido na ilha do Pico parte para o outro lado do mundo sendo nomeado primeiro Bispo de Díli em 1945. Ida Nebe Fa'an Pulsa é um documentário que procura as sementes deixadas por D. Jaime numa jovem Nação fustigada por ocupações e lutas pela autodeterminação e independência, através dos olhos dum jovem timorense. Um filme sobre a Língua, a Religião, a Cultura e um Povo.

Realização Francisco Rosas |

Produção Palco de Ilusões |

Produção Executiva Ricardo Dias |

Apoio à Produção Sara Almeida e Daniel Carrolo |

Edição Tiago Rosas |

Pós-Produção de Som e Gravação de Música em estúdio Raul Resendes

| Correção de Cor Carlos Azevedo |

Desenho Gráfico Mariana Pereira

Duração 110', sem intervalo | legendado em inglês

JÁ TOMOU PARTE NO 26º COLÓQUIO NA LOMBA DA MAIA 2016

30. GRUPO DE FOLCLORE DE SANTO ESPÍRITO



Participam pela primeira vez

31. GRUPO DE FOLIÕES DE SANTO ESPÍRITO



Já participaram no 16º colóquio em 2011
Toma parte no almoço das sopas oferecidas pela Junta de Freguesia

32. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL

M^a HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, Vice-Presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos Colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês. É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade*: um estudo de caso, pela Universidade Aberta.



Graciosa 2015



PDL 2013



MAIA 2013

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail. Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000. Lecionou, desde 1976 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional). Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais

(Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa). Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – Judite Jorge.



Sta. Maria 2011

2013 (Gouveia na cadeira de Vergílio ferreira)

Montalegre 2016

MAIA 2013

Coautora com a Professora Doutora M^a Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”. Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. Prepara futuramente nova antologia de tradução de autores açorianos 9 ilhas, 9 poemas, 9 autores.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS.

TOMOU PARTE EM TODOS OS 28 COLÓQUIOS.

[REGRESSAR ÍNDICE](#)

33. HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



VILA DO PORTO 2011

FUNDÃO 2015

Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997.

Aos seis anos iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada em Violino e mais tarde em Percussão. Aos 10 anos iniciou os estudos em Violoncelo concluindo o curso secundário em 2015.

Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana.

Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

Frequenta o 3º ano da licenciatura da Academia Nacional Superior de Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Em julho de 2017 fez o estágio de Orquestra de Jovens da Gulbenkian, dirigido pela maestrina Joana Carneiro.



LOMBA DA MAIA 2016



SEIA 2014



JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO (AÇORES) EM 2011. EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CHRÓNICA AÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA (AÇORES), NO 20º EM SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES).

ATUA NOS RECITAIS.

[REGRESSAR ÍNDICE](#)

34. INÉIA DAMASCENO ABREU, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL



INÉIA DAMASCENO ABREU

Cursou Letras Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará, onde também fez o curso de Mestrado em Linguística, concluído em 2007.

Cursou Letras Habilitação em Língua Inglesa na Universidade da Amazônia e concluiu seu curso também em 2007.

É professora de Linguística Românica e Língua Latina da Universidade Federal do Pará, no campus de Castanhal e atua na área de Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa. Atualmente faz Doutorado na Universidade de Aveiro (Portugal), no Departamento de Educação, onde investiga a respeito da formação do professor de Língua Portuguesa para a diversidade linguística e cultural e para a valorização e a difusão da língua.

Seu projeto de investigação intitulado "Formação de Professores de Português no Pará para a Diversidade Linguística e Cultural e para a valorização e difusão da língua" é orientado pela professora doutora Maria Helena Ançã (Universidade de Aveiro) e coorientado pela Professora Doutora Zilda Laura Ramalho Paiva (Universidade Federal do Pará).

Tema 2.1. 2.6. Os Brasis e suas línguas e culturas: como está a formação de professores de português para essa diversidade? Inéia Damasceno Abreu⁴² (UA /UFPA) e Maria Helena Ançã⁴³ (UA)

O Brasil é um país continental reconhecido por sua Diversidade Linguística e Cultural (DLC). Embora a Constituição Federal determine como única língua oficial a Língua Portuguesa (LP), são reconhecidas mais de 200 comunidades linguísticas em todo o país.

Na região norte, mais especificamente no estado do Pará, três comunidades têm destaque: a indígena, a quilombola⁴⁴ e a descendente de imigrantes japoneses. Este trabalho tem como objetivo mostrar a investigação em andamento vinculada ao projeto de tese intitulada *Formação de Professores de Português (FPP) no Pará para a DLC e para a valorização e difusão da Língua*. Tal investigação, voltada principalmente para os professores em formação do curso de Letras da Universidade Federal do Pará, procura responder a seguinte questão: De que modo a reflexão sobre a FPP para a DLC contribui para a difusão e a valorização da LP no Pará? Para isso, seguimos o caminho metodológico da pesquisa qualitativa, utilizando como instrumentos de recolha de dados a análise documental, a entrevista e o questionário.

Este último instrumento compôs um módulo educativo elaborado com o objetivo de identificar os saberes de alunos de cursos de FPP do Pará sobre a DLC na LP, nomeadamente em contexto local e mundial. A necessidade de preparar os professores para essa diversidade se justifica não só pelo fato da língua ser objeto de ensino em contexto profissional, mas também porque, enquanto educadores, os professores de LP são atores essenciais na promoção do respeito à diversidade e na valorização e difusão da língua.

Palavras-chave: Diversidade Linguística e Cultural; Formação de Professores; Língua Portuguesa; Valorização da Língua Portuguesa; Difusão da Língua

0. Introdução

Este trabalho está vinculado ao projeto de tese intitulado *Formação de Professores de Português no Pará para a Diversidade Linguística e Cultural e para a valorização e difusão da Língua*. O interesse por este tema surgiu a partir da necessidade de desenvolver um estudo sobre a FPP para a DLC, pois, apesar de ter como idioma oficial apenas a LP, o Brasil é um país de várias línguas e várias culturas.

Segundo Oliveira (2008), o Brasil tem hoje mais de 200 línguas: 170 indígenas, 30 estrangeiras e 2 línguas de sinais das comunidades surdas, o que nos coloca no grande grupo dos países do mundo (94%) que são plurilíngues. É necessário, portanto, questionar acerca da FPP que atuarão nesse contexto de DLC, pois, “[m]uitas vezes [esse futuro professor] nem mesmo aprendeu que, para ensinar Língua Portuguesa, precisaria estudar, não só a Língua, mas também a Cultura e a Sociedade que utiliza tal língua” (Pessoa, 2009, p. 65).

Para isso, é necessário promover discussões e pesquisas na área de FPP que levem em conta a DLC. Tais pesquisas, segundo Ançã (2015, p. 307), têm lugar privilegiado de desenvolvimento nas universidades e instituições de ensino superior, pois “ (...) é nelas que decorre a formação inicial de professores. São, por conseguinte, locais de produção de conhecimento, de investigação e, ainda, fazem pontes com a sociedade e com o mundo”

Pretendemos, portanto, focar nossa discussão a respeito dessa necessidade de formar professores de LP para atuarem em contextos de DLC, pois, a região norte do Brasil é uma região onde convivem diversas comunidades com aspectos linguísticos e culturais próprios, como a comunidade indígena, a quilombola e a descendente de imigrantes japoneses.

1. A Diversidade linguística e cultural da língua portuguesa no Brasil

A LP é uma das línguas mais faladas no mundo como língua materna, assim como é também uma das línguas utilizadas por falantes de outras línguas como língua segunda ou estrangeira (Reto, 2012). É ainda a língua oficial de vários países: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Equatorial. No Brasil, passou a ser a língua oficial a partir da promulgação da Constituição Federal em 1988. Embora seja a única língua oficial

⁴² Aluna do Programa Doutoral em Educação da Universidade de Aveiro. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará.

⁴³ Professora Associada com Agregação da Universidade de Aveiro e orientadora da tese.

⁴⁴ Remanescentes de escravos africanos.

do país, é importante ressaltar que esta é uma língua que apresenta grande diversidade linguística, tornando-se, portanto, difícil definir a variedade padrão da língua. Até meados do século XX, a variedade carioca era considerada a variedade padrão do Português-Brasileiro, sendo utilizada nos manuais didáticos elaborados e impressos no Rio de Janeiro. No entanto, por falta de aprofundamento científico, não ficou comprovado que as classes cultas brasileiras utilizavam ou passavam a utilizar tal variedade apenas por imposição (Castilho, 2010).

Surgiram, então, nos anos de 1970, projetos desenvolvidos pelas ciências linguísticas para a descrição da variedade brasileira da LP, a partir dos quais evidenciou-se a existência de um policentrismo do padrão linguístico, em que cada região do Brasil apresenta uma variedade considerada núcleo padrão de variedade do Português-Brasileiro.

Esse policentrismo evidente no Brasil é fruto das diversas influências que constituem a variante brasileira da LP, pois, desde a sua “descoberta” pelos europeus, o Brasil tem recebido influências linguístico-culturais de diversos povos. Quando, no Brasil, os portugueses chegaram, mesclaram sua língua às línguas nativas (indígenas) e, em seguida, às línguas africanas através dos negros que foram escravizados. Além de indígenas e negros, muitos outros povos imigrantes, entre eles os descendentes de japoneses, contribuíram e continuam contribuindo para o aumento da DLC que o Português-Brasileiro apresenta.

2. Metodologia

Este trabalho constitui-se dentro do *paradigma interpretativo*, pois, segundo (Coutinho, 2011, p. 16), “A abordagem interpretativa/qualitativa das questões sociais e educativas procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos”, para interpretar e compreender os significados da ação humana num contexto social. Quanto à natureza da pesquisa, esse estudo classifica-se como um *estudo de caso de cunho qualitativo*. Segundo Yin (2001, p.32), “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Quanto à recolha de dados, teve espaço em dois *loci*: Brasil e Portugal. Em Portugal, desenvolvemos esta etapa da investigação na Universidade de Aveiro. No Brasil, optamos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), por ser a maior universidade pública do Estado do Pará. A escolha pelo Campus Universitário de Castanhal se deve ao fato de ser este um campus que atende boa parte da região nordeste do estado do Pará e também por ser este o campus onde esta investigadora atua como professora do curso de Letras. A escolha por estas universidades justifica-se por serem instituições com cursos de FPP em contexto de DLC.

Os dados recolhidos são os que apresentamos na tabela 1:

	Brasil	Portugal
Documentos curriculares	- Projeto Pedagógico de Curso - Grades curriculares - Planos de disciplinas dos cursos de FPP	
Entrevistas	Com diretores e professores	-
Módulo didático	- Questionário aos alunos - Reflexão sobre uma componente do módulo didático - Plano de unidade temática, elaborado pelos alunos - Avaliação do módulo didático	-

Tabela 1: Dados gerados na investigação

Para o tratamento dos dados, além da análise documental, faremos uma análise de conteúdo que, segundo Bardin (2014, p. 33), “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”.

3.1 O Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Professores de Português da Universidade Federal do Pará

O curso de Letras⁴⁵, com habilitação em LP, foi implementado pela UFPA na cidade de Castanhal, no nordeste paraense, no ano de 1986. Recentemente o curso passou por uma reformulação em seu Projeto Político de Curso (PPC) e recebeu nota 4 na avaliação do MEC⁴⁶.

Quanto à organização curricular, o curso se divide em cinco eixos de competências:

⁴⁵ O curso de Letras da UFPA de Castanhal será objeto de análise da tese a que se vincula este artigo.

⁴⁶ A avaliação feita pelo MEC é baseada na análise das condições de ensino, em especial aquelas relativas ao corpo docente, às instalações físicas, ao projeto pedagógico e ao resultado dos alunos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). A nota máxima é 5 (cinco).

1. uso da língua/linguagem;
2. reflexão sobre a língua/linguagem;
3. prática profissional;
4. atividades complementares;
5. trabalho de conclusão de curso.

O primeiro e o segundo eixos estão relacionados à formação dos futuros professores enquanto usuários da LP. O terceiro eixo diz respeito à prática reflexiva sobre a docência, com ênfase na observação, reflexão, compreensão e atuação em situações do contexto profissional. No eixo das atividades complementares, os alunos podem cursar disciplinas optativas e participar de eventos, projetos, etc. Por fim, no trabalho de conclusão de curso, o futuro professor produzirá uma monografia sobre um tema de relevância teórica e acadêmica.

O nosso olhar sobre o PPC busca informações sobre a preocupação em formar os futuros professores de LP para a DLC própria da região onde o curso está inserido. No entanto, após breve leitura, pudemos observar que de forma muito superficial a DLC está presente em dois momentos neste PPC.

Primeiramente, espera-se que o licenciado em Letras tenha como uma das características do seu perfil, o “domínio do uso da língua, objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variações e diversidades linguísticas”⁴⁷.

Depois, como atividade complementar é apresentado o tema “Educação Inclusiva: desafios regionais” (que poderá ser uma disciplina ou minicurso) e abordará a política nacional de inclusão social (incluindo as questões interraciais) e, em especial, a política de inclusão da própria UFPA.

3.2. O módulo didático

O módulo didático foi elaborado com o objetivo de identificar os saberes de alunos do curso de Letras da Universidade Federal do Pará sobre a DLC na LP, nomeadamente em contexto local e mundial, através de um módulo de formação, informado pela literatura da especialidade e pelos resultados desta investigação. Pretendia-se, primeiramente, gerar dois produtos para análise a partir deste módulo: um questionário e um plano de unidade temática elaborado pelos alunos. No entanto, durante a elaboração e validação do módulo, percebemos que havia possibilidade de produzir dois outros produtos: primeiramente, uma reflexão sobre imagens de alunos em sala de aula. Cada imagem representava uma das comunidades de maior destaque na região (indígena, quilombola e descendente de japoneses). Em seguida, sugerimos que os alunos fizessem uma avaliação do módulo.

Desta forma, o módulo, com carga-horária de 8h, foi aplicado em uma turma de Letras do 6º semestre, nos dias 11 e 18 de maio de 2017, no âmbito da disciplina Ensino-Aprendizagem do Português I, disciplina que tem como objetivo, primeiramente, estudar analítica e criticamente teorias sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua materna à luz da Linguística Aplicada. Além disso, a disciplina objetiva também conhecer e atuar diretamente em contextos diversificados no que tange às atividades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de LP, nos diferentes níveis de ensino, bem como a outras atividades afeitas ao referido processo.⁴⁸ O módulo foi, portanto, composto de três partes: 1) Questionário aos alunos; 2) Formação; 3) Elaboração do Plano de Unidade Temática.

Em conformidade com plano da disciplina, o módulo pretendeu, além de proporcionar o aprendizado sobre a DLC, a LP e a FPP, orientar os alunos a produzirem um Plano de Unidade Temática, ou seja, uma proposta de intervenção onde os alunos, futuros professores de LP, poderiam aplicar os conhecimentos adquiridos durante o Estágio Supervisionado.

Assim, na primeira parte do módulo, os alunos responderam ao questionário, que estava dividido em quatro partes:

Parte I – caracterização do informante, com 6 perguntas.

Parte II – Sobre a Língua Portuguesa, com 4 perguntas.

Parte III – Sobre a Diversidade Intralinguística do Português e a Formação de Professores, com 10 perguntas.

Parte IV – Sobre a Diversidade Linguística e Cultural, com 4 perguntas.

O questionário foi aplicado presencial e individualmente. Os alunos tiveram cerca de 2 horas para respondê-lo. Foram coletados 28 questionários, no entanto, um deles foi entregue com menos de 50% das respostas pois a aluna teve que sair durante a aula, portanto, ficaram 27.

A segunda parte do módulo, referente à formação, foi dividida em três momentos, com temas inter-relacionados: no primeiro momento, falamos sobre a LP do mundo e a percepção do mundo sobre a LP, quando apresentamos dois vídeos: o primeiro sobre a LP ao redor do mundo⁴⁹, com trechos mostrando lusofalantes em diferentes

⁴⁷ Trecho do Projeto Pedagógico do Curso de Letras do Campus Universitário de Castanhal (UFPA).

⁴⁸ Os objetivos da disciplina constam no Plano de Curso, disponibilizado pela professora da disciplina.

⁴⁹ O vídeo encontra-se disponível em «<https://www.youtube.com/watch?v=T2o0DX4M51A&t=132s>».

países (Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Índia (Goa, Diu, Damão, Baçaim), China (Macau), Malásia (Malaca), Timor-Leste, Espanha (Galiza) e Portugal. O segundo vídeo mostra uma vlogueira holandesa não-falante de LP, tentando falar português com a ajuda de um aplicativo de tradução online⁵⁰. Tais vídeos foram importantes porque através deles, pudemos mostrar aos alunos, ainda que de forma breve, as diferenças entre a LP de acordo com o país onde é falado (similaridades, sotaques, singularidades). Foi interessante perceber na discussão que muitos alunos não faziam ideia dos países onde a LP é falada, seja como língua oficial, língua segunda ou língua estrangeira. Tal informação é também corroborada pelas respostas dos alunos à pergunta do questionário “Você sabe em quais países se fala a LP como língua oficial?”, em que a maioria das respostas foi Brasil e Portugal. Algumas respostas indicaram também Angola ou, de forma mais ampla e vaga, “alguns países da África”.

Além disso, o segundo vídeo permitiu uma reflexão sobre a percepção dos não-falantes de LP sobre a língua. No início do vídeo, a vlogueira⁵¹ diz que já fez outros vídeos parecidos, com outras línguas como o espanhol e o francês e que, portanto, acha que o português deve ser um pouco parecido com o espanhol. No entanto, já nas primeiras frases que ela tenta pronunciar, diz que o português não tem nada a ver com o espanhol.

O segundo momento da formação foi destinado a uma discussão sobre a diversidade linguística do português e sobre como essa diversidade é percebida por falantes de origens sociais e geográficas diferentes. Para ilustrar, apresentamos um trecho do documentário “Língua: Vidas em Português”, com depoimentos de escritores como Mia Couto (Moçambique), José Saramago (Portugal) e João Ubaldo Ribeiro (Brasil). Todos concordam que a LP muda constantemente, desde sempre e continua mudando, o que é algo bom, pois, como afirma João Ubaldo Ribeiro, “se as línguas não mudassem, nós todos estaríamos falando latim até hoje”⁵².

Outra estratégia importante nesse segundo momento foi a leitura do trecho de uma passagem bíblica, que mostra um povo sendo dizimado por causa da variedade linguística de sua fala.

Aí Jefté juntou todos os homens de Gileade. Eles guerrearam contra os homens de Efraim e os derrotaram. Fizeram isso porque os efraimitas tinham dito: “Vocês, gileaditas que moram nas terras de Efraim e de Manassés, são desertores de Efraim.”

Para não deixar que os efraimitas passassem, os gileaditas tomaram os lugares onde o rio Jordão podia ser atravessado. Quando algum efraimita que estava tentando escapar pedia para atravessar o rio, os homens de Gileade perguntavam:

— Você é efraimita?

Se ele respondia que não, eles o mandavam dizer a palavra “Chibolete”. Mas, se ele dizia “Sibolete” porque não podia falar direito a palavra, então o agarravam e matavam ali mesmo, na beira do rio Jordão. Naquela ocasião foram mortos quarenta e dois mil efraimitas. (Juízes 12:4-6)

No terceiro momento da segunda parte do módulo (a formação), a discussão girou em torno da DLC em sala de aula. Foram apresentadas três imagens de alunos em sala de aula, que representavam as comunidades indígena, quilombola e descendentes de imigrantes japoneses.

A partir das imagens, os alunos em formação produziram um texto reflexivo, levando em consideração a DLC nas escolas e a FPP. Foram recolhidas vinte reflexões.

Na terceira e última parte do módulo, os alunos produziram um plano de unidade temática e fizeram a avaliação do módulo. Em equipe, eles elaboraram um plano didático para abordar o tema DLC, direcionado para uma turma de Ensino Fundamental ou de Ensino Médio.

No plano deveriam constar os seguintes elementos:

- Conteúdo
- Objetivos
- Procedimentos de ensino (encaminhamentos metodológicos)
- Recursos
- Procedimentos de avaliação
- Referências
- Cronograma para o desenvolvimento do conteúdo programático

Foram produzidos seis planos com diferentes abordagens e conteúdos. Alguns dos temas propostos pelas equipes foram: o uso do gênero oral nas aulas sobre diversidade, preconceito e variação, marcas linguísticas, literaturas de países lusófonos, identidade e variedade linguística, norma padrão e não padrão e diversidade linguística no Pará. Foram elaborados seis planos de unidade temática.

⁵⁰ O vídeo encontra-se disponível em «<https://www.youtube.com/watch?v=A9DT1ghxkwc>».

⁵¹ O termo vlogueira (ou vlogger), deriva de vlog, que, por sua vez, tem origem em blog (simplificação do termo weblog). É, portanto, uma pessoa que faz vídeos para a Internet.

⁵² Trecho do depoimento do escritor no documentário.

Por fim, solicitamos que os alunos avaliassem o módulo, através de uma reflexão. Pedimos que eles considerassem a importância do módulo na formação deles enquanto futuros professores, pedimos para apontarem as dificuldades que tiveram durante o módulo e que fizessem críticas e sugestões para uma possível melhoria.

O *feedback* foi muito positivo pois através dessa reflexão pudemos perceber que as principais dificuldades dos alunos durante a aplicação do módulo foram com relação ao conhecimento sobre a LP no mundo e suas variedades. As sugestões recorrentes indicavam o aprofundamento das discussões e, conseqüentemente, a ampliação da carga-horária do módulo e a possibilidade de efetivação formal do tema no âmbito do curso de Letras.

Assim, o módulo didático gerou dados para a análise que construirá a tese a qual esse trabalho está vinculado, a saber:

- 27 questionários
- 20 reflexões sobre as imagens contidas na formação
- 6 planos de unidade temática
- 14 reflexões avaliativas sobre o módulo

3. Discussão e Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos apresentar o andamento de uma investigação sobre a FPP para a DLC na região norte do Brasil.

Constatamos, em estudo preliminar, que o curso em análise não apresenta discussões profundas sobre a FPP para a DLC, ao contrário do que se espera das Instituições de Ensino Superior responsáveis pela FPP: que ofereçam embasamento para o ensino de LP, mas também conhecimentos sobre as comunidades que constituem a população desta vasta região e conhecimentos sobre como atuar em contexto de DLC.

Os dados apresentados neste trabalho estão em fase de categorização para análise, portanto, limitamo-nos a descrição dos dados com um olhar crítico-reflexivo.

4. Referências Bibliográficas

Ançã, M. H. (2015). "Dos mares aos rostos da Língua Portuguesa" – reflexões em torno de geografias, variedades e valores do Português, na percepção de (futuros) professores em Portugal, Brasil e Cabo Verde. In A. M. Ferreira & M. F. Brasete (Eds.), *Pelos mares da Língua Portuguesa 2* (pp. 295 – 308). Aveiro: UA Editora.

Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Castilho, A. T. (2010). Uma política linguística para o português. Retrieved from http://www.museulp.org.br/files/mlp/texto_17.pdf

Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Oliveira, G. M. de. (2008). *Plurilinguismo no Brasil*. Unesco, 1–11.

Pessoa, M. S. (2009). Sociolinguística, formação de professores e educação linguística. In C. et al Ferrazi (Ed.), *Línguas, linguagens e culturas amazônicas*. (pp. 51–78). São Carlos: Pedro e João Editores.

Reto, L. (2012). *Potencial económico da língua portuguesa*. Alfragide: Texto editores.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso. Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ DEPOIS DO 25º EM MONTALEGRE 2016

REGRESSAR ÍNDICE

35. INÊS CARDOSO, SANTA MARIA

Atua na sessão de poesia e música com Daniel Gonçalves e Marina Cabral.

Participa pela primeira vez

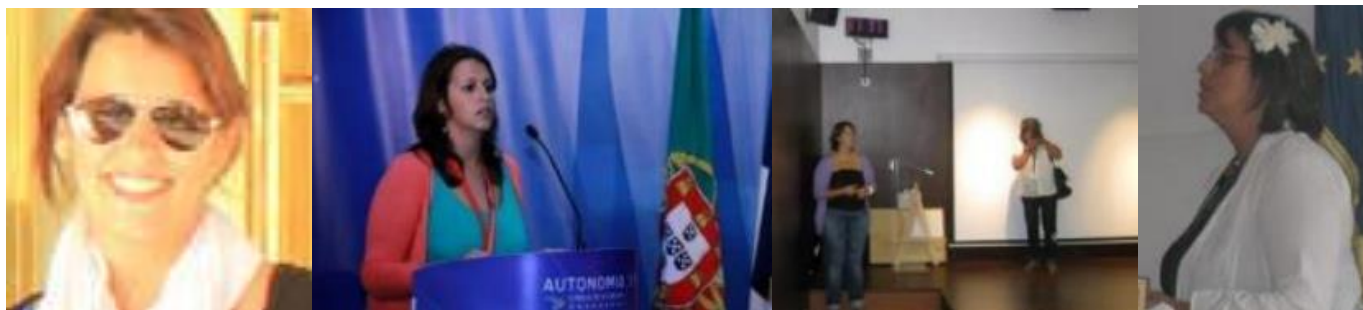
36. JOANA POMBO TAVARES, CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DALBERTO POMBO, CONVIDADA AICL

JOANA POMBO TAVARES joanapombo@gmail.com Licenciada em Biologia Marinha na Universidade dos Açores em 2006. Mestrado em Cidadania Ambiental na Universidade Aberta (Ordenamento do Território, Poluição e Gestão de Recursos, Recursos Marinhos, Biodiversidade Geodiversidade e Conservação e Políticas para a Sustentabilidade) com Formação para Guia do Trilho Marítimo Rota dos Fósseis.

Gestão e Coordenação do Centro de Interpretação Ambiental Dalberto Pombo, de 2009 a 2010

Gestão e Coordenação do espólio de Dalberto Pombo e Conceção Centro de Interpretação Ambiental Dalberto Pombo e dos seus conteúdos expositivos.

De 2011 até agora, responsável pela Azorina S.A no Núcleo de Santa Maria, Atividades de Educação Ambiental, Dinamização e criação de conteúdos para o Parque Natural de Santa Maria.



16º COLÓQUIO 2011 STA MARIA

Tema 1.1. Dalberto Pombo e o Lost Year das tartarugas –comuns [Caretta caretta]

Um trabalho sobre tartarugas marinhas e o envolvimento de Dalberto Pombo no estudo das tartarugas-comuns.

A curiosidade do naturalista Dalberto Pombo sobre o mundo que o rodeava, levou-o a tentar compreender a origem das tartarugas marinhas que apareciam ao largo da ilha de Santa Maria.

Com posterior colaboração com a Universidade da Florida e a equipa Dr. Archie Carr, foi possível compreender a ecologia e rota das tartarugas-comuns (*Caretta caretta*).

**TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL
TOMOU PARTE EM 2011 COMO CONVIDADA NO 16º COLÓQUIO
REGRESSAR ÍNDICE**

37. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, CONNEXALL Co., Ltd. Canada e Açores, ASSESSOR TÉCNICO, SONOPLASTIA, LUMINOTECNIA, APOIO INFORMÁTICO



BRAGANÇA 2008-2009 AOS DOZE ANOS

RIO 2010

FLORIANÓPOLIS 2010

FLORIPA 2010

JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO (n. 1996)

Membro supranumerário dos Colóquios.

Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas / Anais em CD / DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas, ao roaming dos telemóveis / celulares como aconteceu em Macau e no Brasil).

Desde aquela data desempenha funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios.

A ele se devem cartazes, ilustrações, capas, gravações dos CD / DVD e grande parte dos filmes e vídeos de homenagem aos autores açorianos.

Frequentou de 2014 a 2017 a ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias / Inst^o Inovação Tecnológica dos Açores) estando a terminar (julho 2017) o seu estágio na ConexAll, empresa subsidiária da canadiana GlobeStar Systems Inc., na sua delegação açoriana no Nonagon na Lagoa, devendo começar novo estágio em outubro 2017.

Em 2016, com a equipa da ENTA-INOVA (ENTA Team-Sat2), venceu o concurso regional (Açores), o Nacional (Portugal) e o Europeu da competição CanSat (um satélite numa lata de refrigerantes).

Imediatamente após a vitória, e a convite do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Manuel Heitor, foi chamado à Universidade dos Açores onde havia uma reunião de cientistas e catedráticos dos EUA e Canadá, e - de improviso - fez uma alocução em inglês de 15 minutos explicando o que era o CanSat e a vitória.

Tão impressionado ficou o Ministro que em maio 2017 convidou-o a estar presente perante centenas de pessoas (ministro, reitor, cientistas, etc.) e falar nos 30 anos do programa Ciência Viva, no Fórum Picoas (Lisboa) onde durante 5 minutos empolgou a assistência com a sua sucinta apresentação de incentivo aos jovens para prosseguirem na área científica. Terminou em 2017 a formação na ENTA-INOVA (Esc. de Novas Tecnologias dos Açores)



MACAU 2011



LAGOA 2012



MAIA 2013



FUNDÃO 2015



LOMBA 2016

[VEJA AQUI A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2010 \(há sete anos\) PELO JOÃO PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.](#)

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, FUNDÃO 2015. POR MOTIVOS DISCENTES FALTOU À GALIZA 2012, SEIA 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, BELMONTE 2017

[REGRESSAR ÍNDICE](#)

38. JOÃO FIGUEIREDO, FUNDAÇÃO SOUSA D'OLIVEIRA



JOÃO LEONARDO BAIROS FIGUEIREDO, nasceu na ilha de Santa Maria, mas vive em São Miguel.

Mestre em Ciências Económicas e Empresariais, com especialização em Marketing, na Universidade dos Açores, e licenciado em Relações Públicas e Comunicação pela mesma universidade.

Preside à ARPA – Associação de Relações Públicas dos Açores, e é Diretor Editorial da Via ARPA – *newsletter* da ARPA.

Leciona na Universidade Sénior de Ponta Delgada a disciplina de Técnicas de Comunicação 50.0.

É o Relações Públicas da Fundação Sousa d'Oliveira.

Foi animador do programa radiofónico agridoce e apresentador do programa de TV REALMENTE SOMOS AÇORIANOS.

Também, foi Assessor Editorial da Publiçor, Grupo Nova Gráfica e cronista da revista *Atual*, Semanário Terra Nostra e jornal Açores 9.

Foi Relações Públicas da Rádio Atlântida e do Clube Naval de Ponta Delgada.

Enquanto discente universitário foi Diretor de Relações Empresariais na AIESEC Açores e o 1º Presidente do NURP-UAc (Núcleo de Estudantes de Relações Públicas e Comunicação da Universidade dos Açores). Também, colaborou como repórter no programa televisivo *Açores VIP* e no programa da Rádio Atlântida – Estró. É autor de *“Mais Capital com as Relações Públicas”* e *“Retratos de Família”*. A comunicação é parte integrante da sua personalidade e uma grande paixão. Entusiasta e positivo quanto ao futuro da comunicação organizacional, defende a desmitificação das Relações Públicas e desenvolve iniciativas originais. Com um espírito inovador, criativo e audaz tem delineado a sua postura pessoal e profissional com tenacidade e empenho; defende um mundo cada vez mais competitivo e progressivo.

Tema 2.7. MANUEL SOUSA D'OLIVEIRA – O Pioneiro da arqueologia nos Açores; JOÃO FIGUEIREDO - FUNDAÇÃO SOUSA D'OLIVEIRA

Em Portugal continental, a arqueologia de Manuel Sousa d'Oliveira (MSO) visou predominantemente a pré-história, e aí, este foi o primeiro na Península Ibérica que identificou objetos de barro pintados, cujo estudo porém não aprofundou pelas razões habituais no país, pouco interessado em custear estudos do género. Todavia, em Espanha, divulgou perante colegas reunidos em congresso, parte das suas descobertas. Vila Franca fora soterrada em 1522 e, ao longo de quase duas dezenas de anos, trouxe à superfície inúmeros artefactos da sociedade portuguesa de quinhentos, quer os feitos no país, como porcelanas, cotas de malha, vidros, telhas pintadas, azulejos, etc., como os que a expansão portuguesa permitia importar de lugares tão longínquos como a China e o Japão. Os preciosos diários de escavação que meticulosamente elaborou durante todos e cada um dos seus trabalhos de campo, bem como desenhos e inúmeras fotos, vêm sendo publicados pela Fundação que criou, Fundação Sousa d'Oliveira (FSO), destinada a promover o estudo da história e do pensamento português, onde avulta, a história e o pensamento açoriano, com destaque para o do nosso conterrâneo, Antero de Quental, cuja filosofia e misticismo foram aliás tema para a sua tese de licenciatura que a FSO, entretanto, também publicou.

Ao perfazerem-se, no dia 18 de julho de 2016, cem anos do seu nascimento, em Cambridge, nos Estados Unidos, para onde seus pais emigraram, a FSO recordou aquele que foi mestre de gerações e baluarte da liberdade de pensamento e motor imparável da ação cultural. Estas celebrações do centenário também foram motivo de lançamento do livro *‘VI Campanha – Estação Arqueológica das Terras do Engenho (II) – Vila Franca do Campo – 1978’*, onde o diário desta campanha é dado a conhecer ao público açoriano.

“As primeiras investigações arqueológicas no arquipélago açoriano foram levadas a cabo pelo punho de Manuel de Sousa d'Oliveira nos anos sessenta do século XX. Os estudos, desenvolvidos em oito campanhas, incidiram em São Miguel, mais propriamente na primeira capital da ilha (Vila Franca do Campo),

tendo por objetivo recuperar os vestígios materiais da antiga vila, então destruída pela catástrofe sísmica de 22 de outubro de 1522. Estes trabalhos iniciados nos Açores em 1967 são considerados pioneiros para o estudo da arqueologia portuguesa, nomeadamente do capítulo que se dedica ao período do povoamento dos arquipélagos atlânticos (Arqueologia Moderna).⁵³

Contudo, o outro diário publicado ‘Escavações Arqueológicas em Vila Franca do Campo 1967-1982’, que Manuel de Sousa d’Oliveira elaborou dos seus trabalhos nas Terras do Engenho e outras, em Vila Franca do Campo, e segundo José Maria Teixeira Dias, (apesar de tudo, os) “*documentos escritos continuam a ser a ferramenta principal para quem quer dissertar sobre a vida do homem sobre a terra, muitos outros meios se oferecem hoje ao historiador*”, os restos que, voluntária ou involuntariamente, ele vai deixando nas terras que pisa são uma ajuda que hoje ninguém tem a coragem de desprezar.

E Sousa Oliveira mostra aqui como se pode ajudar a completar o que os documentos escritos não dizem. Com efeito, consultando o que nos resta escrito desde os patriarcas dos relatos açóricos, Gaspar Frutuoso, Agostinho de Monte Alverne, António Cordeiro e tantos outros, os autores quase só nos falam da vida dos importantes, ou como tal considerados. O comum dos mortais raramente entra nessas histórias. E mesmo dos «consagrados», muito nos escapa...

“Os restos encontrados, infelizmente ou felizmente, não trazem marca de pertença. Não nos dizem se são espólio do capitão do donatário ou do mais humilde dos seus trabalhadores ou, quem sabe, pertenceram a um escravo que a enxurrada terá arrasado na sua fúria louca e indiscriminada. Não nos elucidando nesse talvez preciosismo, diz-nos, contudo, que um ser humano ali tinha a sua casa, os seus utensílios domésticos, mesmo que deles nos restem apenas simples bocados. Mas mais do que isso este Diário mostra-nos também como se deve ter cuidado nas afirmações históricas.”

A sua atividade na arqueologia não se ficou apenas pelos Açores. Também, de 1951 a 1963, procedeu a escavações arqueológicas na necrópole medieval do Largo das Almas, em Viana do Castelo, e na Citânia de St^ª. Luzia (casa e silo). Fez duas comunicações ao 1^o Congresso Nacional de Arqueologia, em Sintra (inéditas). Dirigiu a 2.^a fase de escavações promovidas pela Associação Académica de Coimbra na Cividade de Afife (castro luso-romano). Fez várias pesquisas arqueológicas em diversas povoações castrejas no Vale do Lima. Descobre as primeiras cerâmicas pintadas de Idade do Ferro no Castro de S. Caetano, em Monção. Sobre esta descoberta elaborou e proferiu uma comunicação no Congresso Nacional Arqueológico de Espanha, em Sevilha, que recebeu boas referências e sugestões do Catedrático de Arqueologia da Universidade de Barcelona, Doutor Luis Pericot.

MSO foi quem teve a ideia de criar a Associação Arqueológica do Arquipélago dos Açores, com a qual a FSO tem estreita ligação.

Carlos Melo Bento, presidente da FSO, no livro publicado com a dissertação de MSO, e intitulado ‘Antero de Quental – Problemas Filosóficos e Concepções Religiosas’, afirma que MSO era

“extremamente rigoroso e metódico em tudo o que fazia e o mesmo exigia dos outros quando trabalhando com ele ou quando visitando o espaço da prospeção arqueológica.

Desde a fita métrica à caixa de cartão que a guardava, desde a máquina fotográfica às varas de marcação, desde a escolha do utensílio de prospeção à circulação no terreno, tudo tinha de ser cuidadosa e criteriosamente manipulado, decidido e feito.

Uma escavação é uma destruição, dizia, mas uma destruição dirigida para a descoberta e para a salvaguarda de evidências que se expetam ou que se nos revelam, e que, como tal, nunca por nunca se deverão eliminar ou adulterar.

Tal rigor para consigo e para com os outros mantém-se tutelarmente presente, de tal modo que qualquer involuntário descuido ou manifesto erro tem de imediato a devida crítica – ou autocrítica - a não esquecer.

Tal rigor torna tudo mais claro, mais simples, mais eficaz, mais encantador - e mais livre o sujeito que o percebe e adopta.

O espólio das escavações arqueológicas de Vila Franca do Campo é revelador do pensamento científico do Dr. Manuel de Sousa d’Oliveira e do quanto fica distante do colecionismo e etnografismo por que enveredou a autarquia vilafranquense na sua política museológica.

É que um fragmento cerâmico, uma moeda quase desfeita, um pedaço de malha metálica, um resto de argamassa, para o cientista, pode ser quanto basta para o estudo de um determinado contexto e de um determinado quotidiano e decisivo ponto de partida para o retrato dos seus utilizadores, dos seus obreiros, das relações de produção e de comércio praticadas, hábitos, condição social e expetativas de vida.”

Em 1936, contra o parecer de alguns, mas seguindo o conselho de Agnelo Casimiro, seu pai manda-o estudar para Coimbra, cidade que o viria a transformar, marcar e seduzir para sempre. É na Lusa - Atenas que frequenta a Faculdade de Letras e se licencia com alta classificação em Históricas e Filosóficas em 25 de julho de 1942.

⁵³in Açoriano Oriental, 26 de janeiro de 2014, pp. 17

Foi aluno e discípulo de Joaquim de Carvalho em Filosofia, e de Damião Peres, (que lhe dá distinção), em Paleografia. É também aluno de Virgílio Correia. Foi isto no tempo em que o poeta Eugénio de Castro e o geógrafo Amorim Girão dirigiam a Faculdade. Mas, se Coimbra marcou Sousa d'Oliveira, a cidade do Mondego recebeu também a sua marca.

Num artigo do jornal a Gazeta das Caldas, evidencia as capacidades desportivas de MSO, onde se pode ler que o futuro arqueólogo, nascera com resistência física cuja robustez ele empregou no desporto que praticou em, calcule-se, 15 modalidades, nalgumas das quais, foi campeão nacional universitário. Atletismo, basquetebol, voleibol, futebol, ping-pong, natação, water-polo, horseball, handebol, rãguebi, tiro, esgrima, ténis, ciclismo e remo. Foi esta polivalência que lhe valeu o sobrenome de "estudante de Oxford", conhecido filme de Robert Taylor e cujo tema girava à volta de um estudante americano que vai estudar para Oxford, na Inglaterra, e que se sente segregado pelos colegas. É o seu êxito no desporto e em várias modalidades que lhe conquista a estima e a admiração dos "snobs".

Entre os outros amores de MSO, encontramos o Teatro ao Ar Livre nos Açores, no qual, em 1968, é nomeado novamente bolseiro da Gulbenkian. Em 1971 apresenta-se a Exame de Estado e é colocado como professor efetivo na escola Técnica de Caldas da Rainha, onde funda o 1.º Clube da História do País.

Mas, antes disso, em 1942, frequenta, com êxito académico e alta classificação, os cursos de Ciências Pedagógicas e de Bibliotecário Arquivista.

Homem invulgar e com um carácter único, privou com muitos vultos da cultura portuguesa e, obviamente, açoriana. Privara com Almeida Santos, depois conhecido líder socialista, e este até fizera um conto sobre ele (Rã no Pântano, Contos, pág. 103), intitulado "Ratos e Livros". O Dr. António Câmara fazia parte desses seus contactos de férias. A famosa tertúlia da Pepe, no pós-guerra, constituída por Dr. Luís Bernardo Leite Ataíde, Dr. Francisco Ataíde Machado Faria e Maia e Rodrigo Rodrigues, abria-lhe as portas para a arte e estudos anteriores e históricos.

O Dr. José Bruno Carreiro recebia-o diariamente em sua casa (desde 1941) para falar de Antero, literatura e história política de S. Miguel. Rui Galvão de Carvalho é a figura central de uma fase de sua vida (década dos anos 30) na sequência dum movimento intelectual agrupador de jovens que aspiram a uma nova literatura açoriana, lutando contra a cega obediência aos cânones estabelecidos.

São esses jovens que José Barbosa, diretor do jornal "A Ilha", acolhe: Pedro da Silveira (que foi técnico da Biblioteca Nacional, autor de livros de poesia moderna "Ilha e o Mundo" e "Notícias do Oeste" e a "Antologia da Poesia Açoriana", publicada muito mais tarde, já na década de 70), Eduardo Vasconcelos Moniz, Fernando Lima e Eduíno Borges Garcia.

Já no período da guerra (39-45) Côrtes-Rodrigues tinha estado em S. Miguel com Joel Serrão e Egito Gonçalves ("Poema para os meus amigos da Ilha"). É nesta altura que Côrtes-Rodrigues oferece a Joel Serrão os originais das cartas de Pessoa para aquele poeta, que Serrão publicaria depois.

Sousa d' Oliveira começa a frequentar a casa de Côrtes-Rodrigues, na Rua do Frias, por via da etnografia e antropologia cultural. Daí a Vila Franca foi um passo, dada a origem vilafranquense do poeta. Em 1942, Rui Galvão dá a Oliveira cópias de cartas inéditas de Antero. Mestre Rui não quer publicar mais nada sobre Antero. Esta declaração leva-o a oferecer-lhe tais documentos. Sousa d' Oliveira considera Rui Galvão como o professor que grande influência sobre ele exercera durante a adolescência e nos primeiros passos da maturidade. Inicia-o no culto de Antero; fizera-o definitivamente hóspede dos salões filosóficos do vate e vítima fatal das suas ideias. No período anterior, Oliveira foi levado a contactar com Francisco Machado Faria e Maia, sobrinho homónimo do privado de Antero. Por ele ficou a saber que páginas manuscritas daquele se encontravam na posse do professor Cabral de Moncada, da Faculdade de Direito de Coimbra, a quem foram confiadas para estudos de Filosofia de Direito. Dirigiu-se a casa do famoso jurista e, para seu espanto, este confiou-lhe um caixote com os preciosos documentos. Encontravam-se, em Coimbra, no apartamento de que já falámos e hoje estão na sede da Fundação para cá trazidos pela mão eficiente da Dra. Berta Cabral.

A sua vastíssima biblioteca de dezenas de milhares de volumes encontrava-se, até 2001, dispersa por vários pontos: no largo do Bom Despacho, de Ponta Delgada, no seu quarto da Calçada do Pombeiro, em Lisboa; Viana do Castelo, em casa do seu amigo Eugénio Pinheiro, e no seu rés-do-chão, de Coimbra. Não poderia louvar a forma como os tinha arrumados, pois a sua colocação em gavetas, mesas, armários, cama, dificultava a sua consulta e localização.

*"Esta paixão pelos livros levou a colecionar milhares de livros pelos sítios que habitou: Ponta Delgada, Lisboa, Viana do Castelo, Coimbra e Caldas da Rainha."*⁵⁴

Apresentou várias comunicações em congressos de Arqueologia realizados nas cidades espanholas de Orense, Burgos, Sevilha e em Portugal. Foi também por esta altura que fez uma comunicação ao 1.º Congresso de Etnografia, cujo tema foi: "Cancioneiro Popular no Alto Minho".

Todavia, a política de então era implacável para com os antigovernamentais e, perseguido por todos os lados, vê-se forçado a pedir a exoneração, poucos meses depois de a Fundação Gulbenkian lhe ter concedido uma bolsa para estudo das cerâmicas pintadas da Idade do Ferro em Portugal. Com tal bolsa continuou em Viana, facto de que resultou nova investida da PIDE, para indagar dos meios de subsistência, provavelmente por suspeita de pertencer ao quadro de funcionários do P. C., o

⁵⁴ in jornal a Gazeta das Caldas, 11 de maio de 2012.

que evidentemente era falso. Durante a sua permanência em Viana, como Diretor do Museu, desenvolve intensa atividade intelectual. Em 1954 publica, de parceria com Abel Viana, um trabalho intitulado "Cidade Velha de St^a." Luzia (Viana do Castelo).

Ao legado intelectual – cognitivo, metodológico, social, ético - com morada e matéria, há que juntar o legado com matéria e morada no exterior: os livros, as revistas, os jornais e outras publicações, mais de 30.000 itens, os manuscritos, os desenhos, as gravuras e as pinturas, as centenas ou milhares de transcrições dos arquivos estudados, as centenas ou milhares de cartas, os estudos temáticos, os diários, o espólio das escavações arqueológicas e de outros trabalhos de campo, como foram os estudos que fez do teatro popular. O espólio das escavações arqueológicas de Vila Franca do Campo é revelador do pensamento científico do Dr. Manuel de Sousa d'Oliveira e do quanto fica distante do colecionismo e etnografismo por que enveredam algumas entidades que podiam beneficiar com tal museologia. No entanto, a FSO incrementará esforços para que este legado tenha o seu devido espaço na Região. Vila Franca do Campo e os Açores deveriam ter hoje um Museu Arqueológico, pois é que um fragmento cerâmico, uma moeda quase desfeita, um pedaço de malha metálica, um resto de argamassa, para o cientista, pode ser quanto basta para o estudo de um determinado contexto e de um determinado quotidiano e decisivo ponto de partida para o retrato dos seus utilizadores, dos seus obreiros, das relações de produção e de comércio praticadas, hábitos, condição social e expectativas de vida. Um Museu destes, mesmo que só com pequenos cacos, é um Museu ativo, pleno de indagação, de descoberta, de conhecimento, de comunicação e de vida. Ao invés, objetos inteiros de cerâmica, perfeitas moedas de coleção, cotas de malha completas ou edificações intactas apresentadas como meras peças de aparato ou de desuso, por melhor normalizado que seja o seu descritivo, rapidamente darão forma a um Museu de basbaques, quedo, surdo, mudo e morto. Espero que este Museu venha a ver a luz do dia, em Ponta Delgada, através da FSO, e de algumas entidades parceiras que percebam a importância de tal fator. E porque quando a história pergunta à arqueologia, o percurso evolutivo da humanidade é bem mais verídico e abastado. Assim, Manuel Sousa d'Oliveira tornou a nossa história mais abastada e próspera e, como tal, devemos dar o devido respeito ao seu caminho e contributo que 'ofertou' aos açorianos em especial e ao mundo culto em geral.

BIBLIOGRAFIA:

AÇORIANO ORIENTAL (2014), 26 de janeiro, pp. 17.

BENTO, Carlos Melo, 'ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM VILA FRANCA DO CAMPO 1967-1982', Ponta Delgada, 1990.

D'OLIVEIRA, Manuel de Sousa, 'ANTERO DE QUENTAL – PROBLEMAS FILOSÓFICOS E CONCEÇÕES RELIGIOSAS', COIMBRA 1942, PONTA DELGADA 2010.

D'OLIVEIRA, Manuel de Sousa, 'VI CAMPANHA – ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DAS TERRAS DO ENGENHO (II) – VILA FRANCA DO CAMPO - 1978'; Criativa; 2016.

GAZETA DAS CALDAS (2012), "Manuel Sousa d'Oliveira – O 'Estudante de Oxford' que passou pelas Caldas da Rainha", 11 de maio, pp. 20-21.

PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ DEPOIS DO 9º COLÓQUIO NA LAGOA 2008

REGRESSAR ÍNDICE

39. JOÃO FONTES, GRUPO FOLCLÓRICO DE SANTO ESPÍRITO



Organiza a participação do Grupo Folclórico de Santo Espírito. Participa pela primeira vez

40. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AGLP, AICL, PATRONO DESDE 2007

João Malaca Casteleiro licenciou-se em filologia românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em sintaxe da língua portuguesa.

É desde 1981 professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de sintaxe e semântica do português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da sintaxe, léxico e didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. Professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia entre 1991 e 2008.



Montalegre 2016



Maia 2013



Seia 2014



moínhos de porto formoso) 2014



RIO DE JANEIRO 2010



MACAU 2011



MONTALEGRE 2016



BELMONTE 2017



Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Em representação da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro fez parte da delegação portuguesa ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 1986 participou também no Anteprojeto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, em 1988, assim como nos trabalhos que conduziram ao Acordo Ortográfico de 1990, firmado nesse ano, em Lisboa.

A 24 de abril de 2001 foi feito Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. João Malaca Casteleiro foi o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, bem como o coordenador científico do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa editado pela Porto Editora em outubro de 2009.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

João Malaca Casteleiro foi galardoado com o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, e foi agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de títulos sobre Linguística, Didática do Português-Língua Estrangeira e situação da língua portuguesa no mundo.

Publicou obras como A Língua e a Sua Estrutura, A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade.

Malaca Casteleiro tem tido diversas intervenções públicas em prol do Acordo Ortográfico.

Não obstante, subscreveu, em 2008, o manifesto de Evanildo Bechara, académico da Academia Brasileira de Letras e promotor do Acordo Ortográfico no Brasil, - "Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o Novo Acordo Ortográfico de 1990" -, divulgado no âmbito do 3.º Encontro Açoriano da Lusofonia (10º colóquio da lusofonia), no qual se pode ler: «*Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição quando declara que o Acordo não tem condições para servir de base a uma proposta normativa, contendo imprecisões, erros e ambiguidades*».

Este manifesto responde às críticas que foram dirigidas ao Acordo Ortográfico pelos signatários da petição Manifesto em defesa da Língua Portuguesa e conclui que «*as falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras*».

Em 2005, respondendo ao pedido de pareceres que o Instituto Camões enviou a diversas instituições sobre o Segundo Protocolo Modificativo de 2004 do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, Malaca Casteleiro emitiu, em nome da Academia das Ciências, parecer favorável à aplicação do Acordo do qual foi um dos autores.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

FOI NOMEADO ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

FOI NOMEADO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA em novembro 2016

TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007.

Tema 2.1.: O impressionante crescimento do ensino da língua portuguesa na China após a transferência de Macau em 1999

"Em 1999, data em que cessou a administração portuguesa em Macau, havia muito descrédito quanto à continuidade da língua de Camões no Território. A realidade veio, porém, mostrar o contrário. O Português continua a ser língua oficial e dominada pela administração pública, é ensinado nas instituições públicas e privadas e na Escola Portuguesa, muito procurada pelos chineses. Na China, o crescimento do ensino do Português tem sido impressionante.

Em 1999 havia apenas três universidades onde a nossa língua se aprendia, hoje há já trinta e cinco, oferecendo dois terços delas cursos de licenciatura e muitas, de doutoramento.

A China é, sem dúvida, o país onde o ensino do Português mais tem crescido durante este século".

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL

REGRESSAR ÍNDICE

41. JOÃO MORGADO, Escritor, Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Belmonte.

João Morgado nasceu em 1965, em Aldeia do Carvalho, Covilhã.

Poeta e romancista, é doutorando em Comunicação na Universidade da Beira Interior, onde se licenciou, tem um mestrado em Estudos Europeus na Universidade de Salamanca, Espanha, e uma pós-graduação em Marketing Político pela Universidade Independente / Universidade de Madrid. É membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão.



www.joaomorgado.net



Foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cívico e Cultural, oficializada pela República Federativa do Brasil, pelo seu trabalho de investigação sobre Pedro Álvares Cabral.

Trabalhou como jornalista e, para além da imprensa regional, escreveu no diário “Público” e semanário “Sol”.

Atualmente, é consultor de comunicação nos meios empresariais e políticos.

Na literatura, afirmou-se com dois romances: «Diário dos Infiéis» e «Diário dos Imperfeitos».

Estas duas obras foram adaptadas ao teatro pela ASTA – Associação de Teatro e outras Artes.

Na sua incursão pelo romance histórico, lançou no Clube do Autor, a obra «VERA CRUZ» (2015) sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral, e um polémico romance biográfico de Vasco da Gama «ÍNDIAS» (2016).

RECEBEU OS SEGUINTE PRÉMIOS:

ROMANCE

- Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012
- Prémio Literário Alçada Baptista 2014
- Prémio Nacional de Literatura LIONS 2015
- Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha

Correntes d’Escritas 2015

- Medalha do Mérito Literário da “Ordem Internacional do Mérito do Descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral” (Brasil), 2017

POESIA

- Prémio de Poesia Manuel Neto dos Santos 2015

CONTO

- Prémio Literário António Serrano 2016

LIVROS

ROMANCE

‘ÍNDIAS’, Romance Biográfico sobre o lado sombrio de Vasco da Gama Clube do Autor, 2016

‘Vera Cruz’, Romance sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral Clube do Autor, 2015

‘Diário dos Imperfeitos’ (Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012) Editora: Kreamus - 2012

‘Diário dos Infiéis’ – Romance Editora: Oficina do Livro (LEYA) - 2010

CONTOS

‘O Pássaro dos Segredos’ Conto Ilustrado Editora Kreamus, 2014

‘Meio-Rico’ – Contos Editora: Kreamus - 2011

'Falstaff e o Vinho de Roda' – Conto In: Contos com Vinho da Madeira Edição Instituto do Vinho da Madeira (Coletânea) - 2009

POESIA

'Para Ti' Editora Kreamus, 2014

'Porto de Saudade' Editora Arandis, 2016

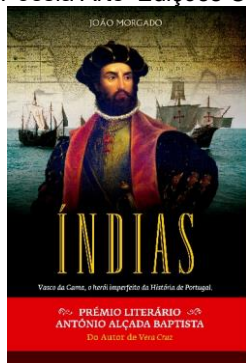
COLETÂNEAS DE POESIA internacionais

'World of Poetry 2015"

'O Olhar da Língua Portuguesa', Brasil, 2016

COLETÂNEAS DE POESIA

'Poesia Arte' Edições Oz, 2015



'Marginália' Ed. Edita-me, 2015

'CNB e os Poetas' ed.: Companhia Nacional de Bailado, 2014

'Água de Doze Rios' Ed. Coisas de Ler, 2012

'Coletânea de Poesia Contemporânea da Beira Interior' Coordenador e Coautor: Editora: Kreamus - 2000

JUVENIL

Coleção grande navegadores Alethêia / Pingo Doce, 2016

□ 'Pedro Alvares Cabral – O Gigante dos Mares'

□ **'Vasco da Gama – O Terror das Índias'**

'CABRALITO' uma versão ilustrada para crianças, sobre a vida de Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil. Ilustração Bruno Picoto ed.: Restelo 30 / Kreamus

FOTOGRAFIA

'Covilhã e a Estrela' Coautor (Texto) Fernando Chaves (Fotografia) Editora: Kreamus - 2001

ESTUDO

'Covilhã e a Imprensa - Memórias de um século: 1864/1964' Editora: Associação Nacional de Imprensa Diária e Não Diária – 1998

[POEMA TU ÉS CASA ouça aqui](#)

Tema 2.9. "Vasco da Gama – o herói Imperfeito"

«Índias» é romance biográfico de Vasco da Gama, a grande figura dos descobrimentos portugueses. Contudo, sabemos que a história é feira num misto de factos e mitos. Este livro relata-nos as suas viagens à Índia. Digo "viagens", plural, porque efetuou três. Há duas de que mal se fala. Talvez porque não interesse falar. E só esta questão já nos deve merecer uma grande interrogação.

O que tem a história a esconder de Vasco da Gama? A história em si é uma coisa – factual.

A história oficial é outra coisa – a seleção e ficção oficial dos heróis pátrios.

Acontece em Portugal e em todas as partes do mundo. Há sempre uma tendência para higienizar os heróis nacionais. Expurgá-los de defeitos e sobrevalorizar os seus feitos.

Mas se até os deuses mitológicos eram plenos de defeitos, o que dizer destes "deuses" terrenos? Os nossos heróis de carne e osso, feitos da matéria de todos os homens, estão também peçados de defeitos.

Vasco da Gama não escapa a esta realidade.

Tinha tanto de intrépido e corajoso, como de ganancioso e vingativo. Isso a história oficial não pode dizer. Não se pode dizer nas escolas, que Gama saqueou, torturou e queimou pessoas vivas em nome de Deus e do ouro para os seus bolsos e para os cofres do rei. Não é bonito. Não é isto que se espera de um herói cantado nos Lusíadas. Contudo. Não deixa de ser a verdade. O que temos é de contextualizar esta realidade na sua épica.

O lado negro de Gama

Vasco da Gama era filho segundo, além do mais, ilegítimo. Pertencia a uma família de baixa-nobreza. Sentia-se por isso meio-filho, meio-irmão, meio-nobre, meio-digno, meio-homem. Tudo lhe sabia pela metade.

Talvez por isso não olhou a meios para alcançar o que a vida madrasta lhe negara. Combateu piratas e ousou enfrentar a mais longa viagem oceânica da sua época, com o fito de satisfazer o seu rei e alcançar a sua boa fortuna. Nada tinha a perder, tudo tinha a ganhar, por isso dominou os medos e enfrentou os mares desconhecidos.

Chegou ao outro lado do mundo, ao Índico, à terra de todas das riquezas. Apesar das vicissitudes aqui relatadas, a verdade é que rasgou os horizontes para Portugal, um feito que ninguém lhe pode negar. Aclamado pela nobreza, pelo clero e pelo povo, julgava ter conquistado a glória. Contudo, Pedro Álvares Cabral roubou-lhe o protagonismo e rumou às Índias numa frota que Gama considerava ser sua por direito. Sentiu-se traído, tudo lhe voltou a saber por metade e isso era-lhe insuportável. O sentir-se ultrajado fez crescer nele o seu lado mais obscuro e jurou vingar-se dessa afronta. Essa indignação foi a força que o agigantou e o perdeu.

Junto do rei D. Manuel I consegue afastar Cabral e voltar às Índias. No Índico ele é rei e senhor de um poder de fogo inigualável na época. Está com pouco mais de 30 anos, ferve-lhe o sangue, é impulsivo, liberta os seus demónios interiores, as suas frustrações. Não tem o irmão a seu lado para o chamar à razão, pelo contrário, tem gente tão ambiciosa como ele, marcada pela falta de humanidade da Idade Média, pelo que mata, tortura, queima, subjuga, rouba, impõe tributos.

Lança o terror no Índico. El-rei afasta-o de novo, mas dá-lhe as maiores mordomias, porque lhe reconhece a obstinação, a perseverança, a ambição que ele próprio partilhava.

Gama foi assim o exemplo de tenacidade de uma figura controversa, que marca o perfil de uma raça de conquistadores que deram corpo à época gloriosa dos descobrimentos portugueses. Porque os heróis não são deuses imaculados, mas sim homens de uma época, julgados por homens do seu tempo. Falar do seu lado negro não é apoucar a figura, pelo contrário, é humanizá-la. Gama ainda voltará às Índias como Vice-Rei, e aí encontrará a morte longe da pátria que, mais tarde, lhe dará um lugar no Mosteiro dos Jerónimos, no panteão dos heróis de Portugal.

Podemos julgar um homem a mais de 500 anos de distância?

Podemos julgar um homem a mais de 500 anos de distância? Podemos analisar o seu trajeto histórico à luz dos valores atuais? Sim e não. É verdade que muitos dos valores humanistas para que hoje remetemos, já estavam presentes na sociedade do século XVI. Matar, torturar, saquear, eram obviamente condenáveis à luz da própria cristandade. Tanto assim, que o próprio Vasco da Gama acabou por ser moralmente condenado por uma certa nobreza atreita a códigos de conduta, e pelas ordens religiosas defensoras de valores mais humanistas, de uma visão mais lúcida da fé.

O iluminismo estava a abrir caminhos por então. Gama foi afastado uma vez, mas voltou ao Índico ainda com mais raiva. Foi afastado uma segunda vez, mas ainda assim voltou a ser chamado para regressar às Índias. O que podemos inferir daqui? Antes de mais, que el-rei de Portugal partilhava com Gama a mesma ambição de conquista e poder, desvalorizando as questões éticas ou cavaleirescas. Eram ambos pragmáticos, com objetivos bem delineados, e capazes de tudo para serem bem-sucedidos. Gama queria reconhecimento social e riqueza, D. Manuel I ambicionava ser imperador. É isto desprezível? Talvez o seja no plano da desmedida ambição pessoal. Mas o sucesso destes dois homens era também a grandeza do reino. Não era essa a sua missão?

Podemos questionar se os meios justificam os fins. Após a segunda viagem de Vasco da Gama, podemos dizer que Portugal não foi negociar especiarias, foi tomá-las pela força. Tinha a melhor frota marítima, conhecimentos navais invejáveis, um poder de fogo inigualável. Jogou todo o seu poderio no mar Índico para combater os mouros que dominavam o mercado, para subjugar os indianos que eram senhores de infindáveis riquezas.

Na verdade, foi uma invasão de territórios, uma usurpação de direitos, um abuso de poder. Mas estes sim, são valores a que olhamos à luz dos nossos dias. Naqueles tempos era outro o entendimento, os reinos guerreavam-se, as fronteiras eram instáveis, os pactos dependiam das boas vontades dos monarcas e das relações de forças entre os seus exércitos. Alexandre, O Grande, não tinha conquistado um dos maiores impérios do mundo antigo? O império de Roma não tinha anexado povos do mar Mediterrâneo, na África e na Ásia? Os árabes não tinham já invadido territórios africanos e chegado à Península Ibérica? O que impedia Portugal de ambicionar um lugar na história mundial, o seu quinhão de glória, de poder e riqueza?

Portugal não foi condenado, quanto muito foi invejado. Pelo que não tardou a que outros reinos enveredassem pelo mesmo caminho. Quando franceses, ingleses, holandeses ganharam poder nos mares, também eles conquistaram os seus territórios, ganharam as colónias que mantiveram até tempos recentes. E no contexto da época, nenhum destes impérios foi conseguido sem guerras, o mesmo é dizer, sem mortes, injustiças, misérias humanas. Guerras por certo bem mais sangrentas que as protagonizadas pelos exércitos portugueses. É neste contexto histórico que devemos enquadrar D. Manuel I e Vasco da Gama como seu peão de armas. Um homem no seu tempo.

CRÍTICAS – ÍNDIAS

«Este romance relata o verdadeiro Gama, e aqui que ninguém meta a unha, que o João Morgado fez um romance com um rigor e uma exatidão histórica intocável.»

Sérgio Luís de Carvalho Padrão dos Descobrimentos, 15.5.2016

«Se a ressonância, o ritmo e a vivacidade das imagens e da narrativa nos lembra Fernão Lopes, o estilo brilha numa mescla bem-sucedida entre a crónica e a linguagem romanesca. O estilo que daqui resulta é moderno e sobretudo muito único.»

Sérgio Luís de Carvalho Padrão dos Descobrimentos, 15.5.2016

«João Morgado cria um notável ambiente de suspense, histórico e psicológico, através da concorrência entre Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama para a atribuição do posto de capitão das armadas (...) Com efeito, é um romance suficientemente moderno, iconoclasta e irreverente, que Alçada, ele próprio, não hesitaria em premiar...»

Miguel Real, Escritor e Crítico In: Jornal das Letras, 11 de maio de 2016

«A memória do tutor do prémio, António Alçada Baptista, não podia ser melhor servida, do ponto de vista literário e do ponto de vista humano, com a atribuição do galardão a ÍNDIAS, de João Morgado. Não poderia ser melhor!»

Miguel Real, Escritor e Crítico In: Jornal das Letras, 11 de maio de 2016

«É um escritor de livros inovadores e reveladores da nossa história.»

Luís Filipe de Castro Mendes, Ministro da Cultura

«Li com entusiasmo. Tornei-me um admirador!»

João Soares, político, ex-ministro da Cultura, setembro 2017

É SÓCIO AICL.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 27º EM BELMONTE

REGRESSAR ÍNDICE

42. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA, VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA, AÇORES. CONVIDADO AICL



Bragança 2007



GRACIOSA 2015



LOMBA DA MAIA 2016

JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA é biólogo (Vice-Presidente e membro da Ordem dos Biólogos)

sendo natural da freguesia de Sé Nova, Coimbra, onde nasceu a 04.05.1962. Nesta cidade fez a instrução primária e o então ciclo preparatório, tendo-se mudado para Ponta Delgada (São Miguel, Açores), em 1976, onde conclui o ensino secundário e o Ano Propedêutico.

Em 1980, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e no terceiro ano do curso mudou para o curso de Biologia da Faculdade de Ciências da mesma Universidade, onde concluiu o ramo Científico, na área de sistemática e evolução.

Em simultâneo concluiu o curso de Técnico de Aplicações Laser, organizado pelo Centro de Ótica Quântica da mesma Faculdade.

Regressou a Ponta Delgada em 1990 e no ano seguinte integrou o quadro do Museu Carlos Machado como Técnico Superior.

Concluiu a pós-graduação em Museologia (ISMAG/ Universidade Lusófona) em 1992, tendo, no mesmo ano, ingressado na Carreira de Conservador, assumindo a curadoria da coleção de História Natural.

Como museólogo, participou e coordenou diversos projetos, designadamente o projeto de Gestão Documental dos museus da rede regional de museus, bem como coordenou e comissariou várias exposições.

Em simultâneo com as funções no Museu Carlos Machado foi formador no domínio da Biologia e da Documentação Museológica.

Foi docente convidado da Universidade dos Açores, na Licenciatura em Património Cultural, entre 2006 e 2012, tendo ministrado as cadeiras Museologia, Gestão e Políticas Patrimoniais e Metodologias de Aquisição, Inventário e Classificação Patrimoniais.

Foi Presidente da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja (Diocese de Angra), entre 2014 e 2017.

Tem participado em encontros, seminários e congressos, em especial nos domínios da museologia, biologia e espeleologia.

É autor e coautor de diversas publicações e artigos, em particular de vários livros no domínio da divulgação científica.

Presentemente, encontra-se destacado como vogal da Estrutura de Missão para a Casa da Autonomia, cargo que ocupa desde 2015, mantendo, no entanto, a colaboração com o Museu Carlos Machado.

É Vice-presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada e Diretor Executivo do EXPOLAB – Centro de Ciência Viva dos Açores.

Apresenta Livro Bibliografia Geral da Açorianidade

tema 2.9. PAAD: Uma plataforma digital para o conhecimento dos Açores

A estrutura de missão para a Casa da Autonomia, no âmbito do projeto *Autonomia dos Açores Digital*, concebeu um modelo de gestão integrada da informação e iniciou a construção uma plataforma informática de vanguarda, assente no conhecimento especializado nas áreas da computação, gestão documental, museologia, biblioteconomia e arquivística. Esta plataforma tecnológica baseia o seu desenvolvimento no princípio do *software* livre e do livre acesso à informação, e assenta nas mais recentes normas internacionais, quer ao nível da normalização de dados e do seu intercâmbio entre diferentes plataformas, quer ao nível da preservação digital. Visa-se, desta forma, garantir a persistência da informação e assegurar a evolução sustentável das fontes de conhecimento. O protótipo que está a ser desenvolvido poderá estar na base de uma verdadeira mudança de conceções e práticas, aos mais variados níveis da gestão da informação nos Açores, possibilitando a construção coletiva de bases de conhecimento por parte de museus, bibliotecas e arquivos, independentemente da natureza pública ou privada das instituições de custódia, promovendo redes e reforçando parcerias. O projeto prevê ainda um programa de digitalização de acervos e a construção de um sistema de Repositório Digital, com múltiplas funcionalidades, designadamente o acesso a jornais e a livros em formato digital, e a pesquisa em texto livre.

João Paulo Alvão Serra de Medeiros Constância

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 8º EM BRAGANÇA 2007, 20º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016

[REGRESSAR ÍNDICE](#)

43. JOÃO TRINDADE REIS SANTOS, DIRETOR DO MUSEU DE SANTA MARIA EM SANTO ESPÍRITO, ORG



Será nosso guia na visita ao museu entre outros locais de interesse.

JÁ TOMOU PARTE EM 2011 NO 16º COLÓQUIO

44. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL



TOMOU PARTE NO 17º NA LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 25º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA

45. JOSÉ HOMEM DE MELLO, EDITOR LIDEL



Participa pela primeira vez, apresenta livros do Dr. Ramos-Horta

46. JOSÉ RAMOS-HORTA, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, Ministro de Estado e Conselheiro para a Segurança Nacional do 7º governo da RDTL, Membro do grupo de Alto-Nível da ONU para Mediação, EX-PRESIDENTE E EX-PRIMEIRO-MINISTRO, TIMOR-LESTE. PATRONO DESDE 2016, SÓCIO HONORÁRIO AICL #2 DESDE 2016

RAMOS-HORTA

Atual Ministro de Estado do 7º governo da RDTL

- Atual Conselheiro para a Segurança Nacional do 7º governo da RDTL,

- Membro do Painel de Alto-Nível da ONU para Mediação (UN Secretary-General's High-Level Advisory Board on Mediation)
- Presidente da República Democrática de Timor-Leste (2007 - 2012)
- Primeiro-ministro e Ministro da Defesa (2006-2007)
- Vice-Primeiro-Ministro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação (2002-2006)
- Membro do Gabinete, Administração Transitória das Nações Unidas para Timor-Leste - UNTAET (2000-2002)
- Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Comunicação no 1º Governo proclamado em dezembro 1975 após a Declaração Unilateral de Independência de Timor-Leste, Porta-voz da Resistência (1975-1999).
- Presidente do Painel de Alto-Nível sobre Operações de Paz da ONU, encarregue da revisão dos mecanismos de paz e de segurança da ONU (novº 2014)
- Copresidente da Comissão Independente Multilateral (Reforma da ONU).
- Representante Especial do Secretário-geral da ONU e Chefe da Missão Integrada da ONU de Apoio à Construção da Paz na Guiné-Bissau (janeiro 2013- junho 2014) Membro do Conselho de Estado, um órgão de consulta do Presidente da República.
- Vice-Presidente do Conselho Asiático de Paz e Reconciliação (APRC), desde setembro 2012. O APRC, com Secretariado em Banguecoque abarca os líderes asiáticos que trabalham numa segunda via de diplomacia e mediação



Direitos Humanos e erradicação da pobreza extrema:

- Está sobejamente documentada a dedicação e o empenhamento de Ramos-Horta na proteção e promoção dos Direitos Humanos e não se limita nem se limitou jamais ao seu próprio país, Timor-Leste.
- J. Ramos-Horta lançou em janeiro 1990, na Universidade da Nova Gales do Sul (Sidney, Austrália) o primeiro curso, jamais existente, de educação e formação em diplomacia e direitos humanos na Ásia, numa abordagem inovadora no ensino de direitos humanos através de um curso multidisciplinar para prepara os defensores dos direitos humanos com conhecimentos práticos e teóricos sobre os instrumentos de direito internacional relativos aos direitos humanos e à diplomacia discreta e advocacia pública, a fim de promover ativamente os direitos humanos na ordem do dia.
- O programa continua a ser o programa de maior sucesso em toda a região Ásia-Pacífico, com ações de formação desenvolvidas ao longo do ano em diferentes países, beneficiando mais de dois mil defensores de direitos humanos.
- Ramos-Horta liderou o primeiro programa de formação em educação sobre direitos humanos e advocacia na Birmânia em julho 1994, e, desde então programas idênticos têm sido conduzidos na Indonésia, Timor-Leste, Malásia, Tailândia, Filipinas, Hong-Kong, Índia, Nepal, Qatar (dirigidos aos direitos dos trabalhadores imigrados).
- Tem falado e escrito abundantemente sobre a situação dos direitos humanos em Myanmar (Birmânia), Irão, Coreia do Norte, Afeganistão, etc. Durante mais de trinta anos tem defendido os direitos das minorias e dos povos indígenas relativamente à necessidade de respeito mútuo e tolerância entre as diferenças crenças.
- Como Chefe de Estado, José Ramos-Horta nunca se coibiu de condenar publicamente os abusos dos direitos humanos na Coreia do Norte e do Irão enquanto outros líderes asiáticos se mantiveram silenciosos em relação ao tema.
- Com a sua influência e liderança, desde 2002 que Timor-Leste vota a favor de todas as Resoluções das Nações Unidas em situações específicas de direitos humanos em países como Irão, Myanmar (Birmânia) e Coreia do Norte.

- Ramos-Horta recebeu o seu primeiro prémio internacional em 1993, o Prémio de Direitos Humanos Professor Thorof Rafto (Bergen, Noruega, 1993), devido aos seus incansáveis esforços na promoção dos direitos humanos.

- Sendo o primeiro-ministro dos estrangeiros de Timor-Leste, trabalhando em estreita cooperação com o falecido Sérgio Vieira de Mello, José Ramos-Horta defendeu e conseguiu que Timor-Leste acedesse e ratificasse todos os principais tratados internacionais de direitos humanos logo no primeiro dia da independência de Timor-Leste em 2002.

- Durante o período em que desempenhou as funções de ministro dos estrangeiros, primeiro-ministro e Presidente, Ramos-Horta geriu com extrema convicção humanitária os incidentes com "boat-people (refugiados em fuga por barco)", sempre lembrando aos legisladores e ao povo de Timor-Leste a sua obrigação em darem apoio aos povos que fogem de regimes tirânicos, da pobreza extrema ou da guerra.

- Durante a pior crise política e humanitária em Timor-Leste em 2006 numa extraordinária manifestação de compaixão, abriu os portões de sua casa em Dili para albergar centenas de mulheres, crianças e idosos – durante várias semanas – até que foram realojados num campo de refugiados do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados).

- Durante a sua Presidência, J. Ramos-Horta lançou uma série de iniciativas simples e criativas, de combate à pobreza, destinadas a melhorar a vida aos mais pobres dentre os pobres. Dentre essas medidas, lançou um programa comunitário de habitação para os extremamente pobres e vulneráveis, capacitando os jovens nas vizinhanças mais pobres para identificar os beneficiários e as terras, permitindo aos jovens construir as casas através do programa dinheiro por trabalho. Esta iniciativa e o programa de capacitação teve enorme sucesso contribuindo para reduzir as tensões e os conflitos nas vizinhanças pobres.

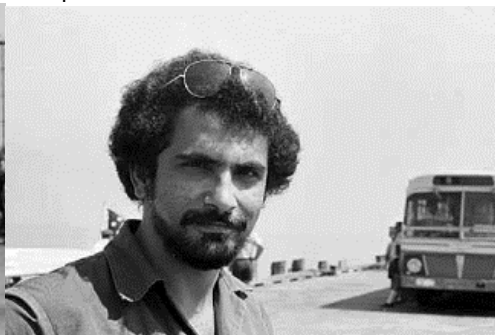
- Durante os seus cinco anos em funções, o Presidente Ramos-Horta fez a doação de metade do seu salário mensal e do seu bónus do 13º a diversos projetos sociais e humanitários. As suas ajudas de custo de viagens locais foram doadas ao seu pessoal de mais baixos salários, pessoal da limpeza, condutores, etc.

- Todas as suas participações públicas pagas como palestras e outras foram doadas a diversos grupos em Timor-Leste, em especial as ONG encarregues de proporcionar abrigo, proteção e aconselhamento a mulheres e jovens vítimas de violência doméstica e violência sexual.

- Durante a sua missão como Representante Especial do Secretário-Geral (RESG) das Nações Unidas na Guiné-Bissau, Ramos-Horta pagou do seu próprio bolso para vários doentes crónicos, pobres, serem evacuados para Lisboa a fim de receberem tratamento urgente.



EM 1975



RAMOS-HORTA RECORDA ASSIM O 25 de abril EM TIMOR

Mediação

- Negociou com sequestradores de reféns na Colômbia em 1998, garantindo com sucesso a libertação de 15 reféns sequestrados pelo Ejercito de Liberación Nacional, da Colômbia;

- Enviado Especial da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – como Mediador na Guiné-Bissau, 2003, 2004.

- Mediou inúmeras disputas e conflitos em Timor-Leste num período de mais de dez anos, desde violência de gangues de jovens a disputas sobre posse de terras, crises no seio dos militares, das polícias e das elites políticas.

- Concebeu a campanha da Maratona Internacional "Dili, Cidade de Paz", a Volta a Timor em bicicleta, iniciativas contra a pobreza, etc.

Vida Académica

- Membro Honorário do Advisory Council of the Institute for Global Law and Policy da Universidade de Harvard, 2012 -

- Candidato ao Doutoramento em Relações Internacionais na Universidade do Minho, Braga, Portugal (2007 -)
- Diploma, Executive Program, Leaders in Development, John F. Kennedy School of Government, Universidade de Harvard (1998)
- Senior Associate Member, International Relations, St. Antony's College, Universidade de Oxford (1987)
- Masters of Arts in Peace Studies, Antioch University, Ohio, USA (1984)
- Advanced Diploma, Public Relations, Centro Internacional de Marketing (1970-1974).
- Frequentou e completou cursos em Direito Internacional Público, a Academia de Lei Internacional da Haia (The Hague Academy of International Law), Legislação Internacional de Direitos Humanos, Instituto Internacional de Direitos Humanos de Estrasburgo (1983).
- Doutor Honoris Causa por Universidades da Austrália, Japão, Coreia, Tailândia, Filipinas, Brasil, Portugal, EUA.
- Presidente Fundador do DTP – Programa de formação em diplomacia e direitos humanos na Faculdade de Direito, Universidade de Nova Gales do Sul, Sidney, desde 1990. Ministrou aulas sobre os sistemas das Nações Unidas, criou e dirigiu modelos do Conselho de Segurança da ONU:
- Professor Convidado Universidade de Nova Gales do Sul, Sidney (Austrália), desde 1996.
- Distinto Professor Convidado da Universidade de Vitória, Melbourne (Austrália), desde 2007.
- Professor Convidado da Universidade Internacional Ewa Women, Seul (Coreia do Sul), 2007-2012

Membro de vários importantes organismos internacionais

- Club de Madrid, Madrid
- Fundação de Liderança Global (Global Leadership Foundation), Londres
- Iniciativa para a Segurança dos Oceanos [Ocean Security Initiative/ Iniciativa para la Seguridad de los Océanos (OSI)], Cartagena, Colômbia
- Iniciativa de Equidade Global (Global Fairness Initiative), Washington, DC, EUA
- Painel de Alto-Nível (High-Level Panel), Programa Salvar o Sonho (Save the Dream Programme), uma iniciativa do Comité Olímpico do Qatar (QOC) e do Centro Internacional de Segurança do Desporto, destinado a restaurar a fé no ideal dos Jogos Olímpicos, Doha, Qatar.
- Sócio Honorário e Patrono da AICL (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia)

Línguas - Para além das línguas-mãe Tétum e Português, fala fluentemente Inglês, Francês e Espanhol.



com Obama e Michele



Figura 6.2: Sérgio Vieira de Melo with José Ramos Horta returning from exile in 1999
Foto: Andrei Mironov/Reuters

com o malgrado representante da ONU em Timor, Sérgio Vieira de Melo



lomba da maia 2016

Principais Prémios

- Ordem de Timor-Leste (2012)
- Ordem de Dom Boaventura (2006)
- Prémio Nobel da Paz (1996)
- Ordens Honoríficas de Portugal, Brasil, Cuba e Cabo Verde

Vários Prémios Internacionais

Livros e outras obras publicadas

- FUNU: The Unfinished Saga of East Timor, Red Sea Press, Trenton, NJ, USA, 1987;
 - Timor-Leste: Amanhã em Dili, Dom Quixote, Lisboa, 1994;
 - O Mundo Perdido de Timor-Leste / The Lost World of Timor-Leste, Ministério da Educação, UNICEF, Dili, Timor-Leste (2010), um livro infantil escrito com Patricia Vickers-Rich, e ilustrado por Peter Trusler (300 mil cópias até hoje em 16 línguas);
 - A Matter of Principle: Humanitarian Arguments for War in Iraq by Thomas Cushman (Editor) with Christopher Hitchens, José Ramos-Horta e outros. Editor Paperback, 1º edição, 372 páginas, publicado em 11 julho 2005 pela University of California Press;
- Tem escrito amplamente sobre Relações Internacionais para o International Herald Tribune, New York Times, Wall Street Journal, Huffington Post, The Daily Beast / Newsweek,

Tema 2.1. Lança livro “O mundo perdido de Timor-Leste”, infantojuvenil de Ramos-Horta e Pat Rich-Vickers e um Livro de fotografia “Aqui, onde o sol, logo em nascendo, vê primeiro” de Kay Rala Xanana Gusmão, José Ramos-Horta, Raquel Belli



**TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016
FOI NOMEADO PATRONO E SÓCIO HONORÁRIO por proposta do Professor Malaca Casteleiro
[REGRESSAR ÍNDICE](#)**

47. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO

José Soares (de Abrantes Reis) nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948.

Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História.

Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.



MONTALEGRE 2016



LOMBA DA MAIA 2016



BELMONTE 2017



MAIA 2013



SEIA 2014



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras. Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César. Publicou em 2014 o livro de crónicas "Barcos de Palha".

SÓCIO DA AICL. ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL, SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL. PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE (AÇORES) 2007, 11º LAGOA (AÇORES) 2009, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, BELMONTE 2017

REGRESSAR ÍNDICE

48. KATHARINE F. BAKER TRADUTORA, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA



MAIA 2013

KATHARINE F. BAKER, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu para inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álvaro Oliveira [2006], o livro de poemas *My Californian Friends* de Vasco Pereira da Costa [2009] e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Álvaro Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Escreveu dois capítulos no livro *Untamed Dreams – The Faces of America* de Portuguese Heritage Publications of California [2016].

Com Dr. Chamberlain ela traduziu o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, Ph.D. (ser publicado por Tagus Press), e logo começará o quarto rascunho da tradução do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Reinaldo A. Silva, Ph.D., e Emanuel Melo).

Em 2017 cotraduziu com José Luís da Silva a biografia por Álvaro Oliveira duma imigrante açor-californiana, *Lúcia Noia: Menina e moça* [*Free-Spirited and Young at Heart*] de Bridge Books, e traduziu o primeiro rascunho do romance *Marta de Jesus (a verdadeira)* de Álvaro.

Contribui de vez em quando à página “Maré Cheia” no jornal Californiano *Tribuna Portuguesa* e ao sítio web das Comunidades (RTP). Criou e atualiza os sítios de web <http://www.inolongerlikechocolates.com> e <http://www.mycalifornianfriends.com>.

EMANUEL MELO, (ausente) tradutor e escritor, é natural de Ponta Delgada, São Miguel, Açores, e emigrou, com nove anos, para o Canadá.

Reside em Toronto, Ontário, onde formou-se na Universidade de Toronto e trabalha como administrador no Victoria College da Universidade de Toronto por mais de 25 anos.

As suas crónicas e contos foram publicados em *Cleaver* (“The Weekly Visit”, “Tiago”, “The First Communion”), *Mundo Açoriano*, (*TWAS*) *Toronto Arts Scene*, e nos sítios web das Comunidades (RTP) e do Canadian Centre for Azorean Research and Studies.

O seu conto “The Cottage Visit” foi incluído em *Writers of the Portuguese Diaspora in the United States and Canada: An Anthology* [2015], e “Avó lives Alone” foram publicados em *MEMÓRIA: An Anthology of Portuguese Canadian Writers* [2013].

Criou e atualiza o seu próprio sítio de web <http://thetorzorean.com> (com crónicas e fotos).

TEMA 4.1. TRADUÇÃO DE O PASSEIO DOS POETAS

Nas paredes de várias ruas no centro da Praia da Vitória (ilha Terceira dos Açores) encontram-se trinta e quatro painéis em azulejo, obra criada pelo artista praiense Ramiro Botelho em 2005. Cada painel, dedicado a um poeta lusófono desde Camões até os poetas contemporâneos, inclui um dos versos mais bem conhecidos de cada poeta. Os tradutores apresentam as imagens de todos os painéis, perfis breves dos poetas, os trechos bilingües, e os desafios-chave que encontraram no processo de os traduzir. Nesta apresentação os painéis são organizados em três categorias: portugueses continentais; açorianos; e, improvisadores terceirenses.

SLIDE 1: COVER

Ao longo das ruas do centro da Praia da Vitória, na costa leste da ilha Terceira nos Açores, encontramos painéis em azulejo colados nas paredes que homenageiam trinta e quatro poetas, principalmente dos Açores e em particular da Terceira – cada um com um verso representativo de seu poeta. Os poemas abrangem vários temas sobre as ilhas tal como o mar, a natureza, a poesia, os sonhos – e mesmo a saudade.

SLIDE 2: MAPA – LOCALIZAÇÃO DA PRAIA E DOS PAINÉIS

O mapa do Passeio apresenta os azulejos na ordem geográfica em que um peão percorre as ruas. No contexto desta apresentação, fez sentido organizar os painéis em três categorias – portugueses continentais e brasileiros; açorianos; e, improvisadores terceirenses.

SLIDE 3: O CENTRO DA PRAIA & UNS PAINÉIS

No outono passado, eu e John viajamos para a Terceira, onde passamos três dias na Praia. Enquanto andávamos pela Praia, vimos nas paredes dezassete azulejos, cada um dedicado a um poeta lusófono desde Camões até aos contemporâneos, inclusive o nosso amigo Álamo Oliveira. Fiquei tão interessada que, depois de voltarmos aos Estados Unidos, pesquisei as palavras-chave “Passeio dos poetas” e “Praia da Vitória” na internet.

SLIDE 4: WEBSITE DOS VANDERKROGT

Encontrei o sítio web do casal holandês VANDERKROGT, com fotos e pormenores sobre todos os painéis. Descobri que ainda havia outros azulejos, inclusive de mais dois amigos, Urbano Bettencourt e o recém-falecido Marcolino Candeias. Veio-me a ideia de traduzir todos os trechos para inglês, com a colaboração do Emanuel Melo. Depois, enviei-os para os VANDERKROGT, que gostaram das traduções e as incluíram no seu sítio web.

SLIDE 5: PORTUGAL CONTINENTAL – CÂMOES, GARRETT, PESSOA, ESPANCA

O mundo lusófono tem uma grande tradição poética. Por isso o Passeio homenageia famosos poetas de origem continental, inclusive o Homero português, **Camões**. **Almeida Garrett**, natural do Porto, promoveu o teatro em Portugal no século dezanove, e introduziu o romantismo português. **Fernando Pessoa** foi autor prolífico; aliás, a sua mãe era oriunda de Angra do Heroísmo, e os dois visitaram-na quando Fernando era menino. A feminista **Florbela Espanca** lembra-nos do lugar superior do poeta na sociedade.

SLIDE 6: BRAZIL / PORT – MEIRELES, DRUMMOND, GONÇALVES, DOS SANTOS

Dois poetas representam o Brasil: **Cecília Meireles**, cidadã do mundo lusófono, cujo *Romance Açoriano* louva a beleza do arquipélago numa metáfora. E o lendário **Carlos Drummond de Andrade** exorta o transeunte a viver a vida ao máximo. De Portugal continental, **Egito Gonçalves** utiliza a metáfora de arco e flecha para representar a sua voz. E o poema de **José Carlos Ary dos Santos** lamenta a impotência do poeta moderno diante da brutalidade no mundo.

SLIDE 7: AÇORES – QUENTAL, MESQUITA, NEMÉSIO, LEWIS

Antes de haver o Passeio na Praia já havia em Oeiras, pertinho de Lisboa, o Parque dos Poetas com estátuas homenageando vários poetas portugueses, inclusive os nativos açorianos **Antero de Quental**, um dos maiores poetas e pensadores do século dezanove; e o contista, romancista e crítico **Vitorino Nemésio**, natural da Praia e uma figura incontornável do século vinte. Nos seus trechos, os florentinos **Roberto de Mesquita** – e Alfredo Luís, que passou a ser **Alfred Lewis** na Califórnia – evocam a distância entre a sua ilha nativa (juntamente com o vizinho Corvo) e o resto do mundo.

SLIDE 8: AÇORES – CORREIA, FERRAZ, BERTO, FÉLIX

Oeiras e a Praia homenagearam a **Natália Correia**, uma micalense que apesar de mudar-se para Portugal continental continuou a escrever sobre os Açores com grande afeto; na tradução do trecho aqui escolhido, traduzimos a palavra “relativamente” para a frase “in terms of” em vez da palavra mais óbvia, “relatively”, para manter o sentido do poema. **Eduarda Ferraz**, artista polifacetada e coreógrafa da Praia, escreveu sobre a cidade natal. O nativo graciosense músico e *raconteur* **José Berto** adorou a vida noturna de Angra do Heroísmo. E o poeta angrense **Emanuel Félix** foi professor, técnico de restauro artístico e escritor.

SLIDE 9: AÇORES – ÁLAMO, BARROS, MARTINS, URBANO

Álamo Oliveira expressa a unicidade que um açoriano sente a omnipresente natureza frente ao mar. Tragicamente, **Santos Barros** morreu jovem num acidente de viação na Espanha. **Borges Martins** foi organizador da antologia *Improvisadores Da Ilha Terceira*. **Urbano Bettencourt** recentemente declarou que “A Guerra colonial contaminou a minha escrita,” como apreciamos neste epigrama que evoca o sentimento dos soldados portugueses pela pátria.

SLIDE 10: AÇORES/PORTUGAL – BOTELHO, RODRIGUES, CANDEIAS, PEIXOTO

O trecho que achamos o mais difícil foi do micalense **Emanuel Botelho**. O antifascista Cesare Pavese foi um homem de letras italiano na primeira metade do século vinte. Botelho alude ao último romance de Pavese, intitulado *A lua e as fogueiras*; infelizmente, foi impossível conservar o jogo de palavras “quarta” e “quarto” na tradução inglesa. O Angrense **Rui Rodrigues** lamenta a perda da inocência infantil que todo mundo pode sentir. O nosso amigo **Marcolino Candeias** observa a presença infinita do mar na vida açoriana. E um dos poetas mais recentes, **José Luís Peixoto**, louva o valor de poesia à busca da pureza.

SLIDE 11: CANTORIA AO DESAFIO

Cantoria ao desafio é um gênero bem popular na Terceira, como noutros lugares dos Açores e nas comunidades emigradas. Segundo **Victor Rui Dorez**, “os poetas populares, regra geral, improvisam quadras e sextilhas que são técnica e literariamente perfeitas. É um pretexto p’ra se comentar nos assuntos históricos, bíblicos, mundanos, ou então a necessidade de divagar sobre episódios da vida quotidiana, p’ra encetar um saudável exercício de crítica social”.

SLIDE 12: IMPROVISADORES – BRAVO, CHICO ROICO, TURLU, CHARRUA

O Bravo, apesar de apenas quatro anos de formação, foi um pioneiro de cantoria ao desafio, estabelecendo o esquema de rima de A-B-A-B, a “quadra literária” como o Charrua apelidou. **O Chico Roico**, reconhecido principalmente como enredista de danças e bailinhos carnavalescos, passou uns anos nos Estados Unidos, antes de regressar à nativa Terceira, onde foi pedreiro; além do palco, improvisou quadras “na companhia dos foliões, à saída da missa, a pedir para o bodo”. **O Charrua** foi bem respeitado pela sua consciência social perante o desprezo das injustiças e dos vícios da sociedade. Além de quadras, compôs canções, danças de espada e outras formas literárias. **A Turlu** foi uma das primeiras e relativamente poucas praticantes femininas de cantoria. Já viúvos velhos, A Turlu e O Charrua casaram-se.

SLIDE 13: IMPROVISADORES – FERREIRA DAS BICAS, VITAL, RETORNADO, MOTA

O Ferreirinha das Bicas é homenageado no trecho dum colega mais novo, **O Mota**. Dentro da década passada, a casa em São Bento do improvisador **O Vital** – “poeta de todas as luas”, segundo o seu biógrafo – ficou transformada no Museu do Cantadores da Ilha Terceira. **O Retornado** diz, “não é fácil o improviso. Nemésio tentou improvisar com o Charrua, e despistou-se. Não tinha o poder do improviso.” Quanto ao Charrua, O Retornado diz, “Cantei com ele os últimos cinco anos da vida dele e espicaçava-o em palco. Dizia-lhe ‘já acabaste’. Ele sentia-se picado e respondia. Foi o melhor de todos”. Adiciona, “Dizemos a brincar coisas sobre os políticos que a sério não poderíamos dizer. Somos o porta-voz dos que não têm voz”. Segundo a proclamação no quadragésimo aniversário da carreira música do **Mota**, “é um improvisador de espírito sereno e comunicativo, nostálgico e ao mesmo tempo alegre quando conversa e causa sempre profundo impacto nas pessoas”.

SLIDE 14: IMPROVISADORES – GALANTA, ELISEU / ARTISTA RAMIRO BOTELHO

O Galanta foi conhecido pela sua forma de cantar satírica, repentista dos melhores, e era temido pelos companheiros do palco. Ironicamente, extremo medo do palco o assolava, ao contrário do que parecia. Deixou de cantar, em parte, por receios em relação à saúde devido ao nervosismo. **O Eliseu** tem cantado em público durante quase quarenta anos, desde tinha apenas onze anos; é afirmado como um dos mais sólidos cantadores de sempre, tanto na qualidade das suas quadras como no nível de conhecimentos, sobre diversas áreas: é pesquisador insaciável. Certas cantorias encontram-se no YouTube. E alguns cantores têm mesmo feito gravações. Podem achar através do Google. Aqui chegamos ao fim dos painéis. Este ambicioso projeto foi realizado em dois mil e cinco pelo artista praiense **Ramiro Botelho**. Além de fabricar os azulejos, desenhou quase todos os retratos. Ficamos agradecidos ao falecido artista que nos deixou uma importante lembrança dos nossos poetas.

SLIDE 15: AS PIORES TRADUÇÕES MECÂNICAS

Traduzir poesia não é fácil, como se pode ver nos exemplos aqui citados. A tentação é de ir à internet à procura de uma tradução que, muitas vezes, nos dá o sentido literal mas que sempre falham em produzir o sentido figurativo das frases. Existe um dito inglês, traduzido assim: “Quantos tradutores são necessários para mudar uma lâmpada? Tudo depende do contexto.” Felizmente, ainda precisamos de tradutores humanos que se preocupam com achar o sentido certo na tradução de uma língua para outra.

SLIDE 16: COVER

Apesar do número de poetas representados no Passeio dos Poetas, existem muito mais outros de grande valor poético que podíamos juntar à lista dos trinta e quatro já citados. Uma delas seria a minha amiga terceirense Rosa Maria Silva, entusiasta de poesia, poetisa popular, e grande cantadora de desafio. Fechamos com a última sextilha do seu poema “Perfume da palavra”:

*A palavra auspiciosa
Tem o perfume de rosa
No peito da escritura;
Regue essa palavra então
Com a fonte de inspiração
No corpo da assinatura.*

Katharine F. Baker, Universidade de Pittsburgh ~ Pittsburgh, Pensilvânia, EUA
& Emanuel Melo, Universidade de Toronto ~ Toronto, Ontário, CANADÁ

Traduzir para inglês os textos do Passeio dos Poetas, Praia da Vitória, Ilha Terceira, Açores

PORTUGAL CONTINENTAL

28. Luís Vaz de Camões (1524-1580) – in *Sonetos*

mudam se os tempos, mudam se as vontades times change, desires change
muda se o ser, muda se a confiança; the self changes, trust changes;
todo o mundo é composto de mudança, the whole world is made up of change
tomando sempre novas qualidades always taking on new qualities

5. Almeida Garrett (1799-1854) – in *Voz e Aroma*

a brisa vaga no prado, the breeze undulates in the meadow,
perfume nem voz não tem; it has neither perfume nor voice;
quem canta é o ramo agitado, it's the rustling branch that sings,
o aroma é da flor que vem. its fragrance comes from the budding flowers.

20. Fernando Pessoa (1888-1935) – in *Poesias Coligidas*

aquele peso em mim – meu coração that weight inside me – my heart

2. Florbela Espanca (1894-1930) – in *Ser Poeta*

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior to be a poet is to be taller, to be larger
Do que os homens! Morder como quem beija! than mere men! to bite the way some kiss!
É ser mendigo e dar como quem seja it's being a beggar and giving like someone
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor! who's
the ruler of the world of pain!

BRASIL E PORTUGAL CONTINENTAL

26. Cecília Meireles (1901-1964) – in *Romance Açoriano*

elas são nove meninas, they are nine maidens
sentadinhas no alto mar, sitting on the high seas,
que lindos vestidos verdes in beautiful green dresses
pelo estrado de cristal! across an ocean of crystal!

34. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) – in *Poema das Sete Faces*

Quando nasci, um anjo torto when I was born, a deceiving angel,
desses que vivem na sombra one of those who live in the shadows
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida. said: go on, carlos, be gauche in life!

13. Egito Gonçalves (1922-2001) – in *Poema para os Companheiros da Ilha*

atiro a minha voz sobre o i shoot my voice over the
atlântico norte north atlantic
como uma flecha aos corações like an arrow to the hearts
dos companheiros of my companions

31. José Carlos Ary dos Santos (1937-1984) – in *Poeta Castrado, Não?*

da fome já não se fala we no longer speak of starvation
é tão vulgar que nos cansa it is so common that it wearies us
mas que dizer de uma bala but what do we say of a bullet
num esqueleto de criança? in a child's skeleton?

AÇORES

3. Antero de Quental (1842-1891) – in No Circo

<i>3. muito longe daqui, nem eu sei quando,</i>	3. so very far from here that i don't even know
<i>nem onde era esse mundo, em que eu vivia...</i>	when
<i>mas tão longe ... que até dizer podia</i>	or where this world was that i used to live in...
<i>que entanto lá andei, andei sonhando...</i>	but it was so far away... i could even say that while i walked there i was in a dream...

15. Roberto de Mesquita (1871-1923) – in Almas Cativas

<i>hoje, neste terraço, olhando o mar,</i>	today, on this terrace, looking out on the sea,
<i>apoiada na mão minha enrugada fronte,</i>	with my hand supporting my wrinkled forehead,
<i>eu cismo no meu solar</i>	i brood from my home
<i>perdido para além do horizonte...</i>	lost beyond the horizon...

1. Vitorino Nemésio (1901-1978) – in Eu Comovido a Oeste

<i>a minha vida não tem idade:</i>	my life has no age:
<i>tem tempo,</i>	it has time,
<i>e só por isso ainda é pequenina</i>	and that is the only reason it is still short

24. Alfred Lewis (1902-1977) – in Aquarelas Florentinas

<i>Está ali sorrindo não diz nada,</i>	she is there smiling, saying nothing,
<i>Olhos no mar em baixo, inda à espera</i>	eyes on the sea below, waiting for
<i>Dum vapor a fazer cordas de fumo</i>	a steamship belching ropes of smoke

AÇORES

8. Natália Correia (1923-1993) in Autogénese

<i>eu sou dos açores</i>	i am from the azores
<i>relativamente</i>	in terms of what
<i>naquilo que tenho</i>	i have in the way of
<i>de basalto e flores</i>	basalt and flowers

6. Eduarda Ferraz (1933-2003) – in Quadros do Baile

<i>A Praia é linda menina</i>	praia is a beautiful girl
<i>Que o mar abraça com jeito,</i>	that the sea embraces with care,
<i>Deitadinha numa concha,</i>	lying lightly in a shell,
<i>Encostadinha ao seu peito.</i>	close to her chest.

12. José Berto (1933-1999) – in Mar de Escamas

<i>fábricas!</i>	whaling factories!
<i>se a guerra acabar...</i>	if the war ends...

27. Emanuel Félix (1936-2004) – in Os Búzios

<i>Deixados pelos Deuses sobre a areia</i>	left by the gods on the sand
<i>Os búzios são cofres com pedaços da noite</i>	conch shells are treasure chests holding pieces of
<i>Pequenos transistors para as notícias do mar</i>	the night
	tiny transistor radios for news from the sea

AÇORES

30. [José Henrique] Álamo Oliveira (1945-) – in *Pão Verde*

<i>sempre que posso</i>	whenever i can
<i>deixo uma gaivota desenhar-me</i>	i let a seagull draw
<i>a alma</i>	my soul

32. J.H Santos Barros (1946-1983) – in *S. Mateus, Outros Lugares e Nomes*

<i>se uma pena de gaivota</i>	if a seagull feather
<i>tocando o musgo o abre</i>	touching the moss opens it, then
<i>"eis o coração da Ilha"</i>	"behold the heart of the island"

4. Borges Martins (1947-2014) – in *Por Dentro das Viagens*

<i>mar</i>	ocean,
<i>diz-me se ainda há pássaros</i>	tell me if there are still
<i>mortos</i>	dead birds
<i>na ilha da minha esperança</i>	on my island of hope

19. [Manuel] Urbano Bettencourt [Machado] (1949-) – in *Viola da África*

<i>de saudade</i>	saudade
<i>vai-te cercando o corpo</i>	encircles your body
<i>lentamente</i>	slowly

AÇORES

21. Emanuel Jorge Botelho (1950-) – in *A Giz de Alfaiate*

<i>Colado a Cesare Pavese</i>	attached to cesare pavese
<i>o mar é a quarta parede,</i>	the sea is his fourth wall,
<i>o quarto crescente,</i>	the crescent moon
<i>a grade infuso</i>	his cornerstone

9. Rui Rodrigues (1951-2004) – in *Gávea/Glacial*

<i>os meninos</i>	little boys
<i>morrem dentro dos homens</i>	die inside men

33. Marcolino Candeias [Coelho Lopes] (1952-2016) – in *Rota de Itaca*

<i>e se no fim faltar o cais para a chegada</i>	and if in the end there is no pier upon your arrival
<i>o mar também é terra onde morar</i>	the sea is also land to live on

17. José Luís Peixoto (1974-) – in *A Criança em Ruínas*

<i>felizmente , há os versos, último esconderijo da pureza.</i>	fortunately we have verses, purity's last hiding place.
<i>porque o destino são os versos e os pombos que cruzam</i>	for fate is poetry, and doves crossing the sky in circles, always returning
<i>o céu em círculos que sempre regressam</i>	

IMPROVISADORES TERCEIRENSES

29. O Bravo [Manuel Borges Pêcego] (1876-1945) – in *Cantadores da Ilha Terceira*

<i>Não estais cantando bem,</i>	you are not singing well,
<i>Que maldita hipocrisia,</i>	what damned hypocrisy,
<i>São espíritos do Além</i>	it is the spirits from beyond
<i>Que me fazem companhia</i>	who keep me company

22. O Chico Roico [Francisco Luís de Melo] (1896-1935) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>este povo das Fontinhas</i>	it's the people of fontinhas
<i>é que atraí os meus sentidos</i>	who alert my senses
<i>para ouvir o que não presta</i>	to listen to what's no good
<i>aqui se acham reunidos</i>	for this they have gathered here

7. A Turlu [Maria Angelina de Sousa] (1907-1987) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>a minha língua é comprida</i>	my tongue is sharp
<i>o que diz não te convém</i>	what it says does not suit you
<i>e a tua está torcida</i>	yours is twisted
<i>por isso não falas bem</i>	and that is why you do not speak well

11. O Charrua [José de Sousa Brazil] (1910-1991) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>gosto de abrir os meus lábios</i>	i like to part my lips
<i>a cantadores importantes</i>	to important singers
<i>antes cantar a dez sábios</i>	better to sing to ten wise men
<i>do que a dez mil ignorantes</i>	than to ten thousand ignorant ones

IMPROVISADORES TERCEIRENSES

25. O Ferreira das Bicas [Francisco Ferreira dos Santos] (1914-1981) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>ai meu Bom Jesus do Pico</i>	oh my bom jesus do pico
<i>tens oiro e tens pergaminhos</i>	you have gold and a pedigree.
<i>porque é que aceitas se és rico</i>	well, if you're so rich, why do you accept
<i>esmolas dos pobrezinhos</i>	alms from the poor?

16. O Vital [João Lourenço Soares] (1920-1972) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>a serpente que rasteja</i>	the serpent slithers
<i>põe a selva em sobressalto</i>	puts the jungle on alert
<i>somente por ter a inveja</i>	only because it envies
<i>da águia que voa alto</i>	the eagle soaring on high

18. O Retornado [João Leonel A. Ferreira] (São Sebastião, 1944-) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>és a minha saudade</i>	you are my saudade.
<i>seara das minhas espigas</i>	my fields of corn
<i>verdade da minha amizade</i>	the truth of my friendship
<i>resposta das minhas cantigas</i>	the answer to my songs

23. O Mota [António Nunes Mota] (Ribeirinha, 1954-) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>venho cantar a um herói</i>	i come to sing the praises of a hero
<i>que de cantar já deixou</i>	who has stopped singing
<i>mas quando cantava foi</i>	but when he sang he was
<i>do melhor que cá passou</i>	the best ever to have come this way

AICL XXVIII colóquio ~ Santa Maria, Açores, Portugal ~ 27 Out – 1 Nov 2017
Traduzir para inglês os textos do Passeio dos Poetas ~ Praia da Vitória, Terceira

IMPROVISADORES TERCEIRENSES

10. O Galanta [Leonardo Nunes Pires] (São Brás, 1954-) – in *Improvisadores da Ilha*

Terceira

<i>não tens ideias atrevidas</i>	you have no bold ideas
<i>sei que brilhas neste dia</i>	i know that you shine today.
<i>só tenho folhas caídas</i>	i have but fallen leaves
<i>p'ra te dar na cantoria</i>	to give you in my song.

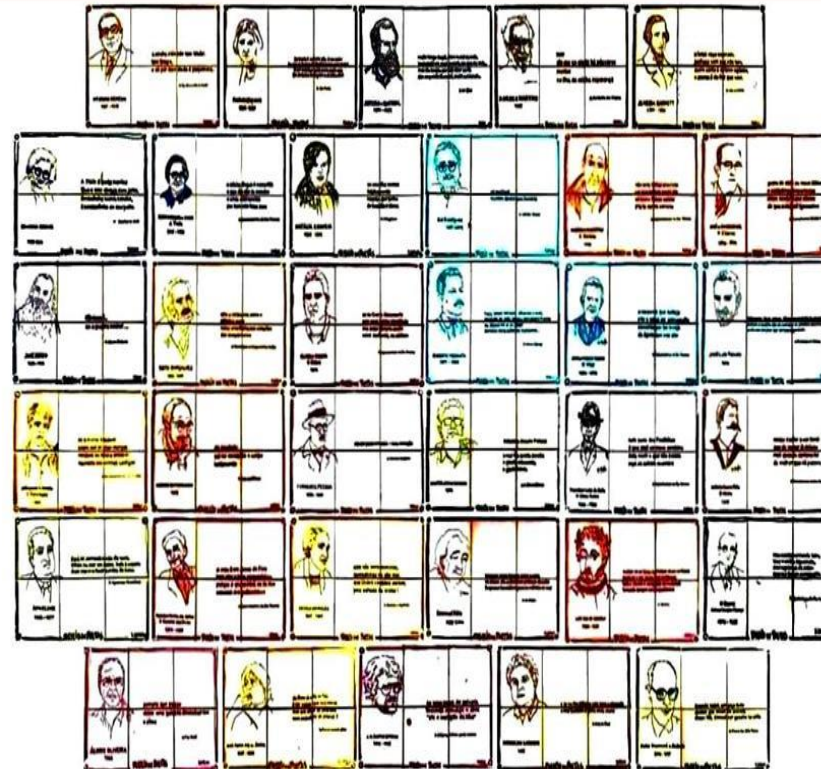
14. O Eliseu [Eliseu Costa] (São Bartolomeu, 1970-) – in *Improvisadores da Ilha Terceira*

<i>se eu tiver o documento</i>	if i have the document
<i>com essa minha identidade</i>	showing my identity
<i>vou estar sempre isento</i>	i'll always be exempt,
<i>meus senhores, da vaidade</i>	my lords, from vanity

ARTISTA RAMIRO BOTELHO ~ 11 Fev 1950 – 30 Jul 2011

- Nasceu na Praia da Vitória.
- Teve o curso complementar dos Liceus, Colégio Militar, Lisboa.
- Colaborou com a Câmara Municipal da Praia da Vitória, e organizando e instalando exposições de várias naturezas.
- Executou regularmente trabalhos de pintura sobre tela e papel.
- Executou a série de painéis de azulejo para o projeto "Passeio dos poetas", instalado nas ruas da Praia da Vitória...


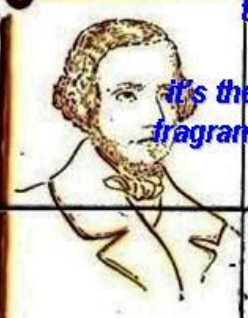
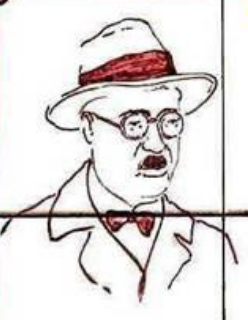

~ www.carminagaleria.com/exposicoes/corpodotoiro/ramiro_botelho.php



Katharine F. Baker, University of Pittsburgh ~ katharine.f.baker@gmail.com
Emanuel Melo, University of Toronto ~ emanuelmelo2006@yahoo.ca


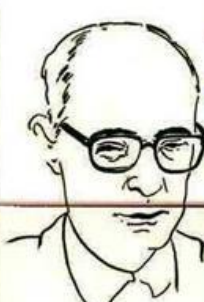
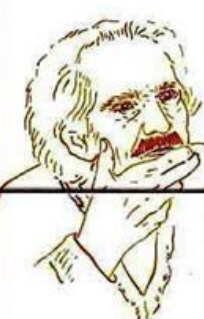



Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017 PORTUGAL CONTINENTAL

 <p>Luis Vaz de Camões 1524 - 1580</p>	<p><i>times change, desires change the self changes, trust changes; the whole world is made up of change always taking on new qualities</i></p> <p>mudam se os tempos, mudam se as vontades muda se o ser, muda se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades</p> <p>in Sonetas</p>	 <p>ALMEIDA GARRETT 1799 - 1854</p> <p><i>the breeze undulates in the meadow, it has neither perfume nor voice; it's the rustling branch that sings, / and its fragrance that comes from budding flowers</i></p> <p>a brisa vaga no prado, perfume nem voz não tem; quem canta é o ramo agitado, o aroma é da flor que vem.</p> <p>in Voz e Aroma</p>
 <p>FERNANDO PESSOA 1888 - 1935</p>	<p><i>that weight inside me – my heart</i></p> <p>aquele peso em mim – meu coração</p> <p>in Poemas Coligidos</p>	 <p>Florbela Espanca 1894 - 1930</p> <p><i>to be a poet is to be taller, to be larger than mere men! to bite the way some kiss! it's being a beggar and giving like someone who's / the ruler of the world of pain!</i></p> <p>Ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens! Morder como quem beija! É ser mendigo e dar como quem seja Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!</p> <p>in Ser Poeta</p>

3 fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://lvanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac1355>

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017 BRAZIL / PORTUGAL CONTINENTAL

 <p>CECILIA MEIRELES 1901 - 1964</p>	<p><i>they are nine maidens sitting on the high seas, in beautiful green dresses across an ocean of crystal!</i></p> <p>elas são nove meninas, sentadinhas no alto mar, que lindos vestidos verdes, pelo estrado de cristal!</p> <p><i>in Romance Apertado</i></p>	 <p>Carlos Drummond de Andrade 1902 - 1987</p>	<p><i>when i was born, a deceiving angel, one of those who live in the shadows said: go on carlos! be gauche in life.</i></p> <p>Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Val, Carlos! ser gauche na vida.</p> <p><i>in Poema das Sete Faces</i></p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	
 <p>EGITO GONÇALVES 1922 - 2001</p>	<p><i>i shoot my voice over the north atlantic like an arrow to the hearts of my companions</i></p> <p>atiro a minha voz sobre o atlântico norte como uma flecha aos corações dos compaheiros</p> <p><i>in Poema para os Compaheiros da Ilha</i></p>	 <p>José Carlos Ary dos Santos 1937 - 1984</p>	<p><i>we no longer speak of starvation it is so common that it tires us but what do we say of a bullet in a child's skeleton?</i></p> <p>da fome já não se fala é tão vulgar que nos cansa mas que dizer de uma bala num esqueleto de criança?</p> <p><i>in Poeta Castrado, Não!</i></p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	

fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://ivanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135> 6

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017

AÇORES

 <p><i>very far from here, i don't even know when, nor where this world was, where i used to live... but it was so far away... i could even say / that while i walked there, i was dreaming...</i></p> <p>multo longe daqui, nem eu sei quando, nem onde era esse mundo, em que eu vivia... mas tão longe... que até dizer podia que enquanto lá andei, andei sonhando...</p> <p><i>In Aó Círco</i></p> <p>ANTERO de QUENTAL 1842 - 1891</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p>	 <p><i>today, on this terrace, looking out on the sea with my hand supporting my wrinkled forehead, i brood from my home lost beyond the horizon...</i></p> <p>hoje, neste terraço olhando o mar, apoiada na mão minha enrugada fronte, eu cismo no m eu solar perdido para a.ém do horizonte...</p> <p><i>In Almas Calvas</i></p> <p>ROBERTO MESQUITA 1871 - 1923</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p>
 <p><i>my life has no age: it has time, and that is the only reason it is still short</i></p> <p>a minha vida não tem idade: tem tempo, e só por isso ainda é pequenina.</p> <p><i>In Eu Comovido a Oeste</i></p> <p>VITORINO NEMÉSIO 1901 - 1978</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p>	 <p><i>she is there smiling, saying nothing, eyes on the sea below, still waiting for a steamship belching ropes of smoke</i></p> <p>Está ali sorrindo e não diz nada, Olhos no mar em baixo, inda à espera Dum vapor a fazer cordas de fumo.</p> <p><i>In Aguarelas Florentinas</i></p> <p>Alfred Lewis 1902 - 1977</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p>

fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135> 7

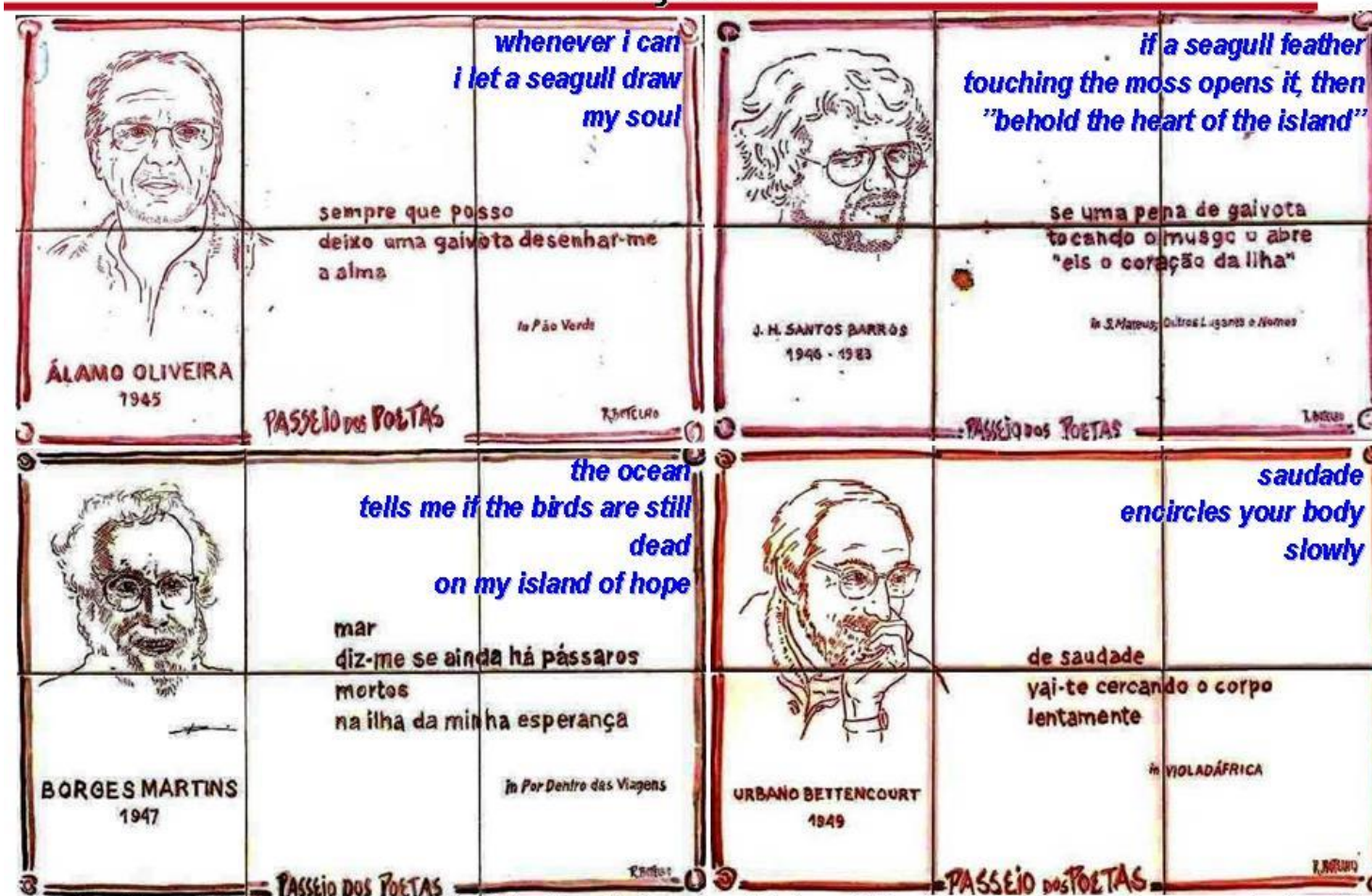
Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017

AÇORES

 <p>NATÁLIA CORREIA 1923 - 1993</p>	<p><i>i am from the azores in terms of what i have in the way of basalt and flowers</i></p> <p>eu sou dos açores relativamente naquilo que tenho de basalto e flores</p> <p><i>in Autogénese</i></p>	 <p>EDUARDA FERRAZ 1933 - 2003</p>	<p><i>praia is a beautiful girl that the sea embraces with care, lying lightly in a shell, close to her chest</i></p> <p>A Praia é linda menina Que o mar abraça com jeito, Deitadinha numa concha, Encostadinha ao seu peito.</p> <p><i>in Quadras do Balde</i></p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	
 <p>JOSÉ BERTO 1933 - 1999</p>	<p><i>whaling factories! if the war ends...</i></p> <p>fábricas !... se a guerra acabar ...</p> <p><i>In Mar de Escomas</i></p>	 <p>Emanuel Féix 1936 - 2004</p>	<p><i>left by the gods on the sand, conch shells are treasure chests containing pieces of the night / tiny transistor radios for news from the sea</i></p> <p>Deixados pelos Deuses sobre a areia Os búzios são cofres com pedaços da noite Pequenos transistores para as notícias do mar</p> <p><i>in os Búzios</i></p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	

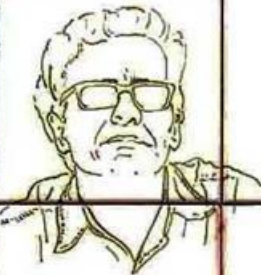



fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135> 8

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017 AÇORES



fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135> 9





Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017
AÇORES / PORTUGAL

 <p>EMANUEL JORGE BOTELO 1950</p>	<p><i>attached to cesare pavese the sea is his fourth wall the crescent moon his cornerstone</i></p> <p>Colado a Cesare Pavese</p> <p>o mar é a quarta parede, o quarto crescente, a grade infusa</p> <p>in A Giz de Alfiate</p>	 <p>Rui Rodrigues 1951-2004</p>	<p><i>little boys die inside men</i></p> <p>os meninos morrem dentro dos homens</p> <p>in Gávea/ Glacial</p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	
 <p>MARCOLINO CANDEIAS 1952</p>	<p><i>and if in the end there is no pier upon your arrival the sea is also land to live on</i></p> <p>e se no fim faltarem os cais para a chegada o mar também é terra onde morar</p> <p>in Rota de Itica</p>	 <p>José Luis Peixoto 1974</p>	<p><i>fortunately, we have verses, purity's last hiding place, for fate is poetry, and doves crossing the sky in circles, always returning</i></p> <p>felizmente, há os versos, último esconderijo da pureza. porque o destino são os versos e os pombos que cruzam o céu em círculos que sempre regressam.</p> <p>in A Criança em Ruínas</p>
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	

fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135>

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017





IMPROVISADORES ~ TERCEIRA

	<p><i>you are not singing well, / what damned hypocrisy, it is the spirits from beyond who keep me company</i></p> <p>Não estais cantando bem, Que maldita hipocrisia, São espíritos do Além Que me fazem companhia.</p>		<p><i>it's the people of fontinhas who alert my senses to listen to what's no good for this they have gathered here</i></p> <p>este povo das Fontinhas é que atrol os meus sentidos Para ouvir o que não presta aqui se acham reunidos</p>
<p>O Bravo Manuel Borges Fátima 1876 - 1945</p>	<p>In Cantadores da Ilha Terceira</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p> <p>R. BOEIJM</p>	<p>Francisco Luis de Melo O Chico Roico 1896 - 1935</p>	<p>In Improvisadores da Ilha Terceira</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p> <p>T. BOEIJM</p>
	<p><i>my tongue is sharp what it says does not suit you yours is twisted and that is why you do not speak well</i></p> <p>a minha língua é comprida o que diz não te convém e a tua está torcida por isso não falas bem</p>		<p><i>i like to part my lips to important singers better to sing to ten wise men than to ten thousand ignorant ones</i></p> <p>gosto de abrir os meus lábios a cantadores importantes antes cantar a dez sábios do que a dez mil ignorantes</p>
<p>MARIA ANGELINA DE SOUSA A Trulu 1907 - 1987</p>	<p>In Improvisadores da Ilha Terceira</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p> <p>T. BOEIJM</p>	<p>JOSÉ DE SOUSA BRAZIL O Charrua 1910 - 1991</p>	<p>In Improvisadores da Ilha Terceira</p> <p>PASSEIO DOS POETAS</p> <p>T. BOEIJM</p>

fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135>

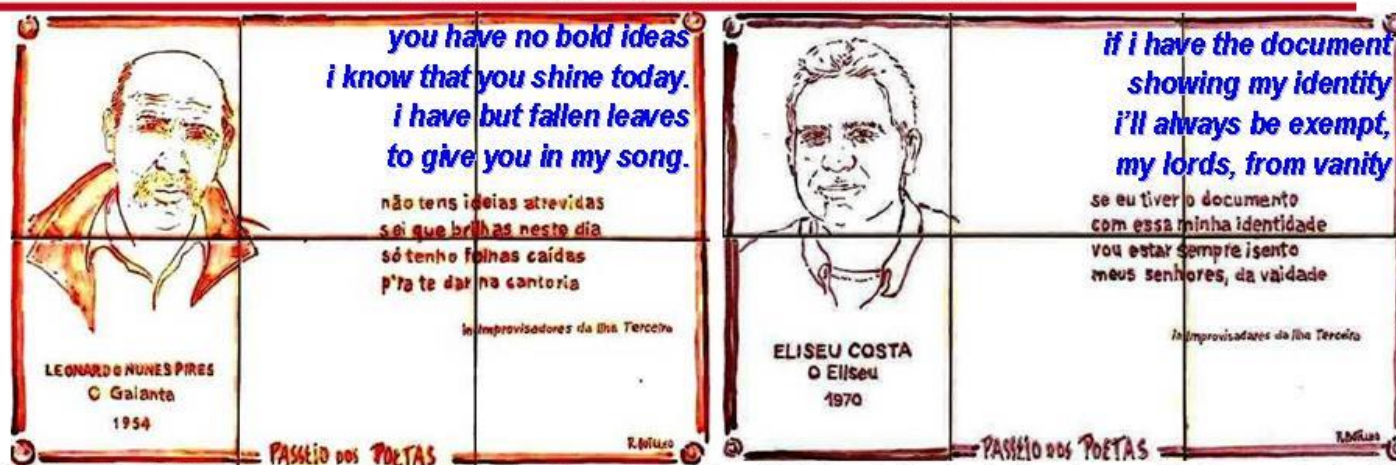
Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017

IMPROVISADORES ~ TERCEIRA

	<p><i>oh my bom jesus do pico you have gold and a pedigree. well, if you're so rich, why do you accept alms from the poor?</i></p> <p>ai meu Bom Jesus do Pico tens ouro e tens pergaminhos porque é que aceitas se és rico esmolas dos pobrezinhos</p> <p><i>In Improvisadores da Ilha Terceira</i></p>		<p><i>the serpent slithers puts in the jungle on alert only because it envies the eagle soaring on high</i></p> <p>a serpente que rasteja põe a selva em sobressalto somente por ter inveja da águia que voa alto</p> <p><i>In Improvisadores da Ilha Terceira</i></p>
<p>Francisco Ferreira dos Santos O Ferreiro das Dúcas 1914 - 1981</p>		<p>JOÃO LOURENÇO SOARES O Vital 1920 - 1972</p>	
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	
	<p><i>you are my saudade my fields of corn the truth of my friendship the answer to my songs</i></p> <p>és a minha saudade seara das minhas espigas verdade da minha amizade resposta das minhas cantigas</p> <p><i>In Improvisadores da Ilha Terceira</i></p>		<p><i>i come to sing the praises of a hero who has stopped singing but when he sang he was the best singer ever to come this way</i></p> <p>venho cantar a um herói que de cantar já deixou mas quando cantava foi do melhor que cá passou</p> <p><i>In Improvisadores da Ilha Terceira</i></p>
<p>João Leonel A. Ferreira O Retornado 1944</p>		<p>António Nunes Mota O Mota 1954</p>	
<p>PASSEIO DOS POETAS</p>		<p>PASSEIO DOS POETAS</p>	

fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://hvanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135> 2

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia ~ 27 Out – 1 Nov 2017 IMPROVISADORES ~ TERCEIRA



2 fotos: René & Peter van der Krogt ~ <http://vanderkrogt.net/statues/object.php?webpage=ST&record=ptac135>

2 fotos: John J. Baker



Ávila, Norberto. "Açórico roteiro abreviado." In *Percurso de poeta*. Lisboa: 2000. Trans. Katharine F. Baker (Univ. de Pittsburgh, EUA) & Emanuel Melo (Univ. de Toronto, Canadá) *Santa Maria, depois de certo incidente*

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem:
As casas, as pessoas, as gaivotas.*

*Já Cristóvão Colombo, finalmente submisso,
se desfez em desculposos argumentos.
Ele não é – tão-pouco os que com ele viajam –
desses que andaram pairando nas costas da Guiné,
pirateando as caravelas portuguesas.
Aconteceu, e muito simplesmente,
que o genovês,
depois de haver oferecido, em vão, seus préstimos
ao Rei de Portugal, D. João II,
achou-se (por acaso) navegando
no litoral de um novo continente,
Índias Ocidentais, ao que parece.*

*E então, muito depois, fugindo à tempestade,
(exausta a marinagem, desesperada),
surgiu no retorno aquela ilha hospitaleira
Santa Maria! E até calhava bem,
porquanto ele e seus homens,
sentindo a morte arrastá-los para os abismos oceânicos,
haviam feito voto de rezar,
e mais ainda: ouvir missa
numa primeira igreja que aparecesse
à Santíssima Virgem consagrada.*

*Patenteou Colombo seus húmidos, salgados documentos,
com o timbre orgulhoso e mui real de Espanha;
exibiu os índios pardacentos que com eles tinham,
por certo nunca vistos em terras de cristãos.*

Santa Maria, After a Certain Incident

Now all is well. Once again, all well:
The houses, the people, the seagulls.

Already Christopher Columbus, his spirit finally broken,
has come undone in apologetic arguments.
He is not – like those who travel with him –
among those who sailed hovering off the Guinea coast,
pirating Portuguese caravels.
It happened, and very simply,
that the Genoan,
after having, in vain, offered his services
to Portugal's King John II,
found himself (by chance) sailing
along the shore of a new continent,
the West Indies, so it seems.

And then, much later, fleeing the storm,
(the sailing crew exhausted, desperate),
on the return voyage, that hospitable island came into view,
Santa Maria! And it actually turned out well,
because he and his men,
feeling death dragging them down to the ocean's depths,
had taken a vow to pray,
and even more: to hear mass
at the first church they encountered that
was consecrated to the Most Blessed Virgin.

Columbus proffered their dank, salty documents
bearing the proud and *mui* royal heraldic insignia of Spain;
he displayed the brown-skinned Indians they had with them,
surely never before seen in Christian lands.

*Agora está tudo bem. Já podem ir à igreja próxima,
da Senhora dos Anjos.
E entretanto, porque uma coisa não impede a outra,
já lhes é permitido abastecerem-se
de uma fresquíssima água (fácil de encontrar),
também de vinho, carne, queijo e pão,
confortos de viagem no regresso à pátria,
(via Lisboa, infelizmente,
que é sempre Portugal a atravessar-se no caminho).*

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem:
As casas, – num rosário de brancura,
dispersas entre vinhas e socacos,
com suas chaminés quase algarvias.
Suas janelas de vidros pequeninos,
barras de almagre, vermelho, azul cobalto;*

as pessoas, – arando a terra, fiando a lã;

*as gaivotas, – persistentes, sobrevoando os miradouros,
desejosas de ver bem as praias, as baías, as falésias,
na ânsia de poder contemplar
esta beleza
de mais alto.*

Now all is well. Now they can go to the next church,
that of Our Lady of Angels.
And yet, because one thing does not preclude the other,
they are now allowed to replenish their supply
of the freshest water (easy to find),
also wine, meat, cheese and bread,
travel comforts for the return trip to their homeland,
(via Lisbon, unfortunately,
because Portugal always must be crossed on the way).

Now all is well. Once again, all well:
The houses – like a string of white rosary beads,
scattered among vineyards and terraces
with almost Algarvean-style chimneys.
Their windows with tiny glass panes,
framed in ocher, rust-red, cobalt blue:

the people – plowing their land, spinning their wool:

the seagulls – persistent, flying above the lookouts,
straining to see clearly the beaches, bays, cliffs,
in their eagerness to be able to contemplate
this beauty
from on high.

PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016

REGRESSAR ÍNDICE

49. LUCIANA MAGALHÃES, JORNALISTA, “O BALUARTE” SANTA MARIA, CONVIDADA AICL SUBSTITUÍDA POR SANDRA REIS DO JORNAL O BALUARTE



LUCIANA MAGALHÃES CONVIDADA AICL SUBSTITUÍDA POR SANDRA REIS DO JORNAL O BALUARTE



Luciana Ricardo Magalhães nasceu a 30 de junho de 1982, na freguesia de Vila do Porto, ilha de Santa Maria. Completou o 12º ano de escolaridade na Escola Básica e Secundária de Santa Maria, em 2000.

Iniciou o seu percurso profissional como Bolseira no Posto de Informação Juvenil de Vila do Porto em 2000 e, mais tarde, foi colaboradora permanente da Associação Juvenil de Santa Maria.

É jornalista no jornal “O Baluarte” de Santa Maria, desde 2010.

É técnica em Design de comunicação pela Escola Técnica de Imagem e Comunicação (ETIC–Lisboa).

Tema 1.2. Desafios da prática do jornalismo num meio pequeno

Desafios da prática do jornalismo num meio pequeno

Um retrato que procura descrever os desafios colocados diariamente na prática do jornalismo num meio pequeno como Santa Maria.

Uma visão pessoal das dificuldades tendo por base a experiência vivida ao longo dos curtos, mas longos anos de profissão no jornal O Baluarte.

Ser jornalista na imprensa local é lidar com incompreensão geral dos que nos são próximos e fazer uma grande diferença para quem vive longe - comunidade emigrante - que procura no jornal a proximidade com a sua terra algo que jamais encontrará no jornalismo de massas e sensacionalista.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL

PRESENTE COMO JORNALISTA NO 16º COLÓQUIO EM 2011

Por motivo de força maior (estágio de formação em Lisboa) FOI SUBSTITUÍDA POR SANDRA REIS DO JORNAL O BALUARTE

REGRESSAR ÍNDICE

50. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL / AICL, luciano.pereira@ese.ips.pt,

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas, Provas Públicas para Professor Coordenador

Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986), Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)

- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção-Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



• MAIA 2013



FLORIPA 2010



MONTALEGRE 2016



• LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016

1. **COMUNICAÇÕES E ARTIGOS:**

- L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues
- As cores da língua portuguesa como expressão de cultura
- A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.
- A representação da Ilha na literatura de temática açoriana
- A representação da Arrábida na literatura portuguesa
- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
- Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica
- O evangelho segundo Mateus de Norberto Ávila
- Referências e indícios hebraicos na literatura popular

2. ENSAIOS:

- O universo do imaginário
- Os bestiários franceses do Século XII
- O bestiário e os contos tradicionais portugueses
- A fábula em Portugal

3. UNIDADES DIDÁTICAS PARA ALUNOS DO ENSINO COMPLEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ALEMANHA (EM COLABORAÇÃO):

- A cidade
- O mundo das línguas
-

Tema 2.9. Contributos árabes na literatura popular portuguesa, Luciano Pereira, Professor Coordenador, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal
Sinopse

A presença árabe muito cedo deixou marcas literárias no território que havia de constituir as terras de Portugal. Os seus contributos foram decisivos para a construção da nossa identidade cultural e literária. Contribuíram para a formação do nosso imaginário popular e para as formas e temáticas da nossa literatura popular e trovadoresca, marcadamente poéticas, com profundas referências à sabedoria das civilizações clássicas e orientais. A nossa dramaturgia (de Gil Vicente a Norberto de Ávila) compraz-se no seu exotismo. A nossa novelística e os nossos romances continuaram a cultivar a sua memória, ora pelas suas características guerreiras temíveis, ora pela sua sofisticada civilização repleta de sabedoria, paz e refinados prazeres.

Algumas ocorrências são ecos de um profundo Debate em torno das temáticas teológicas e filosóficas, como as magistralmente expostas por um Pinharanda Gomes que não deixou de refletir sobre as suas mais remotas origens acádias e persas, tão evidentes nos contos das mil e uma noites e seus descendentes, como nas mais arcaicas lendas de moiras encantadas, que tanto se confundem com outros imaginários ocidentais tais como os celtas e godos. As lendas das batalhas entre cristãos e muçulmanos, pertencem a um sistema de afirmação nacional exacerbado e simultaneamente criticamente revisto em pleno período romântico. Ourique, Salado e Alcácer Quibir constituem, de fato momentos decisivos para a narrativa da nossa existência que gostamos de atribuir à vontade e decisão divina. Afirma a legitimação heroica e divina da nossa existência no confronto sacrificial com o mais temível dos infiéis.

O estudo apresentado visa apenas esclarecer alguns dos contributos árabes, muçulmanos e mouros na literatura popular, tais como na onomástica, nos provérbios, nas anedotas, no cancionero (José Leite de Vasconcelos e Michel Giacometti), na poesia (Teófilo Braga), nos contos (José Leite de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso, Teófilo Braga), nas lendas (Gentil Marques, Fernanda Frazão, José Viale Moutinho) e no romanceiro popular (Almeida Garrett, Perre Ferré). Trata-se de proceder ao reconhecimento de uma presença antiquíssima, constante e ainda hoje extremamente atuante. Setúbal, 27 de julho de 2017.

1. Portugal e o *Garb* do Al Andaluz

Os nossos mais reputados arabistas contemporâneos (António Borges Coelho, Pinharanda Gomes, Adalberto Alves,...) não hesitam em expressar sérias dúvidas ou mesmo negar a velha tese do extermínio da população árabe e moura que teria ocorrido a partir da “chamada” reconquista e encontrado o seu clímax com o reinado de D. Manuel e, mais tarde, no reinado do seu herdeiro, que cederá à pressão dos Reis Católicos, e tudo fez para instalar no nosso território a solução final (Santa Inquisição) para as minorias árabes e judaicas.

Ninguém nega a forma brutal com que a Reconquista se apoderou de terras, castelos e cidades, assim como a intolerância e falta de piedade com que tratou todos os que lhes surgiam pela frente: “*Caçava-se tudo: muçulmanos, berberes, hispanos, árabes, moçárabes.*” (Coelho, 1973: 21)

No *Al Garb* ou Ocidente, a primeira grande investida iniciou com a conquista de Coimbra e das terras entre Douro e Mondego. O Islão continuava, todavia, a resistir na imensidão da Serra da Estrela, como já o havia feito Viriato na sua heroica luta contra o Império romano. Vivem-se então momentos em que se alternam razias e atividades comerciais ao longo da estrada Coimbra-Santarém (Leiria). A queda de Lisboa consolidou a linha do Tejo litoral. Milhares de moçárabes e muçulmanos tiveram de se recolher nas terras de Alcobaca, Óbidos e outras terras estreminhas que foram resistindo ou mais ou menos poupadas pela verdadeira loucura cristã protagonizada por hordas de aventureiros do Norte, em busca de prestígio, terras e riquezas. Embrenharam-se os cavaleiros em nome de Cristo pelos montados e planícies alentejanas. Giraldo Sem Pavor e os seus guerreiros moçárabes, que, em abono da verdade, tanto se aliavam a cristãos do Norte como a muçulmanos das diferentes taifas desavindas, contribuíram para enfraquecer pouco a pouco as apertadas relações que existiam entre o Alentejo, a Extremadura e a Andaluzia, destacando-se Badajoz e Sevilha. O Guadiana vai-se tornando a fronteira que virá a ser, deixa de unir para separar praticamente até à atualidade e as conquistas de Alcoutim a Aljezur anunciam as últimas derrotas das taifas algarvias:

“Os ventos da Conquista-Reconquista não sopravam apenas do norte: vinham de leste, do oeste, do sul e do sudoeste. Olhe-se o mapa físico: ergam-se as massas das montanhas, talhem-se os cursos dos rios. Ponteiem-se depois as cidades: primeiro Córdoba, o farol; depois Sevilha, Toledo, Saragoça, Valência, Silves, Badajoz. É de lá que o vento sopra. De lá se bombeiam as mercadorias, as armas, os cavalos, os homens. Para lá se acorre em busca de ciência, de civilização e de riquezas.” (Coelho, 1973: 22)

Não se julgue que fora o esforço militar que, por si só, trouxe a vitória cristã. Só quando Fernando Magno e seu filho, Afonso VI, compreenderam e aceitaram a originalidade social e até religiosa do Islão, é que as conquistas se tornaram efetivamente irreversíveis. Os homens de Entre Douro e Mondego ergueram a cruz mediante a iniciativa de Sisnando de Tentúgal, vizir de Sevilha, Conde de Coimbra. Governou a nova estrema com poderes soberanos: poder de organizar todas as coisas segundo a sua vontade. E a sua vontade consistiu em favorecer os proprietários livres, em firmar a organização coletiva urbana, em recolher as técnicas e a ciência do mundo muçulmano que o formara. Mas Sisnando não estava sozinho. Apoiavam-no as espadas e os alfanges dos proprietários livres de Lamego, de Viseu, de Seia, de Coimbra. A força dos seus homens bastou ao menos para impedir que a todo-poderosa hierarquia religiosa impusesse o bispo que esta escolhera.

Aponta-se como objetivo expresso do conimbricense o de integrar o Andaluz nos estados cristãos, respeitando a originalidade e as conquistas sociais, combatendo a intolerância religiosa. Vinte e um anos depois de assumir o governo de Entre Douro e Mondego, Sisnando revela-se um político aceitável para os habitantes do outro lado da fronteira ao negociar a capitulação de Toledo cujo governo assume. Os toledanos conservam as suas conquistas sociais e até à sua mesquita *aljama*, profanada pouco depois pelo partido franco, apesar dos protestos do seu governador.

Os francos e borguinhões contribuíram para as imposições emanadas de Roma e de Cluny. as lutas entre taifas também contribuíram para várias conquistas cristãs (Lisboa) e apenas um aventureiro, Giraldo Sem Pavor, acompanhado de um punhado de moçárabes e santarenos, conquistou um território tão vasto como metade do reino de Afonso Henriques.

A maior parte do território, hoje português, integrava-se numa rede onde sobressaiam aglomerados urbanos tais como Toledo, Saragoça, Córdoba, Badajoz e Sevilha. A circulação de homens, bens e ideias processava-se por rotas dispostas no sentido noroeste-sudeste ou leste-oeste, perpetuando a tradição romana. O Algarve constituía uma ponte voltada para o Magrebe: *“Lisboa, Alcácer, Silves, Faro, Tavira ligavam-se aos portos norte-africanos, a Ceuta, Alexandria, Alepo e daí, a Fez, Marraquexe, Cairo, Meca, Bagdade:*

“Fala-se no caminho para Santiago, desbravado mais intensamente após a chegada dos Clunícenses e de Raimundo e Henrique, Caminho ponteados de pequenos burgos, dava passagem a peregrinos, guerreiros imigrantes, colonos, mercadores e artífices e transportava de retorno mercadorias, homens, novas ideias, novas técnicas, riquezas. Mas havia também um caminho para Meca de que ninguém fala. E bem mais antigo. E bem mais grávido de presente e de futuro. Por onde se derramou o caudal das técnicas agrícolas e artesanais que revolucionaram o ocidente medieval. Por onde chegaram os manuscritos de Aristóteles, Avicena, as Universidades, os Hospitais.” (Coelho, 1973: 24)

A distribuição demográfica era bem diferente da atual. Na costa atlântica a densidade seria apreciável no Algarve, na Estremadura e no noroeste, mas as povoações engrossavam ao aproximar-se de Badajoz e de Sevilha. O forte povoamento do Alto Alentejo pode ainda assinalar-se no recenseamento ordenado por D. João III em 1527. Como a célebre capital dos suevos, a cidade dos arcebispos, estava longe da maioria das vilas alentejanas e algarvias. Tal como Adalberto Alves (1987: 25), comunguemos da justa veemência de Borges Coelho:

“Aceita-se geralmente a contribuição do Islão na propagação das técnicas de rega, da bússola, do papel e no aumento do pomar peninsular sem se ousarem conclusões necessárias. A fisionomia do Portugal agrário que está morrendo aos nossos olhos moldou-se em boa parte pelo arquétipo do Andaluz mourisco, mesmo quando não é ele o autor das técnicas, mas o seu último transmissor.

Apaguem por um momento dos campos de Portugal as sombras do pessegueiro, do limoeiro, da laranjeira, da nespereira, da ameixoeira, da alfarrobeira; recue-se para sul a oliveira, suprimindo a comercialização do azeite e da azeitona; rareiem-se as amendoeiras noras, os alambiques, as alquitarras, intensifique-se a vinha no Alentejo e no algarve; retirem-se da periferia das cidades a mancha verde das hortas, dos meloais, das forragens; castrem-se os cavalos de Alter; afoguem as azenhas ou calem o canto dos moinhos de vento (Ibne Mocana Alisbuni, de balde cantaste na tua Alcabideche desse século XI: «Se és homem decidido precisas de um moinho que trabalhe com as nuvens sem dependeres dos regatos»); abatam a camartelo as muralhas do centro e do sul cujo risco, para lá das reparações e dos acrescentos posteriores, foi obra dos seus alarifes ou arquitetos; desmontem as algemas, as abóbadas do chamado gótico alentejano, as fontes abobadadas; piquem as taipas, os estuques; destruam as casas de adobe caiadas de branco por dentro e por fora; enterrem os azulejos; queimem as esteiras, as alfofas, os capachos, os tapetes; rachem os alguidares; tentem destruir os couros, os arreios, os cobres, as grades geométricas. Que nos fica?» (Coelho, 1973: 26)

O cristianismo vencedor apagou as marcas dos derrotados, mas os seus ecos continuam a chegar até nós. «Escrevo isto em sinal do meu sofrimento» (o *alarife* muçulmano da Sé Velha de Coimbra) Almutávide de Sevilha orgulha-se por ter erguido a torre de menagem do castelo de Moura. «Mouro me fez» registou a igreja de Arronches. Confessam os muros da igreja de Mértola: «*Esta igreja foi mesquita*». Osberno declarou que a mesquita de Lisboa foi transformada em catedral. Rios, montes, povoados conservaram os seus nomes mouriscos: Guadiana, Odemira, Odelouca, Odeceixe, Almançor, Bensafrim... No fundo lusitano incorporaram-se, sem dúvida, diversos genes tais como os germanos, mas o contributo dos berberes e dos árabes (iemenitas, egípcios e sírios) ultrapassou de longe o legado bárbaro medieval. Além dos berberes e árabes da conquista, companheiros de Tárique e Muça, vieram tropas sírias e egípcias, uns estacionaram em Beja outros em Ossonoba. Silves povoou-se de árabes iemenitas. Abderramão I, o fundador do estado omíada da Andaluz, recebeu clientes de todos os pontos do Islão. Até ao fim do califado de Córdova este fluxo foi ininterrupto.

Os berberes eram, porém, em maior número. Constituíam a maior parte exército de Tárique. Após a conquista fixaram-se nas zonas norte e montanhosas da Península. Ibne Haiâne assinala no século X a existência de um grosso cinturão berbere nos territórios limítrofes de Portugal a leste de que ainda subsistem vestígios. Abderramão III, Aláqueme II e sobretudo Almançor recrutaram numerosas tropas berberes para não falar dos escravos sudaneses. Berberes sarianos foram os triunfadores almorávidas que sustentaram o avanço de Afonso VI e berberes foram os almóadas que durante um século contiveram todas as tentativas de incursão dos estados cristãos. (Alves, 1987: 19)

Por certo a Reconquista permitiu a fixação de grupos francos (franceses, flamengos, ingleses, borguinhões, germânicos) atestados por diversas fontes históricas, pala toponímia e pela antroponímia (Edvige). Grande parte dos mouros foi abdicando da sua algaravia e dos seus nomes de origem, todavia muitos nomes referentes à vida do quotidiano, em particular agrícola, vão se latinizando e, continuam a resistir alguns Alis, e Fátimas.

Os mouros não foram todos expulsos, nem passaram todos pelo fio da espada. De Garrett, Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Giacometti e Adalberto Alves, foram muitos os que foram identificando vestígios árabes, mouros e mouriscos, ora numa canção de trabalho que ainda hoje se canta em Marrocos, ora em melodias berberes que se conservaram na península desde a noite dos tempos e que revestem agora roupagens cristãs.

2. Onomástica, toponímia e antroponímia

O estudo da antroponímia reserva-nos bastantes surpresas. Dom Rodrigue, também conhecido como *El campeador*, que nos habituámos a reverenciar como o visigodo, paladino dos cristãos, ficou gravado nas memórias, com uma expressão árabe: El Cid, proveniente do nominativo arábico: cidi (senhor) (Vasconcellos, p. 36).

Os nomes árabes registados nos nossos mais antigos documentos (1221-1226) são bastante emblemáticos, e espelham a sua forte conotação religiosa, tais como Abuali (pai de Ali, Afomade (Ahmad ou Ahmed), Mafomade (Mahommad ou Mahommed). Cedo encontramos a junção de nomes árabes com alcunhas portuguesas, o que pode indiciar uma maior proximidade do que poderíamos supor, tendo em conta a separação física dos diferentes povos em presença (mourarias, judiarias).

A própria palavra Mouro aparece-nos como nome de pessoa com algum relevo profissional, tal como o arquiteto que dirigiu a construção do castelo de Alandroal (Mouro Calvo), embora pouco provável não enjeitamos a possibilidade de estarmos perante a romanização e a representação fonética de um eventual nome árabe ou quicá berbere. É minha convicção que por de trás de alguns dos patrónimos que nos habituámos a associar às nossas tradições regionais, se possam esconder eventuais arabismos simplesmente transcritos, de forma fonética, confundindo-se com palavras portuguesas (Vaca: Baka, cidade do centro da península arábica).

Segundo Adalberto Alves, são mais de quatro mil as palavras árabes que se aninharam nas línguas espanholas e pelo menos 18073 as que sobreviveram na língua portuguesa. Já José Pedro Machado havia estudado na sua obra *Vocabulário Português de origem Árabe (Lisboa, 1991)* mil e trezentos vocábulos dos quais mais de 800 começavam por a (Machado, 1997). Adalberto Alves explica esta significativa e surpreendente discrepância com o facto do *Garb al-Andalus* se afirmar como um território periférico, extremamente conservador e muito menos permeável às inovações trazidas pela conquista cristã (Alves, 2013, 23). Não podemos, como é óbvio, fazer uma exposição nem uma reflexão aprofundada sobre o significado, a aquisição e os processos de integração de tão precioso contributo, apenas apresentamos um quadro com uma diversidade de palavras para ilustrar tamanha herança:

Nome			Modificador (Adj.)	Verbo	Expressões
Substantivo	Antropónimo	Topónimo			
				Abrigar-(se) (p. 66) Marrar: Debandar: Derrear: Pegar-(se) (p. 696):	

	<p>Almaçor: (governador de Córdova de 939 1002)</p> <p>Almutamid (ap): (maior poeta luso-árabe, natural de Beja, educado em Silves e soberano da taifa de Sevilha.)</p>	<p>Almaçor</p> <p>Arrábida: (râbita: oratório)</p> <p>Arouca:</p> <p>Arrabaldes:</p>	<p>al-mansûr:</p> <p>(al-mu`tamid: o que confia (am Alá))</p>		
Almoxarife:					
<p>Atafona:</p> <p>Atalaia: Ponto de vigia (p. 2) Arraial:</p> <p>Balda (p. 281):</p> <p>Capa (p. 362):</p> <p>Capacete:</p> <p>Caparica:</p> <p>Caramba (p. 367):</p> <p>Caralho:</p> <p>Cifra (p. 401):</p> <p>51):</p> <p>Degrau:</p> <p>Dengo:</p> <p>Dengue:</p> <p>Derrama</p> <p>Laia (p. 587):</p> <p>Lagar (p. 585):</p> <p>Moço/a:</p> <p>Mocidade:</p> <p>Mofa:</p> <p>Moxama</p> <p>Moaxa</p> <p>Máscara</p> <p>Moçárabe (p. 650):</p> <p>Grupo:</p>		<p>Atalaia</p> <p>Caparica:</p>			
		<p>Odemira:</p> <p>Odelouca:</p> <p>Odeleite:</p> <p>Odegebe-Degebe Odeceixe:</p> <p>Odiáxere</p> <p>Odivelas:</p> <p>Odivor-Divor)</p> <p>Marvão</p> <p>Moçambique:</p> <p>Ladra (p. 585):</p> <p>Lafões (p. 585):</p> <p>Lezíria (p. 593):</p> <p>Luz (p. 599):</p>			

Devesa: Dinheiro: Djin: Duende: Doido (p. 442): Droga (p. 442): Fato: Fava: Granada: (romã) Marrano: Mudéjar: Oásis: Raça: Raia: Samarra (p. 765): Sovina: Sufi: Sucata:	Fátima: Muça:	Guadalquivir: Guadalupe: Guadiana: Degebe: Devesa: Fátima: Granada (p. 549): Murça: Olhão: Oeiras: Samouco (p. 767):			
					Olá! Olaré: Olarilolé: Olé:

3. Provérbios

O dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas, compilado por Maria Alice Moreira dos Santos e publicado pela Porto Editora traduz um inequívoco etnocentrismo e uma visão bastante pejorativa do árabe ou do muçulmano, sempre referido por mouro na nossa cultura popular. O mouro ficou plasmado nos nossos provérbios como o inimigo por excelência, trata-se do infiel, do perigo eminente (Anda moiro na costa. 665, p. 48)⁵⁵, da fonte de todos os males (De Moura, nem bom vento, nem bom casamento. 1862, p. 102).

O mouro está associado ao escravo, ao inferior (Já o mouro quer ser gente. 3212, p. 165), o seu valor é nulo para quem o possui e até eventualmente pernicioso (Vinho e mouro não é tesouro. 7209, p. 348). O seu caráter dominante e intolerante é sublinhado nas terras algarvias (Em casa de mouro não fales algarvias. 2355, p. 124). Em suma, mouro bom é moro morto (Em mouro morto grande lançada. 2403, p. 126). Marginalmente, surge com uma conotação positiva relacionada com a sua capacidade de trabalho (Ser um mouro de trabalho. 6979, p. 338). A sabedoria popular reconhece, todavia, que todos os povos têm os seus defeitos e as suas fraquezas, numa espécie de ato de contrição e de movimento humildade e reabilitação do Outro (Judeus em Páscoas, mouros em bodas e cristãos em pleitos, gastam os seus dinheiros. 3256, p. 167; nunca de bom mouro, bom cristão, nem de bom cristão bom mouro. 4429, p. 221).

4. Cancioneiro

O nosso cancionário popular prolonga, em larga medida, a mesma visão etnocêntrica dos nossos provérbios. É frequente associar o judeu ao mouro, atribuindo-lhes rigorosamente as mesmas características e defeitos tal como no-lo relembra José Leite de Vasconcellos (1981: 186):

*Judeus e Mouros
 A minha nódoa de azeite
 Por tempo se há de tirar,
 Mas a tua de judia*

⁵⁵ Cada provérbio apresenta a numeração com que está identificado, assim com a página em que surge na obra referida.

Contigo se há de acabar. (Coimbra)
Deus te livre do mouro e do judeu
E do homem de Viseu.
É ditado bem sabido
Desde nosso pai Adão
Que nem de Cristo bom mouro,
Nem de mouro bom cristão.
(Coimbra)

Giacometti recolheu uma cantiga de malhas transmontana que celebra a volúpia, os encantos e as belezas das moiras que encantam e apaixonam (Oh que bem baila la moura. K. Schindler. Tuiselo / Vinhais / Bragança, 1933):

1.º coro: *Oh que bem baila la moura*
E eu bem na vi bailar;

2.º coro: *Oh que bem baila la moura*
E eu bem na vi bailar;

1.º coro: *mourinha do Seixal*
Eu bem na vi bailar;

2.º coro: *Oh que bem baila la moura*

1.º coro: *E eu bem na vi bailar;*

2.º coro: *mourinha do Seixal*
Eu bem na vi bailar;

1.º coro: *Com seu cabelo entrelaçado,*
Eu bem na vi bailar;

2.º coro: *Oh que bem Bila la moura,*

1.º coro: *Eu bem na vi bailar;*

(...)

(Giacometti, 1981: 118)

Giacometti apresenta uma versão algarvia muito curiosa de um romance que já havia sido publicado por Almeida Garrett no seu romanceiro, embora, nessa versão, a casa que acolhe o cristão escravizado seja judia: O cativo (Romance novelesco. Aljezur / Faro, 1961. F. Lopes-Graça).

Entre pazes e a guerra
me cativaram os mouros,
não havia mouro, nem moura,
oh, tão lindo!
Passasse de à noite ver. (sic)
Só um mouro se atrevera,
que mil patacas lhe dera,
de dia pisava esparto,
oh, tão lindo!
à noite moía canela,
com uma mordança na boca,
oh, tão lindo!
para não comer dela.
Mas dava-lhe Deus a ventura
ter uma patroa tão bela,

oh, tão lindo!
 que também lhe dava de o pão
 oh, tão lindo!
 do que o perro comia
 Também lhe dava de o vinho,
 oh, tão lindo!
 que perro mouro bebia.
 Sempre lhe estava dizendo:
 - Cristão, vai prá tua terra,
 que eu também já fui cristoa,
 oh, tão lindo!
 E agora sou moura perra.
 (...) (Giacometti, 1981: 278)

5. Romanceiro

Por questões metodológicas cingir-nos-emos ao romanceiro publicado por Almeida Garrett, iniciando com uma referência ao romance referido anteriormente e publicado por Giacometti. O moiro surge aqui como o dominador, tão exigente em relação aos seus escravos que despreza totalmente o cristão cativo:

O Cativo

“Vendido no mercado de Salé pelos corsários que o tomaram, um pobre cativo cristão vai ser escravo de avarento e rico judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capítulo de uma história sabida e comum: e naturalmente se espera já o segundo, que é namorar-se do interessante cativo a bela filha do mau perro judio, animá-lo consolá-lo, querer fugir com ele da moirama. (...)” (Garrett, 1997: 264)

*Eu vinha do mar de Hamburgo
 Numa linda caravela;
 Cativaram-nos os moiros
 Entre la paz e la guerra.
 Para vender me levaram
 A Salé, que é sua terra.
 Não houve moiro nem moira
 Que por mim nem branca dera;
 Só houve um perro judio
 Que ali comprar-me quisera;
 Dava-me uma negra vida,
 Dava-me uma vida perra:
 De dia pisar esparto,
 De noite moer canela,
 E uma mordança na boca
 Para lhe eu não comer dela.
 (...) (Garrett, 1997: 264)*

A guerra é o tema predominante que representa o moiro na nossa memória coletiva e o romanceiro não foge à regra. Eles são a fonte de todas as desgraças e o contacto com a sua cultura torna-se um verdadeiro perigo para a identidade individual e coletiva. O ser humano, tal como o cristianismo, corre sérios riscos em qualquer tipo de contactos com a cultura muçulmana. *A Noiva Arraiana*, xácara recolhida em Almeida é um eloquente exemplo deste temor e deste mito:

- «Deus vos salve, minha tia,
 Na vossa roca a fiar!»
 - «Venha embora o cavaleiro

Tão cortês no seu falar!»
- «*Má hora se ele foi, tia,*
Má hora torna a voltar!
Que já ninguém o conhece
De mudado que há de estar.
Por lá o matassem moiros,
Se assim tinha de tornar!»
(...) (Garrett, 301)

O nosso imaginário acabou por associar e quase confundir os mouros e os judeus, embora com graus diferentes de antagonismo e de repulsa consoante as épocas e os interesses da narrativa cristã dominante. Rainha e Cativa ilustra magnificamente a relativa confusão entre estas duas culturas, ambas sentidas como ameaçadoras e ambas desejadas com níveis diferentes de concupiscência:

- «*À guerra, à guerra, moirinhos,*
Quero uma cristã cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-ma cristã cativa,
Que é para a nossa rainha.»
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não encontraram cativa;
Os que foram terra acima,
Tiveram melhor atina,
Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Santiago,
Santiago de Galiza;
Mataram o conde Flores,
A condessa vai cativa.
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe saía:
- «*Venha embora a minha escrava,*
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da despesa e da cozinha;
Que me não fio de moiras
Não me deem feitiçaria.»
- *Aceito as chaves, senhora,*
Por grande desdita minha...
Ontem condessa jurada,
Hoje moça da cozinha!»
A rainha está pejada,
A escrava também o vinha:

*Quis a boa ou má fortuna
 Que ambas parissem num dia.
 Filho varão teve a escrava,
 E uma filha a rainha;
 Mas as perras das comadres,
 Para ganharem alvíssaras,
 Deram à rainha o filho,
 À escrava deram a filha.
 - «Filha minha da minha alma,
 Com que te batizaria?
 As lágrimas de meus olhos
 Te sirvam de água bendita.
 Chamar-te-ei Branca Rosa,
 Branca flor de Alexandria,
 Que assim se chamava dantes
 Uma irmã que eu tinha:
 Cativaram-na os moiros
 Dia de Páscoa florida,
 Andando apanhando rosas
 Num rosal que meu pai tinha.»
 Estas lágrimas choradas
 Veis-la rainha que ouvia,
 E coas lágrimas nos olhos
 Muito depressa acudia:
 - «Criadas, minhas criadas,
 Regalem-me esta cativa;
 Que se eu não fora de cama,
 Eu é que a serviria.»
 (...)
 (pág. 147-148)*

6. Contos e Lendas

A literatura de língua portuguesa também não ficou imune à fabulística árabe, muito antes das influências, de autores modernos, tais como como La Fontaine. Mas nem o apólogo nem a fábula têm matriz árabe. São formas herdadas das influências da herança grega, ou mesmo bizantina, mas não são específicas nem da mentalidade, nem da ficção nem da mitologia arábicas. A excelência da arte narrativa e ficcional árabe é o conto, o mito. As ideias, as dúvidas e os desafios são personalizados. A sabedoria árabe fundiu-se nas histórias conhecidas por “As Mil e Uma Noites”. Por via escolar e oral muitos dos seus contos fixaram-se na cultura popular e erudita. Foi, todavia, a partir do século XIX que, na demanda dos nossos mitos nacionais, se assistiu à fixação escrita de tão antigos testemunhos arábico-portugueses. Aladino e Ali Babá migram dos meios rurais para a luz das urbes. Veja-se a tradução da versão francesa do conto arábico *As chinelas de Abu-Casem* realizada por Bocage (Chora, 2016):

“O saber europeu, que foi recetor do saber árabe através da estrutura adequada à educação dos infantes, minorou a intrínseca riqueza concetual, imagística e finalista de contos em que, à extrema simplicidade aparente, só responde a profunda complexidade interior, motivo pelo qual eles exerceram inelutável influência na literatura didática cristã da medievalidade, desde D. João Manuel ao Arcipreste de Hita. O conto, a anedota, o anexim, o apólogo, sumarizam o geral da sabedoria possível ao humano. A origem de “As Mil e Uma Noites” é obscura, ainda que seja aceite como tal o livro oriente chamado Hezar Afsâne, Mil Contos, cujo

conhecimento decorativo integral definia o milionário. Esta palavra, no trânsito do primado do saber para o primado do ter tornou-se obtusa. Milionário é o sabedor dos mil contos.” (Gomes, 1991: 351-352)

O conjunto afirma uma origem lendária. Um rei, imune às astúcias femininas, matava ao nascer do sol a mulher que, com ele, passara a noite. Até que duas filhas do alvazir decidiram iludi-lo com uma história, que não nunca tinha fim. O rei deixou de desejar novas companhias noturnas e de sacrificá-las, como no passado. Xerazade (= nobre de raça, povo) e Dinarzade (= nobre de lei, direito) personificam as três principais lições do Islão: o primado da Nação Islâmica, o primado da Lei (Suna e Sura) e o primado da Sabedoria (sacrifício do desejo sexual em prol do desejo espiritual).

A universalidade destes princípios respondia a todas as exigências humanísticas de qualquer tipo de educação cívica. Ora, por via oral e popular, ora por via literária, a mensagem foi se disseminando aos quatro ventos como quem anuncia um mundo novo.

O livro *Calila wa Dimna*, oriundo da Índia, foi traduzido do árabe em 1251 e em 1253 eram os romances dos Sete Sábios e, sem dúvida, as aventuras de Senderbar ou Sindibate, o marinheiro, e ainda o *Livro dos Gatos*, para além do imaginário temático que originou o nosso livro de Barão e Josafate, e o Conde Lucanor, de D. João Manuel, todos bebem em contos e apólogos orientais, por intermédio da sabedoria árabe. O facto de nosso mais antigo conjunto de fábulas datar apenas do século XV não nos pode iludir. A literatura portuguesa medieval apresenta-nos vários indícios da longa sabedoria indiana e arábo-persica:

“O único conjunto de fábulas, chegado aos nossos dias, em português medieval data do século XV. Mas Mário Martins (1980, p. 61) adverte-nos que seria ilusão pensar que, na altura, apenas corria esta versão cujo único manuscrito foi descoberto por José Leite de Vasconcelos, em 1900, na Biblioteca Palatina de Viana de Áustria. Em rigor, os mais que prováveis conjuntos anteriores encontram-se desaparecidos; mas a verdade é que encontramos valiosos testemunhos da sua existência dispersos em obras diversas.

Perdidas as versões portuguesas de El Conde de Lucanor e do Libro de Buen Amor, registadas na biblioteca do rei D. Duarte sob os títulos de O livro do Conde de Lucanor e O Arcipreste de Fyta, resta-nos apenas confirmar a referência às múltiplas fábulas existentes nas versões castelhanas.” (Pereira, 2007).

D. Juan Manuel, em *El Conde Lucanor*, legou-nos inúmeras pequenas histórias de grande proveito, moral e exemplar, de entre as quais sobressaem fábulas que bastante marcaram o imaginário coletivo: *A Raposa e o Corvo com um queijo no bico*, *A Andorinha que alerta para os perigos da sementeira de linho*, *O Galo com medo da Raposa*, *A Raposa a fingir de morta*, sem esquecer algumas das mais populares parábolas tais como *O Velho*, *o Rapaz e o Burro* e *O cego que guia outro cego*, etc.

Dos escassos fragmentos, que chegaram até nós, da tradução do *Libro del Arcipreste O de Buen Amor*, um Esopo cristianizado, herdámos apenas a fábula *O monte que pariu um Rato*, aliás também presente no *Fabulário português* publicado por José Leite de Vasconcelos (1902).

Uma versão de *Calila wa Dimna* ou da velha obra de Ctésias, chegada até nós por via do Fisiólogo ou de algum Bestiário, terá muito certamente estado na origem da história do unicórnio apresentada em *O Horto do Esposo*.

A literatura espanhola medieval faz eco de uma sociedade multicultural, onde gostos árabes convivem com formas hebraicas e morais cristãs. A tradição oral oriental deve ter sido de extrema pujança a avaliar pelas marcas que deixaram na literatura escrita. Os contos orientais eram tão apreciados quanto as ciências e a filosofia.

A primeira compilação de contos orientais em latim, *Disciplina Clericalis*, deve-se a um judeu converso em 1106, Pedro Afonso. A obra foi escrita em 1115, baseada, como afirma no seu prólogo, em provérbios e em ensinamentos árabes. Deu-lhe a forma clássica do diálogo entre mestre e ouvinte, filósofo e aprendiz. Corresponde à literatura de sapiência, oriunda da distante Mesopotâmia e da mais distante Índia, tão prezada pelos mais ilustres autores gregos tais como Hesíodo, Heródoto, etc. A obra é de grande importância porque será mais ou menos a forma que tomará *El conde de Lucanor* de D. Juan Manuel, neto do rei D. Fernando (1282-1348) e *El libro de buen Amor* de Juan Ruiz, Arcipreste de Hita. Ambas estas últimas visam a formação moral do indivíduo ou mais precisamente do jovem clero. Os autores pretendem despertar os hábitos das boas ações, da vida reta, da fé profunda e explicar alguns mistérios divinos. A estratégia é a da ilustração de verdades profundas através de histórias agradáveis.

Em alguns casos a introdução desse elemento de deleite é mesmo forçada como acontece frequentemente em Juan Ruiz. Percebemos que a fábula não está no seu meio natural, que a moral que se lhe associa não é a mais adequada ou que a lição que dela se pretende extrair já lhe era preexistente, e que os laços com o corpo da história são bastante ténues ou mesmo francamente inexistentes. D. Juan Manuel compara o seu labor de escritor moralista ao do médico que sabe adoçar as amargas poções, para cura dos seus doentes.

Dois autores catalães sobressaem nesta matéria: o primeiro Ramon Llull (1232 ?-1315) bebe essencialmente em fontes orais e em fontes orientais, *Kalila wa Dimna*, *Sendebat*, *As Mil e uma noites...* assim como na famosa matéria de *Renart* donde extrai o nome da sua protagonista do *Llibre de les bèstes*, “Na Renard”, que acaba por morrer vítima das suas próprias intrigas. A ambição pelo poder levá-la-á à traição, atentar contra a própria vida do rei.

O segundo, Eiximenis (1340? -1409) parece mais próximo do Romulus medieval e talvez de uma versão inglesa escrita em latim ou em anglo-normando.

Em França, a herança fabulística de Marie de France, produzida em espaço e língua anglo-normanda, nos finais do século XVI, inícios do século XVII, não permitiu que o género gozasse de qualquer tipo de privilégio, Fresnaye omite-a na sua *Arte Poética*. É já nos meados do século XVII que a tradução francesa de *Kalila wa Dimna* de D'Hispanhan, sob o nome de *Livre des lumières* (Paris, 1644), permite a introdução de novos modelos e contribui decisivamente para a originalidade de La Fontaine. (Adnan Haddad, 1984. *Fables de la Fontaine d'origine orientale*).

Ao mesmo passo que combatia os mouros, a Espanha goda abria os serões palacianos às seduções do Oriente, da mística e do espírito lúdico muçulmano. Romances épicos, lendas heroicas, formaram-se no contacto com o Islão peninsular. Os próprios poetas árabes cultivaram a arte do mito e do conto, refletindo reflexões alquímicas bem patentes nas lendas das Mouras Encantadas.

A imaginação erótica, a pedagogia amorosa e a catequese alcorânica assentavam no universo de “As Mil e Uma Noites”, matéria dos passatempos no *harém*, onde as mulheres educavam as crianças, como se deduz do *Colar de Pomba* do cordovês Ibn Hazm. A paideia árabe estabelece profunda relação com a psicologia nacional, à qual apresenta modelos ou paradigmas de justiça de bondade, de inteligência e de prudência como Aladino, Ali Babá, o sonhador Acordado e Sindebade (a arte do comércio e da prosperidade, inspiradora do mercantilismo dos Descobrimentos).

As lendas das moiras encantadas, dos tesouros ocultos, dos génios maus, dos génios bondosos retratam o imaginário relativo à presença árabe na literatura popular e na literatura culta. É, todavia, o século XIX que, através da etnografia romântica, a redescobre. Os franceses, através das traduções de A. Galland, voltaram a reatar a sua íntima relação com o Oriente das *Mil e uma Noites*, a partir de 1704, e permitiram, deste modo, o reencontro da península com a sua própria herança milenar. Só depois das pesquisas de Adolfo Coelho e de Teófilo Braga, podemos ler, o que havia constituído um dos núcleos do thesaurus da nossa tradição popular. Desse modo, “As Mil e Uma Noites” sustentaram o romantismo literário, ao qual deram o tom de mistério e de orientalismo, que tanto se estimou na época. Lembremos de obras como as de Oliveira Parreira *Os Luso-Árabes* (1898).

Existem algumas (seis) variantes diferentes de mouras encantadas, a Princesa Moura, a Moura-fiandeira, a Pedra-Moura, a Moura-Serpente, a Moura-Mãe e a Moura-Velha. Cada uma das seguintes versões tem as suas características distintas.

As lendas de mouras e mouros revelam, todavia, restos de tradições muito arcaicas: por serem entidades de tal forma enraizadas nas populações, fazem parte de todo um imaginário coletivo passível de alterações consoante as zonas do país. Os mouros e as mouras, em particular, aparecem nas lendas como seres mágicos, com aparência humana ou semi-humana, por vezes sob a forma animal (serpente) guardando valiosos tesouros e vivendo em montes, florestas, rochedos, monumentos pré-históricos, nas fragas, em torres, nos castros, nas grutas, nas covas em cisternas, nos dólmenes, nas fontes, em lagos ou em rios.

Podemos afirmar que tanto a norte como a sul, a moura exerce nas populações um grande fascínio, contudo, o modo como esse deslumbramento se manifesta nas comunidades é muito diferente. Estes seres míticos aparecem associados a elementos básicos: terra (montes, subterrâneos, rochas, etc.) e água (rios, riachos, fontes, etc.), sendo talvez a vertente terra mais característica a norte e a vertente água a sul. No norte do país, as mouras são associadas a elementos e fenómenos naturais, como rochas, pedras e monumentos funerários semelhantes a antas e dólmenes. Nesta região as populações referem-se aos mouros como todos os povos que por ali habitaram e não só aos árabes ou outros invasores. Sabe-se que esta zona do país é rica em monumentos pré-históricos, pois é muito provável que, as populações referirem-se a povos muito anteriores aos muçulmanos considerando que todos são mouros (Marques, 2013).

Assim, considerar-se que os mouros do norte eram facilmente confundíveis com outros povos, resultando algumas diferenças consideráveis relativamente aos mouros do sul que talvez tenham origem nos *djins*, embora, nesse contexto se trate, de uma identidade relacionada com o fogo ou com os ares). No sul do país, estas lendas surgiram, de facto, de acontecimentos históricos reais, alterados e fantasiados como é próprio do género. Existe, nesta região, uma forte conotação entre a moura e a água (fontes, ribeiros, cisternas... (Marques 1997: 112, 149, 321, 339, 365). É nossa convicção que o estudo da moura, enquanto entidade do nosso imaginário, não se pode esgotar num estudo dedicado às influências mouras na nossa literatura tradicional. Trata-se, de facto de uma entidade muito mais complexa que sofreu diversas influências culturais, tanto celtas como germânicas e mouras. Esperemos, num outro encontro, poder apresentar-vos os resultados do nosso estudo comparativista sobre essa nossa verdadeira e original criação.

Referências Bibliográficas

Alcorão (2002) SporPresss.

Alves, Adalberto (1987) *O meu coração é árabe. Poesia Luso-Árabe*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Alves, Adalberto (1989) *Arabesco. Da Música Árabe e da Música Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Alves, Adalberto (1989) *Portugal e o Islão. Escritos do crescente*. Lisboa: Editorial Teorema.

Alves, Adalberto (2013) *Dicionário Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Alves, Adalberto (2017) *Os Índícios da Palavra*. Lisboa: Althum.com

- Braga, Teófilo (1987) História da poesia popular portuguesa. Lisboa: Vega.
- Brandão, Abílio (1911) Lendas de Mouras encantadas. Revista Lusitana. vol. XIV. Lisboa: Livraria Clássica.
- Coelho, António Borges (1989) Portugal na Espanha Árabe-I. Geografia e Cultura. Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1989) Portugal na Espanha Árabe-II. Histórias. Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1999) Para a História da Civilização e das Ideias no Gharb al-Andalus. Instituto Camões Coleção Lazúli.
- Chora, Ana Margarida; Pires Daniel (2016) As Chinelas de Abu-Casem, Conto Árabe. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.
- Fonseca, João (2007) Dicionário do nome das Terras. Origens, curiosidades e lendas das terras de Portugal. Cruz Quebrada: Casa das letras.
- Garrett, Almeida (1997) Romanceiro. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Giacometti, Michel (1981) Cancioneiro Popular Português.
- Gomes, Pinharanda (1991) História da Filosofia Portuguesa. 3 A Filosofia Árabe-Portuguesa. Lisboa: Guimarães.
- Haddad, Adnan (1984) Fables de la Fontaine. D' Origine Orientale. Paris: Sedes.
- Hespanha, António Manuel (Coord.) (1997) Memórias Árabe-Islâmicas em Portugal. Porto: Gaiadouro.
- Khawam, René R. (trad.) (1985) Les aventures de Sindbad le Marin. Paris: Phébus.
- Macias, Santiago; Torres, Cláudio (Coord.) (s.d.) O Islão entre o Tejo e Odiana. Évora: Milideias.
- Machado, José Pedro (1944) A Língua Árabe do Andaluz, segundo os "Prolegómenos" de Iben Caldune. Lisboa: Oficinas Fernandes.
- Machado, José Pedro (1984) Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado, José Pedro (1944) Ensaio Árabe-Português. Lisboa: Notícias.
- Marques, Amália (2013) Mouras, mouros e mourinhos encantados em lendas do norte e sul de Portugal. Vol. 2. Lisboa.
- Marques Gentil (1997) Lendas de Portugal. Lisboa Círculo de Leitores.
- Okada, Amina (1984) Les Contes du Perroquet. França: Gallimard.
- (1965) Pañcatantra. França: Gallimard.
- Parafita, Alexandre (1999) A Comunicação e a Literatura Popular. Lisboa: Plátano.
- Parreira, Oliveira (1898) Os Luso-Árabes. Scenas da vida muçulmana no nosso país. I Ibn-Ammar. Lisboa: Stereotypia Moderna.
- Parreira, Oliveira (1898) Os Luso-Árabes. Scenas da vida muçulmana no nosso país. II Al-Motamid. Lisboa: Stereotypia Moderna.
- Pereira, Luciano (2007) A Fábula em Portugal. Lisboa: Profedições.
- Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) Dicionário de Provérbios. Adágios, ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas. Porto Editora.
- Santo Moisés Espírito (2006) Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Silva, Ana Cristina (2010) Crónica do Rei-Poeta Al-Mu'tamid. Lisboa: Editorial Presença.
- Teyssier, Paul (2005) A Língua de Gil Vicente. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vasconcelos, J. Leite de (1928) Antroponímia Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcelos de Inácio (1981) Cancioneiro Popular Português. vol. 3. Coimbra: universidade.
- Vicente, Gil (1965) Obras de Gil Vicente. Porto: Lello & Irmão.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL – VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL – PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

REGRESSAR ÍNDICE

51. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL, PORTUGAL

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

É Doutorando em Pós-colonismos e Cidadania Global com a Tese "Pelo Sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui", do (CES - FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Colaborador do projeto (CES - FCT) "De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais".

Membro do GAIEPC Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais.

Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação "CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão".
Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga)

Foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural),
É professor reformado, Ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Ex-diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGEX (Direção-Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde),
Fundador da AICL, formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação.

Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro.

Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais.

Escritor, ensaísta, investigador CES. Investigador em pós-colonialismos e cidadania global, com incidência nas epistemologias do Sul, especificamente no Atlântico Sul e Angola. Escritor e promotor cultural.



Tema 2.9. A oratura em Manuel Rui a afirmação epistemológica da cultura angolana

O chamado "encontro de culturas" do século XV teve uma duração temporal muito limitada, já que logo evoluiu (ou involuiu?) para um "encontro colonial" onde o posicionamento das epistemologias se hierarquizou e o lado mais forte se tornou dominante. A modernidade europeia decidiu, em causa própria, que a sua razão e mundividência, a filosofia, a ciência e a técnica eram superiores às dos outros restantes povos e raças do mundo.

Fundou o colonialismo, justificado no racismo e na escravatura, tendo o cuidado de esconder os seus malefícios e processos obscuros na sobrançeria das histórias vencedoras dos vários impérios. Apagaram-se, em nome duma ética europeia, as epistemologias diferentes na América e em África que traziam os seus povos em concordância com a Natureza, originando epistemicídios de violência inominável. A oratura insurge-se contra o abuso da escrita e da historiografia eurocêntrica, inscrevendo os valores e as culturas dos povos colonizados no texto escrito, para que se torne mais verdadeiro.

Em Angola, é esse o percurso literário que nos ensina Manuel Rui.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL [REGRESSAR ÍNDICE](#)

52. MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, AICL PRESENCIAL



LOMBA DA MAIA 2016

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos.

Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilinguístico por excelência.

Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano.

Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016).

Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998). Tradutora-intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro.

Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEFP, desde 2001.

Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015.

Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, desde 2016.

Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques.

Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma.

Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.

É SÓCIA AICL. TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016 E DEPOIS NO 27º EM BELMONTE 2017

REGRESSAR ÍNDICE

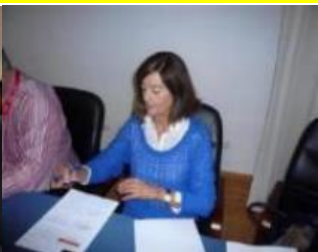
53. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL



Belmonte 2017

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE NO 14º EM BRAGANÇA 2010, NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012 E NO 27º EM BELMONTE 2017

54. MARIA HELENA ANÇÁ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CIDTFF, PORTUGAL E AICL (mariahelena@ua.pt)



SEIA 2013

GALIZA 2012

MACAU 2011

MONTALEGRE 2016

Professora Associada com Agregação, Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro

Áreas de intervenção docente:

Didática do Português (Mestrados); Pluralidade Linguística e Educação (Mestrados); Seminário de Orientação Educacional em Línguas (Mestrados)

Didática e Desenvolvimento Curricular (Programa Doutoral)

Língua Portuguesa, Gramática e Comunicação (Licenciatura)

Domínio de especialização: Didática do Português; Língua Não Materna; Português-língua de acolhimento em contexto português; Português-língua oficial, contextos africano, americano e asiático.

Interesses de investigação: Português-Língua não-materna; Consciência Metalinguística; Migrações; Variedades do Português; Português, língua de comunicação internacional / políticas linguísticas para o Português.

Cargo atual: Diretora do Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Língua Estrangeira (Alemão / Espanhol / Francês) nos Ensino Básico e Secundário

Coordenadora (com Cristina M. Sá) do Laboratório de Investigação em Educação em Português / Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/FCT)

Outras competências atuais: Membro Colaborador da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa. Universidade de Cabo Verde (Cidade da Praia).

Experiência na orientação de projetos científico-académicos:

Supervisão de Estágios de pós-doutoramento 2 + 1 em curso

Orientação de 7 teses de doutoramento + 3 em conclusão + e 2 em curso

Orientação de 51 Dissertações / Relatórios de Mestrado + 2 em conclusão.

Publicações: orcid.org/0000-0002-8515-576X

- [Scopus Author ID: 35742724000](https://scopus.com/authid/detail.url?authorID=35742724000)

Publicações nacionais e internacionais e participação regular em Congressos internacionais.

TEMA 2.5/2.6. - Língua Portuguesa: conhecimentos e perceções de alunos em diferentes contextos educativos, Maria Helena Ançã, Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores / CIDTFF Universidade de Aveiro – Portugal, mariahelena@ua.pt

1. Introdução

Neste texto pretendemos apresentar alguns resultados de três estudos académicos (2º Ciclo de Bolonha), integrados no projeto *Políticas linguísticas para o Português: o papel do ensino na promoção e difusão da língua*, em desenvolvimento no Laboratório de Investigação em Educação em Português/LEIP, sob minha coordenação. Os referidos trabalhos foram elaborados a partir de um estudo exploratório (Ançã et al., 2014), realizados em Portugal (ensinos básico/3º Ciclo, secundário e superior), Cabo Verde, Brasil e México (ensino superior), pretendendo analisar os conhecimentos/cultura linguística e as perceções de aprendentes e formandos sobre a LP e seus os valores.

2. Contextualização

São conhecidas mais de 7000 línguas (Simons e Fennig, 2017), que se distribuem desigualmente pela Terra. Muitas línguas são faladas em mais de um país, como a LP, outras são faladas, essencialmente, num só país, como o Mandarim, na China, o maior país do mundo em termos populacionais. No entanto, as línguas não são percebidas isoladamente, mas num sistema global. Assim, De Swaan (2001) e Calvet (2002), na mesma linha do primeiro autor, propõem um ‘modelo gravitacional’ das línguas, no qual o sistema linguístico é composto por um conjunto de “constelações”, constituindo este uma “galáxia. O sistema em causa apresenta vários níveis de análise, sendo a organização mundial das relações entre as línguas o nível superior.

As línguas estão ligadas pelos bilingues que as falam e o sistema destes permite traçar as relações em termos de gravitação. Em torno de uma língua hipercêntrica (Inglês), gravita uma dezena de línguas supercentrais (Francês, Espanhol, Árabe, Chinês/Mandarim, Português...). Por sua vez, à volta destas gravitam cem ou duzentas línguas centrais, que têm quatro ou cinco mil línguas periféricas em seu redor.

Como já referido, são os sujeitos bilingues, ou sujeitos-falantes de outras línguas, que estabelecem as relações entre as línguas, – fator a que De Swann (2001) intitulou *qualidade de centralidade*, ou seja, quantos mais falantes dessa língua souberem outras línguas, dentro de um grupo de falantes da mesma língua, mais essa língua se tornará central. Por outro lado, quanto maior for o número de falantes de uma língua dada, mais atrativa ela se tornará, – *qualidade de prevalência*. Estas

duas qualidades (centralidade e prevalência) concorrem para o potencial comunicativo de uma língua. Segundo Castro (2009), a combinação destas duas qualidades pode assegurar, de algum modo, a internacionalização de uma língua. Eventualmente, a qualidade de centralidade estará mais próxima do Português Europeu (PE) e a qualidade de prevalência do Português do Brasil (PB).

Como se traduz, então, a supercentralidade da LP e o seu potencial, em termos mais quantificáveis?

Em Portugal, registam-se duas publicações neste âmbito, ambas da mesma equipa investigativa (ISCTE/IUL) e assentando no mesmo estudo. São elas: *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, de Reto et al. (2012) e *Novo Atlas da Língua Portuguesa*, de Reto, Machado e Esperança (2016). Ambas as publicações assinalam o lugar cimeiro na ordenação das línguas mundiais e número significativo de falantes, mais de 260 milhões (Reto, Machado e Esperança, 2016), como materna e como língua segunda, ocupando 10,8 milhões de quilómetros quadrados da superfície da Terra, ou seja, 3,7% da população mundial e 4% da riqueza total.

Neste quadro, a LP, de elevado potencial, beneficia “de três grandes fontes de influência de que muito poucas línguas dispõem” (Reto et al., 2012: 25):

- i) os países que a falam e o poder económico associado, como tem sido o caso do Brasil, de Angola, e ainda de Moçambique, e com dimensões populacionais assinaláveis e com uma tendência acentuada para o seu crescimento, sobretudo nestes dois países africanos (Laborinho, 2016; Oliveira, 2016)⁵⁶;
- ii) o facto de a LP estar presente em todos os continentes, em particular em África;
- iii) a baixa entropia, na aceção de Calvet e Calvet (2012), ou seja, o modo como os falantes de uma língua se encontram repartidos pelas regiões que a falam. Este fenómeno facilita a manutenção da identidade e unidade da língua, por ser falada por um pequeno conjunto de países (Ançã et al., 2013).

A situação inigualável da LP exigiria que devessem ser rentabilizadas todas as suas potencialidades, “quer pelas sociedades/países que a falam, – instituições, entidades, pessoas coletivas –, quer em termos mais individuais/corporativos, na convicção de que a atitude (positiva) dos falantes para com a língua pode ser um contributo determinante para a sua difusão e internacionalização”. (Ançã et al., 2013: s/p).

No entanto, o desconhecimento, algum desinteresse e muito ceticismo dos seus locutores podem constituir obstáculos a esses desígnios, como já mencionado, em 2009, por Galito: “[...] Resta saber se os seus falantes já tomaram consciência do impacto económico que esse instrumento [LP], tão à sua disposição, lhes pode oferecer” (2006: 99), ou ainda por Castilho (2013), quando refere a falta de “autoestima crónica”, a propósito da internacionalização da LP e, no caso específico do papel das Universidades (brasileiras) como *locus* de conhecimento da língua e da sua difusão (Ançã et al., 2013).

3. Alguns estudos em torno da LP

É com o propósito atrás enunciado que nos interrogamos: como se traduz a supercentralidade da LP nos seus falantes/aprendentes, que perceções têm sobre a língua?

Revisitando Reto et al. (2012) e também Oliveira (2013), o setor educacional desempenha um papel fulcral no valor económico da língua (100%)⁵⁷. Para além disso, o ensino da língua, quer no país onde se fala essa língua por nativos e não nativos, quer no estrangeiro, é um poderoso meio de promoção e difusão dessa língua.

É neste contexto epistemológico que o LEIP, estrutura do CIDTFF, da Universidade de Aveiro, desenvolve um projeto sobre *Políticas linguísticas para o Português: o papel do ensino na promoção e difusão da língua*, sob minha coordenação. Neste projeto inserem-se vários estudos académicos de Mestrado e de Doutoramento, respetivamente dos 2º e 3º ciclos de Bolonha⁵⁸. Neste texto, destacaremos três estudos académicos de Mestrado, orientados por mim (Henriques, 2014; Silva, 2015a; Cardoso, 2016), partindo, necessariamente, dos resultados do estudo piloto, de Ançã (2015): *Que valores tem a Língua Portuguesa? Um estudo com universitários portugueses, brasileiros e cabo-verdianos*, o qual foi apresentado no XI Congresso da Associação de Lusitanistas em Mindelo (Cabo Verde) em 2014 e publicado no ano seguinte. Estes estudos tiveram como objetivos (embora cada um com a sua especificidade): identificar os conhecimentos sobre a LP no contexto mundial e lusófono, as expectativas face à língua, assim como os valores a ela atribuídos, em alunos dos ensinos básico (3º Ciclo), secundário e universitário em Portugal, e ainda no Brasil, Cabo Verde e México, em estudantes do ensino superior.

O estudo piloto privilegiou um público académico, finalista de um curso de Português (ou equivalente), prestes a entrar no mercado de trabalho. É representado em cada país por uma turma de uma universidade em Portugal, Brasil e Cabo Verde. Para a recolha de dados foi utilizado um inquérito por questionário (Ançã et al. 2014).

⁵⁶ A este propósito ver Oliveira (2016). Este autor apresenta, para o final deste século, a previsão de inversão geográfica da demografia da LP: Brasil e Portugal sofrendo um decréscimo populacional, enquanto os países africanos, nomeadamente Angola e Moçambique, com um crescimento populacional acentuado. Este facto implicaria uma deslocação do ‘centro’ da LP para a África Meridional, passando-se, assim, de uma normatização bicêntrica da LP (Portugal e Brasil), para uma normatização pluricêntrica (PALOP).

⁵⁷ Coeficiente de participação da língua nos diferentes ramos da contabilidade nacional, segundo a sua participação no PIB (Oliveira, 2013).

⁵⁸ Inscrito no 3º ciclo, citamos o projeto de Inéia D. Abreu, presente neste 28º Colóquio: *Formação de Professores de Português no Pará para a Diversidade Linguística e Cultural e para a valorização e difusão da Língua*.

Grosso modo, os resultados apontam para algum desconhecimento sobre o peso e o lugar da LP no mundo, sobre os países que têm o Português como língua oficial (são sobretudo salientados Portugal, Brasil e Angola), e sobre a lusofonia em geral. Destaca-se, apesar de tudo, um maior conhecimento por parte dos estudantes cabo-verdianos neste domínio (ver Gráfico 1).

Os três grupos indicam o PE como a “mais correta” das variedades de Português, justificando a sua posição com a metáfora “berço da língua”. Quanto aos valores percecionados pelos três grupos de estudantes, são restritos e predominantemente clássicos, – o histórico-cultural, por exemplo, o que implica que este público não está sensibilizado para os valores de comunicação internacional, económico ou língua de ciência... Para este último valor, Português como língua de ciência, há alguma abertura da parte dos cabo-verdianos analisados e também, em menor escala, dos brasileiros. No entanto, de um modo geral, as expectativas face à língua não são muito elevadas, sobretudo nos estudantes de PLM (portugueses e brasileiros).

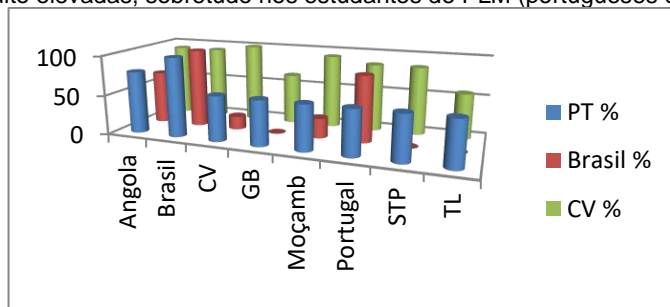


Gráfico 1 – Países de Língua Oficial Portuguesa assinalados pelos estudantes

Estes resultados levaram-nos a questionar a formação de professores de LP que deve ultrapassar uma visão monolítica e algo eurocêntrica e integrar uma abordagem mais alargada e atual, ao encontro de uma dimensão internacional da LP e dos seus múltiplos valores. Quisemos, então, indagar que conhecimentos e perceções teriam outros estudantes de outros níveis de ensino e, para esse efeito, desafiámos alguns mestrandos nesse sentido.

Henriques (2014), Silva (2015a) e Cardoso (2016) desenvolveram os seus trabalhos com públicos mais jovens, em anos letivos distintos, mas na mesma Escola do 3º CEB e Secundário em Aveiro (ver Tabela 1). Serviram-se os três do questionário base, com algumas adaptações ao público e aos objetivos específicos de cada trabalho. O estudo de Cardoso contou ainda com aprendentes de PLE, na Cidade do México.

Nome e data	Henriques (2014)	Silva (2015a)	Cardoso (2016)
Título	<i>O potencial (económico) da LP: representações de alunos</i>	<i>Fonias Lusas ou Lusofonias – as variedades do Português no sistema de ensino (secundário) em Portugal</i>	<i>A Língua Portuguesa no ciberespaço: um estudo com aprendentes mexicanos e portuguesas</i>
Público	-20 alunos PLM - 9º ano - Aula de Português	- 15 alunos (12 portugueses e 3 angolanos) -10º ano Ensino Profissional (Técnicos de Comércio) -Aula de Português	a) Universidade Autónoma do México / CELE ⁵⁹ - 18 alunos (17 mexicanos e 1 peruano) - 1º ano - Aula de Português LE / sessões on-line. b) Escola (3º CEB / Secund.) - 29 alunos (28 PLM, 1 moldavo) - 11º ano (Ciências e Tecnologia) - Aula de Português

Tabela 1 – Identificação dos três estudos académicos

No estudo de Henriques, cuja recolha foi realizada numa aula de Português, do 9º ano de escolaridade, os alunos revelaram alguma dificuldade em indicar as línguas mais faladas no mundo, com exceção do Inglês, ao qual atribuíram um lugar cimeiro. No que diz respeito ao lugar ocupado pela LP, no contexto das outras línguas, os

⁵⁹ CELE- Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras.

alunos manifestaram algumas incertezas. No que concerne aos valores da LP, são sublinhadas a dimensão histórica, sociocultural e intelectual, ignorando a sua presença relevante nos espaços virtuais, no domínio científico, político ou económico. Como afirma o autor: "(...) *na leitura de todas as respostas, perpassa uma associação direta entre Portugal e a LP, denotando que os alunos menosprezavam o facto de esta última ultrapassar as fronteiras do seu país e de, atualmente, serem outros os atores responsáveis pela sua expansão*". (Henriques, 2014:95) Não hesitaram, contudo, em reconhecer a importância do crescimento da LP, mas sem vislumbrar o impacto que este fenómeno pode ter. No entanto, consideraram fundamental um bom domínio da LP, sobretudo por questões afetivas (LP=LM) e algumas preocupações profissionais que se começavam a esboçar.

Numa última fase deste projeto, foi realizada uma sessão de sensibilização à LP no contexto mundial e lusófono, com os novos valores que começam a emergir: de comunicação internacional, de ciência, económico... Esta sessão trouxe algumas mudanças de atitude face à língua. Os alunos passaram a entender a LP como uma "ferramenta" que se reveste de grande importância, numa sociedade cada vez mais global. Como afirmou um dos alunos: " *Se não conseguir trabalho em Portugal talvez tenha de emigrar e para ter um certo emprego no futuro tens de saber falar português o que no futuro ajuda muito.*" (Henriques, 2014: 89).

O estudo de Silva (2015a), que se desenrolou na mesma Escola em Aveiro, teve como público uma turma do 10º ano, com um percurso diferente do anterior, dado que se tratava de estudantes do Ensino Secundário, e mais exatamente, do Ensino Profissional (Técnicos de Comércio): doze portugueses e três angolanos. Como o estudo precedente, assentou em duas etapas:

i) através do questionário, foi feito o levantamento dos conhecimentos e perceções dos estudantes face à LP, às suas variedades e aos seus valores; os resultados não diferiram substancialmente dos de Henriques (2014);

ii) sessão de sensibilização ("Fonias Lusas"), "com vista à promoção de um espaço de reflexão e de desconstrução de pré-conceitos apurados na fase anterior de aplicação do questionário" (Silva, 2015a: 80).

Esta sessão contou com uma maior e mais empenhada participação dos estudantes, sobretudo da parte dos três africanos, geralmente bastante passivos na aula de LP. Houve, de facto, alguma evolução no reconhecimento de um percurso novo na língua e na sua diversidade, como nos mostram estes testemunhos (Silva, 2015b):

"...porque estamos ligados pela história e por este motivo somos todos lusófonos, independentemente do sotaque..."; "...aprendi o que é a lusofonia (...) porque a lusofonia não são só os cinco países africanos..."; "...aprendi que não sou só portuguesa e que também sou lusófona...".

Estes dois estudos focalizam a importância do professor, como agente de mudança e de abertura, num trabalho que deve ser contínuo e continuado e não apenas restrito a uma ou duas sessões de sensibilização a estas questões de Educação em Português⁶⁰.

Cardoso (2016), no âmbito da difusão da LP através do seu ensino, interessou-se por perceber de que forma os alunos percecionavam o ciberespaço, como contributo para essa difusão e, em simultâneo, como meio de aprendizagem. Recordemos que no estudo de Henriques (2014) esta dimensão tinha sido negligenciada, muito embora vários estudos (Reto et al 2012; Reto, Machado e Esperança, 2016) demonstrem que a LP é uma das línguas mais utilizada na internet. O questionário de Cardoso (2016) foi passado presencialmente na Escola em Aveiro, com os alunos de 11º ano, enquanto o que apresentou aos estudantes de PLE do CELE / Universidade Autónoma do México, foi passado virtualmente. Aliás, a comunicação com os estudantes no México (e a com a respetiva professora de Português) realizou-se sempre virtualmente (correio eletrónico, Skype, sessões on-line). Por razões óbvias, o questionário destinado a este público sofreu adaptações mais pronunciadas em relação ao original do que os questionários dos mestrados anteriores.

Quanto às grandes conclusões deste estudo, estas apontam para diferenças significativas entre os conhecimentos, as perceções e crenças dos alunos latino-americanos face aos portugueses. Os primeiros *"demonstram uma maior certeza em relação à posição cimeira que a LP ocupa, em relação às outras línguas, e que a valorizam como uma língua forte, considerando a sua importância enquanto veículo de cultura, de ciência e de comunicação com outros povos, para além da consciência do seu valor histórico"* (Cardoso, 2016:72). Os estudantes portugueses, pelo contrário, *"não denotam uma grande consciencialização sobre a importância e o alcance estratégico que a sua LM assume, a nível planetário (...)"* (Cardoso, 2016: 72), estando o valor de ciência quase ausente nas respostas dos jovens de Aveiro.

No que diz respeito à utilização da internet (programas, aplicações informáticas) na aula de LP e em LP: as respostas dos estudantes estrangeiros confirmaram a eficácia dessa utilização: o *teletandem*⁶¹ permite diversificar as estratégias de ensino, desenvolvendo competências em diversas áreas; a aula virtual é estimulante e fomenta nos alunos o plurilinguismo, ao mobilizar conhecimentos linguísticos e culturais. Pelo contrário, no contexto educativo português citado, e porventura noutros,

⁶⁰ Os mestrados eram simultaneamente Estagiários na referida Escola, não tendo nem uma turma própria nem muita flexibilidade na gestão das aulas.

⁶¹ Ferramenta de grande utilidade no ensino e aprendizagem de línguas que se baseia em três princípios: o da *igualdade*, - os falantes têm idêntica oportunidade de acompanhar o processo de aprendizagem dos seus companheiros; o da *reciprocidade*, - a comunicação é efetuada de uma forma síncrona e colaborativa; o da *autonomia*, cada falante faz a gestão da sua aprendizagem (Cardoso, 2016).

os conteúdos *web*, em Português, não são muito utilizados, no entanto, podem promover nos alunos uma consciência da comunidade lusófona, uma aproximação a ela e ao mundo em geral. Cardoso (2016) conclui, então, que há, efetivamente, inúmeras possibilidades na utilização do ciberespaço na sala de aula, embora os alunos portugueses só reconheçam ao Inglês o valor de língua do ciberespaço. Este facto deve-se, certamente, às estratégias utilizadas em aula de língua(s) que tendem a ser predominantemente tradicionais. Verificamos que estes três projetos analisados enfatizam o papel fulcral dos professores de Português numa nova abordagem em Educação em Português, aberto a novos valores, a outras geografias e a outros povos.

2- Comentários finais

Teve este texto como preocupação apresentar alguns resultados de estudos que analisaram os conhecimentos e percepções de estudantes face à LP.

Não obstante os conhecimentos não serem muito abrangentes, constatamos que os cabo-verdianos e os latino-americanos, isto é, os participantes não nativos, possuem uma maior bagagem linguístico-cultural do que os portugueses e os brasileiros.

Quanto às percepções e crenças, também são os estudantes estrangeiros quem mais confia na LP e a reconhece como língua de comunicação internacional e de ciência, para além do seu valor histórico (neste último valor encontrando os nativos).

Com efeito, é necessário consciencializar os falantes e os aprendentes que a LP é uma língua de futuro, sensibilizando-os para a sua importância demográfica, o seu reconhecimento internacional, com uma atitude de confiança face à língua, e combatendo, em particular, o ceticismo (Ançã, 2016; Ançã et al., 2014; Galito, 2006) e a falta de “autoestima crónica” (Castilho, 2013).

Parece evidente que cabe ao professor contribuir para esta mudança de atitudes nos alunos, mas, em primeiro lugar, é necessário que ele próprio também esteja consciente das potencialidades da LP, ou seja, que se mantenha informado e atualizado.

3- Referências Bibliográficas

Ançã, Maria Helena (2015) “Que valores tem a Língua Portuguesa? Um estudo com universitários portugueses, brasileiros e cabo-verdianos”. In Roberto Samartim, Raquel Bello Vasquez, Elias J. Torres Feijó e Manuel Brito-Semedo (eds.), *Estudos da Associação Internacional de Lusitanistas - AIL em Ciências da Linguagem: Língua, Linguística, Didática*. Santiago de Compostela / Coimbra: AIL Editora, 146-155.

Ançã, Maria Helena (2017) “A Língua Portuguesa e os seus falantes – alguns estudos em contexto educativo”. Conferência apresentada ao *I Simpósio de Ensino de Língua Portuguesa*, Cuiabá (Brasil): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 22-24 junho 2017.

Ançã, Maria Helena, Guzeva, Tatiana, Gomes, Belinda, Macário, Maria João e Paiva, Zilda, Ohuschi, Márcia (colab.) (2013) “Língua portuguesa e lusofonia: na voz de universitários portugueses e brasileiros”. *Atas/Anais do 20º Colóquio da Lusofonia*. Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Instituto Politécnico da Guarda (versão CD-ROM).

Ançã, Maria Helena, Macário, Maria João, Guzeva, Tatiana e Gomes, Belinda (2014) “O papel da Educação em Português na promoção e difusão da língua – um estudo com um grupo de estagiárias” in Revista *Lusófona de Educação*, 27, 93-108.

Calvet, Louis-Jean (2002). “Mondialisation, Langues e Politiques Linguistiques” (Disponível em: ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Calvet.pdf; consultado em abril 2013).

Calvet, Alain et Calvet Louis-Jean (2012) *Baromètre Calvet des langues du monde* (Disponível em: <http://wikilf.culture.fr/barometre2012/>; consultado em dezembro 2012).

Cardoso, Ana Paula (2016) *A Língua Portuguesa no ciberespaço: um estudo com aprendentes mexicanos e portugueses*. Relatório de Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3ºCEB e Secundário. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Castilho, Ataliba de (2013). “Desafios para a promoção e a internacionalização da língua portuguesa”. *Colóquio sobre A internacionalização da língua portuguesa* (org. ANPOLL/ILLP). Santa Catarina: UFSC, 6-8 março 2013.

Castro, Ivo (2009). “A Internacionalização da Língua Portuguesa”. Comunicação ao Colóquio *A Internacionalização da Língua Portuguesa*. Lisboa: Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses, 16 junho 2009.

De Swaan, Abram (2001). *Words of the World*, Cambridge: Polity Press.

Galito, Maria Sousa (2006) *Impacto Económico da Língua Portuguesa* (Disponível em <http://infoeuropa.euroid.pt/files/00004001>; consultado em dezembro 2013).

Henriques, João André (2014) *O potencial (económico) da LP: representações de alunos*. Relatório de Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3ºCEB e Secundário. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Laborinho, Ana Paula (2016) “Língua Portuguesa e Internacionalização”. Discurso na *Cerimónia de Abertura do Ano Letivo 2016/2017*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 9 de novembro.

Oliveira, Gilvan Müller (2013) “Um Atlântico ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI”. In Luiz Paulo Moita Lopes (org.) *O Português no século XXI. Cenário geopolítico e sociolinguístico*, São Paulo: Parábola, 53-73.

Oliveira, Gilvan Müller (2016) “O Sistema de Normas e a evolução demolinguística da Língua Portuguesa”. In Maria Luisa Álvarez Ortiz e Luís Gonçalves, (orgs.) *O Mundo do Português e o Português no Mundo afora: especificidades, implicações e ações*, Campinas: Pontes, 25-43.

Reto, Luís (coord.), Esperança, José Paulo, Gulamhussen, Mohamed A., Machado, Fernando Luís e Costa e António Firmino (2012) *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Textos Editora.

Reto, Luís Antero, Machado, Fernando Luís e Esperança, José Paulo (2016) *Novo Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros / ISCTE – IUL / Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.

Silva, Cláudia Isabel (2015a) *Fonias Lusãs ou Lusofonias – as variedades do Português no sistema de ensino (secundário) em Portugal*. Relatório de Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3º CEB e Secundário. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Silva, Cláudia Isabel (2015b) *Fonias Lusãs ou Lusofonias – as variedades do Português no sistema de ensino (secundário) em Portugal*. Apresentação em PowerPoint do Relatório de Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3º CEB e Secundário, Provas Públicas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 27 de novembro.

Simons, Gary F. and Fennig, Charles D. (eds.) (2017). *Ethnologue: Languages of the World*, Twentieth edition. Dallas, Texas: SIL International (Disponível em: <http://www.ethnologue.com>, consultado em maio 2017).

É SÓCIA DA AICL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

JÁ PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016

REGRESSAR ÍNDICE

55. MARINA CABRAL, SANTA MARIA, AÇORES

ATUA COM DANIEL GONÇALVES E INÊS CARDOSO NA SESSÃO DE MÚSICA E POESIA

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

56. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, BRASIL, AICL, CONVIDADA



LAGOA 2009



VILA DO PORTO 2011



SEIA 2014

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PARTICIPOU DESDE 2007 A 2015 EM TODOS OS COLÓQUIOS

REGRESSAR ÍNDICE

57. NORBERTO ÁVILA, TERCEIRA,

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936.

De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*.

Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo.

Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu / www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila - oficinadescrita@gmail.com



GRACIOSA 2015



SEIA 2013



MAIA 2013

BIBLIOGRAFIA

1960, *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 *O Labirinto*, inédito

1962, *O Servidor da Humanidade*. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,

1965, *A Pulga*, inédito

1965, *A Ilha do Rei Sono*. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,

1965 *Magnífico I*, inédito

1966, ***As Histórias de Hakim*** (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça

1966, *A Descida aos Infernos*. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP

1968, *As Histórias de Hakim*. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.

1972, *A ilha do rei Sono*, Lisboa, Plátano Ed

1972, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.

1975, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.

- 1976, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, *O Rosto Levantado*. 1ª ed., em *Algun Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in *Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.
- 1977, ***O Rosto Levantado*** (1977 e 1978). 1ª ed. em *ALGUM TEATRO*, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, *A ilha do rei Sono*, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed
- 1978, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1979, *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito
- 1980, *Viagem a Damasco*, Ed SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 *Os Deserdados da Pátria*, 1ª versão, inédito
- 1982, *Do Desencanto à Revolta*.
- 1983, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, *A Paixão Segundo João Mateus*, Angra, Ed SREC
- 1985, *D. João no Jardim das Delícias* (1985).
- 1986, *Magalona, Princesa de Nápoles*
- 1986, *Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater*, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -
- 1987, *D. João no Jardim das Delícias*. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, *Viagem a Damasco*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, *D. João no Jardim das Delícias*, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 *Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta*
- 1988, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, *As Viagens de Henrique Lusitano* (1989).
- 1990, *Viagem a Damasco*, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, *As Viagens de Henrique Lusitano*. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, *A Donzela das Cinzas* (1990).
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Angra, SREC
- 1990, ***Uma Nuvem sobre a Cama*** (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, *A Donzela das Cinzas*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, *As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas)*, Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, *Uma Nuvem sobre a Cama*. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, *O Marido Ausente*. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países.
1992. ***A Donzela das Cinzas*** (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
1992. *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, *As Fajãs de São Jorge*, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, *No Mais Profundo das Águas*, romance.
- 1993, *Os Doze Mandamentos* (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1994, *Os Doze Mandamentos*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1995, *Fortunato e TV Glória*.
- 1996, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.

- 1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,
 1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri
1997. Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri
- 1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”, Guimarães
- 1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)
- 1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,
- 1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra
- 1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,
- 1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfornelos,
- 2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas
- 2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
- 2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,
- 2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito
- 2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.
- 2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,
- 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.
- 2008, Memórias de Petrónio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.
- 2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)
- 2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa,
- 2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora
- 2009, Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- 2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,
- 2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011
- 2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
2013. Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
2014. Algum teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
- POEMA “DECLARAÇÃO”** https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&index=148&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI
- ver caderno de estudos açorianos em** <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>
- ver vídeo homenagem 2016 AICL em** https://youtu.be/q_MGr1DpuAI
- ver vídeo homenagem AICL 2015 em** <https://youtu.be/rnMQRBCG4ro>
- É SÓCIO AICL. AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.**
- JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017**
- Tema 3.1. Santa Maria, depois de certo incidente” do livro Percurso de Poeta.**
- TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL**
- REGRESSAR ÍNDICE**

58. PAULO MENDES, AIPA, AÇORES, CABO VERDE CONVIDADO. aicl



Paulo Renato Andrade Mendes

Licenciado em Sociologia,

Pós-Graduado em Ciências Sociais e Doutorando em Sociologia.

Ativista social, é fundador e foi até 2017 Presidente da Direção da AIPA – Associação dos Imigrantes nos Açores.

Tem publicado diversos artigos sobre as questões das migrações e diálogo intercultural, destacando a publicação do livro “Ponte Insular Atlântica – A Comunidade cabo-verdiana nos Açores.

A nível profissional é CEO da Competir - Açores – Formação e Serviços, unOffice – PDL – Business & Cowork Center e Competir - Cabo Verde – Formação e Serviços.

Tema 2.9. Açores – Espaço de partida e de chegada. A participação social e política dos imigrantes nos Açores.

Apesar dos imigrantes e dos seus descendentes constituírem um enorme potencial para a revitalização da participação cívica e política nos Açores e em Portugal não existe uma tradução prática e minimamente proporcional, decorrente do contexto jurídico, político e social no país e da região.

Neste sentido, a presente comunicação pretende refletir sobre o nível atual da participação política e cívica dos imigrantes e dos seus descendentes nos Açores, das vantagens inerentes ao processo de integração e, por último, as razões que podem concorrer para um baixo nível de participação política



TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016

59. PAULO RAMALHO, ESCOLA SECUNDÁRIA DE SANTA MARIA, AÇORES



Paulo Ramalho (1960) é antropólogo e vive na ilha de Santa Maria, Açores. É Vice-Presidente da Associação Juvenil de Santa Maria. Como antropólogo publicou várias obras de investigação histórico-etnográfica. Foi responsável pela instalação do Museu Etnográfico de Arganil, do Museu do Piódão, do Centro Interpretativo de Arte Rupestre de Chãs d’Egua e do circuito interpretativo Santa Maria na Rota dos Corsários. Como escritor tem dedicado o melhor do seu labor à produção poética:

OBRAS PUBLICADAS:

O Crescer do Silêncio (Fora do Texto, 1992),

Ofício Imperfeito (A Mar Arte Editora, 1994),

Histórias do Reino Distante (A Mar Arte Editora, 1996),

Exorcismo dos Anjos (A Mar Arte Editora, 1997),

As Duas Sombras (Íman Edições, 2003 - Bolsa de Criação Literária - IPLLB),

Ilha Entre Linhas (Novo Imbondeiro, 2008 - Bolsa Criar Lusofonia - CNC)

Boca Aberta 2014 (coleção azulcobalto 022, julho) Ed. Companhia das Ilhas

O outro lado ilha, 2015, romance, Ed. Clube do Autor

Os moinhos de Vento de Santa Maria e a Reabilitação do Moinho da Carreira 2015, com Pepe Brix, ed. da Câmara Municipal de Vila do Porto

In Os últimos heróis da autoria de Pepe Brix (Código Postal: A2053N) (capítulo inicial que apresenta um enquadramento histórico assinado pelo escritor Paulo Ramalho)

José António Moreira a dizer um poema meu. Outro exemplo feliz: <https://www.youtube.com/watch?v=a2IPMHj37zM>

Tema 12.1. A recriação literária a partir da narrativa frutosiana - “Saudades Da Terra” como repositório de estórias e fonte de inspiração no domínio ficcional, Paulo Ramalho

Os anais, atas, crónicas e outros documentos históricos relativos aos primeiros séculos de povoamento do arquipélago açoriano estão repletos de narrativas impressionantes que, pelo seu carácter humano, com pendor para a alegoria, ou pela forma como por vezes oscilam entre o épico e o pícaro, se revelam potencial matéria ficcionável, de grande plasticidade no domínio da criação literária e cinematográfica. Como escritor, sempre me senti atraído por estes relatos, quase sempre mais verosímeis que fantasiosos, mas onde o irreal continua a irromper por linhas de fronteira imprecisas, em que o extravagante e o milagroso se aventuram de braço dado com factos decorrentes do mundo real.

Releia-se a esta luz “Saudades da Terra”, de Gaspar Frutuoso, “Crónicas da Província de S. João Evangelista”, de Frei Agostinho De Monte Alverne ou “História Insulana”, de António Cordeiro e perceber-se-á o que quero dizer. Aplique-se a mesma lente de aumento – a lupa do criador em busca de inspiração – sobre os “Anais

da Ilha Terceira”, a “História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta”, o Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira ou o Arquivo dos Açores e achar-se-á, dentro destas páginas da historiografia açoriana, todo um repositório de estórias que podem constituir fonte de inspiração no domínio narrativo e dar origem a formas originais de recriação artística.

Muito está ainda por fazer nessa área, e o povoamento do arquipélago continua a ser território ficcional não totalmente cartografado. Quem se atrever, por isso, a navegar em tais mares há de encontrar muitos baixios – mas também algumas enseadas onde apetece ancorar o barco da escrita e deixar correr a pena ao sabor das águas tumultuosas do passado. Pela parte que me cabe, tenho-me limitado a singrar com prudência em torno de Santa Maria, usando para carta de marear a obra de Gaspar Frutuoso.

Frutuoso (1522-1591) é unanimemente considerado o «pai» da história açoriana, e “Saudades da Terra”, a sua *magnum opus*, um documento imprescindível para o conhecimento da Macaronésia no final do século XVI. Os seis volumes do manuscrito – detalhada descrição histórica e geográfica dos arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias, redigida entre 1586 e 1590 – continuam ainda hoje a ser um importante manancial de informações sobre a geografia, mineralogia, história, usos e costumes, genealogia, toponímia, fauna e flora dos arquipélagos atlânticos nos dois primeiros séculos de povoamento.

Mas este ilustre micalense, bacharel em Artes e doutor em Teologia pela Universidade de Salamanca, não se limitou a ser o melhor dos cronistas insulanos (o que já não seria pouco). Destacou-se também, no pequeno e isolado meio cultural açoriano, pelo seu conhecimento enciclopédico e humanismo multifacetado, típico de um espírito renascentista.

Literato, artista, músico, observador sensível de todos os fenómenos naturais, Frutuoso foi um homem da sua época, aberto a um mundo em mudança e atento a todas as formas de conhecimento da realidade. A sua formação erudita e a leitura atenta dos autores clássicos (Aristóteles, Heródoto, Tucídides, Virgílio, Cícero), aliada à atenção dispensada ao trabalho dos seus contemporâneos (Garcia de Resende, João de Barros, Damião de Góis, António Galvão), colocam o cronista das ilhas atlânticas entre a elite cultural do seu tempo e revelam-se de um modo particularmente evidente ao longo da composição de “Saudades da Terra”, onde a vivacidade com que evoca tradições e conta histórias se alia muitas vezes a uma idealização poética da realidade, assente numa trama alegórica que deve muito às normas e à estética da tradição literária greco-latina.

Se estas referências clássicas são mais abundantes no Livro Primeiro, elas não deixam de estar presentes no conjunto da obra, espreitando ao longo da narrativa ou impondo-se em determinados capítulos, quer pela estrutura formal de composição, quer pelo imaginário pagão, assente em temáticas grandiosas e mitologias ficcionadas que enfatizam as virtudes do amor platónico. É o caso da interessante alegoria sobre a deriva – rio Tejo abaixo e Atlântico fora – das ilhas de São Miguel e Santa Maria, até ao seu parto final, a partir dos corpos de pedra do gigante Almourol e da gigante Cardiga, que surge no capítulo XXXVII do Livro Quarto.

Partindo de uma ideia poética – a ilha de S. Miguel assemelha-se a um gigante “no espaçoso mar deitado e em perpétuo sonho dormindo” – e de um facto real – Frei Gonçalo Velho, primeiro Capitão de São Miguel e Santa Maria, foi Comendador de Almourol –, Frutuoso cria um elaborado enredo em torno de um gigante mourisco chamado Almourol, “que alguns disseram haver antigamente” e que foi senhor, no rio Tejo, “daquele castelo que tomou o nome dele”.

Almourol era um “*horrendo e espantoso gigante, de grande e espaçosa estatura*” (notem-se as ressonâncias adamastorianas da descrição) que depois de falecido foi enterrado junto ao Tejo, nas imediações do seu castelo. Sucedeu, porém, que certo dia o rio galgou as margens com “*tão crescida enchente que, escarvando a terra de sua recente sepultura, trouxe por suas apressaduras correntes abaixo seu corpo inteiro*” (...) [através das] *amenas e saudosas serras, as terras verdes e frescas, os campos cheios de cores e deleitosos prados, as quintas alvíssimas e formosas e aquelas populosas vilas e ricos lugares que de ambas as partes o acompanham.*”

Frutuoso descreve a dor dos seus familiares que, vendo o gigante partir na deriva da corrente e lembrando-se de como fora seu senhor, “*casado com a Cardiga, sua senhora, já morta, deram grandes gritos, lamentando o seu apartamento tão saudoso.*”

Segue-se depois o circunstanciado relato do arrastamento do corpo em direção à embocadura do Tejo e ao grande mar oceano. O gigante passa meia légua abaixo do castelo de Almourol, à vista do mosteiro de Santo Onofre, e de duas quintas “*que dali a quatro tiros de besta estão de aquém e de além Tejo.*” Meia légua mais à frente bordeja a Chamusca, Ulme e a Golegã, até chegar à vista da vila da Azinhaga e da cidade de Santarém, por entre vívidas descrições da paisagem, com referências a quintas e palácios, famílias ilustres, pormenores geográficos de interesse, detalhes históricos e, até, curiosidades avulsas.

Um exemplo: “*E logo três tiros de besta para baixo, a quinta de André Teles, e além, uma légua e meia de campo até às Barrocas da Rainha, apartadas meia légua do Tejo, em que entra correndo por junto delas um rio pequeno, que se passa em uma barca de grande rendimento, cujo barqueiro tem seu prêmio cada novidade de cada um dos lavradores do campo, e a barca certa moeda de real e meio, de cada pessoa que nela passa. E atrás das Barrocas, em que está a venda, vira um mosteiro da Província de S. José, de religiosos capuchos; e logo mais adiante, uma légua e meia de fertilíssimos campos e vinhas.*”

Depois de Santarém a deriva do descomunal cadáver prossegue, por entre pormenorizadas descrições de férteis lezírias e terras ribeirinhas. Sucodem-se as localidades, ora numa margem, ora na outra, até à *“afamada vila de Almada (...) em que haverá perto de sessenta moendas que moem de maré, e bons vinhos e muita lenha de pinho, de rama e de tronco, que em barcas levam para Lisboa”*.

Em frente do gigante, estendendo-se desde Xabregas a Belém, está agora a magnífica capital do reino, apinhada de denso casario e variadas gentes. E, acrescenta o cronista, daquele local parece Lisboa o realmente que é: *“a mais soberba e populosa cidade do universo.”* De tal modo que (assevera, num arroubo literário) se Almourol fosse ainda vivo *“o borborinho e bafo dela [ali] o detivera e muito curta lhe parecera a idade para desejar de gastar em tal cidade a vida toda.”*

A passagem da colossal criatura diante da grande urbe não passa, no entanto, despercebida. Vendo-o deslizar sobre as águas, os frades dos mosteiros pedem a Deus para os livrar de semelhante monstro, e as saloias de Oeiras fogem em pânico, deixando a praia juncada com os cestos, que para *“refeição da natureza enfasiada ou faminta da populosa cidade traziam”*. As únicas que não parecem temer Almourol são as ninfas Tágides, acostumadas a conviver com estranhas criaturas marinhas. Ainda assim, as suas opiniões dividem-se. Seria ele um animal das profundezas oceânicas? O pai das naus das Índias? Ou uma grande serra que *“com crescida corrente, as doces águas ao salgado mar (...) levavam”*?

Passando Almourol a barra do Tejo, *“se veio engolfando no grande mar oceano, para esta ocidental parte”* e, navegando ao sabor de fortes correntes e ventos, acabou por encalhar longe da costa, no baixo das Formigas. Ora, explica o cronista, *“como era corpo de excessiva grandura e pesado, neste lugar fez assento e aqui se ficou nestas oceanas e salgadas águas o morto sepultado para sempre.”* Assim surgiu a ilha de São Miguel.

Alguns anos antes, uma outra enchente do Tejo tinha já trazido até tão longínquas paragens a gigante Cardiga, a quem depois foi posto o nome de Santa Maria. E eis que agora, para remate feliz desta fábula insular, o gigante voltava para perto de sua defunta mulher, morto também ele, mas preso ainda de seus amores. *“Ambos escolheram aqui os seus jazidos”*, conclui melancolicamente Gaspar Frutuoso, *“porque na verdade qualquer ilha destas, neste tão comprido e largo mar oceano, não é outra coisa senão uma prisão algum tanto espaçosa, e até, de coisas pequenas, quanto mais das grandes, uma muito estreita e muito mais curta sepultura.”*

As aventuras póstumas dos dois amantes inseparáveis, Almourol e Cardiga, são um bom exemplo das múltiplas possibilidades de recriação artística que a narrativa frutuosiana oferece – e por essa razão me demorei nos meandros da história. Imagino-a (porque não) fonte de inspiração mitológica para o ciclo criativo de um pintor; ou então tema para uma curta-metragem de cinema de animação (os laços indissolúveis entre as duas ilhas mais orientais do arquipélago açoriano).

Diria, no entanto, que *“Saudades da Terra”* se impõe sobretudo como alfobre criativo no âmbito da ficção literária – romance, conto, teatro, literatura infantojuvenil – , por força da estrutura quase novelesca de alguns dos factos descritos. Na sua tentativa de recolher informações exaustivas e reconstituir determinados episódios históricos, Gaspar Frutuoso recorre com frequência à memória viva de pessoas coevas dos acontecimentos – o que certamente contribui para conferir à narrativa um elevado grau de verosimilhança. É o caso – podemos deduzi-lo com segurança – do dramático assalto de corsários à ilha de Santa Maria no ano de 1576, abordado com invulgar minúcia entre os capítulos décimo sétimo e vigésimo do Livro Terceiro.

A história começa no dia 4 de agosto desse ano, sábado à tarde, com a passagem ao largo da costa sul da ilha de São Miguel de três barcos corsários franceses. A esquadra vem com intenções de atacar Vila Franca, mas, face a uma inesperada resistência, acaba por se fazer de novo ao mar alto e dirigir-se para a ilha vizinha de Santa Maria – mais pequena e menos defendida. Domingo de manhã os acontecimentos precipitam-se, com a chegada dos barcos franceses a Vila do Porto. A tropa corsária desembarca e, dividida em dois grupos de assalto, começa a subir a ladeira em direção à vila. Os moradores tentam opor resistência, mas a fuzilaria cerrada faz bastantes vítimas, obrigando a população a fugir e os defensores a recuar em desordem.

Frutuoso conta como um tal Amador de Goes, surrador de peles, se vira então para o soldado Manuel de Sousa e lhe diz, tomado de pânico: *“Senhor, vamo-nos daqui que nos matam com os tiros”*. Mas Manuel de Sousa não lhe dá ouvidos e arremessa-se contra os corsários, dizendo: *“Ah, duns perros, cães, que vos hei de comer os fígados!”* Amador de Goes, antes de fugir, ainda tem tempo de o ver por terra, *“derribado de um tiro de escopeta, que um dos contrarios lhe tirou de tão perto que quase lhe pôs a escopeta nos peitos.”* E é de notar, reflete muito cristãmente o nosso cronista, *“o juízo de Deus que, sendo este Manuel de Sousa absente da ilha havia quarenta anos, pelo homígio e morte do filho de Rui Fernandes de Alpoem (...) veio aquele ano à dita ilha para nela pagar daquele modo o mal que nela fizera.”*

Tomada a vila, os corsários dedicam-se ao saque. E é então, no meio da desorientação geral, que se dá um oportuno milagre. O padre Baltazar de Paiva, temendo a profanação da igreja matriz, passa como uma flecha entre os soldados inimigos, entra no templo, montado no seu cavalo, abre o sacrário e retira o Santíssimo Sacramento. Quando se dispõe a abandonar o edifício, verifica, no entanto, que o caminho já se encontra bloqueado pelos franceses. Que fazer...? Encurralado, o padre dispõe-se a morrer quando vê abrir-se sozinha uma pequena porta lateral, que estava fechada à chave. Aproveitando o miraculoso sucesso, Baltazar sai a galope rua acima, enquanto um soldado francês dispara uma arcabuzada que lhe passa a rasar a cabeça.

Os acontecimentos sucedem-se. Há atos de heroísmo e de cobardia. Uma batalha inglória nos ermos de Santo Antão e um pedido desesperado de ajuda para São Miguel. Em Ponta Delgada, o Capitão-Donatário decide enviar o sargento-mor Simão Quental com armamento para os defensores, enquanto prepara uma expedição

de socorro. Simão Quental, homem belicoso, sedento de glória, desembarca nos Anjos terça-feira de manhã e dirige-se de imediato ao encontro da população, acantonada em Santo Antão.

O sargento-mor sabe que traz apenas armas ligeiras, mas, desejoso de protagonismo, não está disposto a esperar pela chegada dos reforços vindos de São Miguel. Tenta, por isso, levantar o moral dos defensores e predispô-los à batalha com todo o tipo de argumentos, incluindo – relata Gaspar Frutuoso – a rivalidade entre as duas ilhas: “*não quisessem [os marienses] que ficasse em perpétua memória dizerem os da ilha de São Miguel que, se eles não foram, viveram toda a vida desonrados, e [por isso] muito melhor lhes vinha ganharem eles por suas mãos o perdido (...) que aguardar ajuda de outra parte.*”

Por fim, como a maioria dos presentes não estivesse convencida que um ataque aos invasores fosse melhor do que esperar pelos reforços, Simão Quental acaba por investir sobre o inimigo sem cuidar de saber quem o acompanha. Algumas dezenas de metros mais à frente, constata que está desamparado de apoiantes, e (como explica com humor o cronista) é-lhe então “*necessário ser tão valente pelos pés como soia sê-lo na guerra pelas mãos.*”

Na tarde dessa terça-feira, enquanto tais jogos de guerra têm lugar nos arrabaldes de Vila do Porto, parte de Ponta Delgada a aguardada expedição de socorro, composta por “*duzentos homens de peleja, agora a gente do mar*” e diversas peças de artilharia. A tropa portuguesa desembarca em São Lourenço e inicia de imediato a sua caminhada em direção a Vila do Porto, onde chega na manhã de quarta-feira. No entanto, os corsários franceses já haviam partido. Avisados da iminente chegada de reforços, tinham-se feito de novo ao mar, deixando atrás de si um rasto de dor e destruição: dez mortos e onze feridos entre a população, casas arrombadas, praças “*juncadas de buchos de porcos e de outras alimárias, e muitas porcelanas e outras peças e bandejas da Índia quebradas pelas ruas, porque as quebravam pelas não poderem levar e por não aproveitarem para os da terra.*”

Esta minuciosa narrativa de um ataque corsário a Vila do Porto – recheada de mais peripécias, quadros humanos e surpreendentes *volte-faces* do que aqueles que cabem numa abordagem sucinta – constitui um bom exemplo da plasticidade literária de “Saudades da Terra”. O desembarque dos franceses, com os seus muitos episódios que oscilam entre o pícaro e o comovedor, daria certamente matéria para um romance de época. Pela minha parte, procurei recriar estas aventuras e desventuras dos marienses no verão de 1576, adaptando-as a um texto de caráter infantojuvenil. O livro, com ilustrações de Paula Rocha e design de Carol Roman, foi editado em 2015, pela Agência para o Desenvolvimento da Cultura nos Açores, e faz parte das obras recomendadas pelo Plano Regional de Leitura.

Paulo Ramalho

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

REGRESSAR ÍNDICE

60. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, aicl



Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016



SEIA 2014



LOMBA DA MAIA 2016

PEDRO PAULO CÂMARA,

É Licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores,

Tem pós-graduação em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação - Circum-Escolar "Farol dos Sonhos" e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.

É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto "Madrugadas", pela Câmara Municipal de Aveiro.

Em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos "Vozes de Lava", que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.



BELMONTE 2017



LOMBA DA MAIA 2016



MONTALEGRE 2016

tema 1.2.1 *Saudades da Terra: entre a historiografia e o registo literário*, Pedro Paulo Câmara

É intenção deste trabalho de investigação abordar, ainda que tangencialmente, tendo em conta a sua extensão, o legado de Gaspar Frutuoso, historiador, cronista e teólogo humanista, açoriano, a partir da leitura e análise de capítulos, do Livro I, primeiro dos seis volumes da obra *Saudades da Terra*, que correspondem à minuciosa apresentação histórica e geográfica dos arquipélagos da Macaronésia, no século XVI.

Almeja-se, todavia, aprofundar aspetos particulares que consideramos pertinentes nesta obra de culto, e cujo escrutínio do Livro I poderá contribuir para ilustrar os restantes livros do conjunto, sendo que pretendemos verificar as diferenças entre o discurso historiográfico e discurso literário, bem como os pontos de convergência dos mesmos e a miscigenação destes discursos, anuído ao esbater de fronteiras entre ambos. Apesar de serem considerados, recorrentemente, opostos e incompatíveis pela sua natureza e estrutura, o discurso historiográfico e o discurso literário encontram-se, frequentes vezes, fundidos na mesma obra, enriquecendo-se e enriquecendo-a, situação de que o texto em questão é exemplo.

Teremos por pilar o texto de Ana Paula Avelar, *Representações*, por considerarmos que este apresenta considerações pertinentes no que diz respeito à interdisciplinaridade, aquilo que representa, as vantagens que esta ostenta e a sua possível necessidade de aplicação, e no que diz respeito, ainda, à forma como a

utilização desta contribui para o esclarecimento das representações do *Outro*, e por consequência do *Nós*. Teremos este texto em consideração pelo facto de a autora focar neste, também, o legado do Humanismo, sendo que o autor por nós escolhido, sacerdote, bacharel em Artes e Doutor em Teologia, se enquadra nesta filosofia moral.

O legado de Gaspar Frutuoso⁶², historiador, cronista e teólogo humanista, açoriano, parece ter caído no esquecimento⁶³, oculto pela poeira do tempo, do mesmo tempo que constitui a História, e aparenta estar confinado às estantes de algumas casas, bibliotecas e escassas livrarias. Pretender-se-á, pois, a partir da leitura e análise de diversos capítulos selecionados, por imperativo das limitações de extensão deste trabalho, do *Livro Primeiro*, primeiro dos seis volumes da obra *Saudades da Terra*, que corresponde à minuciosa apresentação histórica e geográfica dos arquipélagos da Macaronésia, e considerado como “o pórtico do magnífico monumento histórico que o insigne patriarca das letras açorianas legas às posteriores gerações destas terras insulares”⁶⁴ (Frutuoso, 1998: VI), colocar em evidência a qualidade da sua obra, no que diz respeito ao seu valor enquanto registo historiográfico e enquanto possuidora de características que a aproximam do registo literário.

Desta forma, neste trabalho, pretender-se-á aflorar as diferenças entre o discurso historiográfico e discurso literário, bem como os pontos de convergência dos mesmos e a miscigenação destes discursos, anuído ao esbater de fronteiras entre ambos, mediante a facultação, essencialmente, de exemplos dos primeiros e últimos capítulos do *Livro Primeiro*.

Teremos por base, ainda, o texto “Representações”, de Ana Paula Avelar, por considerarmos que apresenta considerações pertinentes no que diz respeito à interdisciplinaridade (o que representa, as vantagens que ostenta e a sua possível necessidade de aplicação), no que diz respeito, ainda, à forma como a utilização desta contribui para o esclarecimento das representações do *Outro*, e por consequência do *Nós*, e pelo facto do texto desta autora focar, também, o legado do Humanismo, sendo que o autor por nós selecionado, sacerdote, bacharel em Artes e doutor em Teologia, se enquadra nesta filosofia moral.

Apesar do pertinente trabalho de pesquisa levado a cabo para a construção de *Saudades da Terra*, dos diferentes contactos que o autor estabeleceu para recolha de informação, das possíveis viagens que encetou, e da redação desenvolvida por Gaspar Frutuoso, a informação disponível acerca deste criador quinhentista e da sua obra não é muito diversificada, o que consideramos uma lacuna que deverá ser colmatada, sendo que acreditamos que uma outra abordagem enriquecedora, para além daquela aqui patente, seria a de analisar o tratamento da informação que Frutuoso faz dos seus antecessores.

Os dados apresentados nos diversos sítios encontrados, quanto à biografia, apresentam informações repetidas e, frequentes vezes, plagiadas, o que não contribui para o enriquecimento dos resultados da pesquisa. Estará o autor morto para todo o sempre, votado ao obívio? Em outras circunstâncias, os dados que apresentam são abstratos, inconclusivos ou com diversas lacunas temporais.

A pesquisa acerca da obra também se revelou bastante improdutivo, pois mor parte das abordagens disponíveis on-line, e em suporte papel, reduzem-se à elaboração de resumos dos conteúdos dos seis volumes que compõem a obra *Saudades da Terra*, o que seria possível elaborar, por si só, pela análise dos respetivos índices.

Em alguns casos, encontramos alguns trabalhos científicos sobre aspetos particulares da obra, como é o caso de “Gaspar Frutuoso e Bernardim Ribeiro: A revelação de Deus faz-se na História”, da autoria de António dos Santos Pereira, ou, ainda, algumas peças jornalísticas aquando dos 490 anos da sua morte, a título de exemplo. Acresce a essa dificuldade uma quase inexistência de trabalhos críticos acerca da obra.

Acreditamos que poderá ter contribuído para este (quase) desconhecimento, o isolamento a que esteve votado na fase final da sua vida, ao residir na ilha de São Miguel, em pleno século XVI, apesar de ter viajado e de ter residido em outras regiões nacionais e internacionais, e o facto de *Saudades da Terra* ter permanecido oculta por séculos, já que, aquando da sua morte, ter sido o seu espólio doado aos jesuítas e que, pela expulsão destes, a posse da obra tenha transitado para a família do então governador de São Miguel e, posteriormente, para as mãos do representante de uma família nobre local, o Marquês da Praia e Monforte, que a ofereceria à Junta Geral. Só a partir de finais do século XIX vieram a público, progressivamente, parcelas, meticolosamente selecionadas⁶⁵, dos textos.

⁶² Autor açoriano, nascido em 1522, na cidade de Ponta Delgada, e falecido na atual cidade de Ribeira Grande, em 1591, onde exerceu funções de vigário na igreja matriz.

⁶³ Afirma Rodrigo Rodrigues, na Notícia Biográfica do Dr Gaspar Frutuoso, que “O Padre Dr. Gaspar Frutuoso foi o primeiro cronista insulano e nessa qualidade é uma lídima glória da nossa terra a que se não tem prestado a devida veneração...” (1998: XI)

⁶⁴ Expressão de Manuel Monteiro Velho Arruda, citada pelo autor das Palavras Prévias, João Bernardo de Oliveira Rodrigues, redigidas em Ponta Delgada, no ano de 1966, e presentes na edição de 1998.

⁶⁵ A esse respeito existem diversas teorias, pelo que se aconselha a leitura das Palavras prévias, de João Bernardo de Oliveira Rodrigues, e a Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso, de Rodrigo Rodrigues, presentes na edição de 1998 e que antecedem o *Livro Primeiro*.

Em virtude da exiguidade de informação disponibilizada e da sua parca variedade, optámos por estabelecer uma metodologia de análise pessoal, assente no exame do *Livro Primeiro*, do qual procederemos à apresentação de exemplos de capítulos distintos, e executámos à criação de tabelas e esquemas que comparassem, não só as referências a outros entendidos, bem como os contributos que estes ofereceram ao texto de Frutuoso, alusões que evidenciam a preocupação do autor em apresentar um registo idóneo, coerente e fundamentado e outras que comprovassem o teor literário da obra, nomeadamente no que diz respeito à ocorrência e recorrência de recursos estilísticos, da polissemia e do sentido conotativo.

O historiador em questão, nos variados capítulos em estudo e que poderão servir de exemplo para toda a obra, recorre, de forma original, mas precisa, à interdisciplinaridade, apresentando autores e perspetivas que validam alguns dos dados apresentados, ou outras que acabam por negar informações anteriormente expostas no tempo, à luz de novas evidências. Verificamos, assim, que Gaspar Frutuoso tem consciência de que a construção da história e do conhecimento histórico é um processo e que evolui ao longo dos tempos, a partir de novas informações e do cruzamento de diversas fontes do saber, aplicando “a *prática interdisciplinar*” que, de acordo com Avelar (2011: 12),

“...não deve ser confundida como a mera justaposição de duas ou mais disciplinas, caracterizando-se a relação entre estas pela aproximação de saberes, já que este é o campo da multidisciplinaridade. A interdisciplinaridade procura a integração de saberes, podendo ser entendida: ...como uma forma de viver com as diversas disciplinas criticamente e conscientemente, reconhecendo que as suas premissas mais básicas poderão sempre ser desafiadas e revigoradas por novas formas de pensamento que lhes sejam externas...” (tradução nossa)

No capítulo que encerra o *Livro Primeiro*, o trigésimo segundo,

“[e]m que a Verdade põe a opinião e parecer que tem da fundação das ilhas dos Açores e de algumas outras, e de seus primeiros e mais antigos descobridores. E diz como se perdeu a navegação antiga, em alguns tempos, até se tornar a cobrar pelos nossos portugueses, de que foi primaz e princípio o infante D. Henrique, de gloriosa memória, que mandou descobrir as mesmas ilhas dos Açores” (1998: 117),

como em tantos outros, o autor açoriano faz referência a diversos historiadores e cronistas, desde João de Barros (1496-1570), a António Galvão (?-1557), Gonçalo Fernandez de Oviedo (1478-1557), Pedro Mexia (1497-1551), Damião de Góis (1502-1574), Aleixo Vanegas de Busto (1498/99-1562), Estêvão de Garibai (1533-1599), Johannes Magnus (1488-1544), Cornélio Tácito, considerado por muitos o maior historiador romano (58 d.C.-117d.c); Estrabão (64 a.C.-23 d. C.) ou até Heródoto (485 a.C.-420 a.C.), apontado como o “Pai da História”.

É de referir que alguns dos mencionados também se destacavam em outras áreas, que evidenciaram nos registos que nos legaram, já que, por exemplo, João de Barros foi um dos primeiros gramáticos portugueses; António Galvão, Estrabão ou Heródoto eram geógrafos e Johannes Magnus era teólogo e genealogista. Ainda ao longo do capítulo em análise, são feitas referências oportunas a outros especialistas em distintas áreas, como é o caso da menção a Teofrasto (372 a.C.?-288 a.C.), filósofo, ou a Aristónico de Alexandria, contemporâneo de Estrabão, gramático grego e escritor.

A referência a figuras contemporâneas ou suas predecessoras é, porém, muitíssimo mais extensa do que o anteriormente apresentado, o que obrigou, inclusive, à criação de um índice Onomástico que contém cerca de 500 nomes, que inclui, também, nomes bíblicos, como Noé, Moisés e Cristo, e mitológicos, como Minerva, Neptuno e Medusa. É uma evidência inequívoca da crença na utilidade e necessidade da interdisciplinaridade e na confluência de saberes distintos.

Ademais, o autor tem consciência de que não é o único detentor do *conhecimento* e da *verdade* e revela que está disponível para rever os seus argumentos e a sua posição perante determinados temas, caso outros se revelem mais válidos. Afirma Frutuoso que “*E ainda que se não há de pedir conselho senão aos sábios, contudo, se um cego me ensinar e mostrar o caminho certo, tomarei e seguirei de boa vontade (como diz Horácio) seu conselho*” (1998: 133/134). É este argumento espelhado pelo que defenderia Avelar, séculos depois, ao citar Joe Moran:

“Interdisciplinary study represents, above all, a denaturalization of knowledge: it means that people working within established modes of thought have to be permanently aware of the intellectual and institutional constraints within which they are working, and open to different ways of structuring and representing their knowledge of the world” (2011: 12).

Todavia, pela inclusão a que procedeu de diversos saberes e pela análise das diversas fontes, Frutuoso defende que “*[e]ntenda e diga cada um o que quiser, que eu isto entendo e afirmo, enquanto não vejo outras melhores razões que me convençam meu entendimento no que agora disto alcanço saber*” (1998: 128). Apesar de assim o parecer, a sua explanação da história e da geografia da Macaronésia não é corrompida por um discurso pessoal, frequentemente marcado pela primeira pessoa, mesmo que na voz da Verdade (“*Aqui me ando sem eles de sombra em sombra, de penedo em penedo, sem me empedirem as praças cheias de murmuradores e lisonjeiros [...] Aqui ando vendo novas cousas e novas soidades...*” (1998: 11), ou por juízos de valor e verbalização de opiniões pessoais, ainda que críticas acerca de quem rege a nação: “*... o que se poderia facilmente tirar a limpo [...] o que se faria com pouca dificuldade, se os príncipes e senhores que*

possuem as províncias fossem tão curiosos de saber como o são de haver e lograr os bens e rendas que lhe delas [das ilhas] resultam” (1998: 132). É evidente e incontornável afirmar que o autor se envolve, que não está isento e que manifesta o seu parecer, o que não descredibiliza, porém, o texto e o registo histórico.

Uma das estratégias mais curiosas adotadas por Gaspar Frutuoso é a sua abordagem a diversos ilustres que menciona e a apresentação que faz dos restantes historiadores, de cronistas e até de alguns militares (ou de outras profissões), elogiando-os, e cujas teorias, escritos e vivências utiliza para dar suporte às suas próprias ideias.

Vejamos: ao referir Aleixo Vanegas, apresenta-o como “*doctíssimo doctor*” (1998: 128) ou “*mestre*” (1998: 129); ao mencionar Estêvão de Garibai, apresenta-o como “*doctíssimo e curiosíssimo cronista universal de Espanha*” (1998: 128); ao utilizar como exemplo Damião de Góis, expõe-no como “*um tão docto e tão visto e benemérito cronista de tão altos e poderosos Reis*” (1998: 132); e ao nomear Pedro Mexia, revela-o como “*doctissimamente o nobre e docto cavaleiro*” (1998: 130). É evidente que, ao reconhecer os acima referenciados, no século XVI, como doutores, mestres ou nobres, através da atribuição consistente e consciente de adjetivos ou advérbios de modo, concede-lhes estatuto e reconhece, não só a pertinência do que apresentam, como a sua cientificidade. Ao fazê-lo, e ao concordar com estes, elaborando mais conhecimento, atribui, pois, também, credibilidade aos seus argumentos.

Importa, antes de prosseguir, apresentar os possíveis conceitos do que se entende por discurso historiográfico e discurso literário, as respetivas especificidades e os componentes dos mesmos. Sendo que a historiografia agrega escritos e documentos de cariz histórico, tal como aponta Luiz Henrique Torres ao citar um artigo publicado em 1972 de Francisco Iglésias, onde este escreve que

“[a] historiografia é uma obra da História, um escrito de natureza histórica. Impõe-se a palavra historiografia, uma vez que a palavra história é muito ambígua, por ser tanto a referência ao acontecimento, como sua reconstituição em livro [...]. Trata-se, portanto, de obras elaboradas, não de documentos (Iglésias, 1972: 22-23).”⁶⁶

poder-se-á dizer que o discurso historiográfico terá por base e missão a elaboração de textos de carácter histórico, de forma a relatar e perpetuar os feitos, vivências e factos históricos de um determinado local e de um determinado povo. Tal é apontando por Marlene Medaglia Almeida, também esta citada por Luiz Henrique Torres, no texto “O conceito de história e historiografia”, como é perceptível em

“historiografia: a prática e o discurso historiográfico, isto é, a prática intelectual especializada (mediada pelo instrumental teórico-metodológico da ciência histórica) que tem como objeto específico a realidade histórica, em sua integridade estrutural e superestrutural e seu produto: o conhecimento histórico (Almeida, 1983: 22).”

No que concerne ao discurso literário, o mesmo apresenta fisionomia e conteúdo mais ambíguos e intrincados, não só por se manifestar diferentemente nos diversos géneros em que este se faz representar, mas, também, pela própria existência dos diversos modos e géneros literários, sejam estes líricos, narrativos ou dramáticos. Assim, para além do provocado pela liberdade criativa, construído ou desconstruído por esta, o discurso literário revela um nível de complexidade significativo por permitir uma multiplicidade de aceções e uma possibilidade assinalável de interpretações da mensagem. Para tal, contribui a conotação que, atribuindo um valor simbólico e um sentido figurado a um termo, amplia o seu significado e a variabilidade, já que cada recetor age diretamente sobre a mensagem, por força de uma perspetiva cultural. O discurso literário compõe-se, assim, de inúmeras singularidades e hipóteses.

Apesar de supostamente contrários e incompatíveis pela sua natureza e estrutura, o discurso historiográfico e o discurso literário encontram-se, frequentes vezes, fundidos na mesma obra, enriquecendo-se e enriquecendo-a.

Aqui, apesar de serem usados registos históricos, os mesmos são adaptados e moldados à realidade onde estão a ser redigidos – e ao período também político, em que se vive –, verificando-se a alteração, por vezes, do discurso, ou subjugação deste, de modo a salientar outras características do facto histórico em relato. Será neste contexto, também, que o discurso literário ganhará importância e destaque nesta obra, na qual o autor faz uso de uma linguagem mais ambígua e plurissignificativa, socorrendo-se de vários recursos estilísticos, como é o caso, por exemplo, da adjetivação ampla e recorrente, que surge para dar ênfase a alguns detalhes e, ainda, para embelezar o texto.

O texto “Novas Aproximações ao Antigo Regime Português”, de Jean-Frédéric Schaub, publicado na revista *Penélope*, n. 22 (2000, p. 119-140), é assaz pertinente neste contexto, já que o autor apresenta algumas considerações sobre a herança historiográfica e a pedagogia da história em Portugal, expondo a oposição entre a história institucional linear e a história social global. O autor *revela “o avanço dos estudos modernistas em Portugal”*, os quais resultaram da *“superação do confronto entre história político-institucional e história socioeconómica”*, o que tem contribuído para a existência de uma *“historiografia caracterizada*

⁶⁶ Torres, 1996: 53. Consultado em <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/1944>.

por uma extrema flexibilidade intelectual, um cálculo preciso dos investimentos em investigação e uma capacidade para rentabilizar com grande eficácia os protocolos de investigação recentes.”

Schaub prova que *“o caso português é muito rico em ensinamentos”* e coloca em destaque a renovação de que a historiografia portuguesa tem sido alvo ao longo das últimas décadas, através de apropriações científicas e ideológicas, pois desenha as instituições a partir dos contextos históricos, tendo em consideração o enquadramento mental dos indivíduos. Apresenta uma nova perspetiva, mais sensível a outras áreas de saber e a outros domínios da existência, como a cultura e a religião, a política e a economia, à sua integração e à pertinência destas na construção de conhecimento, tendo em conta a forma como interagem, se cruzam e se combinam: *“pedem emprestado instrumentos de análise à sociologia das redes e da receção cultural, à antropologia dos intercâmbios e da política, à crítica hermenêutica dos textos literários, teológicos ou jurídicos.”* É assumido que este modelo de investigação científica põe em causa visões tradicionais e que *“a maior parte dos autores [...] citados luta[m] contra a tentação de produzir uma história genealógica da Idade Média”*, num ato consciente de escape às restrições do *“mundo feudal, corporativo e profundamente religioso”* e de elevado rigor académico.

Consideramos, mediante o exposto, que Gaspar Frutuoso, na redação da sua obra, no final do século XVI, época conturbada da cronologia portuguesa, revelava estar atento e ser já, nesse período longínquo, um visionário no que concerne à redação da própria história, inovando e renovando perspetivas, conceitos e estratégias de abordagem e apresentação, deixando-se, pois, e também, influenciar pelos ideais do humanismo renascentistas, já que *“representa plenamente o tipo do humanista da Renascença, enciclopédico quinhentista, literato, artista e músico, observador atento dos fenómenos naturais, preocupando-se com experimentações alquimistas e tentando especulações nos domínios da geologia, da mineralogia e da petrografia”* (1998: XI)

O *Livro Primeiro*, ao qual dedicamos atenção, regista o encontro da Fama e da Verdade, estando esta última solitária, triste, chorosa e saudosa numa serra da ilha de São Miguel. É a Verdade que apresenta a descoberta das Canárias, de Cabo Verde e das ilhas de Castela, oferecendo uma panorâmica geral da história do Atlântico à Fama e ao leitor. Estamos em crer que Frutuoso almejava ou antevia que os seus registos fossem lidos e analisados posteriormente. Afirma João Oliveira Rodrigues, ao debruçar-se sobre um aspeto em particular, em 1966, que *“[q]uanto a saber se Frutuoso destinava a sua obra à publicidade, inclinamo-nos a acreditá-lo. Isto pelas numerosas correções e aditamentos que, com a sua própria mão, introduzir, no desejo manifesto de apurar a forma literária e retificar ou atualizar informação”* (1998: LXXXVIII); todavia, pela análise do texto, acrescentamos que Frutuoso equaciona que porventura, no tempo, exista(m), efetivamente, leitor(es), ao apontar que *“[s]e, nalgum tempo, algum triste acertar de ler isto que escrevo, bem cuidado que o meu mal lhe parecerá maior a ele, como a moeda dentro na água maior parece...”* (1998: 7). Ademais, ainda no capítulo primeiro, Dederva, desconhecendo o tempo de vida que lhe resta, antecipando a sua eventual morte⁶⁷, afirma que

“Esses dias, que da vida me ficam, que não sei quantos poderão ser, ainda que cuida que não podem já ser muitos, quero gastá-los em escrever minhas saudades e mágoas neste pequeno livro e deixá-lo nesta obscura cova, onde aqui perto moro, pera os que nele e nestas faias virem algumas cousas por mim escritas possam conhecer que o fez e escreveu Dederva ...” (1998: 8).

Ganha substância, assim, a ideia de que redação do texto, também, é feita para consulta ulterior.

A existência, por si só, destas duas personagens, que dialogam e interagem, faculta à obra um certo teor fantasioso, que, com outros atributos, cimentará a sua literariedade. Saliente-se a seleção das personagens, escolha esta fruto de um tempo particular e de uma corrente específica, contemporânea do autor: o Renascimento, ou não tivesse Camões, por exemplo, feito uso, também, da Fama, no célebre episódio do Velho do Restelo. Registe-se que, então, literariedade e história, ou o seu registo, não são inconciliáveis, e que apenas o seu concerto, equilibrado, será abrangente, pela sua transversalidade, coerente e credível, isto porque

“[a] ciência e a erudição [são] indispensáveis à descrição e à compreensão do mundo. Mas só a arte permit[e] captar a sua essência. Ao verdadeiro historiador não basta[va] esclarecer com minúcia os factos do passado, nem subsumi-los a leis gerais. Ele dev[e] estar apto a retirar da história uma lição moral. Mais do que um fim em si mesmo – o conhecimento do passado –, a história era um meio de o homem se conhecer melhor e um guia para o orientar na construção do futuro. Ora, este procedimento sintético era próprio das artes” (Maurício, 2005: 21)

⁶⁷ Mor parte dos investigadores, como João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Rodrigo Rodrigues ou Manuel Monteiro Velho Arruda, acreditam que a obra frutuosiense terá sido redigida, na sua maioria, na década de oitenta do século XVI. Tendo nascido Gaspar Frutuoso em 1522, teria, aproximadamente, 60 anos, pelo que, e num período em que o território português estava sob os efeitos da peste e a taxa de mortalidade era elevada, é possível que o próprio acreditasse que não viveria muitos mais anos. Assim, consideramos tal menção, na obra, mesmo que nas palavras de Dederva, ou seja, a Verdade, autobiográficas.

.Ainda que mais comedido do que outros escritores da época, nesse aspeto, a fabulação presente na obra poderá resultar, também, da existência de dados concretos e por registar o que a tradição oral transporta para o presente e futuro. Verifique-se que “[n]as coisas antigas da primitiva colonização, cujos pormenores já estavam nebulosos e apagados, narra como lhas contou a tradição que bebeu de pessoas antigas”, sendo que, por isso, “aparecem, então, os factos por vezes amplificados e envolvidos no maravilhoso ou no exagero, e a realidade de mistura com o sobrenatural” (1998: XXXII).

Afirma, ainda, Maurício, a respeito de técnica e da posição de Oliveira Martins, que “[à] precisão e à clareza, próprias do discurso científico, a escrita da história devia aliar a alma e o calor, próprios das causas morais” (2005: 22). Se em Camões, é possível verificar reflexões acerca da Fama e da Glória, alcançada e ambicionada, por alguns, a obra frutuosiense oferece, também, diversas considerações acerca do estado da humanidade. A Verdade afirma que “*Engeitada nasci no Mundo, triste, sem ventura*”, situação provocada pela “*desobediência do homem, a qual já eternamente estava prevista na mente divina*” (1998: 3). Mais, aludindo a Heraclito, refere a Verdade que este filósofo

“*dizia que chorava as maldades e misérias humanas, vendo que todos os mortais, que habitam sobre a face da Terra, vão desviados, e muito longe, da justiça e da verdade, servindo quase todos a avareza e vanglória com loucura e torpeza tão perdida, que, por escusar a pena e dor que de conhecer e ver isto sentia, não queria estar onde visse homens, contentando-se com ter o necessário estreitamente...*” (1998: 6).

Ainda a respeito da literariedade explícita de *Saudades da Terra*, leia-se, na nota biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso por Rodrigo Rodrigues, que antecede o *Livro Primeiro* na edição de 1998, o seguinte:

“*De resto, todos os que têm estudado esta obra [...] acordam em reconhecer que a «Menina e Moça»⁶⁸, de Bernardim Ribeiro⁶⁹, influenciou poderosamente o nosso cronista. Ainda não há muito tempo, o Dr Manuel Baptista de Lima pôr em relevo a grande semelhança, quanto ao aparato literário, e até analogia de situações entre o Livro V e as «Saudades» daquele escritor*” (1998: LXXXV).

Embora o livro mencionado na citação não seja aquele em análise, podemos verificar no *Livro Primeiro* que são diversos os recursos estilísticos que atestam a qualidade (e realidade) literária da obra frutuosiense, de que é espelho a já mencionada adjetivação, ora simples, ora dupla, ora tripla, como quando a Verdade caracteriza o Pai como “*inocente, rico e ledo*” ou quando se afirma como “*sendo eu tão clara, fico obscura e triste*”, ou, ainda, como quando Frutuoso descreve espaços e gentes, o que ocorre quando menciona Tenerife, ao afirmar que é “*quieta e ditosa terra*” (1998: 45), ou ao indicar que da Caldeira de Taçacorte nascem “*três ribeiras de muita água, mais doce, clara e sã, que quantas se podem achar*” (1998: 50), entre centenas de outras ocorrências. Possuir o entendimento de que a obra é composta por inúmeras figuras de linguagem, permite uma melhor compreensão do texto, neste caso assumidamente literário. Mesmo que o emprego de muitos dos adjetivos existentes reflita a subjetividade do autor, por revelar a sua forma de encarar a realidade e a sua análise ou interpretação da mesma, a verdade é que a onipresença de adjetivos assume um papel significativo na riqueza da expressão.

Um outro exemplo que poderemos facultar será o da personificação. A Verdade fala, caminha, veste-se, sente saudades e tristeza e os bosques têm vida. Nas primeiras páginas, como se de uma confissão se tratasse, verbaliza e assume esta que “*Ali [na solitária serra] vivia eu acompanhada de minhas dores e das muitas árvores que nele havia, e não quero dizer que estava também cercada de minhas soidades sós, porque também o bosque tinha as suas*” (1998: 9). A Verdade, pelo abandono, pelas ausências, pelas perdas, humanamente sofre. Admite esta que “*Não chorarei eu, então, sua morte [a do Pai], mas a vida sua choro, que mais digna é de chorar a vida de muitas mortes cheia que uma só morte, fim de tantas vidas tristes. Choro também a mim e a pouca ventura minha...*” (1998:4). Ademais, Fama e Verdade são figuras femininas, e a Verdade descreve com finura a sua nova conhecida nesse seu primeiro encontro, registado no capítulo quarto: “*Chegando ela [a Fama], então [...] em pé, tirou do seio um espelho e uma fita azul, com que enastrou os seus compridos e dourados cabelos, que soltos e espalhados, como voando trazia...*” (1998: 14). O encontro provocou temor, mas apenas pela existência do grifo, “*da donzela não, porque era mulher como [ela]*” (1998: 14), da Verdade, leia-se.

Frutuoso não se reduz ao relato histórico, antes burila o texto, e, pelas estratégias estilísticas empregues, transforma o leitor (ou assim o intenta) num ser emotivo e impressionável, subjugado ao encanto do redigido, influenciado pela beleza da forma e do conteúdo deste, da sua arquitetura, por força da sua linguagem. A enumeração contribui, em certa medida, também, para o exposto, como é o caso de “*Ouvi que morava meu Pai em altos e suntuosos paços, senhor de muitas riquezas, pagens e donzelas*” (sic) e “*Quando meu Pai de ouro de altos quilates se vestia, depois de perder o serviço das verdes esmeraldas, fermosos rubis, subidos topázios, claros diamas, balais, hiacintos, safiras, jagonças, ametistas, crisólitas, perlas ricas, aljófar, e outra pedária fina, resplandecia e soava no*

⁶⁸ Menina e Moça é uma obra da autoria de Bernardim Ribeiro editada, pela primeira vez, em 1554 e considerada como sendo uma novela pastoril. O título pelo qual é conhecida a obra advém das primeiras palavras que compõem o texto, tendo sido o título original *História de Menina e Moça* e o título da segunda edição *Saudades*, entre 1577-78.

⁶⁹ Bernardim Ribeiro, escritor português, terá nascido no final do século XV, em Alcácer do Sal, e morrido por volta de 1552.

Mundo a fama do meu nome esclarecida” (sic) (1998: 3), pois ora oferece explicações, ora sumários. Por outro lado, a enumeração é extremamente útil para a exposição dos espaços apresentados na obra, verdade de que é exemplo o seguinte excerto ao descrever-se a montanha perto de Tigualate: “*Há nesta montanha árvores silvestres, como são faias, louros, vinháticos, barbazanos, tis, adernos, azevinhos e mocães, ou mocanes, e sabipeduiaes (sic), cheirosos como cedros*” (1998: 55).

O polissíndeto, na qualidade de figura de construção reportando aos períodos compostos, também é uma constante no texto frutuosiense e é frequente a ocorrência de orações sindéticas pela presença de orações coordenadas ligadas por conjunções cujo fim último será o da repetição enfática. Ora, interpreta-se que o autor do texto pretende, pois, ressaltar uma determinada ideia. Diz a Verdade, no capítulo primeiro, naquele que é um monólogo-reflexão que “*Antes quer[er] morar entre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encostar-me a estes duros e lisos penedos...*” (1998: 5). Uma leitura atenta do manuscrito permite identificar que esta é uma estratégia recorrente.

Se procedermos ao aprofundamento de uma análise estilística da obra, podemos, ainda, encontrar a existência pertinente da pergunta retórica. Sendo o autor do texto um sacerdote, detentor do treino necessário e da capacidade comprovada, é natural o uso deste artifício linguístico, não fosse ele tão habitual dos sermões litúrgicos, como umas décadas depois comprovaria o padre António Vieira⁷⁰, de que será bom exemplo o Sermão de Santo António aos Peixes. Frutuoso, oportunamente, não apenas como forma manifestada de meditação e autoquestionamento, coloca-as ao longo do texto: “*Sem eles [os instrumentos da alegria], quem cantará cantar alegre em terra alheia? Se não for insensível, que preso engorda e folga, e, sem lhe lembrar soltura, pela doce pátria e casa não suspira?*” (1998: 5). São evidentes, nesta e noutras passagens, a função emotiva e a função apelativa da linguagem, já que é intenção influenciar um possível destinatário, persuadir um determinado leitor, para o que contribui, também, o uso do vocativo e de pronomes pessoais na segunda pessoa do singular ou do plural, como na sequência seguinte:

“Irmãos meus alongados [diz a Verdade], quem vos apartou e levou de mim e me deixou assi tão só comigo? Não sabia que vós sem mim não viveríeis, como eu sem vós não vivo? [...] Se para o Céu subistes, porque cá nesta baixaza me deixastes? E se, porventura, viveis ainda em algum lugar da Terra, porque consentis que viva eu, neste ermo, de vós desamparada?” (1998: 7).

Se, em algumas circunstâncias, Frutuoso oferece uma resposta ou uma multiplicidade de respostas, noutras passagens evita fazê-lo, permitindo que o leitor proceda à introspeção e, possivelmente, futuramente, à elaboração de uma possível resposta-explicação e consequente tomada de posição ou desempenhar de uma ação.

Acrescente-se que, ao longo do texto, verifica-se, ocasionalmente, mas de forma reiterada, a repetição de uma palavra ou conjunto de palavras no início de orações, frases ou parágrafos. Tal não resulta de uma escassez vocabular por parte do autor – possibilidade cuja análise dos seis volumes negaria –, mas sim de uma tentativa deliberada de ampliar a expressividade de determinada ideia ou conceito, através da ênfase conferida pela repetição. A anáfora, figura de estilo tão característica da poesia, também por conferir ritmo e musicalidade, é, assim, colocada ao serviço da narrativa e do próprio registo histórico. De tal, são exemplo as interrogações retóricas apresentadas anteriormente, ou, ainda, outras passagens como “*Adiante contarei quem eram todos [...]*”; “*Adiante contarei eu a razão d’isto tudo...*” (1998: 10).

É frequente, também, o recurso à comparação e à metáfora, por forma a esclarecer problemas abstratos, a exemplificar ou ilustrar noções, concepções e representações. Num tempo em que o acesso à educação e o número de letrados manifestava-se, evidentemente, bastante reduzido, a utilização deste artifício pretendia, pois, também, possivelmente, contribuir para uma melhor compreensão da mensagem ou ilustração da mesma.

Compreenda-se que, por exemplo, uma metáfora concetual é utilizada para entender uma determinada hipótese, ou doutrina, ou um determinado modelo ou sistema, visando facilitar a compreensão de uma determinada ideia. Podemos afirmar, então, que as metáforas concetuais fazem parte do quotidiano e que permitem, também que interlocutores, ouvintes ou leitores, se envolvam ativamente e de forma esclarecida no processo de interpretação, leia-se descodificação, do texto. É o caso de “*São os homens nesta vida flores que, graciosas e enfeitadas com cores diversas, se alevantam e vêm logo murchas e secas cair quebrantadas em terra seca...*” (1998: 6), que não é caso único.

A gradação, regra geral crescente, produz um efeito textual muito interessante, pois, se, por um lado, convida o leitor a visualizar o descrito, permite, por outro, uma intensificação da mensagem. Vejamos, por exemplo, o que oferece a Verdade: “*Aqui ouço o cantar dos passarinhos, o bradar dos melros, o gritar dos pavões,*

⁷⁰ António Vieira foi um padre jesuíta, nascido em Lisboa, em 1608 e falecido em Salvador, no final do século, em 1697. Ganhou notoriedade pelos seus sermões, tendo pregado em diversas zonas do então Império Português, desde Brasil, Açores e Portugal continental, e, ainda, em Roma, tendo sido um acérrimo defensor dos direitos dos povos indígenas. Notabilizou-se como missionário evangelizador, político e filósofo, assumidamente opositor da Inquisição.

o *arruído das árvores e o roncar destas ribeiras*” (1998: 17). Consta-se uma intensificação sonora dos elementos descritos e o leitor facilmente conseguirá apreender e imaginar o narrado. Embora tenhamos realçado a gradação crescente, pela sua recorrência, existem passagens textuais que oferecem gradações decrescentes dignas de registo e plenas de significado.

É o caso do que sucede quando é apresentada a conquista de Palma, pelos espanhóis, acerca da ação dos homens insulares, que “... *vendo armas, fugiam todos ao mais áspero das serras, grotas e rochas ...*”, revelando que a defesa da ilha ficou entregue às mulheres, consideradas como “*belicosas, ousadas e animosas*”. Ora, esta descrição suscita um esclarecimento da postura e personalidade e ambas as figuras de estilo, a gradação, quando o autor se refere à fuga dos homens e a adjetivação, no que diz respeito às mulheres, enrubesce um determinado dado histórico, sem fazer com que este seja incrível.

Um outro aspeto interessante a apresentar, que revela a preocupação com o artificialismo do próprio texto e não, necessariamente e apenas, com o registo de dados empíricos e, portanto, históricos, é a presença de diversos anagramas, já que a Verdade indica, no capítulo primeiro, ter assumido o nome de Dederva e que, no capítulo quinto, procedendo à sua caracterização e à revelação de quem é, indica ser irmã de Torme, entenda-se Morte, e de Nhevorga, entenda-se Vergonha.

É frequente que a utilização destes artifícios linguísticos contribua para uma linguagem poética e que leitor mais incauto olvide, até, que se trata de um registo histórico quando lê, por exemplo

“Bem sei que ninguém (sic) pode chorar bem o que uito sente, nem bem poderá sentir de todo o que não chora nem magoa, e, por isso, não quisera eu chorar isto que escrever desejo, porque, com contar menos do que sinto, farão grande semrração (sic) a meu mal minhas palavras, e os que lerem meu choro me terão por menos triste, porque não poderão sentir tanto o que não choraram nem passaram” (1998: 7),

ou quando é confrontado com a delicadeza e profundidade expressiva de excertos como

“Espelho me foram aquelas águas com seu correr contínuo, trazendo-as aquela ribeira de novo sempre novas, sem cessarem, porque, como umas águas chamam outras águas e uma ribeira outras ribeiras, vejo que também as minhas mágoas chamam outras e sempre correm novas...” (1998: 12),

evidentemente poéticos. Todavia, importa registar que, como afirma Rodrigo Rodrigues,

“Frutuoso possuía as múltiplas qualidades que o género histórico exigia: tinha um grande poder de observação, que é manifesto nas repetidas descrições topográficas e paisagísticas de que estão repletas as Saudades da Terra; tinha o tino da investigação e o amor do documento, pois muitas vezes o vemos apoiar os seus assentos com a justificação documental que declara ter examinado [...] a par da preocupação da exatidão e do miúdo pormenor...” (1998: XXX).

A presença de um registo fantasioso contribui para a introdução, certamente, de um discurso não desinteressadamente científico, mas para uma convivência equilibrada e saudável entre ambos. Atente-se no momento em que a Verdade, estando desacompanhada, é surpreendida pela chegada da Fama:

“Transportava-se o meu sentido nisto que, assi tristemente, entendendo estava, quando ouvi um som espantoso que, de muito longe parecia vir soando. E, alçando os olhos pera o Céu, vi vir pelo ar não sei quê como voando [...] porque era uma fermosa donzela, assentada sobre um espantoso grifo, que, de vez em quando, tangia uma trombeta, que nas mãos trazia, rodeada toda com umas bandeiras de cendral de muitas cores” (1998: 14).

É a chegada da Fama que possibilita, bem como a necessidade ver satisfeita a sua curiosidade, a apresentação detalhada e a referência a centenas de praças, lugares, aldeias, vilas, cidades, províncias, reinos, ilhas, praias, enseadas, cabos, fontes, rios, mares, oceanos, picos, montes, montanhas, ermidas, igrejas, fortalezas, palácios, entre outros. É esta que propicia, ainda, a alusão a centenas de nomes, de títulos, de cargos e profissões, como frades, freiras, padres, bispos, papas; autores, cronistas, poetas, professores; marinheiros, mestres, comandantes; corsários, bacharéis, capitães; carpinteiros, cartógrafos, mercadores; condes, duques, príncipes, reis, rainhas, imperadores. Podemos afirmar que “[n]ão lhe faltava [a Gaspar Frutuoso] o método e clareza de exposição, mesmo nas difusas e longuíssimas deduções genealógicas” e que este “possuía a vivacidade de estilo” (1998: XXX).

No capítulo oitavo, em que a Fama admite que busca conhecimento (“*E pois que vos achei, determino não passar adiante, porque de vós posso saber melhor a certeza das cousas e das gentes destas terras, ao menos destas duas ilhas que aqui vejo.*”) a Verdade acabará por verbalizar, legitimado alter-ego de Gaspar Frutuoso, que “...[c]om a memória recebe o homem e crê o que ouve; com entendimento diz o que sabe; com a vontade deseja o que vê” (1998: 25).

Assim, apenas no capítulo nono, após um processo de enquadramento e cogitação acerca da postura e vivência do ser humano, se passará a apresentar “...em geral, do descobrimento das Canárias e dalgumas coisas delas...” (1998: 30), a propósito de uma questão colocada pela Fama e de uma exposição de dúvida, que, provocatória sendo, serve de mote: “*Vejo, Senhora, estas ilhas dos Açores estarem neste grande mar Oceano e nele mesmo estar a ilha da Madeira*

e Porto santo e outras que são de El-Rei de Portugal, tão perto das Canárias, que são de El-Rei de Castela, e, logo, as ilhas de Cabo Verde, povoadas de portugueses, e não entendo esta mistura, como neste mar houve dois senhores diversos” (1998: 30).

Em Frutuoso, verifica-se um assentamento e um tratamento históricos, não só por aquilo que o texto regista e apresenta, mas, também, por aquilo que não assenta e não expõe, já que o mesmo é indicativo, pois, do assumir e do praticar de determinadas perspetivas e posturas, ora políticas, ora culturais, ora intelectuais, apropriadas a um determinado momento temporal e por este condicionadas.

A redação do texto resulta, frequentes vezes, de uma escrita emotiva, tal como escreveria, séculos depois, em 1894, analisando o seu próprio método de registo da história, Oliveira Martins, na carta endereçada a Eça de Queirós, ao afirmar “*Eu vejo, sinto e vivo as cenas que escrevo*”, ou como partilharia este com Maria Amália Vaz de Carvalho que “*saía desses exercícios cerebrais completamente extenuado e «alagado em lágrimas»*” (2005: 19).

Se, por um lado, o Frutuoso faz menção, frequentes vezes,

“...às dificuldades com que se defrontou para obter notificações exatas ou satisfatórias, designadamente dos tempos nebulosos do descobrimento da colonização recorrendo [...] à exposição das várias versões que ao seu conhecimento chegaram sobre terminado assunto” (1998: VII),

por outro lado, a obra faculta

“[...] uma série preciosa de dados para a história das descobertas e da colonização do século XV, já através da recolha de tradições e memórias depois perdidas, já própria observação direta do autor e das condições suas contemporâneas que refletiam quantas vezes estádios bem próximos da era quatrocentos” (1998: VII).

No século XVI, aceder a informação, por mais exímia que fosse a preparação técnico-científica do investigador, não seria, porventura, pela escassez de meios de pesquisa e dificuldades de estabelecer contactos, tarefa fácil, pelo que se compreende que, tal como para Oliveira Martins,

“[a] história era por isso uma arte literária. Em primeiro lugar, porque só o «método sintético ou artístico» se mostrava adequado a revelar o sentido da história. Em segundo, porque só através da intuição e da imaginação o historiador podia colmatar as lacunas existentes na documentação (devendo, contudo, submeter as suas hipóteses ao critério da verosimilhança). Por último, porque o mundo propriamente histórico era o reino do drama” (2005: 21).

Atente-se, por exemplo, na variedade ortográfica presente no texto. Esta, por si só, poderia ser alvo de estudo, pois revela um período específico da língua. A variedade ortográfica narra, assim, a própria história da língua portuguesa, os seus processos evolutivos, passado, presente de então e futuro; todavia, não reflete apenas tal.

Rodrigues afirma que “[a]s grafias usadas nas «Saudades da Terra», caracterizam-se pela sua extrema variedade, aliás própria da época, em que os escritores, dando neste ponto largas à fantasia, não se sujeitavam a regras de disciplina ortográfica” (1998: LXXXIX). Neste sentido, a obra possibilita uma variedade inúmera de abordagens e uma riqueza, pelo menos no panorama regional, difícil de igualar.

Defende Carlos Maurício, a respeito de Oliveira Martins que “*uma escrita dramática da história, como a sua, seria sempre compatível com diferentes teorizações*” (2005: 19).

Acreditamos que o mesmo argumento poderá ser aplicado ao levado a cabo pelo autor em análise, ora, não fosse manifesto “[o] interesse que a obra de Frutuoso sempre tem despertado nos meios cultos do nosso país” (1998: VI), sendo esta curiosidade, possivelmente, tão antiga quanto o próprio texto, ou, pelo menos, “*desde que correu fama o valor documental das Saudades da Terra como fonte primeva e fidedigna dos primeiros tempos da existência das populações insulanas*” (1998: VI).

Mais uma vez se ostenta a pertinência da obra enquanto expoente máximo do registo da história insular, enriquecida pelo seu caráter, também, literário.

Consideramo-lo um texto original e inimitável. Gaspar Frutuoso fez história, registou história, dissertou acerca da construção da própria história, num texto científico, pleno de rigor e repleto de adornos estilísticos que cativam o leitor.

Bibliografia/Webgrafia

AVELAR, Ana Paula Menino (2011), *Representações do Mundo Novo no Portugal de Quinhentos*. Chamusca: Cosmos,

BAKHTIN, Mikail (1993), *Questões de Literatura e Estética; a Teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec; UNESP.

FRUTUOSO, Gaspar (1998), *Saudades da Terra: Livro I* (Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque; SILVA, Marisa Correa (2007), “Discurso histórico e discurso literário: o entrelace na perspetiva da metaficção historiográfica”. Visitado em: 13-03-2017..

MARQUES, Janote Pires; SILVA, João Carlos Rodrigues da (2013), “A escrita história: distinções entre o texto literário e o texto historiográfico”. Visitado em: 13-03-2017.

MARTINS, Ana Cláudia Sampaio, ALMEIDA Ana Luiza Nunes (2016), “O discurso histórico-literário construído por Tabajara Ruas, em Netto perde sua alma”. Visitado em: 29-08-2017. .

MAURÍCIO, Carlos (2005), *A invenção de Oliveira Martins – Política, historiografia e identidade nacional no Portugal contemporâneo (1867-1960)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

TORRES, Luiz Henriques (2007), “O conceito de história e historiografia”.

VASCONCELOS, José António (2008), “Memória Histórica e Discurso Literário: a Questão do Holocausto”. Visitado em: 17-07-2017.

SÓCIO DA AICL.

SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017

REGRESSAR ÍNDICE

61. RAUL LEAL GAIÃO, AICL

RAUL LEAL GAIÃO,

É mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).

Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou *Filosofia* e *Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior.

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014).

Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.



SEIA 2014



Montalegre 2016



MAIA 2013



SEIA 2014

TEMA 1. /TEMA 3.3. Açorianos em Macau: José Ignácio de Andrade - a visão da China e de Macau, Raul Leal Gaião

Com este texto pretende-se uma revisitação das “*Cartas Escriptas da Índia e da China nos anos de 1815 a 1835*” do viajante José Ignácio de Andrade (nascido em Vila do Porto, Santa Maria, em 1779), em que, na descrição da história civil e política da China, suas leis, costumes, religião, apresenta a sua visão da China e de Macau, evidenciando o seu profundo conhecimento e admiração pela civilização chinesa, “refundindo habilmente no seu livro, de mistura com suas próprias observações locais, o que a leitura lhe deparou de mais curioso e verosímil na relações dos viajantes, e nas obras de outros escritores que trataram do *império celeste*.”

1. Traços biográficos

José Inácio de Andrade nasceu na Vila do Porto, Santa Maria, Açores, a 28 de outubro de 1779⁷¹, falecendo em Lisboa a 2 de janeiro de 1863. A sua atividade como oficial (capitão de navios) da marinha mercante, permitiu-lhe empreender várias viagens ao Oriente, nomeadamente à Índia e à China, e que o mantêm ligado ao Oriente durante vinte anos, contribuindo para um vasto conhecimento destas paragens, saber que transmitiria em duas obras: “*Cartas escriptas da Índia e da China nos anos de 1815 a 1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade*”, em dois tomos e publicada em 1843 e a “*Memória sobre a destruição dos piratas da China e o desembarque dos ingleses na cidade de Macau e sua retirada*”, editada em 1824. Em Lisboa dedicou-se à política, tendo sido eleito vereador e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (1836-1839). Posteriormente foi membro da direção do Banco de Portugal. A sua vida é dedicada, em grande parte, “*a conhecer, a refletir, a sentir e a escrever sobre o Oriente,*” (Dias, 2000: 78), conjugando conhecimento e observação nas viagens realizadas.

2. Metodologia – objetivos científicos e metodológicos

A escrita de José Inácio de Andrade sobre a China e a Índia espelha-se numa série de crónicas, sob a designação de Cartas, cartas dirigidas a sua mulher, redigidas entre 1815 e 1835, com o título “*Cartas escriptas da Índia e da China nos anos de 1815 a 1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade*”, numa narrativa repleta de descrições e reflexões sobre o que ia observando e estudando e onde disserta sobre a história e a cultura da China e da Índia.

No primeiro tomo descreve o início da sua viagem até à Índia, apontamentos sobre a civilização indiana, a viagem até Macau e à China, a história da China, nomeadamente as diversas dinastias, focando-se também em Macau e nos macaenses. No segundo tomo apresenta a civilização e a cultura chinesa (ao tempo muito havia ainda por descobrir), caráter e costumes chineses, alargando-se em reflexões sobre outros temas. Este processo de descrição e conhecimento do Oriente é frequentemente aproveitado para uma comparação entre o Ocidente e o Oriente.

As Cartas são bem a seu gosto, pois, como refere, “*o modo de escrever nasce do caráter da pessoa e da elegância do espírito, modificado pelo sentimento no ato em que se escreve.*” (Andrade, 1998: 18-19), considerando as cartas uma conversa por escrito, servindo para comunicar com as pessoas ausentes. Na Carta IV justifica a sua opção: o estilo epistolar consiste em agradar a quem se escreve e é um género que exige a concisão, “*não me esquecerei que para agradar-te, devo dizer-te o maior número de coisas no menor número de palavras,*” (Andrade, 1998: 19).

Embora declarando não ter pretensões nem como sábio, nem como viajante, as informações contidas nas suas crónicas têm por base as observações que as suas viagens lhe proporcionaram, aliadas à leitura erudita de escritores e viajantes que abordaram aspetos da cultura chinesa, revelando um profundo conhecimento do Oriente, exposto em reflexões eruditas e sempre preocupado com a verdade.

Andrade não deixa de apontar os limites das suas observações, pois o território chinês é muito vasto e, na época, difícil de percorrer, tornando-se necessário o recurso a fontes que lhe forneçam informações sobre o império chinês:

“*A grandeza d’este imperio não permite a nenhum europeu percorre-lo todo, ainda quando lhe fosse concedida essa faculdade: assim, para escrever d’elle com acerto; isto é, para narrar os factos com realidade, é preciso recorrer aos sábios, que o investigaram parcialmente, e consultar os chineses, a fim de verificar as noções recebidas.*” (Andrade, 1998: 199).

O seu objetivo é escrever com verdade: “*O meu particular desvelo, no que escrevo, e te envio, tem por objeto principal, a conformidade do pensamento com as palavras.*” (Andrade, 1998: 199).

Para afirmar o seu saber e melhor valorizar e corroborar as suas narrativas recorre à autoridade dos primeiros viajantes e escritores portugueses⁷² que descrevem e nos informam sobre os contactos iniciais com a China e confirmam, apesar de já terem passado alguns séculos, a visão de Andrade sobre os chineses e a superioridade da civilização chinesa, Tomé Pires⁷³, Afonso de Albuquerque⁷⁴, Fernão Mendes Pinto, S. Francisco Xavier⁷⁵ e Frei Gaspar da Cruz⁷⁶,

⁷¹ Autores há que referem o ano de nascimento como sendo 1780 (dia 2 de novembro).

⁷² Entre os séculos XVI e XVIII, o contacto dos missionários, marinheiros, mercadores e descendentes luso-asiáticos permitiram a aquisição de conhecimentos sobre as gentes e as terras do Oriente (Dias, 2000), que “*...narrando o que viam, e sentiam, diziam a verdade.*” (Andrade, 1998: 197).

⁷³ Citando Tomé Pires: “*Por todo o caminho fui maravilhado, não só do numero e extensão das cidades, imensidade dos canais, cultura das terras, variedade e abundância de riquíssimas produções;*” (Andrade, 1998: 197-198).

⁷⁴ Citando Afonso Albuquerque: “*Observei nos capitães dos navios chineses, mais polidez, e humanidade, do que na Europa, entre a mais alta nobreza.*” (Andrade, 1998: 197).

⁷⁵ Citando S. Francisco Xavier: “*Se algum dia for a Portugal, hei de pedir a el-rei, por esmola, que veja as ordenações por onde essa gente se rege: considero-as mui superiores ás que fizeram os gregos, e romanos.*” (Andrade, 1998: 216).

⁷⁶ Citando Frei Gaspar da Cruz: “*Os chineses são apreciáveis e de muito boa razão; urbanos, e polidos.*” (Andrade, 1998: 198).

portugueses que nos narraram os primeiros contactos europeus com a China: “Os costumes dos chineses só podem conhecer-se, depois de se ter investigado o fundamento das suas leis, do seu governo, do seu genio, e mesmo da sua vida particular: contudo, os primeiros portugueses, que escreveram d’este imperio, narrando o que viam, e sentiam, diziam a verdade.” (Andrade, 1998: 197).

Marcado pelo pensamento liberal, assumiu cultural e ideologicamente uma visão humanista e individualista, valorizando o Outro face a si mesmo; podemos afirmar que Andrade realizou uma viagem no espaço ao deslocar-se a lugares que lhe possibilitaram a reunião de observações, conhecimentos e despoletando reflexões; efetuou uma viagem no tempo ao introduzir informações sobre a história dos lugares que visitou, ao mesmo tempo que percorre os usos e costumes e a mundividência dos povos com que contactou. (Dias, 2000). A sua viagem íntima vai-se processando paralelamente, ora assaltado por dúvidas (viagem sem regresso?), ora procurando harmonizar o seu interior, sentimento e razão, “A ventura do homem reside n’elle mesmo: surge do coração, e consiste no comedimento de seus desejos. [...] todos os affectos devem ser subordinados aos dictames da virtude; nesta consiste a ventura.” (Andrade, 1998: 16).

3. Visão da civilização chinesa

Sendo a visão de um ocidental, vistos os chineses como o “Outro”, Andrade desenha os traços fisionómicos destes orientais, constituindo uma fisionomia agradável, mas diferente de outros povos. Os chineses “têm a fronte alta; olhos pequenos, e sagados; grandes sobrancelhas; nariz curto; ventas abertas; boca regular; rosto branco, e largo; cabelos pretos, e corredios.” (Andrade, 1998: 198). No seu perfil psicológico, o autor das *Cartas*, salienta, entre muitas outras qualidades, o espírito patriótico deste povo: “Os chineses, apesar de supersticiosos, são ativos, pacientes e sóbrios. [...] Se o amor da pátria é uma virtude, ninguém a possui em grão mais elevado!” (Andrade, 1998: 199). Ao observar, estudar e divulgar a civilização e cultura chinesa, Andrade manifesta um enorme respeito e admiração por esta civilização: “Os chineses são admiráveis, não só pela administração da justiça, mas também pela sua polidez e beneficência.” (Andrade, 1998: 218). Os chineses urbanos e polidos, são “mais instruídos, do que eruditos; mais sábios, do que engenhosos; passivos, humanos e continentos: porém suscetíveis de paixões fortes. São bons poetas, bons filósofos; e em tudo passivos e retos.” (Andrade, 1998: 198). Embora reconhecendo a superioridade da cultura chinesa, não deixa de notar em tom crítico, o sentimento de vaidade, como um defeito: “O seu defeito imperdoável é a vaidade: tratam de barbaras as outras nações; reputam-se mui superiores á mais ilustrada, e humana; só têm por bom, o que se faz no seu paiz.” (Andrade, 1998: 199).

Na perspetiva de Andrade, o povo chinês tem um grande respeito e consideração pelos superiores e pelas pessoas idosas, pois são apreciadas “como pessoas, que a idade, e o tempo fizerem depositários da sabedoria. Nem os homens mais distinctos, deixam de lhes prestar o respeito devido: até o imperador se ufana em os venerar.” (Andrade, 1998: 199).

Pelo empenho que a cultura chinesa deposita na educação, o mesmo respeito é mantido relativamente ao sábio, ao mestre, ao letrado que são muito respeitados e ocupam o topo mais alto da hierarquia social, o que traduz uma cultura de obediência aos familiares mais velhos, ao superior hierárquico, ao chefe, ao professor: “Cultivai a piedade filial e o amor fraternal, a fim de dar a devida importância às relações sociais... Parte-se da piedade filial para a fidelidade para com os superiores; exalta-se o interesse coletivo e social em detrimento dos direitos individuais, sendo as instituições educativas instrumentos do poder político.” (Grosso, 2007: 84-85). A virtude da piedade filial expressa-se no maior respeito que os filhos consagram aos pais⁷⁷, ao monarca “considerado pae, e mãe do imperio”, ao vice-rei, “pae e mãe da província, onde rege”, ao mandarim “pae, e mãe da cidade onde governa”, constituindo a base da obediência civil e que conserva a paz nas famílias, e a boa ordem e harmonia no estado:

“O respeito dos chineses, para com os auctores de seus dias, é o primeiro sentimento, que se lhes inspira: assim os dispõe ao cumprimento dos seus deveres, para com o monarca, e para com todos os que o representam. Este princípio é tão natural, e próprio aos chineses, que julgam não haver outro melhor!” (Andrade, 1998: 204).

O respeito para com o monarca, faz com que os monarcas tenham uma lei especial relativamente ao matrimónio. Embora a lei da poligamia não permita ao marido desposar segunda mulher, sem que a primeira demonstre ser infecunda⁷⁸, a lei concede aos monarcas “uma imperatriz, três rainhas, nove mulheres da

⁷⁷ Este sentimento de piedade filial, aparece bem expresso quando se refere aos enterros: “Há chineses, que se arruinam com os enterros dos parentes: julgam faltar a um dever sagrado, se não procuram aos auctores dos seus dias honrosa sepultura. Qualquer chinez reputa-se desgraçado, se não deixa filhos, para lhe fazerem as honras da sepultura.” (Andrade, 1998: 282).

⁷⁸ “Em tal caso, ella mesma procura outra mulher, que dê filhos a seu marido. D’este modo, fica não só com domínio na segunda mulher, mas também tem nos filhos direito de mãe legítima.” (Andrade, 1998: 202).

segunda ordem, vinte e sete da terceira, oitenta e uma da quarta. Assim pertence o imperador a cada uma de suas mulheres três dias no ano, não complexos. Sendo todas da sua escolha, não é presumível sobrar-lhe tempo para distrações.” (Andrade, 1998: 202).

Relativamente à justiça e à punição dos crimes, Andrade nota que geralmente os povos punem os delitos; na China, contrariamente, premeia-se a virtude, “*Não há paz, onde a propriedade seja mais respeitada, a policia mais regular, os crimes menos frequentes, a justiça mais reta, a indigência melhor socorrida, nem onde o espírito nacional affaste mais o flagello da guerra.*” (Andrade, 1998: 205).

Ao longo das Cartas, revelando uma forte erudição, Andrade faz um historial da China, debruçando-se sobre as dinastias chinesas: 1ª Hia (Carta XL); 2ª Chang, 3ª Tchou (Carta XLI); 4ª Tsin (Carta XLII); 5ª Hei, 6ª Uei, 7ª Tcin (Carta XLIII); 8ª Soung, 9ª Tsi, 10ª Liang, 11ª Tchín, 12ª Soui (Carta XLIV); 13ª Thang, 14ª Liang, 15ª Thang 2ª, 16ª Tcin 2ª, 17ª Han 2ª, 18ª Tchou 2ª (Carta XLV); 19ª Soung 2ª (Carta XLVI); 20ª Youan (Carta XLVII); 21ª Ming (Carta XLVIII); 22ª Ta-Thsing (Carta XLIX). Este percurso permite descrever as grandes obras, os contributos mais positivos de cada dinastia, e ao mesmo tempo refletir sobre o poder, realçando que os excessos de poder e a tirania que os monarcas impõem dependem mais da atitude do povo que os tolera do que propriamente dos governantes que os praticam: “*Quando se investiga a origem dinástica dos impérios, descobre-se a ligação, que prende os reis aos povos, e o direito que desobriga estes, se aquelles não cumprem seus deveres.*” Deste modo os súbditos têm a possibilidade de se revoltarem contra o imperador, caso não cumpra o seu dever. (Dias, 2000)

Aborda ainda aspetos da astronomia e geografia (Carta LVII), medicina (Carta LVIII), agricultura (Carta LXXVII), cultura, fabrico e virtudes do chá (Carta LXXXIII), comércio (Carta LXXXIV), Cidades (Carta LX), as Artes: Poesia⁷⁹ (Carta LXXXV) e música⁸⁰ (Carta XC).

Andrade exprime ao longo da descrição dos diversos aspetos da civilização chinesa, a sua admiração e o reconhecimento da sua superioridade, exaltando as virtudes dos chineses, nomeadamente o amor pátrio e a sua oposição à tirania, contrapondo Ocidente/Oriente, contraste expresso em várias passagens:

“Em que paz existem virtudes mais sublimes? Na Europa? Não. Os historiadores aí vendem, por mesquinhos interesses, a honra da nação ao tyranno, que mais a escravisa.” (Andrade, 1998: 198).

“As leis chinesas, acerca do bello sexo, são rigorosas... as da Europa são barbaras... assevero-te, guardada a proporção dos habitantes, que se praticam mais virtudes na China, do que em outra parte do mundo... Os chinezes respeitam, e veneram os homens distinctos por virtudes, e letras, há mais de quatro mil anos; na Europa, ó vergonha!” (Andrade, 1998: 210).

4- Macau – o governo da Cidade

Relativamente a Macau, Andrade marca a dificuldade que sempre houve em Portugal em saber-se o que se passava no Território, principalmente a verdade dos acontecimentos, devido à enorme distância.

“A distância em que se acha da Europa este nosso estabelecimento, dificulta chegar ahi noticia verdadeira do que n’elle se diz, e faz. Sendo a nossa gente remissa, em comunicar o pensamento ás idades futuras, deixa correr impunes as calumnias, com que a deprimem estrangeiros malignos. Defendendo os macaenses, demonstrarei quão são as falsidades escriptas por seus detratores.” (Andrade, 1998: 92).

Lembremos, a título de exemplo, aquando dos tumultos do 1. 2. 3., o novo governador, Nobre de Carvalho, ao deixar Lisboa, sabia da revolução cultural a decorrer na China, mas nada sabia sobre os tumultos que assolavam Macau, já há alguns dias. Só quando chegou a Hong Kong foi informado pelo governo da colónia das graves ocorrências. (Lima, 1999).

Sobre Macau, Andrade exalta a fidelidade e o patriotismo dos macaenses, particularmente visíveis e acentuados nos momentos de crise, como no período de governação filipina: “*Em 1641, chegou a Macáo a noticia da feliz aclamação d’elrei D. João IV; os macaenses não tiveram de mudar bandeira; pois, em todos os sessenta anos do nosso captivo, fizeram tremular em suas fortalezas as quinas de Portugal.*” (Andrade, 1998: 85-86).

Relativamente ao governo da cidade, contrapõe o poder tirânico dos capitães-mor e sua política pernicioso ao governo dos cidadãos, representado e expresso no Senado da Cidade. O governo da Cidade deve ter a noção dos limites da soberania portuguesa, da dependência em relação à China, evitando assim confrontos em que a administração sairia sempre vencida.

⁷⁹ “*A poesia é a linguagem das paixões; d’ahi provém o seu triumpho. Essa arte encantadora, ou harmonia magica, arrebatada o espirito, e enaltece o coração.*” (Andrade, 1998: 309)

⁸⁰ “*A musica é uma espécie de linguagem, destinada a exprimir sentimentos: se o homem padece, os sons, que forma, exprimem a dôr; se tem o coração alegre, a sua voz o manifesta; o tom é claro, e as palavras sonoras; se está colérico, o tom é forte, e ameaçador; falando a quem estima, a pronuncia é honesta, e afável. Cada paixão tem sons próprios, e linguagem particular: a musica só é boa, quando vibra na unissonância das paixões, que pretende exprimir.*” (Andrade, 1998: 322).

“Assim como o governo chinês é singular, assim deve ser o governo d’esta cidade, em tudo dependente da China. Além dos requisitos necessários, para bem governar outro qualquer estabelecimento, precisam-se n’este os seguintes: 1º verdadeiro conhecimento dos costumes chineses, para não os afrontar; 2º consumada prudência, para tolerar o desafogo de quem soffre, e sustenta homens estranhos em sua terra: 3º Manter poucos, e bons soldados; isto é, robustos, e bem disciplinados. Em outro qualquer lugar, seria conveniente um corpo respeitável, pela força bruta; em Macáó torna-se prejudicial; já pela maior despeza, com que a cidade não pôde; já para não ferir o orgulho dos chineses.” (Andrade, 1998: 89).

Esta prudência prende-se com o facto de o poder do mandarim controlar a população chinesa e com a absoluta dependência alimentar e mesmo da mão de obra para as diferentes atividades.

“Macáó é dependente dos chineses, por muitas razões: a mais essencial é, não produzir alimento algum para sustentar-se. Bastará saber-se que, não tem pasto para duas vacas, nem possui uma só embarcação de pesca. Também não é pequena dependência, não poderem seus habitantes renovar uma telha da sua casa, sem licença do mandarim, em virtude de não haver em Macáó, pedreiro, carpinteiro, ferreiro, etc., que não seja chinês; e estes não trabalham em casa portuguesa, sem licença do mandarim.” (Andrade, 1998: 89).

E ainda *“Acrece a isto, não haver nesta cidade padejo, mercearia, ou taberna, que não seja dos chineses: os donos, e os artistas, ao verem afixar um edital em nome do imperador, para que deixem a cidade, bastam vinte e quatro horas, para de 18 000 chineses não ficar um em Macáó.”* (Andrade, 1998: 89).

Esta dependência evidenciou as graves consequências em momentos de crise, como se passou no período dos acontecimentos do 1. 2. 3., resultantes da Revolução Cultural, momento em que são impostas sanções contra a comunidade portuguesa e macaense: não pagamento de impostos; recusa de venda de quaisquer mantimentos e comestíveis às autoridades e funcionários portugueses, recusa de todos os serviços públicos, isto é, água, eletricidade, gasolina e transportes públicos aos portugueses; com receio de possíveis represálias das fações pró-Pequim, lojas e restaurantes chineses recusam a venda de produtos e alimentos aos residentes portugueses e macaenses do Território, encerrando a maioria das mercearias. Esta situação leva à fuga para Portugal e Hong-Kong, face às ameaças dos acontecimentos e dos conflitos ocorridos em Macau, em 1966, resultantes do espírito da Revolução Cultural. A intranquilidade provocada leva a *“uma corrida aos bancos, na procura de notas de Hong Kong, e no consulado britânico longas filas de pessoas esperavam obter um visto. O movimento nas pontes dos hidroplanadores e navios de carreira era caracterizado pela debandada para a vizinha colónia britânica.”* (Lima, 1999: 317).

Neste sentido, Andrade previne que o governo da Cidade exige muitos conhecimentos especiais e grande prudência, ressaltando o papel do Senado e dos cidadãos macaenses, reprovando a função nefasta dos capitães-gerais, e tornando-se necessário *“conservar amizade franca, e sincera com a autoridade chinesa, já por serem os vereadores, os mais interessados na prosperidade do estabelecimento.”* (Andrade, 1998: 90).

5- Crítica à colonização inglesa

As suas considerações sobre a Índia, a China e Macau são o pretexto para uma análise crítica da colonização britânica, traçando dela um retrato negativo e cotejando-a, por vezes, com a portuguesa; não é alheio a esta atitude o sentimento reinante na sociedade portuguesa relativamente ao domínio do exército britânico. Lança um olhar crítico sobre a expansão territorial britânica e os abusos do poder, governo que Andrade considera desmesurado, prepotente e repressivo, acusando os britânicos de elevada crueldade:

“Na Inglaterra, commettem-se mais crimes em seis mezes, do que em toda a Europa em seis anos. As estradas acham-se infestadas de assassinos. As gazetas mostram as ações barbaras de cada dia. Hoje assassina o marido a mulher, no instante de lhe dar novo penhor da sua união. Amanhã degola o pae toda a família. Aqui vê-se o filho matando os auctores dos seus dias; acolá, o amante apunhalando a sua amada, para esconder na morte d’ella o crime perpetrado por elle. Levam a ferocidade a ponto de deixarem os cadáveres nus pelas estradas, a fim de não lhes escapar a roupa das victimas.” (Andrade, 1998: 56).

6- Conclusão

As Cartas são a demonstração e o testemunho da *“carreira de um homem, que tendo visto o ceo, a terra, e o mar”,* regressou a Portugal *“com diversas idéas na cabeça, e alguns sentimentos de mais no coração”* que procurou deixar em legado aos filhos dos amigos, mandando imprimi-las; recomenda, porém, *“que leiam atentamente a carta da introdução, e não pretendam mais do que eu n’ella prometi.”* (Andrade, 1998: 3).

7- Bibliografia consultada

Andrade, José Inácio de (1843/1998). *Cartas Escriptas da India e da China*. Macau: Livros do Oriente, Imprensa Oficial de Macau.

Cruz, Padre Frei Gaspar da (1569/1998). *Tratado em que se contam mui por extenso as Cousas da China*. Macau: Museu Marítimo de Macau, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau.

Dias, Alfredo Gomes (2010). “As Cartas de José Ignacio de Andrade”. In *Macau*, III Série, n.º 1, junho, 2010, pp. 78-88.

Dias, Alfredo Gomes (2010). In Martins (dir.), *DITEMA, Dicionário Temático de Macau*. Macau: Universidade de Macau.

Gaião, Raul Leal (2016). "Açorianos em Macau: D. Paulo José Tavares". In *Colóquios da Lusofonia*, S. Miguel, 28/9-2/10 2016.

Grosso, Maria José dos Reis (2007). *O Discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa*. Macau: Universidade de Macau.

Lima, Fernando (1999). *Macau, as duas Transições*. Macau: Fundação Macau.

Matos, Artur Teodoro de Matos (1998). "Introdução". In *Cartas Escritas da Índia e da China*. Macau: Livros do Oriente, Imprensa Oficial de Macau.

Santos, Carlos Pinto e Orlando Neves (1988). *De Longe à China, Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, Tomo I. Macau: Instituto Cultural de Macau.

8- Anexo – Cronologia biográfica

1779 – Nascimento (Vila do Porto, Santa Maria, Açores).

1815-1835 – Viagem pelo Oriente, Lisboa – Madeira – Equador – Cabo da Boa Esperança - Índia – Malaca – Singapura - Macau – China – Lisboa. Escrita das cartas endereçadas a sua mulher a partir do Oriente.

1824 – Publicação de "Memória sobre a destruição dos piratas da China e o desembarque dos ingleses na cidade de Macau e sua retirada" (Lisboa).

1836 – 1838 - Vereador da Câmara Municipal de Lisboa.

1838-1839 – Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

1843 – Publicação de "*Cartas escritas da Índia e da China nos anos de 1815 a 1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade*" (Lisboa).

1863 – Falecimento (Lisboa).

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016

REGRESSAR ÍNDICE

62. REINALDO FRANCISCO DA SILVA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CEAUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



REINALDO FRANCISCO DA SILVA,

Nascido em Portugal em Febres, Cantanhede, 1961, Reinaldo Francisco Silva emigrou para a América em 1967, estabelecendo-se em Newark, New Jersey.

Foi educado, tanto nos Estados Unidos e Portugal.

Tem dupla cidadania.

Leccionou na Rutgers University, New York University, New Jersey Institute of Technology, Seton Hall University,

Atualmente é Professor Assistente de Inglês na Universidade de Aveiro em Portugal

Graus Acadêmicos:

(1998) Ph.D., English, New York University, New York, NY, USA. Major fields of concentration: 19th and 20th century American literature; American Realism and Naturalism; Portuguese-American literature; postcolonial, cultural, and ethnic studies;

(1994) M. Phil., English, New York University, New York, NY, U.S.A.;

(1989) M.A., English, Rutgers University, Newark, New Jersey, U.S.A.;

(1985) Licenciatura, Modern Languages and Literatures (English and French studies), University of Coimbra, Coimbra, Portugal.

PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO: PEN PAL IN TRANSLATION

ARTIGOS EM REVISTAS (INTER)NACIONAIS COM ARBITRAGEM CIENTÍFICA:

- (2012). "From Colonial Myopia to Cosmopolitan Clear-sightedness and Back Again: Twain's Imperial Relapses in Backward, Rural Societies." *The Mark Twain Annual* Vol. 10. 1: 91-108.
- (2009-2010). "Pride and Rejection: In Search of Portuguese Roots in Julian Silva's Fiction." *Gávea-Brown: A Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies*. 30-31: 11-23.
- (2009). "T. S. Eliot and the *Prémio Camões*: A Brief Honeymoon and Anointment of Portuguese Fascist Politics." *Yeats Eliot Review* 26.2: 16-23.
- (2008-2009). "The United States through the Eyes of the Educated Immigrant: The Case of Jorge de Sena." *Portuguese Studies Review* 16 (2): 121-134.
- (2008). "From Political Refugee to Object of Sexual Desire: The Role of the 'Young Portuguese Lady of Rank' in Hawthorne's 'Drowne's Wooden Image.'" *Op. Cit.: Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos/ A Journal of Anglo-American Studies* Vol. 10: 127-144.

- (2008). "The Tastes from Portugal: Food as Remembrance in Portuguese-American Literature." *Ethnic Studies Review* 31.2: 126-52.

LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES:

- (2012). "Madly in Love Outside the Church and the Nunnery: The Portuguese Priest and Nun Revisited in Katherine Vaz's Fiction." *Expanding Latinidad: An Inter-American Perspective*. Ed. Luz Angélica Kirschner. Trier, Germany and Tempe, Arizona: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier and Bilingual Press at Arizona State University, 71-85.
- (2011). "Her Story vs. His Story: Narrating the Portuguese Diaspora in the United States of America." *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together*. Ed. Francisco Cota Fagundes, Irene Maria F. Blayer, Teresa F. A. Alves and Teresa Cid. New York: Peter Lang, 49-62.
- (2010). "De 'refugio' a cidadãos de pleno direito: Imagens seletivas de portugueses na literatura norte-americana." <http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01>.
- (2009). *Portuguese-American Literature*. Turril, Penrith UK: Humanities - eBooks, LLP. ISBN 978-1-84760-108-7.
- (2008). *Representations of the Portuguese in American Literature*. North Dartmouth, MA: Center for Portuguese Studies and Culture/University of Massachusetts Dartmouth.

ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS CIENTÍFICOS:

- (2013). Member of the Organizing Committee of the "Neither Here nor There, Yet Both: International Conference on the Luso-American Experience," Faculty of Letters, University of Lisbon/Faculty of Humanities and Social Sciences, New University of Lisbon, Lisbon, Portugal, July 11-12, 2013.
- (2013). Inaugural exhibit and talk on American explorers and travellers, sponsored by the American Corner Program/Embassy of the United States of America, at the Library of the University of Aveiro, February 18, 2013.
- (2012). Member of the Organizing Committee of the Commemorative Conference of the 25th Anniversary of the Portuguese Association for Comparative Literature, University of Aveiro, Portugal, December 5-7, 2012.
- (2012). Coordinator and presenter of Professor James Ragan, who gave a lecture on "Connections between Cinema and Literature" at the Department of Languages and Cultures, University of Aveiro, on October 18, 2012, a talk sponsored by the American Corner Program at the Aveiro University Library in conjunction with the American Embassy in Lisbon.

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS:

- (2013). "Shoving God into the Backseat: The Erosion of the Divine as Loss of Ethnic Identity in Portuguese-American Literature," presented at the Annual Meeting of the American Comparative Literature Association, Global Positioning Systems, University of Toronto, Toronto, Ontario, Canada, April 4-7.

- (2012). “Donald R. Taft’s *Two Portuguese Communities in New England: A Case-Study on the Portuguese ‘Plague’ and Discourse on Eugenics in the United States*,” presented at the annual conference of the European Association for American Studies, “The Health of the Nation,” Ege University, Izmir, Turkey, 30 March-2 April.
- (2010). “Revisiting Ancestral Roots in Katherine Vaz’s Fiction: Padre Amaro and Mariana,” presented at the Bi-annual Conference of the International Association of Inter-American Studies, “Transnational Americas: Difference, Belonging, Identitarian Spaces.” University of Duisburg-Essen, Essen, Germany, November 11-13.
- (2009). “Madly in Love Outside the Church and the Nunnery: The Portuguese Priest and Nun Revisited in Katherine Vaz’s Fiction,” presented at the 4th International Society for the Study of American Women Writers Conference, Philadelphia, Pennsylvania, U. S. A., October 24.
- (2009). “From Colonial Myopia to Cosmopolitan Clear-sightedness: The Influence of Europe in Correcting Mark Twain’s ‘Visual Disorders’,” presented at the Sixth International Conference on the State of Mark Twain Studies, Elmira College, Elmira, NY, August 6-8.
- (2008). “Searching for Anchors of Ethnic Identity in Katherine Vaz’s Fiction,” presented at the Second Biennial Conference of the Contemporary Women’s Writing Network – Unsettling Women: Contemporary Women’s Writing and Diaspora, University of Leicester, Leicester, United Kingdom, July 11-13.
- (2008). “Literature at the Service of Politics: The Immigration Acts of the 1920s and the Demonization of the Portuguese in American Writing,” presented at the Sixth Biennial Conference of The Society for Multi-Ethnic Studies: Europe and the Americas (MESEA), Leiden University, the Netherlands, June 25-28.

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS EM CONFERÊNCIAS NACIONAIS:

- (2013). “‘Playing in the Dark’ with Portuguese Statues in the United States of America: João Rodrigues Cabrilho, Peter Francisco, and Catarina de Bragança,” presented at the “Neither Here Nor There, Yet Both: International Conference on the Luso-American Experience,” Faculty of Letters, University of Lisbon/Faculty of Humanities and Social Sciences, New University of Lisbon, Lisbon, Portugal, July 11-12.
- (2012). “Portuguese Americans on Screen: Hollywood Gone-a-Changing or the Power and Persistence of Stereotypes?” presented at the International Congress “Changing Times: Performances and Identities on Screen,” Faculty of Letters, University of Lisbon, Portugal, 7-9 November.
- (2012). “From Obscurity to the Pantheon of Portuguese-American Heroes: Recycling Peter Francisco for Ethnic Minority ‘Feel Good’ and Uplift,” presented at the International Conference Recycling Myths, Faculty of Letters, University of Lisbon, Portugal, 2-5 May.
- (2011). “Watch Out for the ‘Black Portygee’! Paranoia and Fear of Portuguese Commixture in American Literature,” presented at the 32nd Conference of the Portuguese Association for Anglo-American Studies, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, May 12-14.
- (2011). “From the Top of the Racial Pyramid in Hawaii: Demonizing the Hawaiian Portuguese in Elvira Osorio Roll’s Fiction,” presented at the 2nd International Conference on Anglo-Portuguese Studies, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, Portugal, April 18-29.
- (2009). “De ‘refugio’ a cidadãos de pleno direito: Imagens seletivas de portugueses na literatura norte-americana,” mesa redonda, *A Presença e a Imagem dos Portugueses nos EUA*, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, Portugal, 22 outubro.
- (2008). “Pride and Rejection: In Search of Portuguese Roots in Julian Silva’s Fiction,” presented at the «Lusofilias»/Portuguese Studies colloquium, Department of Languages and Cultures, University of Aveiro, November 13-14.
- (2008). “Her Story vs. His Story: Narrating the Portuguese Diaspora in the United States of America,” presented at the Narrating the Portuguese Diaspora (1928-2008): International Conference on Storytelling, University of Lisbon, Lisbon, Portugal, October 23-25.
- (2008). “Mary McCarthy, V. S. Pritchett e Richard Franko Goldman: Os Sucessos e Insucessos da Política de Salazar,” presented at the 29th Annual Conference of the Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, University of Aveiro, Aveiro, Portugal, abril 17-19.

Tema 3.1 Katherine Vaz e Frank Gaspar: Em demanda das suas raízes açorianas, Reinaldo Francisco Silva, Universidade de Aveiro

Resumo

Fruto das mudanças sociais, literárias e culturais nos Estados Unidos em finais do século XX, Katherine Vaz (1955-) e Frank Gaspar (1946-), provavelmente os dois nomes literários norte-americanos de origem açoriana mais representativos da atualidade, buscam na sua escrita uma reflexão sobre as suas identidades norte-americanas, mas também açorianas.

Em *Saudade* (1994); *Fado & Other Stories* (1997); *Mariana* (1998) e *Our Lady of the Artichokes* (2008) Vaz explora algumas temáticas luso-americanas enquanto procura uma ligação às suas raízes ancestrais (da ilha Terceira), culturais e literárias portuguesas. O tema do anticlericalismo e o espírito telúrico são redescobertos em *Saudade* e “Original Sin” (*Fado*), enquanto que em *Mariana* reescreve a história de amor da freira portuguesa, Mariana de Alcoforado, em *Cartas Portuguesas* (1669),

embora mais afirmativa do que a figura original. Já no conto “*My Hunt for King Sebastião*,” Dean redescobre as suas raízes em Angra do Heroísmo enquanto ouve falar deste fatídico rei português e do papel do sebastianismo na cultura portuguesa. Em *Artichokes*, num dos contos, deparamo-nos com Lara Pereira, que envia cartas cômicas à Irmã Lúcia, implorando-a para revelar o terceiro segredo de Fátima.

Autor de cinco coletâneas de poemas, a maioria das quais distinguidas com prémios literários importantes, Gaspar também publicou dois romances onde explora as suas raízes açorianas (ilha do Pico), numa vila piscatória, em Provincetown, Massachusetts, onde nasceu. Em *Leaving Pico* (1999), Josie redescobre a sua cultura ancestral pela boca do seu avô, John Joseph, que lhe conta a história de Carvalho, um navegador destemido, contemporâneo de Cristóvão Colombo. Em *Stealing Fatima* (2009) recria as aparições de Fátima em Provincetown, em torno da figura do pároco Manny Furtado, que tenta reavivar o fervor religioso na sua comunidade, em franca desintegração, enquanto Gaspar procura imortalizar neste romance a presença açoriana na ponta do Cape Cod.

Neste ensaio, pretendo analisar a obra de dois escritores representativos norte-americanos de origem portuguesa/açoriana – Katherine Vaz e Frank Gaspar – na esperança de que esta breve sinopse possa incentivar a leitura de algumas das suas obras. Cada um deles, à sua maneira, procura redescobrir as suas raízes açorianas assim como a sua cultura ancestral.

Katherine Vaz é, sem dúvida, um exemplo paradigmático. Revisita dois clássicos da literatura portuguesa, *O Crime do Padre Amaro* (1880) de Eça de Queirós (1845-1900) e *Cartas Portuguesas* (1669), de, presumivelmente, Soror Mariana de Alcoforado, como fontes de inspiração para a sua escrita de *Saudade* (1994), *Fado & Other Stories* (1997), e *Mariana* (1997). Nestas três obras, Vaz explora um tema fulcral da cultura portuguesa e/ou luso-americana – o anticlericalismo e o tema do amor proibido. A narrativa desta autora tem um cunho transatlântico na medida em que ambos os mundos de cada lado do Atlântico se encontram profundamente empenhados em dialogarem um com o outro.

A sua coletânea de histórias mais recente, *Our Lady of the Artichokes and Other Portuguese-American Stories*, foi publicada em 2008. A trama em *Saudade*, o seu primeiro romance, gira em torno duma personagem, Clara, uma jovem mulher surda e muda, mas independente, que desesperadamente tenta reaver o terreno na Califórnia, que o seu tio Victor deixou como herança à sua mãe, Conceição Cruz. Nos Açores, o Padre Teo Eiras conseguiu convencer a sua mãe a assinar o título da propriedade de maneira a que esta passasse para as mãos da Igreja. Mais tarde, quer a Clara, uma órfã, quer o padre emigram para a Califórnia e, com o passar do tempo, ela consegue seduzi-lo, engravida, mas, para seu espanto, nunca chega a ser a dona legítima daquilo que originalmente pertencia à sua família.

Para além de ter a maior parte do seu trabalho traduzido para várias línguas e deste se encontrar publicado em mais de uma centena de países, Vaz, para além de ter reciclado alguns temas portugueses na sua ficção, nomeadamente o quintal, os doces conventuais e algumas figuras históricas, questões que aflorei detalhadamente em alguns ensaios – as portas do *mainstream* literário norte-americano abriram-se ao seu trabalho e, por conseguinte, este é amplamente lido e apreciado nos Estados Unidos. Mas quem é esta nova voz, esta lufada de ar fresco, e de que maneira é que alguns dos seus textos espelham este perfil transatlântico?

Katherine Vaz nasceu a 26 de agosto de 1955. Embora a sua mãe seja de origem irlandesa, o seu pai foi criado na ilha Terceira, nos Açores, e Vaz identifica-se mais com o seu lado português. Formada pela Universidade da Califórnia, concluiu a sua licenciatura em 1977, no *campus* de Santa Bárbara, tendo posteriormente obtido o grau de *Master of Fine Arts* (MFA) em 1991, no *campus* de Irvine. Os seus estudos, sobretudo no âmbito da literatura inglesa, também contêm uma forte componente da estética do realismo mágico. Lecionou em diversas instituições de ensino superior, nomeadamente no Art Center College of Design em Pasadena, na Universidade da Califórnia (Irvine e Davis), na Universidade de Rutgers, no Gotham Writers' Workshop, e também esteve na Universidade dos Açores como escritora convidada. Após a nomeação e até muito recentemente, ocupou a cátedra Briggs-Copeland como leitora em escrita criativa na Universidade de Harvard.

A génese da história em *Saudade*, conta-nos Vaz, teve como origem uma história real, nomeadamente dum episódio familiar:

Escrevi Saudade há dez anos, após ter ouvido uma tia, furiosa, dizer que um padre que tinha tido um filho com uma certa mulher teve o desprazer de convencer alguém na minha família, à beira da morte, a desfazer-se dum pedaço de terra...daí que tenha pensado que se tratava dum enredo bastante dramático. Poderá ter sido bem mais “chocante” na altura do que agora mesmo. (E-mail enviado ao autor a 21 de março de 2001).

Esta citação consubstancia o desejo da autora em querer explorar uma questão da cultura portuguesa enquanto também apela à atenção do leitor para uma tendência contemporânea nas literaturas emergentes nos Estados Unidos da América: a necessidade que o(a) escritor(a) tem em povoar as suas narrativas com aquilo a que William Boelhower apela de “marcas étnicas” (1987: 36).

Como escritora luso-americana, em *Saudade* e no conto “*Original Sin*,” Vaz embrenhou-se na literatura portuguesa à procura das tais “marcas étnicas” que, posteriormente, colocou na sua paisagem literária. Em *Saudade*, o padre Teo Eiras é uma figura representativa da cultura açoriana e dos seus costumes. Em contrapartida, Clara é uma jovem mulher norte-americana mais individualista e independente. Enquanto o padre está profundamente obcecado em ser proprietário dum terreno, Clara é uma mulher forte, determinada, desenrascada, que desafia os seus intentos.

Até à data, o romance mais representativo desta escritora é *Mariana*. Originalmente composto por cinco apaixonantes cartas de amor atribuídas a Mariana Alcoforado – uma freira enclausurada no convento da Conceição em Beja – nestas mesmas cartas deparamo-nos com uma freira de coração despedaçado, a sofrer, abandonada por um oficial francês, Noël Bouton, após este ter regressado a França, depois do auxílio que prestou aos portugueses nas batalhas pela sua independência da Espanha em 1640. O livro de Vaz é o primeiro romance em língua inglesa sobre a provável vida de Mariana. Um símbolo romântico na Europa, a figura desta freira obteve um lugar de destaque, ao ponto de ter servido como fonte de inspiração para certos autores tais como Stendhal e Rilke, e a sua imagem serviu de tema para Braques, Matisse e Modigliani.

Neste romance, Vaz narra a vida e o grande amor desta jovem mulher da nobreza, que fora admitida como noviça neste convento de Beja, enquanto tenta fornecer um testemunho empolgante da sua infância e adolescência. Na vasta tela literária em que Katherine Vaz pinta minuciosamente alguns detalhes do modo de vida do século XVII no sul de Portugal, os leitores de *Mariana* terminam a leitura deste romance com a profunda convicção que a autora domina bem o período histórico em apreço, nomeadamente as batalhas travadas durante a guerra da Restauração da Independência de Portugal da Espanha, as paisagens das imensas planícies coloridas e áridas do Alentejo, os pormenores da vida e das campanhas militares, a vida rotineira num convento onde a maioria das freiras passa o seu tempo ou a rezar, a cantar, a ler ou simplesmente a confeccionar doces conventuais enquanto tentam imaginar como seriam as suas vidas fora dos claustros ou simplesmente ansiosas, tal como Mariana, pelo seu cavaleiro andante que a venha visitar ou lhe envie uma ou duas frases da França. Para além da beleza de estilo deste romance, por vezes impregnado de leves toques poéticos e líricos, o romance realça a sensualidade de Mariana, o seu erotismo e o seu desejo carnal por Noël enquanto também nos transmite a sua aflição e queixas quando finalmente se apercebe que fora abandonada para sempre. Nas cartas que lhe envia e que ele não responde, suplica-o para voltar para ela e para lhe serenar a sua alma atribulada.

Em algumas das narrativas escritas por Katherine Vaz, o catolicismo em *Saudade* ou no conto “Original Sin” em *Fado & Other Stories* originou na exploração das raízes culturais presentes no anticlericalismo português para se tornar, com a passagem dos anos, num exercício de entretenimento ficcional em que determinadas situações cómicas ocupam uma posição de destaque. No texto intitulado “*All Riptides Roar with Sand from Opposing Shores*,” por exemplo, Lara Pereira escreve cartas engraçadas e, em seguida, envia-as à Irmã Lúcia. Com este propósito, necessita inventar ou coreografar uma aparição da Virgem Maria nesta história, nomeadamente em *Our Lady of the Artichokes* (2008), uma coletânea composta por oito histórias.

Para além deste conto seguir alguns dos requisitos do estilo epistolar, é muito provável que Vaz tenha tido em mente o romance de Nathanael West, *Miss Lonelyhearts* (1933) quando escreveu esta história. Miss Lonelyhearts é o pseudónimo dum colunista dum jornal, cujo nome não é revelado, e que dá conselhos sobre temas que vão desde o amor à religião, uma figura que a restante equipa redatorial considera ser uma piada. No caso concreto da história de Vaz, porém, a maioria das cartas são endereçadas à Irmã Lúcia, que nunca responde às cartas de Lara Pereira. Esta história contém sete cartas. Destas, seis (as primeiras cinco e a última) foram assinadas por Helen Dodd. Estas cartas giram em torno da figura da Irmã Lúcia, a única sobrevivente que terá testemunhado as aparições da Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria, Fátima, em 1917. Por questões de espaço e tempo, infelizmente, não nos é possível desenvolver estas temáticas.

Até à data, Frank X. Gaspar publicou cinco volumes de poesia e dois romances. Foi galardoado com várias distinções, entre as quais, os prémios de poesia Morse, Anhinga e Brittingham; múltiplas inclusões na *Best American Poetry*; quatro prémios Pushcart; uma bolsa da *National Endowment for the Arts Fellowship in Literature*, e uma outra de poesia, a *California Council Fellowship*. Uma a seguir à outra, as suas coletâneas de poesia têm-se tornado cada vez mais elaboradas; o seu volume mais recente, *Late Rapturous* (2012), é composto por uma densidade de alusões culturais, literárias e religiosas, abarcando vários países e civilizações, quer contemporâneas quer clássicas. Apesar de Gaspar ter escrito acerca do seu legado português/açoriano em ambos os romances, *Leaving Pico* (1999) e *Stealing Fatima* (2009), a ênfase nesta sua herança ancestral tem-se tornado menos intensa na sua poesia. Acredita, porém, que traz consigo para o seu trabalho mais recente a sua sensibilidade portuguesa. A busca metafísica que traz para a sua poesia deriva, sem dúvida, da sua infância, que fora moldada pelos valores católicos trazidos do velho continente pelos seus antepassados.

Frank Xavier Gaspar nasceu a 10 de setembro de 1946 em Provincetown, no estado do Massachusetts, e foi criado na zona ocidental desta localidade piscatória, onde se radicaram os portugueses que para lá emigraram e que, na altura, tinha uma população de aproximadamente três mil pessoas.

O facto de ser filho de mãe solteira era considerado pela sociedade, na altura, como algo escandaloso e tanto ele como a sua mãe sentiram-se envergonhados devido a essa circunstância. Não houve nenhum homem lá por casa durante, aproximadamente, os primeiros sete anos da sua vida. Mais tarde, a sua mãe casou-se com um trabalhador da construção civil, que – como ela costumava dizer – não apreciava muito trabalhar ou ser responsável. Foram anos difíceis, mas este homem e esta mulher (que estava grávida, embora, na altura, Gaspar não o soubesse) saíram de casa numa determinada noite sem dizerem nada a ninguém. Deixaram Frank Gaspar com a sua tia-avó, uma velhinha muito religiosa, que tinha nascido na ilha do Pico, nos Açores. A sua mãe e o seu marido acabaram por ficar em Providence, mas não por muito tempo, e regressaram a casa. Gaspar não sabe exatamente quanto tempo por lá permaneceram – talvez um ano.

Embora os restantes familiares falassem português em casa, a sua mãe não consentia que Frank Gaspar ou os seus dois meio irmãos falassem nesta língua e nem sequer a ensinou aos rapazes. Tal como outros da sua geração, a sua mãe queria que os seus filhos fossem miúdos tipicamente norte-americanos. Claramente influenciado pelos veraneantes de Provincetown, que conheceu, Gaspar saiu de casa aos dezoito anos de idade e partiu para a cidade de Nova Iorque para escrever poesia. Acabou por cumprir o serviço militar obrigatório na guerra do Vietname, durante quatro anos, ao serviço da Marinha dos Estados Unidos. Cumpriu duas missões no Golfo de Tonquim (1966-1969) e, posteriormente, foi membro do *Apollo Recovery Team* no Pacífico (1969).

Matriculou-se na Universidade aos vinte e quatro anos de idade, um momento que considera ter sido um ponto de viragem na sua vida, na medida em que sempre ansiou obter uma formação de nível superior. Gaspar conheceu a sua futura esposa no County Museum of Art, em Los Angeles, quando ambos ainda eram estudantes. Casaram-se alguns anos mais tarde e têm um filho, a quem deram o nome de John, em homenagem ao avô de Frank Gaspar.

Gaspar licenciou-se em Estudos Ingleses pela California State University, em Long Beach, em 1973. Quando ainda era caloiro, publicou a sua primeira história numa pequena revista literária e continuou a enviar histórias e poemas para revistas de pequena tiragem assim como para revistas literárias de especialidade tais como: *The Nation*, *The Harvard Review*, *The Hudson Review*, *The Kenyon Review*, *The Georgia Review*, *Prairie Schooner*, *The Tampa Review*, etc.

Deu explicações a partir do segundo ano de curso e assim permaneceu até começar a lecionar como aluno de pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Irvine, onde obteve o seu grau de *Master of Fine Arts* em Escrita Criativa em 1976.

Dois anos mais tarde, obteve um lugar de carreira no Long Beach City College, onde ensinou escrita criativa – romance e poesia – de 1978 a 2010, instituição onde também foi jubilado. Gaspar tem exercido as funções de poeta e professor convidado em várias instituições de ensino superior. Lecionou no programa de pós-graduação em Escrita Criativa na Universidade de Antioch, em Los Angeles, de 2003 a 2008. Enquanto detentor da Cátedra Hélio e Amélia Pedroso / *Luso-American Foundation Endowed Chair*, na Universidade de Massachusetts, em Dartmouth, lecionou uma unidade curricular em Escrita Criativa em 2010.

A ação em algumas das suas obras desenrola-se na comunidade luso-americana em Provincetown sendo que alguns dos seus temas se reportem a esta minoria étnica. A sua primeira coletânea de poemas, *The Holyoke* (1988), foi distinguida com o prémio *Samuel French Morse Poetry Prize*. Os seus dois romances, em particular, exploram as tensões entre a problemática da etnicidade e a cultura dominante do *mainstream* norte-americano. Enquanto que na sua poesia o autor desprende-se mais das questões inerentes à sua etnia luso-americana, na sua ficção centra-se, sobretudo, na sua origem étnica, de maneira a analisar as perspetivas quer dos residentes portugueses quer dos veraneantes do *mainstream* norte-americano. Ao debruçar-se sobre esta diversidade étnica nesta praia no Cape Cod, providencia um testemunho pessoal da sua própria origem ancestral.

Os seus avós emigraram todos dos Açores: os seus avós paternos eram da ilha de São Miguel enquanto que os maternos eram da ilha do Pico. Os seus antepassados dedicaram-se às atividades baleeiras na Nova Inglaterra assim como à pesca nos Grand-Banks, tendo navegado para fora das suas ilhas natais e, posteriormente, de Provincetown. Diríamos, então, que Gaspar seguiu as pegadas dos seus avós em direção ao mar quando decidiu cumprir o serviço militar na marinha.

The Holyoke é composto por quarenta e cinco poemas, que estão agrupados em três grupos sem que cada um contenha exatamente o mesmo número de poemas. Narra a história dum jovem desde a sua infância até atingir a sua maturidade, em Provincetown, onde a maioria das pessoas são de origem portuguesa e católica.

Mass for the Grace of a Happy Death (1995), a sua segunda coletânea de poemas, foi galardoada com o *Anhinga Prize for Poetry*, em 1994, e está dividida em três partes. O pano de fundo dos dezassete poemas que compõem a primeira parte, intitulada “Chronicle,” é Provincetown durante a juventude do poeta. Os restantes vinte e quatro poemas – doze em cada uma das outras duas partes, “Lamentation” e “Psalm” – reportam-se ao tempo em que cumpriu o serviço militar na marinha, no Vietname, ou aos seus anos de estudo como aluno de licenciatura ou de pós-graduação na Califórnia e descrevem o modo de vida no Golden State, nome usualmente utilizado para se referirem à Califórnia: a seca, a assistência prestada por familiares aos emigrantes ilegais mexicanos, a cultura da juventude dos anos sessenta, a cultura da mobilidade dos anos setenta, isto é, dos que se faziam à estrada ou vagueavam por ela fora, as mulheres e o sexo.

O poema “Acts” desenvolve a tradição secular portuguesa da confeção do bolo da Páscoa, o folar, ou as malassadas, consoante a região de onde se provém. “Acts” descreve este ritual anual, normalmente por altura da Páscoa, e a forma como é celebrado neste enclave étnico na diáspora portuguesa. Gaspar mostra como esta doçaria, assim como o ritual associado com a sua confeção durante a Quaresma, reforçam os laços entre determinadas comidas e a religião nas culturas portuguesa e luso-americana.

Praticamente todos os poemas que compõem *A Field Guide to the Heavens* (1999), vencedor do prémio *Brittingham Prize in Poetry*, são sobre a Califórnia, o seu local de residência desde o cumprimento do seu serviço militar. Nos quarenta e quatro poemas que compõem esta coletânea – que está dividida em três partes intituladas “Metropolis,” “Jailhouse Tattoos,” e “This Small Book of Days” – Gaspar continua a explorar a temática religiosa enquanto também se debruça sobre a sua família mais próxima, a sua esposa e filho. Somente dois poemas neste volume nos transportam para o passado, isto é, para a sua vivência em Provincetown.

Em “February,” o autor desenvolve a questão da pobreza e as vidas rotineiras e apagadas dos pescadores que viviam na ponta de Cape Cod, representada pela figura do seu padrasto, enquanto que no poema “Standard Times” o poeta recorda a sua infância quando distribuía o jornal local de madrugada, porta a porta, e o dinheiro que auferia nesta tarefa permitir-lhe-ia, então, pagar os seus almoços na cantina escolar. Possivelmente o melhor poema nesta coletânea, “I Am Refused Entry to the Harvard Poetry Library,” explora os sentimentos da voz poética que deseja sentar-se “*among the sons and daughters / of the sons of daughters*” na venerada biblioteca desta universidade, mas também está consciente de que estes impulsos são inapropriados. Este poema, que traz ao de cima alguns sentimentos de azedume, poderá ser interpretado como uma tentativa deste autor analisar os seus próprios ressentimentos relativamente a questões de classe social ou as suas incertezas sobre o seu público, o mérito literário e a fama.

O primeiro romance de Gaspar, *Leaving Pico* (1999), ganhou os prémios *Barnes and Noble Discover Award*, *Borders Book of Distinction*, assim como o *California Book Award*. Entretanto, já foi publicada uma tradução em língua portuguesa. O romance possibilita ao autor uma análise mais minuciosa da sua cultura ancestral através dos personagens de Josie e do seu avô, John Joseph. Durante o desenrolar da narrativa, este conta a Josie a história sobre Carvalho, um descobridor aventureiro que chegou a competir com Cristóvão Colombo.

Gaspar escreve sobre a vida dos imigrantes açorianos em Provincetown e como a maioria das pessoas nesta comunidade – exceto o seu avô – reagem ou resistem contra o modo de vida dos norte-americanos, abordando, também, outras questões tais como o antagonismo entre os portugueses das ilhas (açorianos) e os do continente, o quintal, os clubes sociais e as bandas filarmónicas, assim como os rituais típicos do calendário das festividades católicas ao longo do ano, nomeadamente as irmandades, as festas religiosas e as procissões e a bênção dos barcos de pesca. A leitura de *Leaving Pico* faculta aos seus leitores um retrato detalhado e absorvente do modo de vida num enclave étnico português nos Estados Unidos.

No seu quarto volume de poemas, *Night of a Thousand Blossoms* (2004), Gaspar alarga o âmbito da sua análise poética de maneira a incluir uma variedade maior de referências filosóficas, religiosas e literárias enquanto reflete sobre a vida após a morte e a eternidade. Os quarenta e cinco poemas que o compõem estão divididos em três partes, intituladas “Jasmine,” “Gabriel” e “Green.”

Para além de conter dois poemas que nos remetem para alguns poetas portugueses – “*I Am Not a Keeper of Sheep*” demonstra o seu fascínio por Fernando Pessoa; “*One Arm and Another Arm*” tem como mote um poema de Eugénio de Andrade – não há quase nenhuma marca que aponte para a sua etnia de origem. Em vez disto, Gaspar ocupa-se com questões metafísicas e a sua educação católica. Em alguns destes poemas deparamo-nos com algumas vozes que buscam respostas em várias fontes – ou em Buda, na Bíblia, em Bodhidharma, Platão, Dante, São João da Cruz ou até mesmo em John Keats, na esperança que possam encontrar tranquilidade para a alma poética desassossegada.

O segundo romance deste autor, *Stealing Fatima* (2009), é bem mais elaborado do que o seu primeiro. Tendo vivido nos limites dum espaço predominantemente étnico – com a sua diversidade e riqueza, mas também sujeito às suas limitações – Gaspar mudou-se para um mundo mais amplo fora de Provincetown mesmo que de quando em vez regressasse até lá em busca de sustento espiritual. Tal como um peixe dentro de água, consegue sobreviver facilmente quer no seio dum espaço étnico quer do *mainstream*, e na qualidade de poeta norte-americano contemporâneo, ele é uma parte integrante desse mesmo *mainstream*.

Neste romance, Gaspar pretende recriar as aparições de Nossa Senhora de Fátima, em Provincetown, enquanto nos descreve o Padre Manny Furtado como sendo um homem deprimido, que se socorre muito regularmente de *gin* e analgésicos por forma a esquecer-se das suas memórias angustiantes da guerra do Vietname. Na medida em que o Padre Manny Furtado parece estar desprovido duma convicção religiosa forte e de espiritualismo, o leitor por vezes fica com a sensação que escolhera a sua ordenação sacerdotal somente para garantir uma ocupação numa vila piscatória onde não havia muitas saídas profissionais. Neste caso, e sobretudo, porque não desejava calcorrear o mesmo caminho perigoso dos pescadores açorianos, nomeadamente o seu pai ou avô. Afigura-se como um mero gestor da paróquia, tentando trazer de volta ao rebanho as suas ovelhas mais jovens, dispersas e desmotivadas.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima ora é descrita como um local propício a intrigas ora um lugar onde o Padre Manny procura a redenção. Neste espaço, algumas ocorrências do passado aparecem para o assombrar, nomeadamente aquando do surgimento inesperado do seu amigo de infância, Sarafino Pomba, que está diagnosticado com SIDA, à beira da morte e com problemas com a justiça. Outras reportam-se às disputas sobre quem dirige a igreja, que são esgrimidas com o Padre Sweet, o seu rival, que, no fim, é quem prevalece enquanto Furtado procura os serviços de reabilitação e desintoxicação. Neste romance, Gaspar está determinado em preservar e celebrar as “marcas étnicas” que caracterizam esta comunidade à beira da desintegração – em que as casas dos portugueses são gradualmente compradas por pessoas de classes sociais mais abastadas e em situações em que os portugueses abandonaram definitivamente a pesca costeira e nos Great Banks – recusando-se a vê-la dissolver no âmago da cultura dominante norte-americana sem que ninguém se aperceba disso.

Comparativamente às suas coletâneas anteriores, *Late Rapturous* (2012), composta por quarenta e seis poemas distribuídos por três partes, é claramente a que detém um cariz multicultural maior. Gaspar geralmente emprega versos longos, que nos fazem recordar o movimento das ondas a quebrarem-se, e os seus versos, por

vezes, também parecem frases num texto em prosa. De um volume para o outro, a poesia de Gaspar parece ter adotado uma cadência semelhante à das ondas, relembrando-nos a poesia de Walt Whitman em *Leaves of Grass* (1855), especialmente em “Song of Myself.” Ambos os poetas foram criados junto ao mar e escrevem poesia empregando versos livres e sem rima.

Em *Late Rapturous*, Gaspar refere-se a várias culturas, a diversos períodos históricos e civilizações assim como a tradições tais como a ocidental, a asiática e a muçulmana. Ocasionalmente, a poesia de Gaspar dá guinadas bruscas – duma alusão mundana típica da nossa contemporaneidade para a antiguidade clássica – de maneira a demonstrar que os seres humanos por vezes têm entrado em conflito devido a interesses económicos ou ideológicos assim como a incompreensões e a diferenças culturais. A justaposição de civilizações modernas e antigas em alguns dos seus poemas sugere que os seres humanos poderão ter evoluído a nível tecnológico, mas, na realidade, ainda manifestam comportamentos atávicos. O que imediatamente salta à vista aquando duma leitura atenta de *Late Rapturous*, sobretudo os que conhecem bem a sua obra, é a magnitude das suas referências literárias, artísticas e religiosas. Um tema recorrente nesta coletânea é o da criação poética, o poder da poesia e a forma como um determinado poema poderá transportar o leitor para estados de extrema felicidade e enlevo.

Atualmente a lecionar escrita criativa na Universidade de Pacific, Frank X. Gaspar continua a dedicar-se à escrita e encontra-se neste momento a trabalhar em duas obras, um romance e uma coletânea de poesia. Quando comparamos a sua estreia como poeta em *The Holyoke* e chegamos a *Late Rapturous*, publicado vinte e quatro anos mais tarde, o que imediatamente salta à vista deste leitor é a complexidade e amplitude das suas referências literárias, filosóficas, culturais, históricas e artísticas neste seu trabalho mais recente. *Late Rapturous* exige da parte do leitor uma atenção e trabalho redobrados por forma a apreciar devidamente os seus poemas, embora a leitura de toda a sua obra seja gratificante. Tal como a maioria dos romancistas e poetas contemporâneos norte-americanos, Gaspar e Vaz rejeitam os rótulos étnicos na medida em que o seu trabalho transcende qualquer tipo de limitação étnica e apela a um público mais amplo do que somente aquele estritamente interessado em assuntos desta natureza. A obra destes escritores é uma parte integrante da literatura norte-americana do *mainstream* e é bastante lida e apreciada quer nos Estados Unidos quer em Portugal. Com as suas contribuições, a literatura luso-americana, sem dúvida, atingiu um patamar de pujança e maturidade.

Bibliografia

- Boelhower, William. (1987). *Through a Glass Darkly: Ethnic Semiosis in American Literature*, New York: Oxford UP.
- Gaspar, Frank X. (1988). *The Holyoke*, Boston: Northeastern University Press.
- . (2007). *The Holyoke*, with a preface by Gaspar and an introduction by Christopher Larkosh. North Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts—Dartmouth.
- . (1995). *Mass for the Grace of a Happy Death*, Tallahassee, Fla.: Anhinga.
- . (1999). *A Field Guide to the Heavens*, Madison, Wis.: University of Wisconsin Press.
- . (1999). *Leaving Pico*, Hanover, N.H.: University Press of New England.
- . (2002). *Deixando a Ilha do Pico*, Lisboa: Edições Salamandra.
- . (2004). *Night of a Thousand Blossoms*, Farmington, Me.: Alice James Books.
- . (2009). *Stealing Fatima*, Berkeley, Cal.: Counterpoint.
- . (2012). *Late Rapturous*, Pittsburgh, Pa.: Autumn House.
- . (2016). *A Desaparição*, Lisboa: EDLP.
- Vaz, Katherine. E-mail enviado ao autor. 21 de março de 2001.
- . (1997). *Fado & Other Stories*, Pittsburgh, PA: U of Pittsburgh P.
- . (1997). *Mariana*, London: Flamingo.
- . (2008). *Our Lady of the Artichokes and other Portuguese-American Stories*. Lincoln and London: U of Nebraska P.
- . (1994). *Saudade*. New York: St. Martin's.

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ
REGRESSAR ÍNDICE**

63. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA, E AICL



MAIA 2013



GALIZA 2012



Belmonte 2016



Belmonte 2016



Belmonte 2016

ROLF KEMMLER, tendo nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, é professor auxiliar convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

É membro permanente do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto). Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014

É Doutorado na área das Ciências da Linguagem e da Literatura (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007.

Formou-se como Magister Artium (M.A.) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da Lusofonia. Pertence a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, tendo recentemente sido eleito como Sócio-Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa.

Para além disso, é sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores) e da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.



Montalegre 2016



MACAU 2011



BELMONTE 2017

Em 2016 tornou-se SÓCIO-CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA

tema 3.1 Charlotte Alice Baker: *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* (1882) Rolf Kemmler (Vila Real) *

1 Introdução

Filha do médico Matthew Bridge Baker e da sua mulher Catharine Baker, a professora e escritora norte-americana Charlotte Alice Baker nasceu em Springfield (Massachusetts) em 1833, falecendo em Boston em 1909.

Com base em boas experiências feitas no arquipélago, foi declaradamente com a intenção de fazer publicidade para as chamadas *Western Islands* que ela publicou o seu diário *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* em 1882.

Nele, a autora narra as suas experiências e observações desde a embarcação no porto de New Bedford no dia 12 de junho de 1879 até à despedida do Pico no sábado, 27 de setembro do mesmo ano.

Tendo efetivamente dado um verdadeiro 'glimpse' (uma olhadela) à ilha da Madeira durante uns meros três dias em finais da sua viagem, a autora passou boa parte dos seus quase três meses no arquipélago a visitar as ilhas de Flores, Faial, Pico, Terceira e São Miguel.

No âmbito do presente trabalho interessa-nos, mais uma vez, como a autora retratou o arquipélago açoriano e as suas gentes.

2. A autora

Charlotte Alice Baker nasceu na cidade de Springfield (Hampden County, Massachusetts) em 11 de abril de 1833 como filha do médico Matthew Bridge Baker (1806-1839)⁸¹ e da sua mulher Catherine Catlin Baker (1810-1899).

Após a morte prematura do pai e do irmão mais novo Edgar Baker (1835-1839), Alice Baker residiu em casa com a mãe, somente passando a frequentar a escola de maneira algo irregular a partir dos onze anos (Cameron 1924: 345), mas acabou a carreira escolar ao passar simultaneamente a ser aluna e professora auxiliar na prestigiosa *Deerfield Academy*, que frequentou até aos 15 anos (Cameron 1924: 346).

Desde então, passou a sua vida a exercer o magistério, sendo, entre 1856 e 1864 coproprietária (junto com a sua companheira Susan Minot Lane, 1832-1893) de uma escola particular em Chicago, que ficou fechada quando ela regressou ao litoral para ficar à disposição da sua mãe que vivia em Cambridge (Cameron 1924: 346), abrindo ainda outra escola em Boston que existiu até 1892.

Tendo sido contribuidora assídua, durante alguns anos, de artigos na revista mensal para crianças intitulada *Merry's Museum for Boys and Girls* entre 1868 e 1870, Alice Baker destacou-se na sociedade contemporânea por ser sócia ativa da Pocumtuck Valley Memorial Association (1870) em Deerfield (Massachusetts).

Ao longo das décadas subsequentes, ela foi apresentando uma série de trabalhos de natureza historiográfica a esta associação de historiografia local, à qual ainda legou o seu espólio particular, junto com a casa setecentista chamada "Frary House", que originalmente tinha pertencido à família da sua mãe e que ela mandou restaurar entre 1890 e 1892.

Depois da morte da sua companheira, a professora e pintora Susan Minot Lane (1832-1893),⁸² Charlotte Alice Baker continuou a viver durante o resto da sua vida na companhia da historiógrafa e fotógrafa bostoniana Emma Lewis Coleman (1853-1854),⁸³ vindo a falecer em Boston no dia 22 de maio de 1909.⁸⁴

Deixando de lado a obra que estudaremos a seguir, devem ser mencionadas as suas publicações de maior relevo na forma do trabalho monográfico *True Stories of New England Captives: Carried to Canada During the Old French and Indian Wars* (Baker 1897) e da publicação póstuma na forma de um levantamento genealógico intitulado *Epitaphs in the old burying-ground at Deerfield, Mass.* (Baker / Coleman 1924), que de facto constituem os frutos mais importantes da sua atividade historiográfica (sobre esta atividade, veja-se também Cosner / Scanlon 1996: 10).

3. A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira (1882)

Impresso pelos editores freitanos Lee and Shepard (1862-1905) que já tinham sido responsáveis pela impressão de *A trip to the Azores or Western Islands* do florentino Manuel Borges de Freitas Henriques em 1867 (cf. Kemmler 2015), o diário da autoria de 'C. Alice Baker' foi publicado em coeditoria com o livreiro nova-iorquino Charles Theodore Dillingham (1842-1918).

Trata-se de um livro em tamanho modesto, com apenas [II], 174 páginas, ao longo das quais a autora documenta uma viagem de três meses e meio ao arquipélago dos Açores e da Madeira.

⁸¹ Veja-se o esboço biográfico de Chapin (1893: 32): «Dr MATTHEW BRIDGE BAKER was born in Charlestown, Mass., in 1806. He graduated at the medical department of Harvard College in 1830. He came to Springfield in 1831 and lived in the house which now stands on the corner of State and Maple streets, which formerly stood on the lot now occupied by the block on State street in which Dr S. F. Pomeroy recently lived. Dr Baker made a journey to Canada on foot for the purpose of benefiting his health, but the disease, consumption, had made such inroads upon him, that on his return he was obliged to retire from his practice. Dr Baker was a skilful physician, and greatly esteemed in the community in which he had a large practice. He married Catharine Catlin. Dr Baker died in Springfield, September 18, 1839, the age of 33 years. C. Alice Baker, the historical writer, is their daughter».

⁸² Cf. Guide (2017: 2): «Susan Minot Lane, daughter of Martin and Lucretia Swan Lane, born 1832, died 1893. She came to Deerfield in 1854 to become preceptress at Deerfield Academy where she met C. Alice Baker, a teacher. They formed a life-long friendship and opened a series of schools, first in Chicago and later in the Boston area. They befriended Emma Lewis Coleman, noted photographer and author, with whom they traveled to the Azores and Madeira. The extra-illustrated edition of Miss Baker's book, *A Summer in The Azores*, included photographs by Susan. Miss Lane was a pupil of her cousin, artist William Morris Hunt. She worked as an illustrator and artist, frequently painting houses in Boston's north end where she had a studio».

⁸³ Cf. Guide (2013b: 1): «Born in Boston in 1853, Emma Lewis Coleman was an author, photographer, teacher, and craftswoman who spent part of her life in Deerfield, Mass. As the daughter of Lewis Coleman (a well-to-do merchant) and Elizabeth Farrington Coleman, Emma Coleman travelled somewhat extensively in Europe in her youth and received part of her education in Paris. In the 1870s, Coleman taught at a school in Brookline, Mass., where her friendship with Charlotte Alice Baker (1833-1909) and Susan Minot Lane (1832-1893) took root. Baker, a teacher and historian, and Lane, a teacher and painter, had met previously at Deerfield Academy. The three women travelled to the Azores and Maderia [sic] in 1879; Coleman's diary from that trip is part of her papers. Coleman, Baker, and Lane began dividing their time between three locations: Cambridge, Mass., Cutts Island, Kittery, Maine, and Deerfield where Baker had purchased the Frary House, her ancestral home. Coleman became very involved in the restoration of the house (1890-1892) and began to share Baker's antiquarian interests».

⁸⁴ No respetivo capítulo do seu livro *Archives of Desire: The Queer Historical Work of New England Regionalism*, a investigadora norte-americana J. Samaine Lockwood (2015: 27) não parece permitir qualquer dúvida sobre a orientação sentimental da nossa autora, pois quando se serve de uma carta de Baker datada de 1895, identifica Susan Lane como o seu amor (entretanto falecido) e Emma Coleman como a sua companheira atual.

Embora não faça referência explícita às pessoas que a acompanharam na viagem, o uso frequente de pronomes como 'we' e 'our' frente ao emprego de 'I' ou 'my' em trechos relativos a experiências mais pessoais permitem entender que a autora não viajou sozinha, mas sim na companhia das suas companheiras Susan Minot Lane e Emma Lewis Coleman.⁸⁵

Foi a estas companheiras da sua vida que Alice Baker dedicou a obra com as seguintes palavras bastante explícitas, recorrendo, porém, ao semianonimato da abreviatura dos nomes delas:

TO
S. M. L,
MY LIFE-LONG FRIEND AND COMPANION
AND
E. L. C,
TO WHOSE AFFECTION I OWE MY
Summer in the Azores.
CAMBRIDGE, May, 1882 (Baker 1882: 1).

Tanto a própria autora (*Guide* 2013a: [II]) como as suas companheiras chegaram a elaborar diários relativos à sua viagem nos dois arquipélagos portugueses (cf. também *Guide* 2017: [II-IV]; *Guide* 2013b: [II-III]).⁸⁶

Junto com exemplares inéditos do livro *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* com fotos da autoria de Emma Coleman, os diários manuscritos das três viajantes ainda hoje se encontram nos espólios legados à *The Pocumtuck Valley Memorial Association* em Deerfield (Massachusetts). Perante a falta de acesso a estes textos inéditos, iremos em seguida ocupar-nos somente da obra publicada sem qualquer fotografia.

3.1 *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*: o conteúdo

Com base na documentação conservada sabe-se que a viagem de Alice Baker e das suas companheiras começou quando elas embarcaram na escuna *Nelly* (cf. Baker 1882: 12) no porto americano de New Bedford (Massachusetts)⁸⁷ em junho de 1879 (*Guide* 2013a: [II]). Com efeito, a autora indica as respetivas datas (sem oferecer qualquer indicação explícita ou implícita ao ano em que a viagem teve lugar) no início da maior parte dos capítulos. Ficamos, assim, a saber que a viagem terá começado no dia 12 de junho de 1879. Como, porém, nem todas das 16 datas referidas correspondem com os dias da semana históricos do ano de 1879, optámos por conferir as datas com o calendário (cf. Calendar 1879), o que leva ao seguinte resultado:

Capítulo	página	data	data real
The Start.	7	<i>Tuesday, June 12.</i>	Thursday, June 12, 1879
At Sea.	11	<i>Tuesday, June 12.</i>	Thursday, June 12, 1879
Land ho!	24	<i>Tuesday, July 8.</i>	Tuesday, July 8, 1879
Fayal and its Port.	31	<i>Saturday, July 12.</i>	Saturday, July 12, 1879
Street-Scenes in Horta.	44		
Donkeys.	50		
Peasant Life in Fayal.	54		
The Caldeira.	66	<i>Tuesday, Aug. 6.</i>	Wednesday, August 6, 1879
Capello and the Mysterio.	74	<i>Sunday, Aug. 10.</i>	Sunday, August 10, 1879
Pico.	82	<i>Monday, Aug. 11.</i>	Monday, August 11, 1879

⁸⁵ Este facto fica mais claro quando Baker (1882: 66) afirma o seguinte no âmbito da sua narração da viagem para a Caldeira do Fayal no dia 6 de agosto de 1879: «We were a queer cavalcade, – three ladies half reclining in hammocks [...]».

⁸⁶ Veja-se *Guide* (2013b: 1) «the three women travelled to the Azores and Maderia [sic!] in 1879; Coleman's diary from that trip is part of her papers».

⁸⁷ Para mais informações sobre este importante porto comercial que era um dos principais centros de baleação nos Estados Unidos de oitocentos, cf. Zumerchik / Danver (2010: 192).

A Peep at San Jorge, Graciosa, and Terceira.	87	Thursday, Aug. 14.	Thursday, August 14, 1879
San Miguel and its Port.	93	Monday, Aug. 18.	Monday, August 18, 1879
The Furnas. – Grená and the Caldeiras.	98	Monday, Aug. 18.	Monday, August 18, 1879
Peasant Life in the Furnas.	107		
A Ball in the Furnas.	115	Wednesday, Sept. 3.	Wednesday, September 3, 1879
Farewell to the Furnas.	120	Saturday, Sept. 6.	Saturday, September 6, 1879
Red Tape.	125	Saturday, Sept. 6.	Saturday, September 6, 1879
Madeira.	131	Tuesday, Sept. 9.	Tuesday, September 9, 1879
In Quarantine off Funchal.	136	Tuesday, Sept. 9.	Tuesday, September 9, 1879
Ashore in Madeira.	141	Friday, Sept. 12.	Friday, September 12, 1879
Queer Conveyances.	144	Friday, Sept. 12.	Friday, September 12, 1879
Sight-seeing.	148	Saturday, Sept. 13.	Saturday, September 13, 1879
On Horseback.	154	Sunday, Sept. 14.	Sunday, September 14, 1879
Coasting.	161	Sunday, Sept. 14.	Sunday, September 14, 1879
In the Azores again.	165	Wednesday, Sept. 17.	Wednesday, September 17, 1879
Adeos!	173	Saturday, Sept. 27.	Saturday, September 27, 1879

Este quadro permite-nos, por isso, oferecer as devidas correções às indicações erradas 'Tuesday, June 12' para 'Thursday, June 12, 1879' e 'Tuesday, Aug. 6' para 'Wednesday, August 6, 1879'.

Assim, a nossa autora documentou a viagem das três companheiras americanas desde a quinta-feira, 12 de junho de 1879 (cf. correção a Baker 1882: 7) até à despedida do Pico no sábado, 27 de setembro de 1879 (Saturday, September 27; cf. Baker 1882: 173), de onde regressaram ao seu país no vapor *Mississippi* (cf. Baker 1882: 127).⁸⁸

Para o âmbito do presente artigo são de especial interesse os comentários que Baker tece ao povo açoriano entre 8 de julho de 1879 e 6 de setembro de 1879 (quando teve lugar uma excursão para a ilha da Madeira) e novamente de 17 a 27 de setembro de 1879.

3.2 Motivo da obra: promoção do turismo de lazer

No prefácio do livro de 1882 que foi efetivamente a sua primeira publicação de natureza monográfica, Alice Baker não permite dúvidas sobre o laço afetivo com o arquipélago que motivou a publicação das suas notícias de viagem:

PREFACE.

My apology for printing these fragmentary impressions must be found in the fact, that excepting a delightful magazine article on Fayal, by Colonel T. W. Higginson, there exists no satisfactory picture of life in the Azores.

Barely mentioned in the geographies, these islands have hitherto been almost neglected by the pleasure-seeker. The tide of travel recently setting that way warrants the prediction that they will ere long be regarded as a desirable halfway-station on the great highway of European travel. A line of United States steamers, connecting there with the Portuguese line, would thus enable the tourist to enter Europe by way of the Spanish Peninsula, and open up the magnificent scenery of these islands and of Portugal, now so little known, and so well worth knowing.

While this is as yet only a probability, it may still be fairly said, that in no other bit of foreign travel can one get so much enjoyment, with so little expenditure of strength and money, as in a summer voyage to the Western Islands, in one of the excellent sailing-vessels now plying regularly to those ports from Boston and New Bedford.

⁸⁸ Segundo a informação no diário nova-iorquino *The New York Herald* de 21 de outubro de 1879, o vapor *Mississippi* é referenciado entre os navios desembarcados no dia 18 de outubro de 1879, saindo do mesmo do dia seguinte (*NYH* 1879: 12).

In the Azores every thing is novel, and nothing is new. The tired teacher finds here enforced rest with continual diversion; the nervous invalid, an engrossing change of scene, with absolute quiet, no temptation to hurry, and no excuse for worry. To the artist, the botanist, the geologist, and the philologist, they offer a rich and almost unexplored field.

C. A. B.

Cambridge, April, 1882 (Baker 1882: 3-4).

O alvo primário que levou a nossa autora a publicar o livro parece, assim, ser a intenção de oferecer um número suficiente e empírico de informações sobre a vida no arquipélago (isto é, uma abordagem que vai para além do breve artigo de Thomas Wentworth Higginson, publicado na revista *The Atlantic Monthly* em 1860), de modo que o livro possa servir como motivação e guião para os futuros turistas americanos que vierem a passar pelo arquipélago no âmbito de uma viagem transatlântica.

Ao longo de toda a sua obra, o estilo prosaico da professora bostoniana parece bastante fresco e franco – ela até relata os eventos menos aprazíveis como o enjoo das viagens com toda a normalidade:

I keep up my offices of friendship till the teabell rings, then turn in, unmistakably seasick (Baker 1882: 12).⁸⁹

3.3 Aspetos da caracterização dos açorianos e da sua vida

A primeira ilha do arquipélago que chegou a ser visitada pelas três viajantes foi o Faial. Pouco surpreende, por isso, que a maioria das descrições e caracterizações do povo açoriano que Alice Baker oferece esteja relacionada com esta ilha.

3.3.1. Os açorianos no espaço público e na sua privacidade

É com as seguintes palavras que Alice Baker descreve as suas primeiras impressões aquando do desembarque na Horta no dia 12 de julho de 1879:

After a visit from the healthy doctor, as the steward called the health-officer of the port, we were permitted to land. The landing-place is a small wharf, projecting from beneath the frowning ramparts of a fort. A motley crowd surrounded us as we stepped upon the quay, – men and women barefooted, or clattering in wooden shoes. The men wore gay woollen caps like those of the Neapolitan fishermen; the pointed top tasselled, and hanging over the side. Their shirts and trousers were of white linen, and over the right shoulder they hung their short jackets of dark woollen stuff. The women were bonnetless, hatless, with red, blue, or yellow cotton handkerchiefs tied over their heads. Some peeped out from the plackets of coarse linen petticoats thrown over head and shoulders. They wore white shortgowns, and very full petticoats of dark blue or red calico. Others were entirely enveloped in hooded cloaks of dark blue broadcloth. The hood, which is stiffened with whalebone and buckram to preserve its shape, might be taken for a miniature chaise-top, or the smoke-jack of a city chimney. The chief article in the trousseau of a well-to-do Fayalese bride is this capote.⁹⁰ It costs from thirty to sixty dollars. The cloak part is a full circle, extending to the ankles. All that one sees of the wearer of this capote is the hands, and a pair of eyes glistening as it were at the bottom of a coal-hod. The wearer holds the two sides of the hood together in such a way as to hide her own face, while she gives herself ample opportunity to peer out at the Americanas. Nothing could be funnier than the side-view of two capotes gossiping on the street (Baker 1882: 32-34).

Merecem destaque as impressões à primeira vista da nossa autora no porto da Horta, já que ela oferece uma descrição bastante detalhada da forma como os faialenses que estavam vestidos – o que leva a crer que terá completado as suas observações diarísticas por informações adicionais bastante pormenorizadas – como se vê no caso do capote, do qual a autora americana até consegue indicar o preço em dólares.

Se a informação sobre a roupa dos habitantes da Horta por Alice Baker era sobretudo descritiva, os dois hotéis da capital faialense já lhe merecem uma avaliação algo mais crítica mas objetiva, que se julga ter sido escrita com o objetivo de fornecer informações úteis a um público americano interessado em fazer turismo no arquipélago.⁹¹

⁸⁹ É graças a este episódio e outros semelhantes que Baker (1882: 14) afirma que ela e as companheiras terão passado a ponderar um regresso com o vapor: «We begin to envy those who will commit themselves to the steamer». A viagem para a Madeira no vapor *Mississippi* também não correu melhor, como a autora testemunha mais adiante: «The next three days, like almost all days for me at sea, are a blank in my diary» (Baker 1882: 130).

⁹⁰ Também por ocasião da viagem a São Miguel, as versões locais do 'capote' e da 'carapuça' como elementos mais tipicamente açorianos do vestuário insular merecem a seguinte observação de Baker (1882: 94): «The women wear a peculiar capote, and the men a *carapuça*, or broadcloth cap with huge visor, and a deep havelock-like cape depending from it behind».

⁹¹ Já o 'Hotel Terceirense' de Angra não lhe merece a mesma consideração. Pelo contrário, Baker (1882: 89) apresenta a seguinte avaliação francamente negativa: «[...] the only hotel in the place is inconceivably comfortless and filthy». Pouco mais adiante, a autora explica melhor as razões que lhe causaram uma 'night of indescribable horrors' no hotel: «The

After a brief delay at the custom-house, where our bags were searched for "tabac" we proceeded on foot to the English hotel, so called. A small sign, swinging over the sidewalk, directed us to the entrance of the "Hotel Fayal", which otherwise does not differ externally from the ordinary dwellings of the town. We found here good enough accommodation, – bare floors frequently washed, clean, hard beds, and a good variety of palatable food. As for service, much cannot be said. There is, however, no lack of willingness; and a person in ordinary health may be very comfortable here. The Hotel Central, a Portuguese inn, is, I am told, equally well kept. Both are far superior to those of the other islands. The cost of living at either is a Spanish dollar (\$1.20) a day, with a trifle extra for wine. The English hotel has one advantage in its fine garden, where an invalid may swing in her hammock, surrounded by a sub-tropical vegetation (Baker 1882: 34).

No seguinte trecho com observações soltas sob o título «Street-Scenes in Horta», é com uma visível nota de respeito que a nossa autora observa a forma como as mulheres faialenses lidam com a tarefa diária de buscar água à fonte, para transportar os recipientes cheios com entre cerca de 22 e 26 litros à casa (na cabeça, claro):

Yonder is a group of women at a well. Their tall wooden buckets, shaped like old-fashioned wooden churns and holding six or seven gallons, stand on the stone curb. How skilfully each in turn throws down and dips the pail! and with what assurance of strength, hand over hand, with long reaches, they draw it up dripping from the fern-clad well! Then, rolling up a little pad for it to rest upon, each, with another's help, lifts the heavy bucket to her head. How the last one is to manage, becomes a problem. Two already laden dexterously raise it, not a drop spilled from their own the while; and away they all trot at a swinging gait up the street, chattering like rooks, enviable health in every motion, grace in every pose. Not even a hand is raised to steady their burdens. Milk-boys pass bearing crooked poles across their shoulders, from which depend their wooden measures and pottery jars; soldiers from the garrison, with pinched and padded waists, and jaunty little caps set on the back of their heads; and donkeys so enveloped in their burdens that only the tips of their noses and tails are visible. Sometimes a whole platoon of them goes by, each pair carrying a hogshead swinging from beams whose ends rest on their backs (Baker 1882: 47-48).

De forma não menos pitoresca, esta imagem da vida urbana é completada pelos rapazes a transportar o leite e os militares que transportam as cabeças de porco...

No capítulo «Peasant Life in Fayal», Alice Baker dá aos seus leitores uma visão importante da vida dos habitantes rurais da ilha, pois oferece informações bastante detalhadas sobre a composição das casas rurais, a alimentação, a mobília, bem como o fabrico e uso da roupa na vida diária:

The interiors are bare and poor: one room, rafters visible above; a floor of earth; "woven work of willow-boughs" sometimes partitioning off one end of the room as a bedroom; a loft above it reached by a ladder, and on the floor a pallet of straw.

There is neither chimney nor stove. The fireplace is without crane or andirons and is merely a broad stone shelf built out from the wall, and on this a fire of furze and fagots. The blinding smoke escapes as best it may through roof and open door. For cooking utensils, there are an iron pot and trivets, and one or two red pottery jars and saucers.

Meat is a rare article of food with the peasant. Coarse corn-cake, baked on a trivet over the coals, hard, sour, heavy, and smoky, – this with a bit of cheese, fish, or a pepper, and a cup of cold water, is his principal food.

There is little furniture in the room, – a bed, so high as almost to require steps to get into it, with a bright worsted coverlet of domestic manufacture, like those of our colonial grandmothers; a table; a hand-loom in one corner; and a few scriptural prints on the walls. In some cottages one finds the same modification of the old Roman lamp, used by our forefathers in New England, – a small triangular pan to hold grease, and a floating wick. There are one or two chairs: these, however, are seldom used by the women, who squat upon the floor, and sew or spin, and card their flax and wool.

Most of the clothing and household stuffs are spun and woven by the women, who also perform much field labor, weave baskets, braid hats, knit and embroider beautifully, and make exquisite laces from the split fibre of the aloe. Both sexes are poorly paid for their labor. Men's wages in Horta range from twenty-four to forty-eight cents a day. The best dressmakers get twelve cents. The Pico women go up to the clouds on the mountain, and milk, for eight cents. Those of Horta carry water from the public wells for two cents a bucket. The old spinner who sat for our artist earned but two cents a day, and spun by moonlight, not being able to afford a lamp.

The spinning is done with a distaff, held between the left arm and side. The thread is wound off the spindle on a sort of swifts, twisted deftly with the left hand. Flax is much grown on the islands, and takes the place that cotton does with us. Gentlemen's summer-suits are of snowy white linen. The coarser and unbleached kinds are Torn by the peasant. The clean clothes of the field-laborer in Fayal are a noticeable contrast to those of our farm-hands. Woollen fabrics are also woven, –black, brown, and mixed cloths of the consistency of felting.

entrance to the "Hotel Terceireense" is through a *sagão* used as a wine-vault, and full of dusty hogsheads; a musty, sour, evil-odored place, with which, alas! we found the rest of the house in perfect keeping».

Também o 'English hotel' em Ponta Delgada não lhe merece qualquer comentário, pelo que Baker (1882: 93) dá preferência a um alojamento em residências particulares.

The men wear short jackets of these cloths, that look like the curtailed remains of dress-coats. They are very short on the shoulder, with broad lapels in front, and innumerable seams in the back.

Boys dress like their fathers. Girls under twelve are clad in a linen sack and petticoat, with no other apparel. Little children of both sexes run about the streets in their scanty shirts. Babies go naked and are much less attractive than babyhood in general. Their limbs are puny: they are never swaddled and are often bow-legged (Baker 1882: 58-61).

As informações históricas que a autora oferece sobre o fabrico da roupa dos habitantes rurais parecem-nos condizer com o que ainda hoje podemos verificar nos museus etnográficos existentes em todo o arquipélago. Por ocasião da chegada a Ponta Delgada, Alice Baker mostra-se impressionada pela contradição evidente entre uma infraestrutura excelente da maior ilha do arquipélago, quando esta contrasta com imagens chocantes como a presença de mulheres malvestidas e desesperadas que habitam casebres em convivência com animais e bebés que andam sem qualquer roupa, vendo-se as crianças mais velhas obrigadas a pedir esmolas:

The road is excellent, hard-trodden and slightly convex, with stone water-courses at the side, masonry along every precipice, and stone bridges over every mountain torrent. Ever and anon we ran clown at full speed from the top of steep hills to the very shore of the sea, meeting the cool breeze, and dashing through villages quaint and pretty, – and, alas! poor in direct ratio to their picturesqueness. Half-clad women, with folded arms, idle and inane but for the look of stolid despair on their otherwise expressionless faces, crouched on the floor of their squalid huts, which they shared with the hens and pigeons. Naked babies crawled about the doors, and an army of brutal and savage children ran clamoring after us for alms (Baker 1882: 95-96).

Como o seu destino principal em São Miguel eram as Furnas, Alice Baker e as companheiras passaram logo a residir na Casa da Grená (cf. Baker 1882: 99-102) na Lagoa das Furnas, que então era explorada como espaço hoteleiro pelo britânico George Brown (1812-1880), um antigo jardineiro no parque hoje conhecido como 'Jardim José do Canto'. Vejamos as observações da nossa autora sobre os micaelenses e as suas casas no âmbito do capítulo «Peasant Life in the Furnas»:

The houses are all of stone, one story, with high thatched roofs. They stand close upon the street, with no yards in front, each projecting a little beyond its neighbor. One small square window, swinging inward, is placed high up in the front wall, and never closed but at night. The front door always stands invitingly open; and, even if the lower half be shut, the top panel, which is on hinges, is flung wide open into the room. Such fascinating pictures as we often see framed in these half-open doors! here a Rembrandt, there a Rubens; an old man in his shirtsleeves, resting his arms on the casement, stolidly smoking, his silvery hair straggling from under his gay knit cap; or a bright red handkerchief, crossed on a woman's breast, lights up the dark background, the leathery wrinkled old face contrasting sharply with the spotless white of the turbaned head, leaning meditatively on one hand. [...].

The interior consists of one room with floor of earth, strewn with rushes or pine-needles. Its furniture, – two beds, touching foot to foot, and occupying one end of the room; two Eastlake chairs, that would fill the heart of the modern decorator with envy; a deep stone window-seat under the high window; a niche in the opposite wall, usually containing a bambino; and a table.

*The beds are made up high, with ticks of home-made linen, filled with husks, moss, or a soft, silky fibre gathered from the rootstock of the *Dicksonia culcita*, a fern very abundant here; a hard-round bolster, and no pillows. When the family is too numerous to stow away in the two beds, others are made up under them, and trundled out at night. A loft is also made in the peak of the roof for the big boys, by swinging a floor of boards half across the living-room, above the other beds (Baker 1882: 108-110).*

Mais uma vez, a descrição bastante detalhada das casas permite entender que as viajantes parecem ter entrado nas casas dos habitantes das Furnas. O cenário convidativo das portas abertas nas Furnas até leva Alice Baker a comparar as imagens que vê às cenas eternizadas pelos pintores holandeses barrocos Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1699) e Peter Paul Rubens (1577-1640). Neste mesmo âmbito, a autora até oferece informação detalhada sobre o conteúdo das camas de linho, repletas com cascas, musgo ou a fibra do 'feto-de-cabelinho'.⁹² Ainda na freguesia faialense do Capelo, Alice Baker observa como as mulheres faialenses usam os recursos naturais para lavar a roupa:

Bare-legged women, with their gay petticoats tucked up, and great bundles of clothes on their heads, were picking their way among the black rocks, to wash in the pools just left by the surf. Washing is done here in a way that certainly conduces to the whiteness of the clothes, though it may prove destructive to their texture. They are washed among the slimy rocks in sea-water, and never boiled. A big stone serves as a rubbing-board. To dry, they are spread in the sun on rubbish-heaps by the road-side, with stones at the corners of each garment to hold it flat, and sprinkled two or three times a day, for several days. Notwithstanding the severity of the process, I have never seen better laundering (Baker 1882: 75-76).

⁹² Identificado por Alice Baker como '*Dicksonia culcita*', o 'feto-de-cabelinho' ou 'feto-abrum' hoje costuma ser classificado como '*Culcita macrocarpa*'. Para mais informações sobre este feto, cf. Tryon / Tryon (1982: 140-144).

Sem recurso a lavadouros construídos para este fim, as mulheres servem-se das poças nas rochas vulcânicas da praia (por nelas permanecer a água das ondas do mar) como tanques de lavagem da roupa. A esfrega acontece numa das pedras maiores, sendo a roupa depois colocada na berma para secar, sempre com pedras por cima para segurá-la. Se bem que as lavadeiras de hoje já não devem descer até ao mar, o processo como tal não se afasta muito do que ainda hoje se pratica nos lavadouros públicos ou em tanques particulares. Entende-se, porém, a surpresa da nossa autora americana, uma vez que o procedimento descrito já não lhe deve ter sido muito familiar na sociedade (e no estrato social) onde ela vivia. No que respeita ao comportamento dos açorianos, Alice Baker reverte a uma abordagem algo pretensiosa do observador oriundo de uma cultura que julga ser superior à cultura de acolhimento (e que é tão típica pela maior parte das obras anteriores do género):

In the people there is much to admire as well as to condemn. They are sensitive, jealous, credulous, and superstitious. They are lacking in courage. They quarrel and make up with the inconsistency of children, and are as impulsive, and irresponsible. They weep as easily as they laugh. While they are hardly to be called gay, they are happy and contented to a degree that makes them improvident and indolent, and indifferent if not absolutely hostile, to better modes of life. They marry young, and within forbidden degrees of kinship. Girls of thirteen marry their own uncles of twice their age. They are temperate and industrious, kind, polite, and helpful to strangers and to each other. Our donkey-men address each other and their acquaintance as Senhor and Senhora. The child kisses her hand in taking your proffered penny. Our stable-bills are made out, and our business papers addressed, to the "Illustrissima Excellentissima Senhora" (Baker 1882: 61).

Neste parágrafo encontramos uma coleção algo arbitrária de qualidades e comportamentos que a autora julga ter observado nos açorianos. Se bem que boa parte não nos pareça ser mais do que uma avaliação subjetiva da autora, observa-se a nota crítica no que concerne o casamento das menores açorianas dentro da própria família (e em desafio da interdição da consanguinidade), uma crítica, aliás, que se enquadra dentro da sensibilidade especial de Alice Baker pelas vidas das mulheres no arquipélago.

Independentemente dos 'defeitos' apontados, depois de falar sobre o comportamento nas danças (cf. 3.3.3), a viajante americana faz questão de destacar as qualidades marcadamente positivas dos açorianos:

On these and all occasions the stranger is welcomed to the humble home of the Azorean peasant with dignity and decorum, and at the same time with a courtesy, cordiality, and frank hospitality, which are the truest politeness. One is struck, however, with the superiority of the Fayalese in manners and morals to the peasantry of the other islands, – a fact due to the excellent influence of the consul and his family (Baker 1882: 64).

Assim, Alice Baker atesta grande hospitalidade mesmo aos faialenses mais modestos, cuja dignidade e cortesia julga superiores às qualidades observáveis nos habitantes rurais das demais ilhas que conheceu – os quais, ao contrário dos faialenses, não podiam usufruir da influência benéfica do Cônsul Dabney e dos seus familiares...

Semelhantemente, ao passo que não possa deixar de observar que a totalidade dos portugueses tem por hábito fumar e cuspir sem lembrar-se de pedir licença, Alice Baker considera digno de nota que os senhores não se sentam à mesa sem que as mulheres estejam presentes:

Every man on board, from governor-general to cabin-boy, smokes and spits incessantly. The Portuguese is never seen without his cigarette. Ladies or no ladies, at table or elsewhere, puff, puff, with not so much as "By your leave". As an offset to this, however, no meal begins on the ship, and no gentleman takes his seat at the table, till the ladies appear (Baker 1882: 92).

3.3.2. Algumas observações sobre a agricultura açoriana

Como quase todos os autores anglófonos, Alice Baker não prescinde de tecer comentários sobre a agricultura açoriana, como acontece, por exemplo, com as observações sobre o caminho à freguesia faialense do Capelo no dia 10 de agosto de 1879:

Between the villages, sloping to the sea, lay broad and fertile fields; yams and sweet-potatoes, besides Indian corn, wheat, and other grains, beans, melons, squashes, and potatoes, as luxuriant as on the meadow-lands of the Connecticut. The corn is not in hills, nor as we plant it for fodder in New England. Each stalk stands alone at regular distances from its neighbors. It grows very tall, and the ground beneath is apparently not hoed after planting. A thin undergrowth, and often vines and beans, grow between. These fields extend to the very ocean, where they end in high cliffs of black volcanic rock, so soft that it is worn by the restless sea into caves and fantastic arches (Baker 1882: 76).

Ao reparar na peculiaridade do traçado dos campos açorianos com os muros de basalto que ocupam todo o terreno cultivável, Alice Baker identifica como produtos agrícolas correntes no Fayal os seguintes: inhame, batatas doces, milho, trigo e outros cereais, feijão, melões, abóboras e batatas. Para além disso, ela observa que não se faz um cultivo intensivo do milho (ao contrário do que se observa no seu país), mas sim uma cultura mista em que este se encontra plantado alternadamente com videiras e feijão. Diga-se de passagem, que ainda hoje em dia se encontram variações desta cultura mista, no sentido de agricultores pequenos aproveitarem os

campos de milho para plantarem plantas trepadeiras como o feijão e a abóbora, etc. Nas Furnas micalenses, Alice Baker repara ainda noutras atividades agrícolas de relevo e oferece informações adicionais sobre os lavradores que vivem da terra:

Others bear on their heads great bundles of flax from the fields; while others again bruise, hackle, spin, and wind it ready for the loom. Few are idle. Their patient toil and their simple lives are full of lessons for us. They show us how circumscribed is the limit of the actual necessities of life, and our own extravagance and wastefulness as individuals and as a nation. Many of them never look over the walls of the crater in which they were born.

They work from sunrise to sunset for about a shilling a day. Their food is corn-bread and a drink of spring-water, with now and then a few bitter beans and a bit of dry fish as luxuries.

They have no barns nor storehouses; for there is no grass to cut, the corn is housed with the family, and the hens and pigeons roost among the thatch. Most of them own neither field nor cart, nor ox nor horse, nor donkey nor cow nor goat. They have neither tea nor coffee, and seldom taste a drop of milk. At Christmas-tide they have good cheer; for every man who can afford to keep one kills his pig, and exchanges with his neighbors.

The peasant of the Furnas valley utilizes every thing that grows. He feeds his porca on the wild lettuce, the brake, and the yam-leaf. He braids the reed into ropes, plait it into matting, or uses it and the pine-leaf to carpet his floor. Of its pith he makes artificial flowers. Of the bramble and the willow he weaves his baskets which serve him as well for cart, and wheelbarrow, and fanning-mill. The bamboo he uses for his staff, his fence, and his rafters. His roof and his hat are of straw. The flax supplies most of his clothing. His dye-stuffs are the weeds of the hillside. The volcano furnishes the stone, for his dwelling; the brook, the clay for his pottery. He makes his bed of moss, or husks, or fern-silk. The Faya and the heather give him his fuel. His greatest ambition is to become the possessor of an American lamp, clock, or umbrella (Baker 1882: 111-112).

No que respeita aos pequenos agricultores, é digna de nota a observação de estes aproveitarem tudo para qualquer finalidade, de modo a facilitar o sustento da vida. Para além disso, pouco admira que o produto agrícola que mais desperta o interesse da nossa autora seja o que foi, com efeito, o maior êxito no mercado de exportação açoriano do século XIX: a laranja, então cultivada e exportada pelas camadas sociais mais abastadas (para mais informações, cf. Miranda 1989):

With the usual three-mule carriage and charioteer, and three jacks and their drivers behind to carry our luggage, we started for the Furnas. Leaving the suburbs, the hills grew higher, and were covered with pine-trees, which had a homelike look, or would have had but for the piles of staves for the winter-orange boxes, already sawed and lying in the woods. The orange of San Miguel is the finest in the world, and hundreds of boxes are annually sent to England. The small, flat, thin-skinned, strong-flavored variety native to Morocco, and known as the Tangierina, is also grown here. The orange-season lasts from November to March. Windfalls are never picked up. It often happens that some of the oranges do not come to maturity during the season. These dry up on the trees, but do not drop off, and the next year attain their full size, and ripen in early summer. We gathered delicious Tangierinas from the trees in August, that were the relics of the last year's crop (Baker 1882: 95).

Baseada no conselho de Virgílio (Publius Vergilius Maro; 70 a.C.-19 a.C.), que nas suas *Geórgicas* (1, 75; cf. Zan 2002: 265) propõe a plantação de 'lupini' para fertilizar os campos, a nossa autora aproveita ainda das suas observações na debulha do tremoço nas Furnas para oferecer as seguintes informações sobre o uso dos tremoços nos Açores do seu tempo:

THE Furnas village is far more picturesque than any we have seen.

The streets are narrower, and so hard-trodden, that the peasants use them for a threshing-floor. As we ride through them, our donkeys pick their way carefully between heaps of lupine which the men are threshing with flails before their doors.

"Changing the season", he says, "you will sow the golden corn on that soil from which you shall have first gathered the merry pulse with rattling pod, or the tiny seeds of the vetch, and the brittle stalks and rustling forest of the bitter lupine".

This good advice was so well followed by the Romans that they carried the lupine with them into their conquered provinces; and throughout the Azores, to this day, the leguminous crop alternates with the grain crop.

When about three feet high, the lupine is cut with a sort of two-edged sword, and the stubble is ploughed in for a fertilizer.

The bean of the lupine is very bitter.

The Furnas peasants carry bags of them down to the sea; and, after they are pickled by lying for a few days in the salt water, they are sold at the street-corners as one of the delicacies of the Lenten season (Baker 1882: 108).

3.3.3 Música e passatempos

Também a música açoriana e as danças nos bailes merecem a atenção de Alice Baker:

They are very fond of music and dancing. The viola, an instrument peculiar to the Azores, resembles the guitar and the mandolin, and differs from both. In shape and size, it is like the former. Its music is delicate, and unlike that of any other instrument. It is used as an accompaniment in all their singing and dancing. The favorite dance of Fayal is the Chama Rita. It maybe danced by four, eight, or sixteen. The player begins it by twanging all the strings of his viola together. The self-elected leader of the dance, hopping about in the middle of the room, accompanies the viola at the top of his voice in a monotonous recitative, in which the words "Chama Rita" and "Bella Mia" are of frequent recurrence. One by one the others fall in, walking slowly round each other back to back with a little joyous skip now and then, and snapping their fingers in the air to mark the time, as if with castanets. The dance consists of a polka step, with balancing to partners, and alternately to the rest, with frequent grand right and left, and ladies' chain. Occasionally they pair off for a little waltz. There seems to be no regular sequence for the changes of the dance. Successively, as the spirit moves them, the dancers, male and female, take up the recitative. So, the racket goes on, the shouting of the song, the twanging of the viola, and the snapping of the fingers, until apparently fatigued they pause. Each gentleman then asks his partner whom she will have to dance with next. She signifies her wish to continue with him, or, if she prefers another, the first solicits the chosen one to take his place, and the dance is renewed (Baker 1882: 62-64).

Parece-nos evidente que as palavras «the viola, an instrument peculiar to the Azores, resembles the guitar and the mandolin, and differs from both» se estejam a referir à chamada 'Viola da Terra', modernamente popularizada por Rafael Carvalho, conhecido professor deste instrumento no Conservatório Regional de Ponta Delgada. A descrição bastante pormenorizada das danças populares como a Chamarrita vem complementada pela narração dos eventos no capítulo «A Ball in the Furnas», que tem por objeto um baile que teve lugar numa casa particular nas Furnas na quarta-feira, 3 de setembro de 1879 (Baker 1882: 115-119). No que respeita às preferências para atividades nos tempos livres, a autora ainda oferece o seguinte trecho em que é oferecida uma comparação entre os passatempos de mulheres americanas e mulheres açorianas:

Anton is a very intelligent fellow. He would be called "smart" for a Yankee: for a Portuguese peasant, his energy, his promptness, his shrewdness, and his quick perception of character are remarkable. Our enthusiasm over every thing delights him. He contrasts it with the immobility of the "Ingles". He and the rest of the donkey-men are unwearied in their efforts to entertain us. We asked him one clay which he liked best, – Americans, or Portuguese. Of course, he said Americans, and then threw us into convulsions of laughter by proceeding to explain the difference, and to give his reasons for his preference. He is a perfect mimic; and with unrivalled pantomime, and a few Portuguese words, he gave us the typical lady of both nations.

The senhora Americana sews, writes, reads French and German, and plays the piano; she travels; she likes the burro, and enjoys the buena vista.

The senhora Portuguese does nothing of all this. She reads nothing; she sits at home and fans herself; she "valsa, valsa, sempre valsa", and cares for nothing but "dança, dança, sempre dança". And, fanning himself violently with his hat, Anton waltzed down the road to show us how she did it (Baker 1882: 113-114).

3.4 Emigração e remigração

Deixando de lado a obra de Henriques (1867), a problemática da remigração açoriana aos Estados Unidos da América não tem sido uma preocupação privilegiada dos autores anglófonos que escreveram sobre os açores em oitocentos (cf. Kemmler 2015).

Parece-nos, no entanto, bastante interessante a seguinte perspetiva da emigração ilegal apresentada por Alice Baker:

As we were beating up behind Flores, far away from any sign of human habitation, we saw a thin column of smoke ascending from a narrow ledge on one of the steepest declivities of the island. It grew to a flame. "Some poor fellow wants to come aboard", said the mate.

To avoid the severity of the conscription laws, the young men of the Azores seek to escape from the islands on American vessels. They kindle a bonfire as a signal for a boat. They are taken on board without passports, and stow themselves away among the cargo, out of sight of the custom-house officers. Last year a thousand were carried off in this way. We asked our captain, later, if he ever took them. "Of course, not", he said innocently; "but I noticed one singular thing on my last trip: I had passports for seventy steerage passengers, and I landed one hundred and sixteen in America. It beat all, how they counted out so!" (Baker 1882: 25-26).

Este trecho oferece uma visão importante de um aspeto crucial da emigração de oitocentos, já que na altura da visita das três companheiras ao arquipélago a emigração masculina parece, pelo menos parcialmente, ter estado relacionada com o desejo de os jovens açorianos evitarem ser sorteados para prestarem o «[...] o serviço militar obrigatório, não pago, por cinco anos [...]» (Narciso 1999: 90), segundo o novo regime que estava em vigor desde 1869. Outro aspeto menos positivo é o da remigração forçada de imigrantes que seriam 'inúteis' para a sociedade de acolhimento:

There was no one to welcome the poor old woman of eighty, who stood apart trembling with intense emotion. Her eyes sparkled like beads, and the tears rolled down her wrinkled cheeks. She had gone to America only the year before, to live with her son; but, pining for her island home, was now sent back by the city of New Bedford to die. Eager to land, she tottered up to the steps again and again, when her heart would seem to fail her, and she was rudely jostled aside

by the younger and more active. When at last she was lifted into the boat, and sat there cowering and crossing herself in abject fear, there was not a dry eye among us (Baker 1882: 28).

Perante o drama humano de a mãe octogenária ter sido desterrada da América onde vivia o filho, a fim de regressar à terra natal das Flores para aí morrer, seria interessante saber quantos casos de remigração forçada são de registar nesta fase da história migratória açoriana.

3.5 Observações sobre a língua portuguesa

Como acontece em quase todas as obras anglófonas que oferecem uma descrição do arquipélago dos Açores, também as observações que Alice Baker tece sobre a língua portuguesa não denotam qualquer conhecimento propriamente dito desta língua.

The language of the people is Portuguese. It is interesting to trace the kinship between the tongues of South-western Europe.

The Romans invaded and vanquished the language, as well as the territory, of their neighbors so thoroughly, that a bastard Latin is the speech of all French, Italian, Spanish, and Portuguese possessions today. All the Portuguese nouns are Latin ablatives; and one may usually guess at the adjective by substituting an r for an l in the Latin (the exchange of one liquid for another being apparently no robbery), – for instance, branca for blanca; obrigado for obligate), etc. They chatter like magpies; and when we catch a Latin word, we seize and fling it back to them.

They are mystified; then they shout with delight, the "senhora sabe Portuguese", We don't let them know we don't sabe for awhile. Then, regardless of moods and tenses, and other grammatical trifles, we patch up a mongrel sentence out of our little Latin, Italian, and French.

In nine cases out of ten, they understand and answer, so that we get the substance of what they say. Thus, by sheer audacity we really get a good deal out of the language (Baker 1882: 64-65).

Nem todas as informações da autora estão certas (assim, o caso latino de que derivam os substantivos portugueses é o acusativo), e há algumas observações subjetivas não carecem de comentário. Graças às palavras e frases soltas ao longo de toda a obra, não cabe dúvida acerca dos conhecimentos de latim, italiano e francês que a autora alega ter, mas fica a dúvida se ela igualmente chegou a adquirir algum conhecimento do espanhol escrito. Serve como exemplo da aplicação dos seus conhecimentos de latim o seguinte caso em que Alice Baker ouviu o coaxar de uma rã, o que a leva a perguntar o seu interlocutor açoriano com o termo latino, se eram *ranae* que estavam a fazer o som em questão:

It was as cool as a late October night; and the air was damp, and heavy with the fumes of mephitic gases. The frogs kept up a dismal croaking. "Ranae?" I said tentatively to Anton. "Si, senhora: r-r-r-rã!" he shouted gleefully, with a long roll of the r (Baker 1882: 116).

No que concerne à onomástica portuguesa, a nossa autora não pode deixar de manifestar a sua confusão perante os costumes onomásticos portugueses do seu tempo:

Different members of the same family are known by such a variety of names, that it is difficult to identify them as of one household.

The wife sometimes takes her husband's name: quite as often she does not.

The oldest son appropriates some of the father's ancestral names; the second son, some of the mother's; neither assuming his father's family name.

The patronymic seems to be of little consequence. The personal name is the one to which importance is attached. Inquiring in a shop for the residence of the consul's brother-in-law, we got no satisfaction till it dawned upon the proprietor that we were in search of the Rua de Senhor Jorge. A mother gave us her child's name as Filomena das Angelos. Marias and Pias abound. In the post-office the letters are sorted according to the baptismal name, – a bundle of Antonios, another of Manuels, etc. (Baker 1882: 62).

Evidentemente, o sistema onomástico descrito é o mesmo como no continente oitocentista. Naquela época, o elemento onomástico mais importante ainda costumava ser o nome próprio que cada pessoa recebia no ato do batismo, ao passo que o uso pessoal de um ou mais apelidos maternos ou paternos dependia da pessoa em questão, bem como do uso habitual dentro da família. Mas o que levou a ainda mais confusão junto das nossas viajantes é a importância das alcunhas que acabam por adquirir vida própria dentro da população açoriana e mesmo dentro da família:

One of the drollest of their customs is that of attaching nicknames which in time supersede the real name of the person. The most trivial incident supplies the nickname. For instance, the real name of the father of Anton, one of our donkey-men, was Pereire; but at a pig-killing, an occasion of great merriment, he got the appendage of Ribica, or Pigtail, to his name. Hence Anton is called Anton Ribica; and were he to be spoken of as Anton Pereire, no one would know who was meant. Our old Francisco is nicknamed Panela, or Saucepan; and his son Manuel, the soldier, is always soberly called Manuel Panela (Baker 1882: 112-113).

Parece evidente que nem em todos os casos das alcunhas necessariamente terão passado a outros elementos da família. Assim, seria de crer que o assento do registo paroquial simplesmente mencione o referido António Ribica (Rabicho?) como António, filho de António Pereira. Semelhantemente, a alcunha de Francisco Panela (pelo menos na primeira geração) não deverá ter passado ao filho Manuel...

4. Conclusões

No seu livro *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* de 1882, a professora americana Charlotte Alice Baker deixou testemunho de uma viagem que empreendeu ao arquipélago dos Açores (com uma brevíssima excursão da madeira de 7 a 14 de setembro de 1879) junto com as suas companheiras Susan Minot Lane e Emma Lewis Coleman entre 12 de junho e 27 de setembro de 1879, desembarcando no porto de New Bedford aos 18 de outubro o mesmo ano.

Segundo as palavras da própria autora, o motivo básico para a publicação do seu diário terá sido o desejo de fazer publicidade para o arquipélago açoriano, de modo a oferecer mais informações sobre a população açoriana do que o artigo anterior de Higginson (1860). E na verdade, Alice Baker oferece um manancial de informações e observações interessantes sobre os Açores e os seus habitantes de finais do século XIX.

Como o percurso de Alice Baker e das suas companheiras fez com que estas passassem a maior parte do tempo no Faial e em São Miguel, pouco surpreende que as descrições oferecidas ao longo do seu diário de viagem digam essencialmente respeito aos habitantes destas duas ilhas. A autora de maneira geral presta bastante atenção a uma descrição bastante minuciosa da roupa, do seu fabrico e dos comportamentos relacionados com diversos elementos do vestuário, dando destaque para o capote e a carapuça como peças do vestuário para as pessoas que identifica como mais afluente.

Como reflexo de inícios de um turismo internacional cada vez mais crescente, são de interesse as observações que encontramos sobre os estabelecimentos da hotelaria açoriana, quer seja o 'Hotel Fayal' e o 'Hotel Central' na Horta (ambos com notas positivas), quer seja o 'Hotel Terceirense' de Angra do Heroísmo como pior exemplo de alojamento que as viajantes encontraram durante o seu percurso pelo arquipélago.

É especialmente dentro dos capítulos que descrevem vários aspetos da vida rural, bem como as casas dos agricultores que as viajantes terão visitado pessoalmente quando estiveram no Faial e nas Furnas, que encontramos descrições interessantes das circunstâncias da vida da população açoriana em finais de oitocentos – imagens estas que devem ter parecido bastante pitorescas para uma habitante do espaço urbano de Boston, mas que essencialmente permitem entender hoje que a vida rural era marcada por grande pobreza e pelo trabalho diário de toda a população adulta.

Ao passo que Alice Baker empreenda uma caracterização geral dos açorianos em que entram descritivos como 'cumentos', 'ingénuos', 'supersticiosos', 'cobardes', 'inconsistentes', 'impulsivos', 'irracionais', 'irresponsáveis', mas também como 'sensíveis', 'contentes', 'moderados', 'gentis', 'delicados' e 'atenciosos' etc. Tudo isto, e mais ainda, ao passo que a autora constata que os açorianos se mostrariam violentamente opostos a qualquer proposta de uma mudança na sua maneira de viver.

Mas apesar destas características tanto negativas como positivas do povo açoriano na sua generalidade, a autora identifica especialmente nos faialenses uma dignidade e nobreza de espírito que os destaca dos restantes habitantes do arquipélago – características estas que não hesita atribuir à influência positiva da família consular americana dos Dabney na ilha... Os comentários sobre a agricultura movimentam-se dentro daquilo que conhecemos da literatura de viagens anterior. São, no entanto, os detalhes das observações que Alice Baker tece sobre a música e a prática contemporânea das danças nos bailes que merecem destaque especial, já que evidenciam uma descrição bastante minuciosa, certamente motivada pelo interesse pessoal pelo objeto de descrição.

Desde a segunda metade do século XIX, o tema da emigração aos Estados Unidos passa a ser um assunto importante na literatura anglófona sobre os Açores. Neste quadro, Alice Baker apresenta dois casos interessantes, nomeadamente a emigração ilegal de jovens açorianos que pretendiam escapar ao sorteio do serviço militar obrigatório, ao passo em que menciona um caso específico de remigração em que uma idosa florentina de oitenta anos terá sido desterrada de New Bedford para morrer na sua terra de origem (e em desembarço do país de acolhimento).

Não nos parece, enfim, descabido afirmar que as observações da autora sobre a população açoriana ao longo de toda a sua obra permitem, antes de mais, perceber que ela mostra sempre uma sensibilidade especial para as condições de vida e o estatuto social das mulheres açorianas numa sociedade que ela percebia como sendo repressiva.

Julgamos que esta tomada de posição de Alice Baker possa ser percebida como um reflexo das dificuldades com as quais ela, como mulher solteira que vivia numa união de facto publicamente não assumível com duas mulheres, certamente podia simpatizar

5 Referências bibliográficas

Baker, C[harlotte] Alice (1882): *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.

Baker, C[harlotte] Alice (1897): *True Stories of New England Captives: Carried to Canada During the Old French and Indian Wars*, Cambridge; Greenfield: Press of E. A. Hall & Co.

Baker, C[harlotte] Alice / Coleman, Emma Lewis (1924): *Epitaphs in the old burying-ground at Deerfield, Mass.*, Deerfield, Massachusetts: The Pocumtuck Valley

Memorial Association.

Calendar 1879 = «Calendar for Year 1879 (United States)», em: www.timeanddate.com/calendar/custom.html?year=1879&country=1&cols=3&lang=en&df=1 (última consulta: 1 de outubro de 2017).

Cameron, Mabel Ward (1924): «Baker, Charlotte Alice», in: Cameron, Mabel Ward (1924, I): *The Biographical Cyclopaedia of American women*, Volume I, New York: The Halvord Publishing Company, págs. 345-347.

Chapin, Charles Wells (1893): *Sketches of the Old Inhabitants and Other Citizens of Old Springfield of the Present Century, and its Historic Mansions of "Ye Olden Tyme"* with one hundred and twenty-four illustrations and sixty autographs, Springfield, Mass.: Press of Springfield Printing and Binding Company.

Cosner, Shaaron / Scanlon, Jennifer R. (1996): «BAKER, CHARLOTTE ALICE (1833-1909) New England History», em: Cosner, Shaaron / Scanlon, Jennifer R. (1996): *American Women Historians, 1700s-1990s: A Biographical Dictionary*, Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, pág. 10.

Guide (2013a) = «Guide to the Papers of Charlotte Alice Baker», in: <https://deerfield-ma.org/wp-content/uploads/2013/10/C.-Alice-Baker-Papers.pdf> (última consulta: 1 de outubro de 2017).

Guide (2013b) = «Guide to the Papers of Emma Lewis Coleman», in: <https://deerfield-ma.org/wp-content/uploads/2013/10/Guide-to-the-Emma-Lewis-Coleman-Papers-1-1.pdf> (última consulta: 1 de outubro de 2017).

Guide (2017) = «Guide to the Lane Family Papers», in: <https://deerfield-ma.org/wp-content/uploads/2017/03/Lane-Family-Papers.pdf> (última consulta: 1 de outubro de 2017).

Henriques, M[anuel] Borges de F[reitas] (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

[Higginson, Thomas Wentworth] (1860): «Fayal and the Portuguese», em: *The Atlantic Monthly: A magazine of literature, science, art, and politics* (November 1860), pages. 526-544.

Kemmler, Rolf (2015): «Os Açores vistos por um açoriano na diáspora: *A Trip to the Azores or Western Islands* (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2015b): *Atas / Anais 2015 XXIV Colóquio da Lusofonia, Santa Cruz da Graciosa, 24-27 de setembro de 2015*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-06-5), pasta 'CD ATAS', ficheiro 'ATAS 2015 graciosa.pdf', págs. [212-224].

Lockwood, J. Samaine (2015): *Archives of Desire: The Queer Historical Work of New England Regionalism*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press.

Miranda, Sacuntala da (1989): *O Ciclo da Laranja e os 'gentleman farmers' da Ilha de S. Miguel*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Narciso, Raimundo (1999): «O Serviço Militar e a Cidadania», em: *Nação e Defesa* Nº 91 (2.ª Série; outono de 1999), págs. 67-94.

NYH (1879) = «American Ports», em: *The New York Herald* 15765 (Tuesday, October 21, 1879), p. 12.

Tryon, Rolla M. / Tryon, Alice F. (1982): *Ferns and Allied Plants: With Special Reference to Tropical America*, Habitat Photography Principally by Walter H. Hodge, New York; Heidelberg; Berlin: Springer Verlag.

Zan, Sérgio Monteiro (2002): «Georgicon I, Uma tradução», em: *Uniletras* 24/1 DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/uniletras.v24i1.253>, págs. 245-284, em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/Article/253> (último acesso: 1 de outubro de 2017).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020.

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL.

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDAÇÃO 2015, 24º NA ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017

REGRESSAR ÍNDICE

64. SÉRGIO ÁVILA, BIÓLOGO, UNIV. DOS AÇORES, CONVIDADO AICL

SÉRGIO ÁVILA avila@uac.pt <http://www.mpb.uac.pt> n. Lajes do Pico, 1 de novembro de 1967

Investigador Auxiliar (Pós-Doutoramento, Centro do IMAR e Departamento de Biologia, Univ. dos Açores).

Natural da ilha do Pico (Açores), Sérgio Ávila é Mestre e Doutor em Biologia pela Universidade dos Açores (2000).

Especializado (2005) em Biogeografia e Paleontologia de ecossistemas marinhos litorais, interessa-se também pelos fenómenos evolutivos em ilhas oceânicas e em montes submarinos.

É autor de mais de 100 artigos em revistas internacionais e nacionais e de mais de 60 comunicações orais em Congressos Científicos Internacionais.

Participou já em mais de 30 expedições científicas e organizou nos Açores 15 Workshops internacionais para estudar os fósseis da ilha de Santa Maria, bem como Congressos internacionais relacionados com esta temática.

Desde junho de 1998 que colabora com a Secção de História Natural do Museu Carlos Machado na atualização da classificação taxonómica da coleção de moluscos marinhos dos Açores.

Em 1999 iniciou na Universidade dos Açores a investigação na área da Paleontologia, da qual é o responsável desde 2006, por nomeação do Departamento de Biologia.



É autor de vários livros:

“Parque Natural Regional da Plataforma Costeira das Lajes do Pico (Açores). Proposta de implementação” (2000),

“A Balada das baleias” (fotografia) (2007),

“Açores o Império dos Fósseis” (2009),

“Os fósseis de Santa Maria (Açores) – A jazida da Prainha” (2010),

“Lajes do Pico – À ban-baxe-muro” (2011),

“PaleoPark Santa Maria” (2013) e

“Açores a Preto e Branco” (fotografia) (2017).

Desde 2014 que coordenou e produziu, em conjunto com o realizador José Serra, programas de televisão relacionados com a divulgação da Ciência efetuada nos Açores:

2014: Os Fósseis de Santa Maria – Açores (4 episódios de 30 minutos);

2015: Sete Cidades: da lenda à realidade (grande reportagem de 57 minutos);

2016: Santa Maria, a ilha que nasceu duas vezes (27 minutos);

2016: Jovens Cientistas dos Açores (12 episódios de 10 a 14 minutos).

2017: Ribeira Grande: a Cidade dos moinhos (grande reportagem de 60 minutos)

É o coordenador científico da “Casa dos Fósseis” em Vila do Porto (Santa Maria), tendo sido também o responsável pelos conteúdos da exposição permanente deste Museu inaugurado a 19 de setembro de 2016.

Nos tempos livres (que agora escasseiam), dedicou-se à música, tendo sido o fundador dos TUNÍDEOS – Tuna Masculina da Universidade dos Açores). Foi durante muitos anos o maestro desta Tuna e coproduziu o 2º CD dos TUNÍDEOS, “Ao Vivo e Enlatado”.

É o autor da música “Cidade”, o hino oficial da cidade de Ponta Delgada.

A paixão pela fotografia é um passatempo antigo, tendo realizado a sua primeira exposição individual em agosto de 1987, na vila das Lajes do Pico. Desde então já efetuou 14 exposições individuais nos Açores e em Portugal Continental.

Autor de 2 livros de fotografia (*A Balada das Baleias, Aldeias Históricas de Portugal*).

Principais Hobbies:

estar com a família e brincadeiras com os filhos, sempre que possível, fotografia, mergulho subaquático, compor e ouvir música, tocar piano, ver exposições de pintura e fotografia, arquitetura, visitar museus, ler muito (ciência, filosofia, história e arte), e viajar e conhecer outros países e novas culturas

PUBLICAÇÕES DOS ÚLTIMOS ANOS: Número total de publicações: 51

(2005), A.C. Santos A.M. Penteado, A.M. Rodrigues, I. Quintino & M.I. Machado. “The molluscs of the intertidal algal turf in the Azores”. *Iberus*, 23 (1): 67-76.

(2005). “De onde vieram os moluscos litorais dos Açores?” *Palestra no Clube Naval de Santa Maria*, 21 mai

(2005). “Patterns and Processes of Dispersion, Colonization and Speciation in Oceanic Islands: the marine littoral molluscs of the Azores as a case-study”. 5 *palestras efetuadas no CIBIO*, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto, 17 fevº.

(2005). “Probable routes of colonization of the islands of the Azores: patterns and processes of dispersion and colonization of the littoral marine molluscs”. *Congresso Português de Malacologia*. Albufeira, Portugal, 5: 16-17

(2005). “Processos e Padrões de Dispersão e Colonização nos Rissoidae (Mollusca: Gastropoda)”. Tese de Doutoramento. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, x + 327

(2005) Cardigos, F., A. Colaço, P. R. Dando, P.-M. Sarradin, F. Tempera, P. Conceição, A. Pascoal & R. Serrão Santos. Characterization of the shallow water hydrothermal vent field communities of the D. João de Castro Seamount (Azores). *Chemical Geology*, 224: 153-168

(2006) Cardigos F., F. Tempera, J. Gonçalves, A. Colaço & R. S. Santos. Invasive Marine Species in the Azores. *Helgoland Marine Research*, 60(2): 1-10

(2006). Oceanic islands, rafting, geographical range and bathymetry: a neglected relationship? *In: Hayden, T.J., D.A. Murray & J.P. O'Connor (Eds). Proceedings of the 5th international symposium on the fauna and flora of Atlantic Islands. Dublin, 24-27 August 2004. Occasional Publication of the Irish Biogeographical Society*, 9: 22-39

(2006) Madeira, P., 2006. Jazidas Fósseis. *In: Calado, H., J. Porteiro, M. Pereira & A.Z. Botelho (Coordenação Científica). Plano de ordenamento da Orla Costeira – Santa Maria. Fase I – Caracterização e Diagnóstico. LITOSOST: Gestão Sustentável do Desenvolvimento Social, Económico e ecológico das Áreas Litorais da Macaronésia: 74-76*

(2007) Kirby, M.X., D.S. Jones. Neogene shallow-marine paleoenvironments and preliminary Strontium isotope chronostratigraphy of Santa Maria Island, Azores. *In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 112-125*

(2007). *A balada das baleias* com Ermelindo Ávila e Sidónio Bettencourt. Ed. VerAçor

(2007) Stevens, M. Fossil whales from the Azores. *In Ávila, S.P. & A. M. De F. Martins, (Eds.), Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 140-161*

(2007) Madeira, P., A. Kroh, A.M. De Frias Martins. The marine fossils from Santa Maria Island (Azores, Portugal): an historical overview. *In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 59-73*

(2007) & A. M. De Frias Martins (Eds.) Palaeontology in Atlantic Islands. *Proceedings of the 1st Atlantic Islands Neogene, International Congress. Açoreana, Supplement 5: 1-172*

(2007) Calado, H. & P. Madeira. The Coastal Zone Management Plan of Santa Maria as a chance for fossiliferous outcrops management. *In: & A. M. De Frias Martins (Eds.): Proceedings of the “1st Atlantic Islands Neogene”, International Congress, Ponta Delgada, 12-14 June 2006. Açoreana, Suplemento 5: 162-172*

(2007) F. Cardigos & R. S. Santos. Comparison of the community structure of the marine molluscs of the “Banco D. João de Castro” seamount (Azores, Portugal) with that of typical inshore habitats on the Azores archipelago. *Helgoland Marine Research*, 61: 43-53

(2007). Diving in the middle of nowhere D. João de Castro, a shallow seamount with hydrothermal vents (Azores: Portugal). *Global Marine Environment*, 5: 35

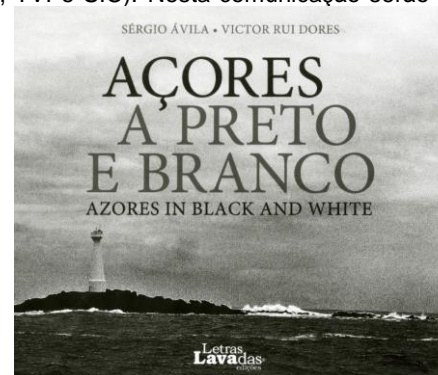
- (2007) P. Madeira, F. García-Talavera, C. Marques Da Silva, M. Cachão & A. M. De Frias Martins. *Luria lurida* (mollusca: gastropoda), a new record for the Pleistocene of Santa Maria (Azores, Portugal). *Arquipélago*, 24:53-56
- (2008) P. Madeira, C. Marques Da Silva, Mário Cachão, B. Landau, R. Quartau & A.M. De Frias Martins. Local disappearance of bivalves in the Azores during the last glaciacion. *Journal of Quaternary Science*, 28: 777-785. doi.wiley.com/10.1002/jqs.1165
- (2008) P. Madeira, N. Mendes, A. Rebelo, A. Medeiros, C. Gomes, F. García-Talavera, C. Marques Da Silva, M. Cachão, C. Hillaire-Marcel & A. M. De Frias Martins. Mass extinctions in the Azores during the last glaciacion: fact or myth? *Journal of Biogeography*, 35: 1123-1129
- (2008) Janssen, A.W., A. Kroh. Early Pliocene heteropods and pteropods (Mollusca, Gastropoda) from Santa Maria Island (Azores, Portugal): systematics and biostratigraphic implications. *Acta Geologica Polonica*, 58: 355-369
- (2008) Kroh, A., M.A. Bitner. Brachiopods from the Early Pliocene of the Azores (Portugal). *Acta Geologica Polonica*, 58:473-478
- (2008) P. J. Melo, A. Lima, A. Amaral, A. M De Frias Martins & A. Rodrigues. The reproductive cycle of the rissoid *Alvania mediolittoralis* Gofas, 1989 (Mollusca, Gastropoda) at São Miguel Island (Azores, Portugal). *Journal of Invertebrate Reproduction & Development*, 52: 31-40
- (2009), com Monteiro, Pedro. Açores. *O Império dos Fósseis*. 272 pp. Porto, ed. Caixotim.
- (2009) P. Madeira, C. Zazo, A. Kroh, M. Kirby, C. M. Da Silva, M. Cachão & A. M. De Frias Martins. Palaeoecology of the Pleistocene (MIS 5.5) outcrops of Lagoinhas and Prainha. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 274: 18-31
- (2009) Martins, A.M. De F., J.P. Borges, A.C. Costa, P. Madeira & B. Morton. Illustrated checklist of the infralittoral molluscs off Vila Franca do Campo. *Açoreana*, Suplemento 6: 15-103
- (2009) C. Marques Da Silva, R. Schiebel, F. Cecca, Thierry Backeljau & A. M. De Frias Martins, How did they get here? Paleobiogeography of the Pleistocene marine molluscs of the Azores. *Bulletin of the Geological Society of France*, 180: 295-307
- (2009) R. Martins, J.P. Constância, A.Z. Botelho, J. Medeiros, M. Toste, M. Parente & R. Cordeiro. *Livro de Resumos “I Congresso dos Biólogos dos Açores”*, 56 pp. Conselho Regional dos Açores da Ordem dos Biólogos, Ponta Delgada
- (2009). Geologia e os fósseis. In: Publiçor (Eds.). *Açores. Santa Maria, a Ilha Amarela*. Publiçor Editores, Ponta Delgada: 16-23
- (2010) J. Goud & A. M. De Frias Martins. Patterns of diversity of the Rissoidae (Mollusca: Gastropoda) in the Atlantic and in the Mediterranean region. *Malacologia*
- (2010) Braga-Henriques, A., M. Carreiro-Silva, F. Porteiro, V. De Matos, Í. Sampaio, O. Ocaña. The association between a deep-sea gastropod *Pedicularia sicula* (Caenogastropoda: Pediculariidae) and its coral host *Errina dabneyi* (Hydrozoa: Stylasteridae) in the Azores. *ICES Journal of Marine Science*. doi: 10.1093/icesjms/fsq066. (Impact ~~Fator~~Fator 2009= 1,920
- (2010), Winkelmann, K., J.S. Buckeridge, A.C. Costa, M.A.M. Dionísio, A. Medeiros, M. Cachão, *Zullobalanus santamariaensis* sp. nov. a new late Miocene barnacle species of the family Archeobalanidae (Cirripedia: Thoracica), from the Azores. *Zootaxa* (accepted; in review).
- (2010) J. P. Borges & A. M De Frias Martins. The littoral Trochoidea (Mollusca: Gastropoda) of the Azores. *Journal of Conchology* (accepted; in review).
- (2010) A. Rebelo, A. Medeiros, C. Melo, C. Gomes, L. Bagaço, P. Madeira, P.A. Borges, P. Monteiro, R. Cordeiro, R. Meireles & R. Ramalho. *Os fósseis de Santa Maria (Açores). 1. A jazida da Prainha*, 103 pp. OVGA – Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores, Lagoa

Tema 1.3. Ciência, turismo e divulgação científica de mãos dadas: o exemplo dos fósseis de Santa Maria, ÁVILA, S. P. ⁹³

Desde 2002, que uma equipa de investigação científica pesquisa a ilha de Santa Maria. Biólogos, paleontólogos e geólogos juntaram-se com o mesmo desiderato: explorar, decifrar e promover o riquíssimo património geo-bio-paleontológico que a ilha mais antiga dos Açores possui. Mais de 70 investigadores contribuíram para este projeto multidisciplinar, em áreas tão diversas como a biologia e geologia marinhas, geoquímica, sedimentologia, vulcanologia, paleontologia, icnologia, turismo, design e marketing. Para além do conhecimento científico acumulado, que se traduziu em dezenas de artigos publicados, a estratégia de investigação da equipa foi também orientada para a divulgação dos resultados dessa pesquisa, através de projetos com impacto económico no tecido empresarial, os quais foram efetivados através de vários projetos (ex: “Rota dos Fósseis”, “PaleoParque Santa Maria”, “Evolução de Plataformas Marinhas”). A divulgação científica está centralizada no Museu “Casa dos Fósseis”, bem como em vários livros publicados e dirigidos para o grande público. Nos últimos anos, foi efetuada uma forte aposta na produção de documentários de

⁹³ CIBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, InBIO Laboratório Associado, Polo dos Açores, Azores, Portugal, ² Departamento de Biologia, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade dos Açores, 9501-801 Ponta Delgada, Açores, Portugal, ³ MPB-Marine PalaeoBiogeography Working Group of the University of the Azores, Rua da Mãe de Deus, 9501-801 Ponta Delgada, Açores, Portugal

TV, os quais têm tido boa aceitação quer do público, quer dos canais televisivos nacionais (RTP, TVI e SIC). Nesta comunicação serão abordados estes assuntos,



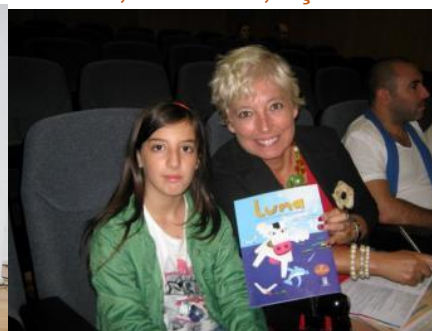
discutidas as últimas descobertas e indicada a direção da investigação a seguir nos próximos anos.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL
TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ
REGRESSAR ÍNDICE

65. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA, S MIGUEL, AÇORES



SEIA 2014



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, AUTORA **INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE**

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores. Pós-graduada em “*Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho*” pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores

Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores. É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada. Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de Atas.

BIBLIOGRAFIA

2002, “A Denúncia é certamente uma atitude apoiada” – Açoriano Oriental – 8 de março de 2002.

2003, “Cada pessoa vive a sua sexualidade” – Açoriano Oriental – 9 de maio de 2003;

2003, “Discriminação Positiva nos Açores em Diploma do Governo Regional”, *Notícias* – CIDM – Presidência do Conselho de Ministros – abril de 2003;

2003. Lutando pelos direitos das mulheres nos Açores” – *in As Mulheres nos Açores e nas Comunidades* – Rosa Simas – 2003;
 2003, “Intervenção de Abertura” – *in Igualdade de Oportunidades no Trabalho e no Emprego* – CCRDM – SRAS – maio 2003;
 2003, “8 de março, porquê?” – *Correio dos Açores* – 8 de março de 2003;
 2004, “Nota de abertura” do Livro *História da Problemática das Mulheres nos Açores*, de Ana Isabel Sousa, Edição da Autora, 2004;
 2004, “Violência contra a mulher: não podemos ignorar” – *Correio dos Açores* – 25 de novembro de 2004;
 2004, Abordagem à importância de um Debate sobre a família” – *Açoriano Oriental* – 15 de setembro de 2004;
 2004, “O Serviço de apoio domiciliário”, *Revista da Segurança Social* – 2004;
 2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,
 2005- Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, ed. DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e Almeida, Natália, 2005, Diferentes. iguais em direitos. Demonstração ed. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
 2005, “Por uma maioria esquecida” – *Correio dos Açores* – 22 de janeiro de 2005;
 2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, ed. Instituto Ação Social
 2006, “A Importância do voluntariado nas sociedades contemporâneas”, *in 20 Anos de interajuda* – Liga dos Amigos do Hospital de Ponta Delgada - dezembro de 2006;



GRACIOSA 2015



21º colóquio da lusofonia, moínhos de porto formoso 2014]



GRACIOSA 2015

2007. Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição da Associação de Paralisia Cerebral de São Miguel – (Esgotado); Margarido, Susana Teles. 2007, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, il. André Laranjinha, - (2.ª Edição); Ponta Delgada, ed. Artes E Letras
 2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª Ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe
 2008, Definir Conceitos – Esclarecer Dúvidas”, *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;
 2008, «Violeta», um Projeto para sempre...”, *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;
 2008, Literatura Infantil: uma via para o sucesso”, *Crianças e Jovens em Risco*, Revista IAS n.º 2 – novembro de 2008;
 2009, coordenação editorial, REVISTA Instituto de Ação Social (até ao dia 30 de setembro de 2009);
 2009. Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, ed. Livro Direto
 2009. De outra cor, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades
 2009. Um natal encantado, Maia, ed. Livro Direto
 2009. Sou diferente, sou fantástico, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, DRIO (Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e da Direção Regional da Educação e Formação Profissional)

2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, ed. SRTSS, DRIO, Edição da Direção Regional da Igualdade de Oportunidades –
2010, membro do conselho editorial do programa «VIDAS», em transmissão semanal da RTP-Açores, em 2010 (um programa sobre o Direito à Igualdade).
2010, O anjo do lago, com Fedra Santos, Maia, ed. Livro Direto
2010. Afinal, o que é a solidão? Uma tentativa de definição!”, *Atualidade*, Revista IAS n.º 3 – março de 2010;
2011. Minha querida avó. ed. Livro Direto
2015. Mundos maravilhosos nos Contos de Sophia, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundação
2015, A literatura infantil no desenvolvimento, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundação
2015, SAHAR, a rapariga do véu, Ponta Delgada, Letras Lavadas

POESIA NO FUNDÃO 23º COLÓQUIO 2015

https://www.youtube.com/watch?v=T8sD_x0oTO8&index=80&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #26 EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VÍDEO HOMENAGEM EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/2028-homenagem-aicl1-a-susana-margarido.html>

SÓCIA DA AICL

PARTICIPOU NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015.

Tema 2.1.: APRESENTA LIVRO INFANTOJUVENIL DE JOSÉ RAMOS-HORTA, o mundo perdido de Timor-Leste

Considero-me uma privilegiada por receber o convite do Chrys, para apresentar este conto infantil, escrito a duas mãos, sendo que apenas um dos nomes me é familiar; é familiar a todos nós: **José Ramos Horta**.

No entanto, não posso deixar de vos apresentar a sua companheira de escrita Patrícia Rich, uma paleontóloga australiana e ornitóloga, de origem americana. Nasceu e foi educada nos Estados Unidos. Tem um Bacharelado em paleontologia, na Universidade de Berkeley e um mestrado em geologia e doutoramento na Universidade da Columbia. Migrou para a Austrália em 1976, onde enveredou numa sucessão de cargos académicos na Universidade de Monash, em Melbourne. Tem publicado vários livros premiados sobre ciência popular. E inúmeros artigos em revistas científicas.

O ilustrador, deste livro, é o artista Peter Truslerf, que faz ilustrações desde criança. O seu estilo é muito amplo vai desde o científico ao abstrato, do gráfico de computador ao desenho animado. Algumas das suas obras podem ver-se nos murais da National Geographic Society em Washington, no Museu de História Natural em Londres, e no muro de David Attenborough. Peter têm doutoramento em Ciências da Terra e do Meio Ambiente num trabalho de reconstrução detalhada de uma megafauna antiga da Austrália e um olhar detalhado de como a arte da paleocultura só pode ser realizada por uma compreensão profunda do mundo moderno e uma profunda compreensão do registo de rocha que preservou o material fóssil em que ele estava respirando a vida.

José Ramos Horta, atual Ministro de Estado e Conselheiro para a Segurança Nacional do governo da RDTL foi:

Presidente da República Democrática de Timor-Leste (2007 - 2012)

Primeiro-ministro e Ministro da Defesa (2006-2007)

Vice-Primeiro-Ministro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação (2002-2006)

Membro do Gabinete, Administração Transitória das Nações Unidas para Timor-Leste - UNTAET (2000-2002)

Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Comunicação no 1º Governo proclamado em dezembro 1975 após a Declaração Unilateral de Independência de Timor Leste, Porta-voz da Resistência (1975-1999).

- Presidente do Painel de Alto Nível sobre Operações de Paz da ONU,

- Copresidente da Comissão Independente Multilateral (Reforma da ONU).

- Representante Especial do Secretário-geral da ONU e Chefe da Missão Integrada da ONU de Apoio à Construção da Paz na Guiné-Bissau

- Vice-Presidente do Conselho Asiático de Paz e Reconciliação

Está sobejamente documentada a dedicação e o empenhamento de Ramos-Horta na proteção e promoção dos Direitos Humanos que não se limita nem se limitou ao seu próprio país, Timor-Leste.

Tem uma vasta Vida Académica

Com vários diplomas em diferentes áreas, mas com particular incidência nas relações internacionais

É membro honorário, assistente e professor convidado em conhecidas universidades mundiais

Tem mestrado e doutoramento em estudos da Paz

*É Membro de vários importantes organismos internacionais
Para além das línguas-mãe Tétum e Português, fala fluentemente Inglês, Francês e Espanhol.
Recebeu vários Prémios, nomeadamente:
Ordem de Timor-Leste (2012)
Ordem de Dom Boaventura (2006)
Prémio Nobel da Paz (1996)
Ordens Honoríficas de Portugal, Brasil, Cuba e Cabo Verde
Tem vários Prémios Internacionais e tem, também, diversos Livros e outras obras publicadas*

Agora, um novo desafio vem preencher a curiosidade dos leitores mais pequenos, das crianças, através de um conto infantil de carácter lúdico-pedagógico sobre o surgimento da ilha de Timor.

Tal como o título sugere, «*O mundo perdido de Timor-Leste – Um rapaz e um crocodilo viajam através dos tempos*», trata-se de uma viagem no tempo, através de milhares de anos... até aos primórdios da formação da terra, onde o ser humano ainda não existia.

Logo na apresentação da obra, José Ramos Horta, fala-nos de dois companheiros lendários: um menino e um crocodilo e apela à imaginação do pequeno leitor de forma direta: «*Vamos imaginar que eles continuam as suas viagens fantásticas ao passado, à procura dos primórdios da nossa encantadora ilha*». É neste momento que a criança começa a imaginar outros mundos. Terá de sair da realidade e entrar noutra dimensão; na fantasia.

Vai ter de deixar o século XXI, com a televisão, o telemóvel, a internet... e viajar através vários milhões de anos.

Não posso deixar de chamar a atenção para algo que noutras ocasiões já fiz referência:

«A principal e fundamental finalidade da literatura infantil é a de desenvolver, na criança, o gosto pela leitura, o prazer perante a criação de universos de ficção. Tem também a tarefa de introduzir as palavras no mundo mágico da criança, possibilitando-lhe não só percebê-las e usá-las, como também usufruir delas no contexto da imaginação.

A literatura infantil procura exprimir aspetos da realidade através de um sistema de representações, quase sempre com apelo à fantasia». (STM)

Embora o carácter pedagógico esteja patente ao longo de toda a obra, a ficção vem dar o tempero lúdico ao conto, começando com uma amizade improvável entre um rapaz e um crocodilo, baseada numa lenda timorense.

O rapaz salvou o crocodilo, mas não é explicado o “como” e o “porquê” ficando esta parte à responsabilidade da imaginação do leitor.

A ação produtiva do leitor consiste em preencher os espaços vazios criados para que possa perceber a pluralidade de sentidos do texto. O texto literário comporta sempre uma parte “não-escrita”, ou seja, campos por descobrir que estimulam a ação do leitor. O texto pode, assim, exercer uma influência considerável na imaginação do leitor.

Umberto Eco, refere na sua obra «*Leitura do Texto Literário*» que um texto está repleto de “espaços em branco” para deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, ainda que habitualmente deva ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade: «*um texto quer que alguém o ajude a funcionar*» (ECO, 1993: 55); e acrescenta «*um texto é emitido para que alguém o atualize – mesmo quando não se espera (ou não se deseja) que esse alguém exista concreta e empiricamente*» (ECO, 1993: 56).

Este (nosso) crocodilo, que poderia ser uma figura terrífica, revela-se amigável e sábia, pois é ele que explica ao rapaz a evolução do planeta ao longo da História, em particular a formação de Timor-Leste. Aliás, numa das ilustrações pode observar-se a ternura e a cumplicidade das duas personagens – o menino com o braço por cima do crocodilo, a olharem para o infinito.

Esta relação só pode, de facto, ter lugar nos chamados contos maravilhosos, onde tudo é possível, onde todos os sonhos parecem concretizarem-se.

É esta a grande vantagem dos contos maravilhosos!

O inexplicável, o sobrenatural, a magia e o mistério são componentes imprescindíveis. No mundo do maravilhoso, todos os seres podem ter vida e movimentarem-se por leis de encantamento e de magia.

Neste caso, há a metamorfose de um animal, que adquire características humanas: a linguagem e os sentimentos.

Este conto começa como a maioria dos contos maravilhosos «*Num tempo longínquo.*»

Passa de seguida para um diálogo entre o narrador e o leitor: «*Imagina poder ir de Timor até Lombok sem precisar de um navio*». Mostra ao leitor as dificuldades dos povos inicialmente nómadas e depois sedentários, as adversidades que tinham de enfrentar quando ainda não havia fogo e os seus medos dos trovões e relâmpagos. Isto permite que a criança se familiarize com os problemas da vida e que perceba que todos têm medos.

É mais uma entre muitas a vantagem da literatura: criar mecanismos que preparem a criança para refletir sobre a realidade.

Conhecer algumas das adversidades da vida através da leitura de contos não será a solução de todos os problemas. No entanto, como eles atuam também no inconsciente, podem ajudar a criança a perceber ou a resolver melhor determinados conflitos, através da aproximação às personagens.

A criança nasce ávida de descobertas e assimila tudo o que possa estimular a sua criatividade.

Compete aos adultos oferecerem-lhe recursos para que essas necessidades possam ser satisfeitas, de uma forma semelhante aos alimentos que as tornarão fortes e saudáveis.

Os contos maravilhosos tornam-se, deste modo, essenciais para que a criança consiga, através da imaginação, aproximar-se da realidade.

A dicotomia, que divide as personagens em boas ou más, belas ou feias, fortes ou fracas, facilita a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.

O “*maravilhoso*” é constituído por situações que ocorrem fora do nosso entendimento, do espaço e do tempo ou em local vago ou indeterminado. Estes fenómenos não obedecem às leis naturais, mas são aceites no contexto em que se inserem: a ficção.

Este rapaz não tem nome: é “o *Menino!*” A presença de personagens crianças nas histórias infantis como protagonistas é de extrema importância e essa importância revela-se sobretudo no facto da criança se ver representada ou simbolizada na ficção, permitindo-lhe criar um maior interesse pela leitura.

As comparações que as crianças fazem entre os seus problemas e os temas dos contos, têm sido facilitadas pela não especificidade do tempo e do lugar e a identificação com as personagens, por vezes, é ajudada, precisamente, pela ausência de nome próprio.

Temos nesta obra momentos de magia e um tempo não especificado... cito, «*Envoltos em magia, o menino e o crocodilo viajaram no tempo*».

A conceção espacial, nos contos infantis, assim como a temporal apresentam uma indefinição em virtude do carácter mítico assumido pela narrativa, uma vez que toda a construção mítica não se submete à coerência característica do pensamento lógico.

A convivência, porém, entre o mundo mágico e o real é possível, já que no universo do mito não há separação entre os dois mundos.

No entanto, a indefinição não representa a ausência, pois o desenvolvimento da história depende das ações praticadas pelas personagens, as quais só podem ser realizadas num enquadramento espaciotemporal.

Outro aspeto que destaco neste conto - para além do rapaz não ter nome -, é a ausência de afinidades com outras pessoas, nomeadamente com familiares.

O único relacionamento que este rapaz tem é com um animal. Foi, assim, criado um espaço que permite a comunhão com a natureza, ao longo dos tempos, o encontro com a solidão e o isolamento em relação aos adultos comuns.

Neste mundo só existe o rapaz e o crocodilo.

A ausência de outras personagens permite que o leitor se concentre nestes dois protagonistas e atinja a mensagem mais facilmente: e a mensagem é... conhecer a formação de Timor Leste.

Ao mergulharem nas «*profundezas daquele imenso mar*» o rapaz adquire uma característica sobrenatural: consegue viajar sem respirar. Temos, de novo aqui, um momento de magia.

Como se um ser maravilhoso (tipo uma fada) lhe desse um poder que lhe permite sustentar a respiração por tempo indeterminado.

Encontramos, também, momentos poéticos... «*Os lírios do mar têm braços que ondulam ao sabor das correntes*» ..., MAS este momento é interrompido por um momentâneo regresso ao presente em que o rapaz diz: «*Eu vi coisas como estas rochas junto à torre da Telecom*».

Nesta obra destaca-se a importância de diversas ciências: a geografia, a geologia, a biologia – no que respeita à fauna e à flora marítimas - a astronomia e a História (da formação do planeta).

Tudo isto a par com a magia de se viajar no tempo, de não respirar, de se ser amigo de um animal feroz.

Mas o final é um dos momentos mais mágicos, na minha opinião, obviamente, de toda a história:

O crocodilo deitou-se, feliz, para descansar, após a grande incursão no tempo, o menino também estava muito feliz pelo que aprendera, pois passara a compreender a sua Ilha Natal e o seu povo, então... Cumprida a missão... o crocodilo transforma-se em ilha.

A amizade permanecerá, já não pelo animal – que desaparece -, mas por aquilo em que ele se transformou... Um PAÍS.

Parabéns, Dr. Ramos Horta e obrigada por nos dar a possibilidade de conhecer melhor a formação de Timor-Leste.

REGRESSAR ÍNDICE

66. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, PROFESSOR APOSENTADO, PICO. AICL. Autor homenageado em 2017



LOMBA DA MAIA 2016

FUNDÃO 2015

LOMBA DA MAIA 2016

Lagoa 2012

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado)

Nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.

Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

- Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.
- Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.
- Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertence e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-15 e 2015-16.

Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016.

No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, Português, Contrabandista. Atualmente, coordena com Carlos Alberto Machado a reedição da obra de José Martins Garcia para a editora Companhia das Ilhas.

Bibliografia

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaio sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaio Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. [Rota sibilina: pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal.](#)

1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte/Signo.

- 1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Agua de verão, Ponta Delgada, Signo.
- 1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta
- 1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.
- 1989 O Gosto das Palavras I. 2ª Ed, II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,
- 1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229
- 1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FARIA, Carlos, *São Jorge Ciclo da Esmeralda*, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.
- 1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.
- 1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra Do Heroísmo, Instituto Açoriano De Cultura, coleção Insula.
- 1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16
- 1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16
- 1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
- 1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
- 1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51
- 1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. Ed, atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
- 1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
- 2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
- 2001, Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura
- 2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27
- 2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in *O Faial e a periferia açoriana*, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, *Atas do III colóquio*. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604
- 2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.
- 2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64
- 2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
- 2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, Ed Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
- 2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
- 2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15
- 2006, Antero, com desenhos de Alberto Péssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.
- 2006, Frases Para Ter Na Algibeira, Org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
- 2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.

- 2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella e Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies nº 5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007
- 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e BRASIL, Luiz António de Assis (org. de), *Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas*, Porto Alegre, Edipucrs (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar
- 2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. de História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), *Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas*. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), *O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas*. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009
- 2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
- 2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010, Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
- 2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta
- 2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
- 2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escribettencourt3.html>
- 2013, Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,
- 2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,
- 2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação
- 2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundão
- 2015, Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão
2016. GERMANO ALMEIDA in Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016
- 2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º colóquio da lusofonia, Belmonte
- 2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)
- POESIA “QUADRAS DE ILHA”**
- https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=13s&index=57&list=PLWjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI (GRACIOSA 2015)
- VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM** <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>

VÍDEO HOMENAGEM 4 2017 <https://youtu.be/eyFOQVC3pKc>

VÍDEO HOMENAGEM 3 2017 <https://youtu.be/jMVX0zalmsQ>

VÍDEO HOMENAGEM 2 2014 <https://youtu.be/2hleO5HLIRM>

TEMA 1. Homenagem a Madalena Férin. Madalena Férin – os papéis de Camila, Urbano Bettencourt, CIERL-UMA CEHU-UAC

Em 1990, Madalena Férin publicou a novela *O Número dos Vivos* (Angra: IAC), que marcava a interrupção de um percurso poético iniciado em 1957 com o livro *Poemas* (Coimbra, Coleção Arquipélago).

Trata-se de uma narrativa centrada na personagem Helena, desdobrada em Camila nos «papéis» de um diário ou «memórias» em que regista o seu processo de formação e alguns momentos da sua vida de adulta.

Delimitando num tempo cronológico que se inicia por meados do século XX e se prolonga até depois de abril de 1974, *O Número dos Vivos* constrói o perfil de uma rapariga/mulher rebelde criada no seio de uma família patriarcal ancorada nas «tretas dos antepassados» e no contexto de uma sociedade regida pelas conveniências que asseguram a sua manutenção.

«Descoberto» e lido a *posteriori*, depois de se ter perdido o rasto de Helena, o diário (aquilo que resta dele) será submetido a uma leitura «crítica», denegados os seus conteúdos, e provocará, por outro lado, uma busca por parte de Elsa, na tentativa, inútil de seguir os passos de Helena, que no final da narrativa manterá o seu mistério de Esfinge inacessível.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO EM TEMPO ÚTIL



LOMBA DA MAIA 201



6



BELMONTE 2017

SÓCIO DA AICL.

É SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL 2017-2020.

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO, LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 24º FUNDÃO 2015 E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE

REGRESSAR ÍNDICE